

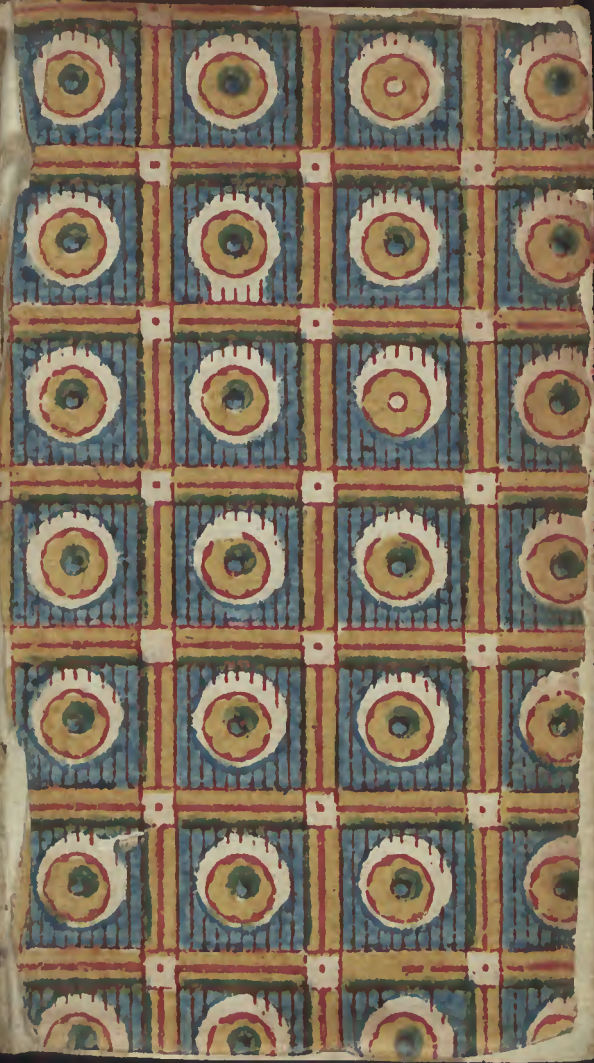


RESERVADO

1080

B. N. L.









11  
6  
17

L. 32263

10807  
10807

—

V. P. & M. L.



MALACA  
CONQVIS  
TADA

PORO GRANDE A<sup>o</sup> DE  
ALBUQUERQUE  
POEMA HEROICO  
DE FRAN<sup>o</sup> DE SA E MENE  
SES COM OS ARGUMENTOS  
DE DONA BERNARDA FERREIRA

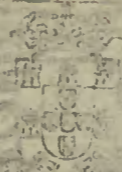
OFERECIDO ACATOLI  
CAMAGESTADE DELREI  
PHELIPPE III DE PORTV GAL  
NOSSO SENHOR

16

34



*Garnier et Amicos opm.*



Handwritten text on the left side, oriented vertically, possibly a name or title.

Several lines of faded, mostly illegible text in the center of the page, possibly a list or a set of instructions.

Handwritten text on the right side, oriented vertically, possibly a name or title.



Small handwritten number '34' located below the seal.

# LICENÇAS.

**P**Or mandado do supremo, & gèral conselho da Santa Inquisição, vi este liuro, intitulado Malaca conquistada, pelo grande, & inuencivel Afonso de Albuquerque, vnico defensor da ley de Christo, honra, & gloria do reyno Lusitano: & Auctor desta insigne obra o nobilissimo, & doctissimo Francisco de Sã de Meneles; o qual mouido de seu singular zelo, & animo generoso, tomou a sua culta esta excellente empreza: com a qual traz a memoria de todos, & resuscita as obras heroicis, & as façanhas admiraveis dos animosos, & illustres Portuguezes, que a custa de seu sangue, & de suas proprias vidas conquistaraõ as Indias Orientais, & conquistaraõ o Mundo todo, se a honrada morte se não anticipara a vnitos, & a outros se não impediraõ os bõs intentos de seus desejos; mas nem assi se poderã nunca sepultar a memoria, & fama de suas gloriosas vitórias, & feitos milagrosos, que eternamente duraraõ para exemplo do Mundo todo, & para animarem os que viuem, para que de todo não viuaõ sepultados, pois ainda saõ os mesmos que sempre ferraõ, & seraõ se os deixarem & se os premiarem como seu valor esta pedindo. Em fim o liuro não tem cousa contra nossa santa Fè, & bõs costumes; antes todos os que se prezão de esgarçados, & curiosos se deuem exercitar, & admirar as proesas que em tão famosa obra se contẽ: dando as devidas graças a tão magnanimo Auctor, que com tão singular, & verdadeiro estylo honra o reyno todo, & ennobrece a todas as illustres familias delle, os devidos louvores, as excelencias bẽm merecidas, & os titulos

los sublimados, com que os seus antepassados ai  
ennobreceeraõ, & engrandeceraõ. E declaro que  
sinda que na obra vão algũas palauras, como  
Deidades, diuinas, & soberanas, que isto he vsar  
do estilo poetico, como costumauãõ os antigos,  
& como na poesia se costuma. Lisboa em o Mos-  
teiro de N. Senhora do Desterro da Ordem de  
S. Bernardo, aos 17. dias do mes de Mayo de  
1619. annos.

*O Doutor Fr. Melchior de Abreu.*

**V**istas as informações podese imprimir este  
liuro intitulado, Malaca conquistada, & de-  
pois de impresso torne conferido com seu origi-  
nal para se dar licença para correr, & sem ella  
naõ correrã. Lisboa a 29. de Mayo de 1619.

*G. Pereira. Barreto. Fr. Antonio de Sousa.*

**D**ou licença para se imprimir este liuro. Lis-  
boa a 11. de Junho de 629.

*Gaspar do Rego da Fonseca.*





SENHOR.

**C**Om muito vagar, & curiosidade vi este li-  
uro de Francisco de Sá de Menezes; & achei  
nelle tanta erudição, & artificio, que me pareceo  
naõ só imitador, se naõ verdadeiro competi-  
dor dos mais celebres Peemas do tempo antigo.  
Faz o Autor ser de maiores quilates a perfeição  
desta sua obra, com os da pureza de seu sangue,  
& das virtudes naturais de que he dotado; com  
que tambem naõ só imita, senão iguala, ou  
ainda excede a prudencia, valor, & merecimen-  
to de seus illustres antepassados; autorizando  
com a excellencia de seus versos a patria q̄ elles  
tanto honraraõ cõ o esforço de seus braços: res-  
peitos que manifestamente estaõ declarando q̄  
em tal liuro se naõ podia escrever cousa contra o  
serviço de V. Magestade, & aclamando por muy  
notorio o geral aplauso, proueito, & honra que  
dene resultar da impressãõ della. Almada 26. de  
Junho 629.

*Diogo de Passa de Andrada.*

**Q**ue se possa imprimir este liuro vistas as li-  
cenças do S. Officio, & ordinario, & depois  
de impresso torne para se taixar, & sem isto naõ  
correrá. Lisboa 28. de Junho de 629.

*Araujo.*

*Cabral.*

*Pimenta de Abreu.*

*Barreto.*

*Barreto.*

**V**ista a conferencia pode correr este liuro.  
Lisboa 8. de Abril de 1634.

*G. Pereira.*

*D. João da Silva.*

*Manoel da Cunha.*

*Jr. João de Asconcellos*

*Taixa*

28. 11. 1722

**T**axão este liuro a cẽm reis em papel. Lisboã  
27. de Abril 1634.

**U.** Salazar. **Barteto.** Luis Barreto.

**O**

**V**

# A EL REYN.

Senhor.

S. R. M.



Anto que o grande Afonso de Albuquerque conquistou a Malaca a destinou o Gea a ser possuida de V. Magestade. Deuia se a melhor joya do Oriente à mãs dilatada Monarquia do Mundo. O mesmo me succedeo neste Poema; retrato (ou bosquejo) do muyto que em tal empresa obrou o Portugues valor capitaneado de vna tão insigne, inda na idea, offerecido a V. Magestade. Dignalo V. Mag. do mais pequeno rayo de seu real favor, seria premiar a fama de quem fez tão gloriosas facanhas; dar uouos hzios a seus descendentes para inter. ar outras mayores. E a mi alento para rebralas debaixo do auspicio de V. Mag. cuja pessoa guarde Deos como a Christandade necessita.

Francisco de Sã de Meneses.

Pro-

# PROLOGO A nobreza Lusitana.

**S**E parecer demasiada confiança dar a luz a occupação de minha primeira idade, disculpame o amor da patria. Este só respeito me obrigou a antepor aos proprios o desejo de celebrar os valerosos feitos de nossos passados. Cada qual delles, auós, & pays vossos, ( illustre, & Lusitana nobreza ) merecia, como Achilles, hum Homero. Se de parte da pouca proporção de minha pena com seus lououres, ei de recear a censura: confesso que a mereço. Mas quando não vos obrigue a vontade, & o intento, vos peço considereis as muytas partes de que se compoem hum Poema Epico, qual eu procurei fosse este que vos offerço; & as difficuldades grandes a que este genero de composição está sujeito; tais que não seria fora de proposito valerme

valerme daquella trilhada sentença.  
*In magnis voluisse satis.* Digno sujeito  
era o grande Afonso de Albuquerque  
de mais limado estylo: mas pois  
seu nome, & seu valor não foi infe-  
rior ao de Alexandre, igualeo també  
na sorte de saltarlhe Homero: gene-  
ro de infelicidade fatal aos nossos Lu-  
sitanos: cujas façanhas valerosas não  
tem que inuejar aos estranhos, mais  
que a dita de ser celebradas. Conse-  
guilo eu em parte, seria premio de  
meu trabalho, pois a que nella me ca-  
be, não sofre desejar outro. Vale

DIDA.

DIDACVS DE PAIVA  
de Andrada pro laude felic-  
tissimi operis: allo-  
quitur Auctorē.

**H**orrida concussus miratur praelia Gange  
Dum premit Eoas Lysia turba plagas:  
Sis: it inexhaustum Tagus ad noua gaudia cursus  
Pollice magnifica dum vaga pleetra moue  
Ille racemiferos irrorans sanguine campos,  
Suspicit Hesperias, Marte sonante, duces;  
Hic sterile mulcens celebri dulcedine cautes,  
Despicit Aonios, remodulante, choros:  
Ille beat rutilis Indorum eraria gemmis,  
Cantibus hic celsis Lysia scepra beat:  
Ille potens armis: hic vate potentior, auget  
Carmine, quod iaculis obtinet ille decus:  
Ille sonat bellis, hic plausibus; ille tuorum  
Viribus, hic numeris fertur ad astra tuis:  
Hac diuisa procul, tu, vatum o maxime iung  
Egregium absoluens Martis, & artis opus;  
Nam simul exiguis licet celeberrima, l. artis  
Extollunt Gangem praelia, pleetra Tagum



*AVCTORI PAREN-  
ti suo amantissimo Balthasar  
de Sà Leitão.*

**C**um laus ex gnato veniat suspecta parenti,  
Me gnatum, fateor, vix iuvat esse tuum.  
At dum conspicio laudanda poemata; lætor,  
Cum me fors tanto fausta parente beat.  
Insequar ergo patris vestigia, carmina condam;  
Carminibus sed erit gloria nulla meis.  
Phæbo digna mores nam solus plectra: nec vlla  
Ingenium poterit vincere Musa tuum.  
Si fuit in gnato virtus inuisa Philippi,  
Dum famæ credit nil superesse suæ:  
Ipse tuos possem merito incusare triumphos;  
Spes etenim laudi nulla relicta meæ est.  
Ergo omnes vltro mittamus plectra: reliquit  
Hic liber exhaustas, quas lyra claudit, opes.

**Ad**

Ad Auctorem Franciscum de Sã  
de Meneſes.

*Donna Bernarda Ferreira.*

**A** Eri: explicitis  
Crinibus formosis  
Lilijs, atque roſis  
Perfecte adornatis.  
Per turres deauratas,  
Fama læta rendit  
Et velox extendit  
Alas oculatas,  
Pennis diſcurrendo  
Pertranſiit muros  
Altos, & ſecuros,  
Tubaque canendo,  
Sã. (dicens) diuine  
Gloria Luſitaniz;  
Decor magnæ Hiſpaniz  
Omni laude dignes  
Simoues ingentes  
Duræ terræ montes,  
Et retines fontes,  
Fluuiosque currentes  
Si ſuſpendis ventos,  
Et attonas denſas  
Nubes, & condenſas  
Rores ipſe lentos.  
Si detines Solem,  
Si ſtellas, & Lunam  
Similiter vnam  
Magni Cæli molem

Albuquerque illi  
Felix appelleretur  
Nō ter, ſed vocetur  
Vicibus ter mille  
Siquidem laudatur  
Ipſo plectro tuo,  
Nominique ſuo  
Fama æterna datur  
ſi fulminum flumine  
Ille Mauritaniz,  
Aſiz atque Hiſpaniz  
Id plectrū eſt iur  
Ille ſi condonat  
Coronas regales  
Luſo; iſtud tales  
Palmas Gãgi donat  
Ad alarum motum  
Sic fama dicebat,  
Felixque currebat  
Terræ globū totū  
Celeribus pennis  
Non verbis tantū  
Dat frãctis, cantū  
Sed ſil. amentis.  
Montes reſonabant  
cum tubæ clangor  
Valleſque rumore  
Varios ecchos dabã

A Fran-

A FRANCISCO DESAA  
de Meneses na sua Malaca  
conquistada.

*D. Bernarda Ferreira.*

**S**E de Albuquerque cantais  
A fama de vos cantando  
Com vossa pena voando  
Vos chega donde o chegais:  
Porque não ha subir mais,  
E poucos subiraõ tanto,  
Sois ambos do Mundo espanto,  
E de Lusitania gloria:  
Que he illustre sua memoria,  
E diuino vosso canto.

**P**OR vos nosso patrio Douro  
Novo Aganipe se mostra,  
Vendo que a vossos pés polstra  
Apollo seu plectro de ouro:  
O Tejo de verde louro  
As Nymphas manda mais bellas  
Vos teção dignas capellas,  
Que o Ganges, por mais galantes,  
Vos oferece diamantes  
Tão claros, como as estrellas.  
De ouro, & perlas vos presenta  
Preciosissima guirnalda,  
Que com palmas de esmeralda  
Glorias, & triumphos ostenta:

AA 2  
Mas por mais que a arte inuenta;  
E que o engenho se cança,  
Nenhum louvor se abalança  
Com tanto mercimento:  
Que he só vosso entendimento  
Quem assi mesmo se alcança.  
De aquella illustre vitoria:  
Foi vosso sangue grão parte  
Que o rigor amou de Marte  
Por ganhar taõ alta gloria:  
Porem deixo esta memoria  
Do nome Sá pois me toca,  
Passo a que por vos na boca  
Da fama immortal se veja,  
Pois (por vosso) ya me smat nuêja  
Em seus louvores pronoca.  
Por vos, claro Sá, se espera  
Que nouo valor tomando  
Vá com triumpho vando  
Sobre a quarta, & quinta esphera;  
Por singular vos venera  
Quem corre estas folhas bellas,  
Admirando as flores dellas,  
Que com perpetuo verdor  
São da Aurora resplandor  
E emulaçõ das estrellas.

A Fran

A FRANCISCO DE  
Sá de Meneses na sua Ma-  
laca conquistada.

*Violante do Ceo Religiosa no  
Conuento da Rosa.*

SONETO.

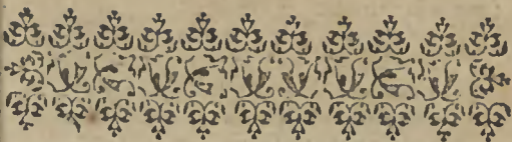
Copia gentil, portento soberano  
De animoso valor, saber profundo,  
Que denotando vn par sin par al mundo,  
Buelues diuino el mismo ser humano:  
Grane exemplar de heroiã, y de cta mano,  
Vitoria singular, parto fecundo,  
Que obró primero, eternizó segundo  
Vno, y otro diuino Lusitano.  
No Persiano lugar presume archivo;  
A tu insigne valor mas refulgente  
Le otorgue el Cielo a tan gloriola suma.  
Donde a pesar del tiempo executiuo  
Viuan por tu occasion eternamente  
De Albuquerque, y de Sá la espada y pluma;

ERRA:

## ERRATAS.

**L**ivro 4. pagina 56. Octava 121. verso 1. So  
 be a torre. Livro. 5. pag. 59. 8. 5.v. 8. Mo  
 tra ao forte varão amigo. l. 3. p. 65. 8. 50. v.  
 Foi como as mais. l. 7. p. 91. 8. 93. v. 4. Despo  
 que os pais cruéis. l. 8. p. 105. 8. 57. v. 3. E os qu  
 tendes do mar largo o governa. l. 10. p. 131. 44. v.  
 4. E por senhor autente. l. 10. p. 140. 8. 108. v.  
 y. 2. levanta q cerco.





# L I V R O I.

## ARGUMENTO.

**R**ompendo o mar o grande Afonso à vista  
 Lá dos baixos de Padua o vento cruce:  
 E como a tanta furia em vão resistia,  
 Arriba, & (claro o Ceo) logo amanhece;  
 De Malaca exortandoo á conquista  
 Esquadrão santo em sonhos lhe aparece,  
 Asmodeu impedirha pretendia,  
 Mas elie velas dà, segueo Garcia.

### I.

**C**anto às armas, & o grande Lusitano,  
 Aonde o Sol se leuanra do Oceano  
 Leuou das Quinas lãtas o estãdarte:  
 E (castigado o perfido tyrano)  
 A cidade ganhou por força, & arte  
 Do aureo reyno, & trocou com pio exemplo  
 A profana mesquita em sacro templo.

Malaca conquistada

II.

Increada virtude procedida

Da potencia, & saber, Amor eterno  
Que inspirastes a empresa que impedida  
Não pode ser do contraposto inferno:  
Vós fogo de sciencia, Aura de vida,  
Meu peito penetrái com rayo interno,  
Para que o estylo humilde se leuante,  
E nas de Luso, vossas glórias cante.

III.

Magnanimo Philippe a quem promete  
O Ceo domar o Belga, & Turco fero:  
Pois por zelo, & valor só ati compete  
Os trofeos levantar que considero,  
Quando de Marte o som não te enquite,  
E vencedor repouses como, espero,  
Do Portugues valor escuita o preço  
No Canto, que em primicias te offereço.

IIII.

Em tanto o tempo chegará que á santa  
São des a perdida liberdade,  
Que já teu nascimento gloria tanta  
Parece que assegura a nossa idade:  
Cavalleiro da Cruz, a Cruz levanta  
No sacro monte da fatal cidade,  
Que já será possivel que cantando  
De ti, me vá contigo eternizando.

V.

Onze vezes o Sol já se mostrara

Aos dous polos des, ... mostrara  
A Portuguesa gente o mar cortâra  
Que banha as prayas da luzente marora:  
E despois que mil palmas alcançara  
Com ruinas, & incendios, que Alia chora,  
A ceruiz (porque o Ceo assi q destina)  
Ao valor Portugues o Indo inclina.

## VI.

Os hombros neste tempo carregauã  
 De Afonso de Albuquerque o grão gouerno  
 Daquelle nouo imperio, que exaltaua  
 O mouedor das cousas sempiterno:  
 O digno heroe, que obrando se isentaua  
 Do mudo Lethes, & do negro Auerno,  
 Noute, & dia sustenta vigilante  
 O grão peso, nouo Argos, nouo Atlante.

## VII.

La tinha á rica Ormuz o jugo posto  
 Depois de larga, & perigosa guerra:  
 E contra aduersidades firme o rosto  
 Ganhado Goa na Indiana terra:  
 Nella reyno fundou em contra posto  
 Aas nações brauas, que o Oriente encerra,  
 Donde as infernais leitias desterrando  
 Se foy a ley da graça dilatando.

## VIII.

E como a nouas glorias sempre aspira,  
 Leuado dos illustres pensamentos,  
 Amante dos trabalhos vence a ira  
 Do proceloso mar, furor dos ventos:  
 Ia fluctuar de Padua os baixos vira  
 Quando tormenta supita, & violentos  
 Mares interpeládos se leuantão,  
 Os nautas gritão, & as serreas cantão.

## IX.

Intentão resistir, & em vão porfião  
 Porque os reuollos, & os indinados  
 Cou grossos montes de agua combatião  
 Dos nauos as proas, & os costados:  
 De conseguir o intento desconfião  
 Os pilotos medrosos, & turbados:  
 Manda Afonso arribar, vendo a terriuel  
 Tormenta, & que vence-la era impossuel.

*Malaca conquistada*

X.

Dão popas ao furor em toda armada  
Correndo o dia, & noute tenebrosa:  
Mas ao sair da Aurora coroada  
De lirio branco, & de enearnada rosa,  
Do fero Noto a furia sollegada,  
A soberba das ondas espantosa  
Se humilha, & se levanta no Oriente  
Dos planetas o mais resplandecente.

XI.

Gasta Albuquerque o dia trabalhando  
Com varios pensamentos os sentidos;  
Admittindo confuso, & reprouando  
Hūs pareceres de nutros produzidos;  
Os ventos, & monção considerando  
Prática gente, lenhos bent providos  
Famosa empreza conseguir deſeja,  
Mas em tantas não sabe qual eleja.

XII.

Qual combatido de contrarios ventos  
Alto pinho já aqui, já alli se inclina,  
Segundo o vence a força dos violentos  
Sopros, que em vão procurão sua ruina:  
Talo vario occorrer de pensamentos  
Dos futuros ſucceſſos, que imagina  
Causa que a mais de hãm parecer se inclina  
E de todo em nenhum se determine.

XIII.

De Clicie o amante dando fim ao dia  
No regaço de Terh, & de Canganã,  
E o cargo de alumiar a noute fria  
Entretanto a triforme irmã deixava;  
Em quanto ella ſeus rayos eſtendia,  
E no ceruleo mar se retratava,  
Porque era eſtão a ſuperficie pura  
Eſpelho da celeſte fermofuza

XIII.

As horas do repouso despendendo,  
 Nos confusos discursos, não sossega,  
 Até que junto dá alua o foi rendendo  
 A mesma causa que o repouso nega:  
 Resistir branda força não podendo,  
 De todo a senhorealo o sono chega  
 E os desvelados olhos se entregaraõ  
 A sabrosa prisaõ, que desejarãõ.

XV.

Em quante sofrem treguas seüs cuydados:  
 Quaes soyem vencedores vir da guerra  
 Marchar em ordem vé fortes soldados,  
 Sêguindo a insignia, que a infernal desterra:  
 De branco, & roxo ricamente armados.  
 Regãõ alegres com seu sangue a terra;  
 Causa no peito de Albuquerque espanto  
 O esquadraõ bello, que julgou por santo.

XVI.

Quem trãõ, & a que vinhaõ desejava  
 Preguntar, eleuado no que via,  
 Mas o sono, que entãõ senhoreava  
 Os sentidos, a lingua lhe impedia:  
 Como por de fatala em vaõ cansava,  
 Na falta de ella os braços estendia,  
 Ansioso trabalha, & juntamente  
 Commiseraçaõ nalma, & gloria sente.

XVII.

Em confusa ~~...~~ rãõ forte  
 Lhe disse hum dos celestes cavalleiros.  
 Os que sentes vês, da ley da morte  
 Liures, os bês gozamos verdadeiros:  
 Fomos dos escolhidos, a que em sorte  
 Tocou ser de Sequerã companheiros,  
 Matounos de Malaca a gente fera.  
 Por ti vingança tanto sangue espera.

*Malaca conquistada*

XVIII.

Eis do teu valor grande a digna empreza  
Donde te aguarda; Afonso, eterna gloria,  
O Ceo o quer, que teu bom zelo preza,  
E por nós te promete alta vitoria;  
Dos ventos a mudança, & sua braueza  
Obra he diuina: acorda: & na memoria  
Escreue o que no Ceo está ordenado,  
Que por obra ha de pôr teu peito ousado,

XIX.

Disse: & desaparece o bando eleito,  
Restituindo ao ar a forma leue:  
Acordando Albuquerque, cheyo o peito  
Dos sentimentos, que no sono tene,  
Dece do em que dormio nantico leito,  
E não mais firme da lembrança escreue  
O que sonhara, & conseguir espera,  
Que ser ordem diuina considera.

XX.

Fica representando o pensamento  
O modo em que estillando sangue os virã,  
Acrecentando mais o sentimento,  
Que contra os homicidas moue a ira:  
Por dar effeito ao soberano intento,  
Que o Ceo delle fiauá, já suspira,  
E ao celeste esquadrão, que lho predisse,  
Com affeitos piadosos, assi disse.

XXI.

Seguir prometo ( ó almas bravas )  
Essa, que me mostrais, alta esperança  
Entrarei nas emprezas duuidos  
Com vossa bem fundada segurança:  
E das mortes crueis, bem que dicofas,  
Prometo ao justo Ceo justa vingança,  
Inda que pois em Deos pára o desejo.  
Morrer como morrestes, vos inuejo.



## XXII.

Goza do Sol diuino o eterno dia  
 Na diuina Sião eternamente,  
 E alcançai que nos dê tão certa guia,  
 Como a seu pouo na columna ardente:  
 Assim dizendo, a Aurora bella abria  
 As encarnadas portas do Oriente,  
 Descobrendose a terra pela proa  
 Por onde entra Nereo abraçar Goz.

## XXIII.

Entrão no porto amigo, & diligentes  
 A mainão logo os nautas todo o pano  
 Ferindo o falso mar cos ferreos dentes,  
 Qu: as naos segurão contra o vento infano:  
 Chama Albuquerque aos fortes, & obedientes  
 Capitães a conselho, & com humano  
 Aspeito os recebeo: como quem sabe  
 Que ser cortes, tambem com mandar cabe.

## XXIII.

Os varões iuencineis ocupando  
 Os assentos pella ordem costumada,  
 O capitão inlignie assi falando  
 Começou com voz graue, & sossegada:  
 Ousados companheiros que ganhando  
 Ides eterna fama pela espada,  
 Nouas terras buscando, o mar abrindo,  
 A vosso Rey, & a vosso Deos seruindo.

## XXV.

Quando o mar feroz obrir quizemos  
 Que seu passu a Israet, daqui partimos;  
 Favorecho o vento então tiuemos  
 Que depois contra nós irado vimos,  
 E como resistilo não pudemos  
 Tornamos ao lugar donde saimos.  
 Bem pode ser pera outra empreza dina  
 Que causa superior nos determina.

Desta armada temida a fortaleza

Será vã se no portô a recolhemos;  
 Estorou-nos o tempo aquella emprêza;  
 Mas conseguir co mesmo outra podemos  
 Não será bem que postos na estreiteza  
 Deste rio, sem fruto mal logremos  
 Os dias em delicias ociosos,  
 Podendo conseguir feitos gloriosos.

XXVII.

O que fortes varões me parecia,  
 E no caso será mais acertado,  
 He que vamos abrir ( pois Deos nos guia )  
 Da graõ Malaca o Bosphoro dourado;  
 Tudo o melhor que vê nascendo o dia,  
 Com fama eterna la vos tem guardado,  
 Eu o proponho, & peço ao valor vosso  
 Que esta gloria se ajunte ao nome nosso,

XXVIII.

Obrige-nos também a liberdade

Dos amigos que tendes là cãtiuos;  
 Se do Malayo a barbara impiedade  
 Lida os sustenta, em tantos males viuos;  
 E aos que a fera trayção roubou a idade,  
 Sereis do Ceo ministros vingariuos,  
 Deixando a infiel cidade castigada,  
 Só por sua ruina eternizada.

XXIX.

Entre o forte, & prudente ajuntamento

Logo rouco murmuro se teuantã:  
 Como quando entre o bosque brando v'nto  
 As folhas toca de hũa, & de outra planta:  
 Discorre cada qual no pensamento  
 A grande empreza de importancia tantã,  
 Tras o discurso foraõ respondendo,  
 Por ordem razões dando, & recebendo.

## XXX

Ouê cõtradições que algũs temerão  
 Nauegação não vitta, & perigosa,  
 De que mayores medos se disserão,  
 Que da Syrtes, a nauatas espantosa,  
 Mas tras longo altercar se resolverão  
 Em cometer a empreza duuidosa,  
 E offerecendo aos Ceõs o heroico intento,  
 Dar manda o capitão velas au vento.

## XXXI.

Em bẽta formada e squadra a naual tropa  
 Segue pella maritima campanha,  
 Da grande capitana a excellia popa,  
 Que assombrado Nereo humilde banha:  
 Quaes de Africa passando á illustre Europa  
 Os grouos deixando á patria pella estranha,  
 Conformes seguem pella aerea estrada  
 Seu capitão em ala concertada.

## XXXII.

Posta no Austro a proa, diuidia  
 Afofo as crespas ondas, respiraua.  
 O sopro Boreal, que a neue fria  
 Nos monres de Tartaria congelaua:  
 Já de Maldiuu o mar, (que os cocos cria,  
 Antidoto excellente) lhe sicana  
 Para o Poente, & as ilhas que florecem  
 Cos despojos que as palmas offerecem.

## XXXIII

A parte matutina Onor lhe fica,  
 E a Forte Bracelot mais adiante  
 Com Mangalor de Cardamomo rica  
 E prodigos palmares, abundante:  
 Eis Cananor, que a vela a proa applica  
 O piloto prudente, & vigilante,  
 E do Canará a fertil terra vendo,  
 O Neptunino campo yay rompendo.

Malaca conquistada

XXXIII.

Calecut ad' valor de Luso oposta  
Vai deixando tambem a mesma parte  
Do negro Malauar correndo a costa  
Sempre inquieta co furor de Marte:  
Allido Gare a altura de se composta  
Os Canarijs dos Malauares parte,  
Seruindo a hús, & a outros de seguro  
Nos successos da guerra, & forte muro.

XXXV.

Defronte de Cochij velas tomarão  
Daquelle idade os nautas mais famosos,  
E ao mar as firmes ancoras deitaraõ  
Ao som dos instrumentos bellicosos:  
A terra juntamente saudaraõ  
Co cilrondo dos bramidos, espantosos  
Dos concavos metais arruinadores,  
Dos rayos do tonante imitadores.

XXXVI.

A gente habitadora da cidade  
De seiosa de ver cobre as ribeirãs,  
Os olhos alegrando a variedade  
De pendões, estandartes, & bandeirãs,  
O Rey que de firmissima amizade  
Procurava dar mostras verdadeiras  
Ao capitão mandou, & a companhia  
Dos refrescos que a fertil terra cria.

XXXVII.

En tanto o que já foi passado  
Nãs ondas de Amphitrite se banhava  
O pouo pellas prayas inquieto  
Ao nocturno repouso se tornava:  
Na armada a Lusa gente ao quieto  
E de sejado sono se entregava:  
De modo que na terra, & no mar, tudo  
Obediente ao silencio estava, mudo.

## XXXVIII.

Têm repartido a summa providencia  
 O cuydado da guarda dos humanos  
 Pelas legiões celestes, que à inlemencia  
 Se oponhaõ dos espiritos profanos:  
 Armase o inferno em dura competencia,  
 E capitaes reparte, antes tyranos,  
 Que occupaõ inquietando, o mar, & a terra,  
 E contra intentos santos mouem guerra.

## XXXIX.

Almoden que do amigo de Tobias  
 De casa de Gabello foy deitado,  
 Era tyrano entaõ das vãas latrias  
 De quantos vem primeiro o Sol dourado:  
 Em brutas formas, & com leys impias  
 Do Indo arê Iapaõ idolatrado  
 Templo insigne os Pègus lhe edificaraõ,  
 Deos de todá a grandeza o intitularaõ.

## XXXX.

Pèrder a monarchia receaua  
 Em que o fero Luzbel o instituirá,  
 Se Albuquerque o Malayo mar surcaua  
 E do peito veneho, & rãua espira:  
 Seguindo a armada Occidental bramaua,  
 Os ares corompenlo a infernal ira,  
 Entra em Cochij no talamo secreto  
 Onde gozaua o Rey sono quieto.

## XXXXI.

E como que ~~de Noto se desata~~  
 Quebrantando de Eolo a prisaõ dura  
 Que ~~ba~~ o mar tranquilo, & arrebatava  
 Montes de agoa que sobe á regiaõ pura:  
 Tal ao barbaro Rey a furia trata  
 Do infausto habitador da treua escurã,  
 Turbandolhe os sentidos sossegados  
 Com ondas inquietas de cuydados

Tomandõ à forma do defunto Hòristis,  
Que dos vãos deuses sacerdote fora,  
Se lhe apresenta, & com afeitos tristes  
Infausto genio, em tudo horrivel chora:  
Dormes, (lhe disse) quando mal resistes  
Males, que esperar pòdes de hora em hora,  
Que ameaçando te estaõ ruina certa:  
Pois fica ao C, amorij a porta aberta?

Albuquerque em seu dano, & teu se ausentã,  
Nova conquista em regiaõ remora,  
(Deixando tudo auenturado) intentã  
De inquieto, & de vario dando nota:  
Não disse mais; Se bem lhe representã  
Os futuros successos, que o Rey nota.  
E já desperto teme, & lhe parece  
Ver o que teme: tanto o temorece.

Não lhe sossega o coração no peito,  
Do veneno infernal, & temorece;  
Tanto ao soberbo espirito está sujeito,  
Que atè dos pensamentos tem receo:  
Deixa em fim desuelado o brando leito,  
Considerando hum meyo, & outro meyo,  
Com que possa estoruar sonhados danos,  
Diuertindo es intentos Lusitanos.

Conhece o capitãõ para impedilo  
Considera que vsar conuem de manha  
E a que não aventure persuadilo  
A propria terra por ganhar a estranha:  
Nota A sinoueu que he vaõ o dissuadilo,  
Ira do ardente peito desentranha:  
Vendo que quando mais ao Rey altera,  
Nada contra Albuquerque d'elle espera.

## XXXVI.

Desesperado o deixa, & busca logo  
 A Abdela rico moço Guzarate,  
 E Malaca lhe mostra a fogue, & fogo  
 Entrada por asperro combate:  
 Mostra-lhe o Lusó vencedor, que rogo  
 Não admitte, & que tudo fero abate:  
 Gritando acorda, & tanto cria o tormento,  
 Que acordado o não deixá o sentimento.

## XXXVII.

Serua ao Rey Malayo, & o Rey grato  
 A dignidade honrosa o levantara:  
 Com illustre, & magnifico aparato  
 Ao de Cochij embaixador chegara:  
 Obrando hia o veneno, com que o ingrato  
 Espirito a rebelde alma a venenara,  
 Credita ao sonho dá, & temeroso  
 Deixa o repouso, & se levanta irroso.

## XXXVIII.

Varios discursos faz, & sem sossego  
 Cada momento mais se persuade  
 Ir à armada Christãa fazer emprego  
 Na que em sonho arder vio aurea cidade  
 Esta imaginação o instiga cego,  
 E lhe moue os afeitos da vontade  
 A tratar, como por engano, & força  
 Do nobre intento ao grande Afonso torça.

## XXXIX.

Já se assenta inquieto, já pallêa,  
 Remedios busca, traças imagina,  
 Já do faciliza, já recêa  
 E em nada seu furor se determina:  
 Mas a furia infernal, que o senhorea,  
 A que se ponha fogo á frota o inclina,  
 E companheiros pera quanto intenta  
 Nos mouros de Cochij lhe representa.



*Malaca conquistada*

L.

Entre muitos lhe traz dous à lembrança  
Em riqueza, & familia poderosos  
Chermos, & Mallale, que a privança  
Do Rey fez atreuidos, & orgulhosos:  
Buscaos no escuro horror, que não descança  
Nem lhe dão paz cuydados temerosos,  
E nell's não achou menos cuydados  
Tambem da infernal furia auenenados.

LI.

Tiohão trato em Malaca, & receuaõ  
Sobre ella fosse a Portuguesa armada,  
Que já as lingoas da fama exaggeraõ  
Em Cochijá treição abominada:  
E como immensa perda imaginaõ  
Por Albuquerque a graõ cidade entrada,  
As primeiras razões se persuadirãõ,  
Unidos contra Afonso os tres conspiraõ.

LII.

Tempo não perdem: porque auisaõ logo  
Amigos, & parentes, & fizeraõ  
Que hús por proprio interesse, outros por re  
Aos trances do perigo se reuerãõ:  
Buscaõ secretas maquinas de fogo,  
E praticando o modo cometerãõ  
A dous mouros sagazes, & atreuidos  
Ter com lenhos de remo apercebidos.

LIII.

Em tanto o Rey confuso, & desuelado  
Pela Aurora esperava clara, & pura:  
Mas já que se mostrava, o Sol dourado  
Mais se inquieta, menos se assegura:  
Dos melhores do reyno acompanhado  
O capitaõ sublime ver procura,  
Que a bordo alegre chega a recebelo,  
E corre a Portuguesa gente a velo.

En

Entra na capitana, o pensamento  
 Encobrimdo que tanto o atormentava,  
 Daõlhe almoçadas, de brocado, assente,  
 Cadeira o capitão rica occupava.  
 Acabado o cortês recebimento,  
 O Rey que cauteloso praticava,  
 O intento da viagem lhe pergunta:  
 Afonso satisfez assiã pergunta.

L.V.

Da traição grande só em Malaca, v'sada  
 Afama corre já por todo o Oriente,  
 Morreo muita da gente baptizada,  
 E muita da prisão o rigor sente:  
 O ser esta maldade castigada,  
 Carrega sobre mim, & he bem que intente  
 A liberdade dos que estão cativos,  
 Se permittir o Ceo que os ache viuos.

L.VI.

E como por amigo verdadeiro  
 Nas partes Orientais só até conheço,  
 Tratar contigo o modo quis primeiro  
 Que seguirei na empreza, que começo.  
 O Rey lhe responde: Forte guerreiro,  
 Bem tanta confiança te mereço,  
 O Ceo o sabe, & ao Ceo desenganarte  
 Prometo, & como amigo aconselharte.

L.VII.

Considera melhor primeiro quanto.  
 Aue n'uray, ~~em~~ jornada  
 Na qual o conhecido risco he tanto,  
 E que ganhar se póde, he pouco, ou nada:  
 Como intentas deixar a India em tanto  
 De forças, & poder desemparrada,  
 A a ventura de achar depois perdido  
 Quanto com tanto sangue se ha adquerido?  
 Tendo

Tendo aqui visinho o inimigo armado,  
Buscar intentas apartada guerra,  
Por mar dos teus tão pouco nauegado,  
E que tantos perigos em si encerra?  
Não me parecera nunca acertado  
Pela alheia deixar a propria terra,  
Conferuar o adquirido he tão honroso,  
Quanto he o conquistar difficultoso.

LIX.

Muytos imperios grandes se acabarão,  
Porque os príncipes varios, que os regeraõ,  
Tanto á cega ambição se fogaítaraõ,  
Que ás remotas nações guerra moueraõ:  
Os Chijs que já estas partes conquistaõ,  
Depois de mil victorias que tiueraõ,  
As largaraõ: que vnido preualece  
O poder, diuidido se enfraquece.

LX.

Bem tres lustros Carthago a Roma enfrea,  
E depois foi per Roma destruida;  
E Roma quando o mundo senho reia,  
Se vio do poder barbaro oprimida:  
Consumido o poder na terra alheia,  
Não teve por quem fosse defendida.  
Roda a fortuna com rigor terriuel,  
E não concede o Ceo mais que o possiuel,

LXI.

Isto com talafeito o Rey dèzia,  
Queo que escondia o perno uecraua,  
O captaõ que o intento conhecia  
Assi responde, assi dissimulaua.  
Quando meu Rey de si me despedia,  
E humanandose os braços me deitaua,  
Disse: As empresas deuem eomeçarse,  
E o bom successo a Deos encomendar-se.

## LXII.

Razão me leua: & como he justo o intento,  
 De victoria me dá certa esperança:  
 Castigarei o iniquo Rey violento,  
 Darei ao sangue que verteo vingança:  
 Porque lá no sublime eterno assento  
 Onde gozão da bemaumenturança  
 Aquelles aquem derão morte injusta,  
 A Deos lembrando estaõ causa tão justa.

## LXIII.

Tambem da India a Deos roca a defesa  
 Que tem sua santa Fè plátada nella,  
 Elle he quem valor dá repara a offensa,  
 E sobre seus fieis continuo vella:  
 Aisi disse, & o Rey com pena immensa  
 De ver tão mal lograda sua cautella  
 Delle se despedio exagerando  
 Qs males que esta ausencia está ameaçando.

## LXIII.

Chegadaa noute os de Abdalá assentaraõ  
 Ao remo exercitados remadores  
 Dous mil frecheiros destros embarcarãõ  
 E de fogo seiscientos tiradores:  
 Ia alta noute as ancoras leuaraõ  
 Quasi imitando os mudos nadadores,  
 Quando mais o silencio senhorea,  
 E o brando sono os animaes recrea.

## LXV.

Quebrãua o mar na costa a noute escura,  
 Em fauor tuuo uo regare no engano,  
 E os secretos chegaõ que a venturã  
 Ministrar parecia o Chriştão dane:  
 Ia se punha em effeito a tenção dura,  
 Quando o cuydado ao grande Lusitano  
 De mandar levar ancora acordara  
 Para dar yca em vindo a manhã clara.

Malaca conquistada

LXVI.

E porque estejá todos prevenidos,  
De leua desparar a peça manda,  
Atroa horrendo estrepito os ouvidos;  
E a gente brada de hũe, & outra banda:  
Os barbaros cuydando ser sentidos,  
Qual soe, do ardente estrondo, a negra banda  
De estorninhos, fugir a volta derão  
O silencio guardando que trouxerão.

LXVII.

Assi liura Albuquerque do perigo  
Que nunca delle fora imaginado,  
E blasfemando brama o inferno inimigo  
De podelo ofender desesperado:  
Fauor pedindo em fim ao Ceo amigo,  
Dar manda á vela o capitão ousado  
Logo que enriqueceo a terra a Antora  
Co fresco ahofar que por Memnon chora

LXVIII,

Já nestes tempos com seus rayos de ouro  
Os dous filhos de Leda o Sol queimauã,  
E da fermosa Europa o branco touro  
De flores coroado atras deixaua:  
Flora, solto o cabello crespo, & louro,  
A copião de Analthea derramaua,  
E Philomena triste em doce acento  
Queixumes daua docemente ao vento.

LXIX.

O porto deixa o capitão valente  
Proseguindo a derrota começada,  
Aquem soberba segue se obediente  
Em bem composta esquadra toda a armada:  
Os lenhos prehes vão de armada gente  
No bellico trabalho exercitada,  
Cujas glorias, & feitos soberanos  
Excedem aos dos Gregos, & Romanos.

## LXX.

Agorá, b tu fiel guarda do passado  
 Contra o tempo immortal viua memoria,  
 Tu que reduces ao presente estado  
 As cousas dignas de perpetua gloria:  
 Me ensina como em verso sublimado  
 Diga os varões mais dignos de alta historia  
 Que vio já mais o Sol em quanto encerra,  
 O globo vniuersal de mar, & terra.

## LXXI.

Primeiro a capitana o pego vndoso  
 Ligeira, & magestosa diuidia  
 Animada do esforço generoso  
 Do capitão insigne que a regia:  
 Acompanhauão ao varão famoso  
 Duzentos rayos, com que bem podia  
 Não só humilhar nações, mas nos escuros  
 Reynos romper de Dite os ferreos muros.

## LXXII.

Dom João resplendor, & lume viuo,  
 Que faz famosa a patria Lusitana  
 Rama illustre daquelle tronco altiuo  
 De Lima, estirpe antiga, & soberana:  
 Estimulado do valor natiuo  
 E da que a morte illustremente enganá  
 O mar rompeo com proa vencedora  
 Donde sae derramando luz a Aurora.

## LXXIII.

Mandaua bñs ois que a ras deixara  
 A Pistris, & a Centauro na carreira,  
 Entre as estrellas nauegara  
 Seeste lugar se deraá mais ligeira:  
 E cem varões regia aquem auara  
 Se mostra a fama, pois que verdadeira  
 Delles pudera sempre contar tanto,  
 Que encherá o mundo de perpetuo espanto

*Malaca conquistada*

LXXIII.

Nuno Vaz de quem Venus se namora  
Quando o ue Marte nas batalhas fero,  
Que a pès do imigo a espada cortadora  
Vibrando ardente rayo confidero:  
Aquelle valor digno da sonora  
E temperada cithara de Homero  
Com cem valentes pronto ao santo intento  
Daua noutra galé velas ao vento.

LXXV.

Logo apos elle o mar rompe Caldeira  
Egregio capitão, náuta excellente  
Noutra galé por grande não ligeira,  
Pouco também ao leme obediente:  
Eraõ os que segulão sua bandeira  
Cento fatal allombro do Oriente,  
Criados sempre no rigor da guerra  
Já no mar militando, já na terra.

LXXVI.

Com não menos valor, & galhardia  
De cem mais que lões acompanhado  
Em galé mais ligeira o mar rompia  
Feroz Duarte da Silua moço onfado:  
Dos illustres auòs nelle se via  
O defunto valor refuscitado,  
Honrando aquella idade venturosa  
Por heroicos varões sempre famosa.

LXXVII.

Mais ao mar das galès era o primeiro  
Jayme Teixeira a quem de amor os danos  
Leuarão moço á guerra auentureiro  
Na primavera de seus verdes annos:  
Hum bem sonhado amana o caualleiro  
A vida sustentando com enganos,  
O de amor cego riguroso effeito,  
Que até com sombras vãs abraçao peito.



## LXXVIII

Em não ligeira o fero mar cortava  
 De valentes soldados guarnecida,  
 Certe que nas afrontas bem mostrava  
 Quanto deue antepor-se a honra á vida:  
 E posto que em prisão a alma lenava,  
 E a ley de amor ingiata sometida,  
 Tinha nelle o valor taõ grande parte,  
 Que iguais estauão sempre Amor, & Marte.

## LXXIX.

Miranda em grosso lenho o immenso pego  
 Cortava de si dando heroico indicio  
 As delicias da patria, & o sossego  
 Deixata pelo bellico exercicio:  
 Entre as donzellas qual o valor Grego,  
 Da tenra mãy criado ao duro officio  
 Correo ouvindo a tuba do Oriente,  
 A ser caudilho da robusta gente.

## LXXX.

Brauo leão o brano mar rompendo  
 Do magnanimo peito mostrava daua,  
 Jorge Nunez que inimigos desfazendo,  
 Decimo companheiro aos nove daua,  
 A cuja nao guerreira obedecendo,  
 O mar como medroso se apartava  
 Murmurando co vento lisongeiro  
 De arrogante o valente cavalleiro.

## LXXXI.

De oitenta se acompanha em cujos peitos  
 Entrada em nenhum tempo o tenor teue  
 Os ordens militares taõ sogeitos,  
 Que o duro obedecer tinhaõ por leue:  
 Com estes nos perigos mais estreitos  
 Entra animoso, & a sogeitar se atreue  
 Do mundo, o mais difficil, & distante,  
 Romper montes, & muros de diamante.

Malaca conquistada

LXXXII.

Em não guerreira as ondas diuidia  
Pela popa de Abreu Jorge Borelló  
Não deu a natureza a luz do dia  
Varão de mais valor, de mais conselho;  
Nos já maduros annos valentia  
Robusta a companhia o illustre velho,  
Cento, & vinte o seguiraõ arriscados  
Per elle na milicia doutrinaõs.

LXXXIII.

Dava apos este ao vento fresco as velas  
O valente mancebo Ayres Pereira,  
Do sangue claro como as luzes bellas  
Dos Condes illustrissimos da Feira:  
Benignas neste influem as estrellas  
Com prudencia o valor, cuja bandeira  
Noventa do tempo emulos seguião  
Que atras tornar hum passo não sabião;

LXXXIIII.

Segue a popa da não deste guerreiro  
A de Antonio de Abreu forte, & prudente;  
Do numero escolhido, que primeiro  
Rompeo do sacro Indo a graõ corrente:  
Comsigo leua cento o cavalleiro,  
Cuja memoria o mundo tem presente;  
Que a fama que deixarão cá estendida  
Lhes dá a pezar do tempo eterna vida.

LXXXV.

Dous inuictos irmãos claros Andrads  
Que o valor, do precioso sangue herdaraõ;  
Do insuavel mar as feras tempestades  
E perigos da guerra despresaraõ:  
Bem nos peitos leais promptas vontades  
Com que a seu Rey servirão, imitaraõ  
De Andrada os nobres Condes que em Galizã  
Respeita o tempo, a fama soleniza;

Fortes occupão lenhos bem providos  
 De aparatos na guerra necessarios,  
 Com duzentos guerreiros e scollidos  
 Espantoso terror de seus contrarios:  
 Estes a toda a sorte offerecidos  
 Exercitando a espada em trances varios,  
 Se mostrauão sofridos, vigilantes,  
 Nos mayores perigos, mais constantes.

## LXXXVII.

Alpoem nãs ribeiras do Mondego  
 Desde a primeira idade ás letras dado,  
 Tambem nas armas fez illustre empregó,  
 Já de illustres aúos valor herdado:  
 Segue Albuquerque pello falso pego  
 Ora jurisconsulto, ora soldado.  
 Que das armas prudente se adornaua,  
 Como das justas leys forte se armava.

## LXXXVIII.

Suas ordẽs nouenta obedeçião  
 Mortais a ssmbrs de Agatenos peitos,  
 Que em toda a parte alegres o seguiã  
 De seu prudente esforço satisfeitos:  
 Das cem llinguas da fama mereçião  
 Ser recontados seus heroicos feitos,  
 País o tempo que em nada permanece  
 A memoria das cousas escurece.

## LXXXIX.

Passou Gaspar de Pains á heroica empreza  
 Com cent: dez guerreiros excellentes,  
 Que aquella estimaçã que mais se preza  
 Ganharão sogeitando feras gentes:  
 Estes que do trabalho, & da aspereza  
 Da guerra, já por vso eraõ contentes,  
 Os mais armas de fogo exercitauã,  
 Algũs destros na lança della vsauã.

Malaca conquistada

LXXX.

Dinis Fernandes, com quem doês reparte  
Infinitos o Ceo, abre animoso  
( Assombro de Neptuno, horror de Marte )  
Com grosso lenho pelo pego vndoso:  
Cento de alto valor militar arte  
Leua consigo o capitaõ famoso,  
E quando ao duro assalto os animava,  
Animoso o primeiro nelle entraua.

LXXXI.

Serrão forte, & prudente Canalleiro  
Occupaua com cento outro nauio,  
Que seguindo ao heroico auentureiro;  
Entrana pello fogo, & ferro frio:  
Daua na retaguarda o derradeiro  
Mostras illustres de gallardo brio,  
E coraçã intrepido Pessoa,  
Cuja fama de hum Polo a outró voa.

LXXXII.

Eraõ cento, & quarenta os que o seguiãõ  
Costumados â nautica estreiteza  
Dos que ousados cõ ferro. & fogo abriãõ  
Caminlio pela barbara fereza;  
Mas onde meus sentidos se desuiaõ  
Tanto de vós, ò gloria desta empreza,  
Garcia illustre, cujo braço forte  
Infinitas rendeo vidas â morte.

LXXXLII.

Inno donde a Nereo paga tributo  
De seus crystais o Donde caualoso  
O den a illustre Ioana illustre fruto,  
De São tronco, em armas venturoso  
Este cujo louuanel atributo  
Foy procurar renome de famoso  
Nos seus primeiros annos corre á guerra  
Passa o mar, chega a ver da Aurora a terra.

## LXXXIII.

Soube chegando a Goa da alta empreza  
 A que o forte Albuquerque se partira,  
 Culpa qualquer tardança, & com tristeza  
 Pelo poder foguir geme, & suspira:  
 E qual o vao comete com braueza,  
 Per fartar no animal ceruloso a ira,  
 Que passar vio de fero dente armado  
 Da trella o alão castiço desatado,

## LXXXV.

Tal elle num paraó ligeiro aos Ventos  
 As velas dando, pelo mar se lança,  
 Leuado dos illustres pensamentos,  
 Que prometem gloriosa segurança:  
 Tal já Cesar rompendo impedimentos  
 Perigos desprezou, & confiança  
 A Amiclas dando, a quem valor faltava,  
 Ao mar tempestuoso se lançava.

## LXXXVI.

De seu heroico esforço estimulados  
 Lemos, & Villalobos o imitaraõ,  
 Hum Contiano, dous Mellos esforçados  
 Irmãos, que como irmão viuendo o amaraõ,  
 Da costa Malabar os arriscados,  
 E nonos Argonautas se afastaraõ,  
 O campo azul o lenho diuidia,  
 Lá polta a proa donde nace o dia.

## LXXXVII:

Pelo Indico Oceano nauegava,  
 A armada o mar em partes diuidindo,  
 O favoravel vento que asloprava,  
 As grandes velas brandamente abrindo:  
 O cabo Comorij já atras deixava,  
 De Ceilaõ a ilha rica descobrindo,  
 Ceilaõ honra, & delicia do Oriente,  
 Taprobana chamada antiguamente.

Da canella odorifera abundantes

Os altos montes sãõ bosques sombrios  
Habitados de grandes elefantes,  
Princípios em prudencia, & fortes brios;  
De Rubijs, & Safiras rutilantes  
Ricas sãõ as areas de seus rios,  
E tudo rico do metal que cria  
Com seus raios o Sol na terra fria;

De Cellão no Oriente a proa posta,

O golfo de Bengala atraueffarão,  
E de Narfinga a rica, & fertil costa  
Para a setentrional parte deixãrãõ;  
Nella a grãõ Meliapor està composta  
De illustres edificios que lauraraõ  
Modernos moradores, & ruynas  
Que lnda se mostraõ de memoria dignas;

Alli cõusas obrou marauilhosas

Que a terra hoje celebra, o Olympo canta,  
Thome, a cujas reliquias preciosas  
Custodia dá com reuerencia santa:  
O ditosa cidade tu o que gozas  
Ha tantos annos com ventura tanta;  
Aquelle que alcançou desconfiado  
O que foy agraõ fê, & amor negado!

Afrotã dando ao vento alegres velas

Do golfo a mayor parte attas deixaua;  
Quando o que estene já sobre as estrellas  
Todo em furor horriuel se abrasaua;  
Atormentauao ver que suas cautellas  
Forãõ vãs, & que a Asonso se mostraua  
Amigo o vento, humilde o brãõ Oceano,  
E blasphemando, ao Ceo chamou tyrano.



# LIVRO II.

## ARGVMENTO.

**A** Smodeu conuocando o inferno trata  
 De scoppor de Albuquerque á heroica empreza;  
 Mas os ventos em vão ferox desata,  
 Que o Ceo socorre a gente Portuguesa;  
 Rompe a nao de Garcia a turba ingrata;  
 Mata a Mello das ondas a branexa;  
 Hospeda os mais Tironia namorada,  
 E a Pedir chega a Lusitana armada.

### I.

**F**stá na entrada da Tartarea pórtã  
 Lugar horrendo de tristeza cheio,  
 Onde os fios vitais Atropos corta  
 Onde he cõfusão tudo, & tudo enleão;  
 Dali donde a esperãça fica morta,  
 E habita o sobre salto co receo  
 Corre hom valle por donde desce a gente  
 Perdida para o reyno de contente.



*Malaca conquistada*

II.

Per aquelle Barathro, o Auerno alento  
Pestifero respira misturado  
Cos gemidos das almas que em tormento  
Blasfemiõ do rigor do Ceo irade:  
Confunde grosso fumo o negro assento,  
Que nunca rayo vio do Sol dourado,  
Donde se ouuem bramar feras impias,  
E nõs ares gritar torpes Harpias.

III.

Ouueuse alli do Cerbero latrante  
Os triplicados horridos latidos  
Com os brados do velho nauegante  
Que a barca chama as almas dos perdidos:  
Por alli dizem que desceo o amante,  
Aqueos Pluto, & Proserpina vencidos  
Do doce canto, a amada concederaõ,  
Que seus olhos segunda vez perderaõ.

III.

O que sosteue os cercos crystallinos  
Quando Atlas fiou delle o pezo puro,  
E aquelle que a gentil filha de Minos  
Ingratissimo foy sobre prejuro:  
E outros, que vãos seguindo defatinos,  
Quiseraõ penetrar o centro escuro,  
Tambem o infernal Rey coa doce amada  
Tantos tẽmpos da mãy em vãõ chorada.

V.

Daquelle lugar pois triste, e spantoso,  
Aque mtecto he di. forme Inmenso monte  
Com brado horrendo o Anjo tenebroso  
Os ministros chama de Phlegetonte:  
Nãõ quis passar aquelle lago vndoso,  
Pode nullo servir azas de ponte,  
Que aos proteruos desejos em que ardia,  
Hum ponto eternidades parecia.

VI.

Logo do abismo os negros moradores  
 Que na ambição primeira conspirarão,  
 Enchendo o ar de horrifonos clamores  
 Ante o mesmo fator se apresentaraõ:  
 Que môltuos de ira, & de discordia autores,  
 Que de medonhas formas se ajuntarãõ  
 De Chimèras, Pitthoes, & Minotauros,  
 Hydras, Elphinges, Dragos, & Centauros.

VII.

Vião se alli na multidaõ diffusa  
 Briareos de cem braços descompostos,  
 Serpentinhas cabeças de Medusa,  
 E de feos Cyclopes feros rostos:  
 Em fim via se alli copia confusa  
 De diuersos aspeitos, & supollos.  
 Cujos feos extremos de bruteza  
 Desconhecera a mesma natureza.

VIII.

A multidaõ soberba já esperava  
 Que o capitão de Erébo reuelasse  
 O caso, que dor tanta lhe causava,  
 E em seu fatal seruiço os occupasse.  
 Quando elle que até então calado estava,  
 Para que o caso em mais se reputasse,  
 Bramou, gemeo o carcere fumante,  
 Tremeo a terra, descomposse Atlante

IX.

Hórriuel grauidade ao fero aspeito.  
 Gemendo triste ajunrá, & exhalando  
 Infante o fogo do sulfureo peiro  
 Viorou a ardente lingua, assi falando:  
 Tartareos Anjos dignos de respeito,  
 Que depois do grão caso miserando,  
 Sobreis a eterna pena desherdados  
 Dos thronos, para que fostes criados.

Em lugar nosso aquelle que governa  
 Lá de cima do claro firmamento  
 Estrellas, Sol, & Lua, & atè na interna  
 Eſcuridão do reyno do tormento:  
 Formando o homem v'ljã da ſupernã  
 Região lhe deu o cryſtallino aſſento,  
 Que num tempo occupou o ſenhor vollo:  
 Nunca tão grande dor eſquecer poſſo.

Preſente agora teuho na lembrança,  
 Quando o homem de nada foy criado,  
 Que com ingrata, & douda conſiança  
 Comeo do fructo que lhe foy vedado:  
 Em lugar de querer delle vingança,  
 Ordenou como ſolle reſgado,  
 Quando por juſta pena merecia  
 Não ver, nem gozar mais a luz do dia.

Em fim por elle o Filho à morte entrega,  
 E o Filho com morrer triunſou da morte,  
 E decendo depois á região cega,  
 As portas quebrantou do muro forte:  
 Abrio noſſas priſões que a tanto chega  
 A grão miſeria noſſa (ò triſte ſorte)  
 Leuando as almas que em poder tiue mos  
 A occupar os aſſentos que perdemos.

Os ſeus logo por elle tanto obrãrãõ  
 Off:recendo a vida com Fé tanta,  
 Que pelo mundo todo derramãrãõ  
 Aquella ley que noſſas leys quebrantãõ:  
 Depois aquelles Reys, que os imitãrãõ,  
 As armas tomãõ com piedade ſanta,  
 E perſeguindo os noſſos, vãõ fazendo  
 Que tudo fique a Chriſto obedecendo.

XIII.

Entre estes, (que isto só lembrarnos quero)  
Orgulhoso do reyno Lusitano,  
(Que já cobrar em nenhum tempo espero)  
Deitou Afonso o mouro Mahometano:  
Não contente com isso o peuo fero  
De Luso, assalta o Calpe Tingitano,  
E fazendo por vezes dura guerra,  
Occupou parte da Africana terra.

XV.

Correio ousado inquietando a costa,  
Que intratavel faz quasi o Sol ardente,  
Que nos perigos, & trabalhos gosta  
Esta sempre innocenciel, dura gente:  
Traspassou Gama a Zona contraposta  
Dobrando o Promontorio, em que o Tridete  
Se rompe, & mihas forças resistindo  
Tomou porto entre a foz do Gange, & Indo.

XVI.

Logo o inniço Cabral com noua armada  
Descubrio noua terra, & em nosso agrauo  
Lhe pô nome, & tornando á destinada  
Viagem fim lhedeu soberbo, & hra uoç  
Deixa em Calcut gente bautizada,  
Ay de mil de que serue darme gauo  
De ordenar a Correa a dura morte  
Se elle morrendo melhorou de sorte!

XVII.

Este famoso foy o que primeiro  
Por Christo derramou nesta Indiana  
Terra seu sangue, ó forte canalleiro  
A meu pesar te louua a lingua infana:  
Vingação em Cochijo alro guerreiro  
Alcançando victoria soberana  
Os fortes Albuquerque, fortaleza  
Fabricando por fim da illustre empreza.

Alli o forte Pacheco se eterniza,  
Sustentando inuenciuel o adquirido,  
Depois Almeida, que as etriellas piza,  
Se faz do Rume, & Malabar temido:  
Morto o filho que a fama se leniza,  
De sabio, de inuenciuel, de atreuido,  
Iá vistes que a vingança enuolta em pranto  
Foi de Asia, & Europa vniuersal espanto.

No branco Cunha hum rayo ardente vistes,  
Que deixou as cidades abratadas,  
Que as vossas leys sogeitas possuistes,  
De que apenas ha cinzas derramadas.  
De Ormuz, & Goa já os successos mistes  
Se contaõ nas regiões mais apartadas,  
E tanto de Albuquerque o nome crece,  
Que por grande no mundo se conhece.

Este, que o liure mar veyo infestando  
Lá donde morre o Sol até onde nasce,  
Os nossos simulacros derribando,  
E os templos afrontando a infernal face:  
Agora outro não visto mar coriando,  
Paraque nouo mal nos ameace,  
Vay sem auer quem tanto orgulho dome  
A estender em Malaca o Christão nome.

Quem duuída, passando la esta gente,  
Ver acabado o nosso antigo imperio,  
Que ha tantos annos dura em todo Oriente  
E rico de almas faz nosso Hemispherio,  
E que o pouo Malayo oppresso inerte  
Seguir com pesar nosso, & vituperio  
A Romana piedade, & ley de Christo?  
Iá tudo soffrer eis, se soffreris isto.

XXII.

Mas pois não pode ser nunca acabado  
 Nos peites vossos o valor antigo,  
 Que já mostrastes, quando acompanhado  
 De vós, o Ceo cobrei por inimigo:  
 Seja este atreuimento castigado,  
 Vinde ò furias fatais, vinde comigo,  
 E busquem os no mar agora modos,  
 Com que ( rotas suas naos ) pereçam todos.

XXIII.

Tu, Belzebub, que os ventos com tremenda  
 Violencia moues contra mar, & terra,  
 E Leniataõ no mar serpente horrenda,  
 Em quem tanto furor o abismo encerra;  
 Vosso valor no Mundo hoje se estenda,  
 As ondas às estrellas mouão guerra,  
 Tudo sua natureza mude, & logo  
 Chouão mares os Ceos, & as nuuens fogo. ¶

XXIII.

Vinguem os nestes parte dos primeiros  
 Aggrauos que sentis ha tantos annos;  
 Nestes, que hoje orgulhosos, & guerreiros  
 Fazerse intentão quasi soberanos. ¶  
 Nunca com furia tanta, tão ligeiros  
 Causando em terra, & mar mortes, & danos;  
 Sairão ferns ventos desatados,  
 Como então os espiritos daados,

XXV.

Não aguardão soberbos impacientes  
 As vltimas palauas; mas rompendo  
 Os ares, as moradas descontentes  
 Deixarão, mar, & terra reuoluendo:  
 Por onde quer que passão insolentes,  
 Tudo vão aruinando, & desfazendo,  
 Ajuntão nuuens, & desfatão ventos,  
 Abalando da terra os fundamentos,

Malaca conquistada

XXVI.

Com mar bonança os uellos nauegando  
Eis que o Ceo de improviso se eicurece,  
A luz do Sol se turba, & retumbando  
Horrifonos trouões, o vento crece,  
Logo o mar montes de agua leuando,  
Do vento remouido se embravece,  
Tanto, que com as nuuens competião  
As maritimas ferras, que se erguião.

XXVII.

Turbados de taõ subita tormenta  
Os pilotos: amaina, amaina gritão,  
Dar a effeito a medrosa chusma intenta  
O que os mestres gritando sollicitão:  
Mas dos ventos a furia turbulenta  
Faz com que em vaõ as forças se exercitaõ  
Dos soldados, & destros marinheiros,  
E dos grumetes em sobir ligeiros.

XXVIII.

Viose a nao de Albuquerque em grande apertão  
Porque leuaua as velas todas dadas,  
E a todos ( taõ grande era o desconcerto )  
Tinha o terror, & medo as mãos atadas.  
Mas com trabalho ( em fim ) no caso incerto  
Foraõ logo as de gauea derribadas,  
A grande depois destas amainarão:  
As outras á Fortuna encomendarão.

XXIX.

No mesmo tempo igual era o perigo  
Em toda a armada, & todos trabalhados  
Danão gritos, & vozes, que o inimigo  
Vento leuaua em Echos mal formados:  
Qual vendo a morte, abraça o caro amigo,  
Qual procura o pesar de etros passados;  
Porque quando esta vida alli perdeffe  
Ir gozar da durancel mereceffe,

Via-se



XXX.

Via-se a região dos ventos chea  
 De ondas, que as nuvens altas borrifavaõ,  
 E apparecer no fundo a loura areia  
 Nos valles, que entre as ondas se formavaõ;  
 Da mor e qualquer peixe se recea,  
 Por donde auita pouca aues voavaõ,  
 Sobia a nao ás vezes ao Ceo puro,  
 Outras tantas decendo ao centro escuro.

XXXI.

A galè de Caldeira arrebatada,  
 De hum monte de agoa ás nuuês foi subida,  
 E caindo de là precipitada,  
 No profundo ficou quasi escondida:  
 Logo outra v. z ás nuvens leuantaada,  
 Torna a decer com misera caida,  
 E dando entre duas ondas impetuofas,  
 Taboas rendeo, & as curuas mais forçofas,

XXXII.

Começa logo a entrar pelas juntas  
 Abertas na galè do mar hum rio,  
 Infinitos decendo das escuras  
 Nuuês, que a vão chegando ao extremo fio:  
 Os navegantes vendo as aberturas  
 O peito lhes traspassa o medo frio:  
 Brada o piloto vendo a morte perto,  
 Que acudão ao perigo descuberto.

XXXIII.

A dar à bomba algũs logo correrãõ,  
 Tornãdo o mar ao mar, que liure entravaõ,  
 Outros cõ chumbo em práchas pretenderrãõ  
 Tapar o que do lenho aberto estava:  
 Os mais que estes officios não fizeraõ,  
 Alijavãõ ao mar quanto se achava  
 Na affligida galè, sem reservar  
 Riquezas, nem as armas respeitarse,

Malaca conquistada

XXVIII.

Porem quanto o piloto a gritos manda,  
E quanto se trabalha nada basta,  
Que a Fortuna cruel tudo desfanda;  
E sem proueito o tempo já se gasta:  
A gente grita de hũa, & de outra banda,  
Quando em vão a Fortuna se contrasta,  
Que neste tempo hũ golpe de agoa horrêdo  
Em raudõ remoinho a vay foruendo.

XXXV.

Pedindo ajuda amiseravel gente  
Aparece no largo mar nadando,  
Com desesperaçãõ no mal presente  
A morte já esperada dilatando.  
Eis logo Fernão Peres diligente  
A aquella parte acode, ao mar deitando  
Cordas, taboas, barrijs, prouando modos  
Como os poder liurar da morte a todos.

XXXVI.

Isto vendo Albuquerque, & vendo os ventos  
Recrecer, da infernal furia incitados,  
E os trouões espantosos com violentos  
Rayos das negras nuuens disparados:  
Considera seu fim, ouue os lamentos  
Tristes, dos companheiros trabalhados,  
E acudindo ao remedio que he mais forte  
Com Deos humild: falla desta sorte.

XXXVII.

Immenso criador, Pay soberano,  
Restaurador de nosso bem perdido,  
Lã nos Ceos do Angelico, & do humano  
Com logeiçãõ eterna obedecido:  
Verdadeiro Neptuno, que do Oceano  
Enfreas a soberba, & sometido  
A ley inuiolauel que lhe deste,  
Os limites não passa, que puseste.

XXXVIII.

Tu, que da injuria de Pharaó liuraste  
 O pouo teu, abrindo o mar profundo,  
 E do commum castigo a Noè guardaste  
 Na grão ruina vniuersal do Mundo:  
 Como nos de samparas? não se áfaste  
 De nós tanta piedade, em que me fundo  
 Liuraste o pouo teu do mar insano,  
 Teu he tambem o pouo Lusitano.

XXXIX.

E se he vontade tua que morramos,  
 Seja assi: mas, Senhor, não desta sortê;  
 O lugar muda, seja onde possamos  
 Exaltar a tua Fé, sofrendo a morte:  
 Na apartada Malaca a donde vamos  
 Por te servir buscar a gente forte  
 Alegre cada qual perderá a vida,  
 Pela ver venturosa a ti rendida.

XXXX.

O três, & quatro vezes venturosos,  
 Os que tanto fauor do Ceo tiuestes,  
 Que entre as barbaras lanças animosos;  
 Perdendo a vida eternos vos fizeste:  
 Viuem na Fama os feitos valerosos,  
 Com que a patria ditosa engrandeceste,  
 Nós ficamos aqui della apartados,  
 No mar, no esquecimento sepultados.

XXXXI.

Assi gemendo disse, & entre tanto  
 O procelloso mar mais se embrãuece.  
 Crescendo a confusão, crescendo o pranto  
 Da miserauel gente que perece:  
 Era tanto o rumor, o estrondo tanto  
 Da grande tempestade, que parece  
 Segunda vez o Mundo destruirse,  
 O Ceo defençaixarse, o Inferno abrirse.

Nos rayos de Vulcano o fogo ardiã,  
 Cos horríveis trouões o Ceo bramauã,  
 O estrêpito do mar enfurdecia,  
 O combater das ondas espantaua  
 Entre os contrarios veitosa guerra ania,  
 Cada qual por vencer mais se esforçaua,  
 Por cima das naos passãõ grossos mares,  
 Hum horrifono estrondo rompe os ares.

Em tanto a rogatiua de Fé chea  
 O claro firmamento penetrando,  
 Aos ouvidos chegou da immensa Ideã,  
 Que tudo rege com eterno mando:  
 Logo as almas ditosas que recrea  
 A visãõ beatifica rogando  
 Por Albuquerque cantãõ santos hynds,  
 Que alternãõ pelos tronos crystallinos,

Miguel auxiliador de empresas santas,  
 Depois que o Christãõ zelo representa,  
 Com que a vida arriscara vezes tantas  
 O capitãõ, & onde ir de nouo intenta:  
 Lhe diz: olha, Senhor piadolo quantas  
 Penas, por te seruir experimenta  
 Albuquerque teu seruo no perigo,  
 Em que agora o tem posto o bando inimigõ.

O sempiterno amante que rogado  
 Não foi em vão já mais de alma deuota,  
 Baixando os olhos, vio no mar turbado  
 O perigo, em que estaua a Christã frotas  
 Inueja de Asmodeu fero, & danado  
 Ser da grande procella a causa nota,  
 E como as infernais esquadras visse,  
 Assim ao capitãõ celeste disse.

Eu tenho ao forte pouo Lusitano  
 Por decreto ab eterno concedido  
 O vencimento em tudo soberano  
 Do reyno a meu favor desconhecido:  
 E se o inimigo mortal do trato humano  
 Que sente ferlhe o homem preferido  
 A estes que amo tanto, dar procura  
 No mar agora morte, & sepultura:

## XXXVII.

Impunha a vencedora espada ardente,  
 Com que o primeiro insulto castigaste,  
 Quando a soberbado infernal serpente,  
 Perdida a luz & graça, derribaste:  
 E em favor desta minha amada gente,  
 Que já em passados rances ajudaste,  
 Dos reus acompanhado dees logo,  
 Torne a rebelde esquadra ao eterno fogo.

## XXXVIII.

Ao porto de Pedir a frota guiá,  
 Onde sera de tudo reparada,  
 E do medo, & trabalho deste dia,  
 Terá descanso a gente bautizada.  
 Parte do Ceo co a pura companhia  
 Miguel, vibrando a fulminante espada  
 Firme escudo abraçado rutilante  
 De matéria mais dura que diamante.

## XXXIX.

Chega o celeste exercito voando,  
 Aquem os inimigos do Ceo vendo,  
 Fogem da luz, que os turba, blasfeminando,  
 O diuino socorro maldizendo:  
 Os celestes guerreiros castigando  
 A passada insolencia, os vão correndo  
 Até as tristes moradas de dor cheas,  
 Onde as almas estão de gloria alheas.

L.

Por outra parte os ventos vão fugindo  
Temerosos deixando a infesta guerra,  
A natural braueza reprimindo,  
Que altera o mar, aballa, & rompe a terra;  
Assi humildes as asas sacudindo,  
Per debaixo daquella firme serra,  
Que oprime sua braueza se tornarão  
As Eoleas prisoês, que quebrantarão.

LI.

Logo á negra cortina os rãys os correm  
Do Sol claro, alegrando os marcanes;  
Os Anjos humilhando ondas discorrem,  
Que forão contra o Ceo novos gigantes:  
Com feruente piedade outros socorrem  
Os tristes, & afligidos naufragantes  
Da perdida galé, que inda lutauão  
Co as ondas, & o fauor do Ceo chamanão

LII.

Liure da morte, & horriuel tempestade  
A gente distillando agoa, aparece  
Por cima do conuês da nao de Andrade;  
Que graças dando ao Ceo, voto offerecei  
E bem notando o modo, & breuidade  
Com que a tantos liurara, já conhece  
Nãõ ser bastante a diligencia humana,  
Se não tiuera ajuda soberana.

LIII.

Mas os seis valerosos companheiros,  
Que leuados da intrepida braueza,  
Desestimando o mar aventureiros,  
Partirão de Cochijã heroica empreza  
No tempo quando os infernais guerreiros  
Os ventos mouem a mayor fereza,  
A costa de Bengalla atras deixauão,  
E vento em popa pelo golfo entrauão.

## LIII.

Deu nelles a diabolica procella,  
 Sem conceder lugar a que amainassem,  
 Quebrando os remos, & rompendo a vela;  
 Para que a salvação meos faltaassem:  
 Que os do Tártaro bando com cautela  
 Como por conjecturas alcançassem  
 Queo Ceo o vencimento prodigioso  
 Prometia ao valor do Sã famoso:

## LV.

Darlhe misero fim alli intentaraõ  
 Para o que Phlegeton co mar repartẽ  
 Do seu furor, & aos ventos ajuntarãõ  
 Da interior violencia gran le parte:  
 Os marinheiros tímidos ficaraõ  
 Corraldos de temor, & faltos de arte;  
 O piloto tambem no trance forte  
 Já posto se julgou nas mãos da morte:

## LVI.

Sem governo attrauẽs posto o nauio  
 Quasi no ponto extremo de perderse;  
 Pelo bordo lhe entrou hum grosso rio  
 De hum mar que nelle veyo a desfazerse;  
 Mas os fortes guerreiros, cujo brio  
 Não pode a força, nem temor renderse,  
 Com tal pressa, & valor logo acodiraõ,  
 Que a morte, & a todo o Inferno resistiraõ:

## LVII.

Garcia pegou logo do governo,  
 Daõ a bomba os dous Mellos, & Coutinho,  
 E o mar, tornando ao mar, do mais interno  
 Desfalagaõ o já alagado pinho:  
 Com Lemos, a pesar do mesmo Inferno,  
 Villalobos amayna o roto linho,  
 E recolhido hum bolso sò deixando,  
 O nauio em governo foy entrando.



Já que em popa navega, os marinheiros  
 Aquem o medo frio, congelado  
 Tinha o sangue nas veas, os primeiros  
 Correm logo ao trabalho costumado:  
 Porque o exemplo dos fortes cavalleiros  
 Os tinha grandemente envergonhado.  
 E lhes dá seu valor tal segurança,  
 Que resuscita nelles a esperança.

## LIX.

Como ao Tartareo bando vão saisse  
 Este primeiro assalto, muda intento,  
 Traçando com que ao menos nunca visse  
 Garcia de Malaca o aureo assento:  
 E porque isto sem falta se cumprisse,  
 Arrebatão o lenho, & do violento  
 Furor lenado, assi rompia os mares,  
 Qual atirada frecha rompe os ares.

## LX.

Com mais que natural curso passarão  
 Por entre a grão Samatra, & Chersonesso;  
 E colteando a China, nauegarão  
 Sem do caminho conhecer o excesso:  
 Que como tanto em pouco espaço andarão  
 A Palinuro o desigual progresso  
 Enganara, julgando que fazia  
 Caminho, ou langradura sò de hum dia.

## LXI.

Assi furioso o vento, o mar furioso,  
 Por muitas partes o nauio aberto  
 Do sofrido trabalho tempestuoso  
 Se acharão de outro mòr perigo perto:  
 Que num grande penedo em que impetuoso  
 O mar rompia então de ondas cuberto  
 Rompeo o fragil lenho perseguido  
 Dos ventos, & das ondas combatido.

## LXII.

Despedaçado o miserô nauio,

Qual colhe hũ remo, qual hum banco abraça,  
E a Deos pedem fauor com peito pio

No trance, que fim miserô a ameaça:

Estando así no derradeiro fio,

A noute se estendeo de luz escaça,

Que o graue medo mais lhes acre scenta,

E mais da morte a imagem representa.

## LXIII.

Todos da vida já desesperados

Andauão tristes dilatando a morte,

Mas vezes mildas ondas sepultados;

Ja quasi sentem della o trance forte:

Outras vezes às nuuens leuantados,

Jugar com elles parecia a sorte,

E para lhes causar mayor tormento

Alargarlhes da morte o sentimento.

## LXIII.

Passada a triste noute em pena tanta,

De rosas coroada a bella Aurora,

Deixando o Phrygio amante, se adianta;

Dando luz a Amphytrite, como a Flora

O Sol logo tras ella se leuanta,

E alegre sac do claro albergue fora:

Desligadas as nuuens se esconderaõ

E aos rayos matutinos lugar derão.

## LXV.

A luz do nouo dia aos naufragantès

Mostrou a terra desejada tanto,

Em trances, & fortunas semellantès,

Dandolhes forças no mortal quebranto:

Cortaõ de nouo as ondas espumantes

Com tanto alento, & aluoroço, quanto

Costuma ter quem quando a vê perdida

Nas mãos da morte torná a achar a vida.

Perto

Pertò de terra já que podem verse  
Quebrar na praya as ondas com brançzã,  
Depois em brancaescuma re soluerse,  
Rebaridas da solida firmeza:  
Dese obriraõ hum rio, que a meterse  
Vinha no mar com rapida presteza  
Cercado de crescidos aruoredos  
E na barra de asperrimos rochedos.

Impedia a graõ força da correntè  
Poder chegar á desejada area,  
O que vendo Garcia com se ardente;  
Assi falou com a suprema Idea:  
Piedoso Pay, Senhor omnipotente;  
Cujo poder do mar a furia enfrea,  
E tremer faz no centro o duro Inferno,  
Das causas causa, & mouedor eterno.

De quem por vós trabalha, & vos adora,  
Biquecci culpas, como pay piadoso,  
E reprimi do mar a furia agora,  
Das vidas, que saõ vossas, cuydadoso:  
E vós do Sol diuino digna Aurora,  
Do mar estrella, & porto venturoso,  
Dos affigidos nunca em vão chamada,  
Valcinos mãy do esposo, & filha amada.

Assi disse, & foi lá no Olympto ouuido,  
Mostrouse o mar quieto, o vento brando,  
Suspendo esteuc o rio, & reprimido,  
As agoas, que desciaõ represando.  
Continho em tanto naufrago affigido  
Mal o furor das ondas contrastando,  
Chega á praya deserta, onde sò via  
Tudo quanto ha contrario de alegria.

## LXX.

Lêmos, & Villalobos, que pegados  
 Vinhaõ no roto maltho, a seca areia  
 Chegaraõ, mas taõ fracos, & cansados;  
 Que se julgaõ nas mãos da Parca fea:  
 Os ventres do bebido mar inchados,  
 A falta do sentido, a vista enlea,  
 Tornando o licor falso com penosas  
 Anxias brotando fontes amargosas.

## LXXI.

Chegou o menor Mello a tomar terrã,  
 De quem rio: caudais se despenhavaõ  
 Das ondas que lhe tinhaõ feito guerra  
 Que a seu pesar bebera, & ao mar tornavaõ;  
 Sobre hũs juncos deitado os olhos cerra,  
 Que mal ao sono, & apenas se entregavaõ,  
 Quando penas a penas acrescenta  
 Sonho, ou visãõ que horriuel o atormenta.

## LXXII.

Pallido, & suspirando lagrimoso  
 O caro, & amado irmão se lhe offerece;  
 E todo inchado horriuel, & espantoso  
 Por tudo ditillar agoa parece:  
 Com triste voz em acõto lastimoso  
 Lhe diz: Se o fraternal amor merece,  
 E como em vida, así liga na morte  
 A lastima te moua minha sorte.

## LXXIII.

Acompanharte mais nesta jornada  
 Me nega o Ceo, cortou a Parca dura  
 A vida a mil trabalhos condenada  
 Que sem descanço momentanea dura;  
 Nesta regiaõ da nossa naõ tratada  
 Naõ me queiras deixar sem sepultura,  
 E que terá por ti minha alma fia  
 Os diuinos suffragios algum dia.

*Malaca conquistada*

LXXIIII.

Inda o vital alento hoje gozara,

E como os maís, pisara a seca arca,

Se ao romper do nauio não quebrara

Esta perna que vês inchada, & fea:

Valime então daquella estrellá clara,

Que ao porto guia, onde a alma se recrea,

E com fe, & esperança o trance forte

Passai, que communmente chamaõ morte.

LXXV.

Por abraçar a sombra o cavalleiro

Tres vezes magoado estende os braços,

E tres vezes em vão o ar ligeiro

Diuide ao apertar dos vãos abraços:

Entre tanto o defunto aventureiro

Deixou daquella forma aerea os laços,

O irnaõ dentro na alma magoado,

Suspiros dando em lagrimas banhado .

LXXVI.

Leuantase bradando, & diz: Espera,

Toma de mi o abraço derradeiro:

Mas ay que já mo nega a Parca fera,

E es dos que o Ceo habitaõ companheiros:

Fez termo a dor primeira, & considera

Sertudo o que sonhara verdadeiro.

E com pena, & tristeza suspirando,

Pela praya o cadaver vai buicando.

LXXVII.

Garcia em tanto de seus braços tenta

A força extrema, por chegar a terra

A tempo que com grita turbulenta

Copia de gente desce da alta terra.

A Diana entre a turba representá,

Quando vem de fazer ao monte guerra

Hua grande, & fermosa caçadora

Daquellas serras natural senhora,

LXXVIIII.

Veloz com arco, & frecha ontra Atalanta  
 Trabalha os montes; & persegue fera  
 As feras, a que em vão ligeiramente  
 (Que ao vento ignala) a natureza dera:  
 O Iauali cerdoso a não espanta.  
 O Tigre, a onça, o Leão bravo espera,  
 Feroz com todos animosa. & forte,  
 E sempre vencedora os rende á morte.

LXXIX.

Cereauãona bellissimas donzellas,  
 Que tambem arco, & frecha exercitauãõ,  
 Porem posto que todas eraõ bellas,  
 Em belleza inferiores lhe ficauãõ:  
 Qual maturina Venus, que ás estrellas  
 Vsurpa a clara luz de que se ornauãõ:  
 Tal de Titonia as vence a gentileza,  
 Que este era o nome da Oriental princeza.

LXXX.

Nunca Argos, Delo, Chipre em si gozaraõ  
 Forma de fermosura mais perfeita,  
 As graças nella todas ajuntaraõ  
 Tudo aquillo que á vista mais deleita:  
 Descem do monte á praya, onde chegaraõ  
 A tempo que Garcia nella deira  
 Hum rio do amargoso mar bebido  
 De alento fulto, naufrago, afligido.

LXXXI.

De Titonia os monteiros arrogantes  
 Correndo todos vão contra Garcia  
 Julgando que ouro, perolas, diamantes  
 • Configo do naufragio liuraria:  
 Mas elle, que lutara hum pouco antes  
 Co a morte mesma, e vil temõr desuia,  
 E determina de vender muy cara  
 A vida, que das ondas escapara.

*Malaca conquistada*

LXXXII.

Hum duro, & grosso remo que o sostinha,  
E lhe fora nas ondas companheiro,  
Aperta, & contra o que diante vinha,  
Intrepido se lança o cavalleiro:  
Ja timido o contrario se detinha,  
Quando chegou o peso do madeiro,  
E parte da cabeça derribando,  
O interior se moltra palpitando.

LXXXIII.

Contra os mais impetuoso logo cerra,  
De quem com furia braua foy cercado,  
De hum renès mortosdous estende em terra,  
Outro deixa dos dentes de farnado:  
Tal como aos Philiteos fez dura guerra,  
Sò da queixada o moço Hebreo armado,  
Ou como quando Alcides impaciente  
Os Centauros matou co lenho ardente,

LXXXIII.

Tal iroso ó guerreiro o duro effeito  
Do lenho fez sentir, a quem o braço,  
Aquem cabeça rompe, aquem o peito  
E bem romper pudera hum monte de aço  
Titonia de ira chea, & de despeito  
Vendo tanto destroço em breue espaço,  
E dos seus o temor, & vil fraqueza  
Acode á reprehensão, como á defeza.

LXXXV.

Entra a tempo que o fero moço de alto  
Comecava a descer hum golpe horrendo;  
Mas chegando da doce vista o assalto,  
Para o lenho, que vinha o ar fendendo:  
E moudo a respeito de ira fulto,  
O remo pouco a pouco foy descendo:  
Tal como a não, aquem o vento acalma,  
Velas afloxa, & fica polta em calma,



LXXXVI.

Ella tambem ao cortès acto pára,  
 Da offensa, do rigor, da ira esquecida,  
 E no valor, & gentil ser repara,  
 De admiração, & lastima mouida.  
 Compasiua amor na alma lhe prepara.  
 Hũa paixão, mal della inda entendida,  
 E no compasso que elle desce o remo,  
 O arco afroxa aparrádo hũ de outro extremo.

LXXXVII.

Absortos como em extrasi ficaraõ, ]  
 A vista suspendendo os mais sentidos,  
 Por quem em tanto as almas se trataraõ,  
 Mandando penlamentos encendidos:  
 Logo incautos suspiros se arrancaraõ,  
 De hũa noua amorosa dor nascidos,  
 Iá procura o desejo declarar-se,  
 Iá torna por respeito a retirar-se.

LXXXVIII.

Falar-se algũas vèzes cometeraõ,  
 Porem os idiomas differentes  
 Os conceitos na lingua escoreceraõ,  
 Se bem na turbação ficão patentés:  
 O que as confusas linguas não puderaõ,  
 Suprição nil affectos, & accidentes,  
 E os olhos lingoas da alma declarauaõ  
 As anhas que nos peitos se encerrauaõ.

LXXXIX.

Neste tempo chegou a seca area  
 Hum moço marinheiro, a quem a sorte  
 Entre tantos liurou da morte fea,  
 Posto que inda nas mãos vinha da morte.  
 A gente estranha vendo se recca,  
 Porem considerando o passo forte  
 Que atras lhe fica, se conforta, & animá.  
 E qualquer grande mal, menor estima.

Na incerteza de calo tão estreito  
Offerecido a quanto está temendo,  
Pos em Titonia os olhos, cujo aspecto  
Real, piedade estava prometendo:  
O temor convertendo já em respeito,  
Humilde ante ella chega assi dizendo:  
Emparai, graõ senhora, hum affligido,  
Do mar, & da fortuna perseguido.

LXXXI.

Que essa rara belleza, & magestade  
Bem mostra ser dos Deoses procedida;  
E se diuina sois, tende piedade,  
Lã nos diuinos peitos produzida.  
Assi rogam aquelle, que a vaidade  
Gentilica seguira toda a vida,  
Chegando se a Titonia, que não muda,  
Os olhos de Garcia atenta, & muda.

LXXXII.

Era este em nação Chi, & nauégando  
O mar da India, a Garcia foi seruindo,  
Ella como de hum sonho despertando,  
O natiuo falar da China ouvindo,  
Aquella parte inclina o rosto brando,  
Novas alterações na alma sentindo,  
E com paluras cheas de brandura  
O favorece, anima, & o segura.

LXXXIII.

Alegre com ter já tão certo meyo  
Para entender o que a alma pretendia,  
O naufragio pergunta, & por rodeyo  
Fortuna, & qualidade de Garcia:  
Elle ( perdido entãõ todo o receyo )  
Dando lhe inretra conta, lhe acendia  
Mais o fogo, louuando a fortaleza,  
Gentis costumes, partes, & nobreza.

Nãquelle mefimo ponto maniatados  
 Lhe trouxeraõ os outros caualleiros;  
 Sofrer naõ pode velos maltratados,  
 Porque erãõ de Garcia companheiros:  
 Soltar os manda, & forãõ castigados;  
 Coui asperas palauaras os mouteiros,  
 Semindolhês de pena, & de efcarmenro  
 O em que cuydaraõ ter merecimento.

LXXXV.

Vendose os naufragantes se alegraraõ  
 No que daua lugar a pena graue,  
 Lagrimas juntamente derramaraõ,  
 Que o cherar em tais casos he fuaue.  
 Os olhos de Titonia os ajudaraõ,  
 Que urdena amor que já com pranto laue  
 E abrande o peito, que lhe tem quebradas  
 As frechas com mais arte temperadas.

LXXXVI.

De alli para huã magnifico edificio,  
 Que no cume do monte apparecia,  
 Cuydado a leua de piedoso hofpicio;  
 E reparo dos danos de Garcia:  
 Delle os olhos naõ tira dando indicio  
 Do fogo, que encubrir já naõ podia:  
 Mas quem o fogo efconderã no peito,  
 Que onãõ descubra logo o ardente effeito.

LXXXVII.

Guiando em tanto a armada o Ceo amigo,  
 Chega da grãõ Samatra a ver a terra,  
 Logo entra de Pedir no porto antigo  
 Ao fõm do efcrondo, & mufica de guerra.  
 E porque pelo rio fem perigo,  
 Pela efcriteza, & baixos, que em fi encerra;  
 Nunca lenhos taõ grollos nauegaraõ  
 Junto da barra ao mar ferro deitaraõ.

*Malaca conquistada*

LXXXVIII.

Foy o barbaro Rey logo auisado  
Da Portugueza armada, que o estandarte  
Se mostra solto ao vento matizado  
Das armas, que IESV com Luso parte:  
E ap' nas ferro tinha ao fundo dada,  
Quando chegaõ á nao do Christão Marce  
Seis mouros numa lanca bem remada,  
De ricos paramentos adornada.

LXXXIX.

Hum delles, que os mais tratão com respeito,  
E autorizaõ as cãs, & qualidade,  
Lhe diz: saluete o Ceo, varão perfeito,  
Que honra, & gloria te fez da nossa idade:  
Meu Rey, a que este reyno está sogeito,  
Te off recee hũa amiga, & sã vontade,  
Que já a teu Rey offerecer mandara,  
Quando outro capitaõ aqui hospedara.

LL.

Por tanto se te faltão mantimentos,  
Inuisto capitaõ. na tua armada,  
Ou se pelo furor de mar, & ventos  
Vem de vellas, ou xarcia destroçada:  
Pede, que os seus não são vãos cumprimentos,  
Verdades si, de hũa alma afeiçoada  
A Fama das virtudes, que florecem  
Em teu Rey, & ás que tanto te engrandecẽ.

LLI

Com rosto alegre, posto que seutro,  
Responde Afonso ao mensageiro amigo:  
Merecer a teu Rey seruindoo espero  
Fauores, & merces, que vsa comigo:  
E por meu Rey, (que grato considero  
A tanto amor) hojetambem me obrigo,  
Distancia não fara, que estreitamente  
Não ame o Rey do Occaso ao Rey do Oriete,

—Com

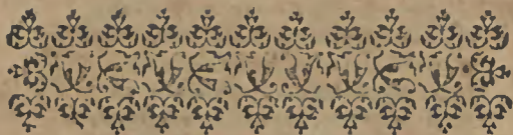
Com estes hui do Luso bando veyô,  
 Que a mensagem real acompanhaua,  
 Aquem o Rey mandou para ser meyo  
 De confirmar a paz que desejava,  
 Que já naquellas partes com receyo  
 Que fosse a forte armadã se esperava,  
 A tomar em Malaca contra estreita  
 Da traição grande a Portugueses feita.

LLIII.

Este abraçando os pés ao valeroso  
 Afonso, que o levanta, lhe dizia  
 Com lagrimas, que o gosto generoso  
 Por seus olhos gozosos despendia:  
 Bem parece que Ceo, varão famoso,  
 Onde mais necessario sois, vos guia,  
 E que tem para vos tambem guardadas  
 As empresas mais arduas, & arriscadas,

LLIIII.

Causa no capitão novos cuydados,  
 O Portugues, em quem se estão mostrando  
 Varios effeitos dalma deriuados  
 Que o sentimento está representando:  
 E em quanto os mouros andão enleuados,  
 Tanto aparato bellico notando,  
 Contame ( disse ) amigo teus successos,  
 E os que a fortuna y sou contigo excessos.



# LIVRO III.

## ARGUMENTO.

**V**iegas conta a Afonso extensamente  
As traições, que em Malaca o Rey tyrãdo  
Yson contra Sequeira, cuja gente  
Matara, & caruara com engano:  
Como Alaida ( que o fogo de amor sente )  
Jurallos injentou de tanto dano,  
E fugitina algũs leua consigo,  
A que o Rey de Pedir se mostra amigo.

### I.

**O**r ver o Português estranhõ cõrrẽ  
Com aluoroço a Lusitana gente,  
Em quãto cõ a lêbrãça elle discorre;  
Pelos successos q̃ indã na alma sente:  
E depois que o passado alli lhe ocorre,  
E tudõ na memoria tem presente,  
Mouendo a compãixãõ, & sentimento,  
Suspirando assi a voz soltõu ao vento.  
Mandaismẽ

## II.

Mandáisme referir, Afonso inuictô,  
 Aquella triste, & lastimosa historia,  
 Em que fui tanta parte? teme o espirito  
 Entrar na antiga dor, teme a memoria:  
 Mas despois que nos males me exercito,  
 Sò deste conseguir espero gloria,  
 Que bem que a pena amara resuscita,  
 Obedeceruos, tudo facilita.

## III.

Desejoso de gloria companheiro  
 Já fui de Diogo Lopez de Sequeira,  
 Deixei a patria amada aventureiro,  
 O mar passei, seguindo sua bandeira:  
 Hoje que sou infausto mensageiro  
 De fortuna cruel, a verdadeira  
 Relação dos successos lastimosos  
 Em meus accentos ouuireis queixosos.

## IIII.

Com viagem prolixa, & trabalhosa  
 E inclemencia do tempo, & mar chegamos  
 A opulenta Malaca, que famosa  
 Póde ser por treições, que experimentamos;  
 Nella gente inhumana, & cubiçosa,  
 Rey que não guarda se, nem ley achamos,  
 Este nos recebeo brando no aspeito,  
 Se bem Diomedes no fingido peito.

## V.

Ou que no coração odio escondido  
 Tiuesse ao Christão nome o Rey' evrân?  
 Ou de maos conselheiros persuadido  
 De nouo se inclinasse a nosso dano:  
 Viose que o que mostrava, era fingido;  
 Quando se descobrio seu fero engano  
 No dia para nó tão miserando,  
 Cuya memoria agora estou chorando;



*Malacá conquistada*

VI.

A primeira pessoa no governo,  
E priuança do Rey era o Bendara,  
Magistrado supremo, mas o Inferno  
Cifrado no seu peito o Momo achará.  
A fraude, a ingratitude no mais interno,  
Inveja, odio, ambição, que nunca para,  
E a soberba na fronte declarada,  
Porquẽ não pôde estar dissimulada.

VII.

Este dos Guzarates sobornado,  
E mais nações com trato cauteloso,  
Não faltando tambem o odio herdado  
No seu perfido peito cobiçoso:  
Pos (cego do interesse seu cuydado)  
Em fazer o comercio nosso odioso,  
E como siga ao mao seu semelhante,  
Foy co tyrano Rey pouco bastante.

VIII.

Com traças paleadas dilatauão  
Nossa partida, & de hũa, & de outra sorte  
Disfarçando malicias procurauão  
Achar occasião de nossa morte:  
Porem traidores fracos não ousauão  
A força exprimentar da gente forte  
Que pelas nossas naos se descobria,  
E o espantoso rigor da arcelharia.

IX.

Era do Rey o principal intento  
Que o capitaõ pufesse os pès em terra,  
E dandolhe a seu saluo fim violento  
Abrasar nossas naos com facil guerra:  
Por conseguir o iniquo pensamento,  
Que dentro na alma indignamente encerra  
O convida com mostras enganosas  
De Thiestes às mefas sanguinosas.

## X.

Pará o mortál conuítte fabricaraõ  
 Capaz de grande numero de gente,  
 Cenaculo espaçoso que adornaraõ  
 Quantas se achãõ delicias no Oriente.  
 Ia se chegaua o tempo, em que cuydaraõ  
 O tragico fim nosso ver presente,  
 Para o que estauãõ todos auisados,  
 E nõs do occulto dãõ descuydados.

## XI.

O fim de todos fora aquelle dia,  
 Que o banquetè infiel se celebrã  
 Se o Ceo que o bem, & o mal do mundo via,  
 Velando sobre nõs naõ lho estoruara:  
 Amor o meyo foy, que na alma cria  
 Hum ardente desejo, que naõ para  
 De procurar o bem da cousa amada,  
 Os grandes riscos estimando em nada.

## XII.

Foy mensageiro visto na cidade  
 Teixeira caualleiro bem desposto.  
 Em quem florece com a flor da idade  
 Gentileza robusta em bello rosto.  
 As graças juvenis, a liberdade  
 Hũa pagã donzella rende, o gosto  
 De tudo o mais perdendo, & se sustentã  
 Em lembranças, que amor lhe representã.

## XIII.

Qual a amante de Minos passa o dia  
 Nas janellas de hũa alta torre, donde  
 No mar a nossa armada descobria,  
 E a não que o suspirado bem lhe esconde:  
 De alli brandos amores lhe dezia  
 E por elle ( enganandose ) responde,  
 Como se lhe tiuera descuberto  
 O fogo, que em seu peito arde encuberto.

Que

Malaca conquistada

XIII.

Que é tempo breue, & feminino pejo  
Só deu lugar ao mal a que obedece:  
Ficou secreta amante onde o desejo  
Possiveis, & impossiveis lhe offerece.  
Soube do fero intento neste ensejo  
Roto o segredo, & nouo mal padece,  
Amante temerosa não sossega,  
Que começando a amar a temer chega.

XV.

O querid o mancebo imaginando  
No duro ponto de perder a vida,  
O cego Amor, que adora, consultando  
No receyo mayor fica atreuida:  
Hum meyo entre outros muytos aprouando,  
Iá de todo a valer lhe ofrecida,  
Pela noite esperando não descança  
para chegar a effeito esta esperança.

XVI.

Qual de Pasiphê a filha vendo perto  
Do perigo a Theseo, geme, & suspira,  
Atè lhe poder dar remedio certo,  
Que da biforme fera oprima a ira:  
Tal do certo perigo inda encuberto  
Aliurar tenrra amante o amado aspira,  
E como Amer do fraco faça forte;  
Perigos de festima, vida, & morte,

XVII.

Quasi era a nonté então noctur no dia,  
Perque a luz daua o Sol a toda a Lua;  
Da Christã frota barcos sair via,  
Que sempre a faz velar pena tão crua:  
Cre que rãrra algum d'elles tomaria,  
E como já a vontade não he sua,  
Porto abre pouco frequentada,  
Chega à praya, de amor acompanhada.

## XVIII.

Alli parou suspensa, & duvidosa  
 Das nossas naos á vista, & mar nõ meyo,  
 E chamando a Fortuna rigurosa,  
 Já padece á que ou sou, nouo receyo:  
 Mas do Ceo previdencia milagrosa,  
 Me leuou a tiralla deste enleo  
 Num batel dos que o mar correr mandau  
 Sequeira que dos mourós não fiaua.

## XIX.

Como de Cynthia a luz entrão mais purã  
 Lhe desse a conhêcer batejs, & gente,  
 Que da noute rompendo a treua escura  
 Descia para as portas do Occidente:  
 Com delicada voz pouco segura,  
 Como quem do que esperã temor sente,  
 Nos brada, & roga que chegar queiramos,  
 E dentro nõ batel a recolhamos.

## XX.

Eu comouido de seu rogò brando;  
 E de entender o caso deseioso  
 Põr do batel a proa em terra mando;  
 E a recolho apressado, & recenso:  
 Na popa ella se assenta, & suspirandõ  
 Manifestou com rosto lagrimoso  
 O amor, que por mil riscos atrouxera  
 A dar a vida aquem lhe a morte dera

## XXI.

E prossequindo desdo pensamento  
 Primeiro, que o Rey reue em nosso dano,  
 Aconselhado pelo fraudulento  
 Bendára, que a priuança fez tyrano;  
 Parou naquelle fim sanguinolento,  
 Que em banquete real, mas inhumano  
 Nos esperaua áquelles, a que em sorte  
 Tocasse ir com Sequeira á certa morte.

Depois

Malaca conquistada

XXII.

Depois que a grãõ traiçãõ, como lhe ordena  
Amor, que a governava, nos anisa,  
Manifestando da alma a vinda pena,  
Que com lagrimas tenras solenisa:  
A mão me aperta, & diz: Pela serena  
Luz, que nos vé que o primeiro orbe pisa;  
Que este serviço que vos tenho feito,  
Ao dono relateis que está em meu peito.

XXIII.

Os finais vos darei, que na alma escritos  
Os têm com fogo amor: he destatura  
Bem formado, com dotes infinitos  
De graça, auiso, esforço, & fermosura:  
Mil de seus olhos lança amor e spritos  
Que a liberdade roubaõ mais segura,  
E a mi me tem tão cega, & tão perdida,  
Que arrisco a honra, desistimo a vida.

XXIII.

Seu rosto por quem: penas entesouro,  
Aluo, & corado, ao Sol fermoso afronta,  
E agora pelas faces de cor de ouro  
A barba, ornato varonil lhe aponta;  
He de rubijs, & perolas thesouro  
A bella boca; mas ociosa conta  
vos dou: elle a embaxada do Rey vósso  
Trouxe para meu mal ao Sultão nosso.

XXV.

E porque já amorosa maravilha  
Em mi desfez o mulheril recato,  
Alaida de Sultão Soleimão filha  
Sou, irmão deste Rey com vosco ingrato:  
Do nosso antigo sangue a rica ilha  
De láoa se honra, mas de amor o trato  
Honra, nobreza, & nome hoje atropella,  
E meus excessos este excesso sella.

E como

## XXVI.

E como aqui cheguei, tambem chegara  
 Onde adorando assiste o pensamento;  
 E serua, como amante ser prezara,  
 Adoçando sua vista meu tormento:  
 Se o temor, que fê tanta desprezara,  
 A tanto ouzar não fora impedimento,  
 Na patria (pode ser) presa a vontade,  
 Não tera para amarme liberdade.

## XXVII.

Más pois me foi tão prospera a ventura,  
 Que auilarnos me deixa o occulto dano;  
 Tornar-me quero em quanto me assegura  
 E cobre a capa do nocturno engano:  
 Que já mea escondida a bella, & para  
 Irmã do sol se banha no Oceano,  
 E o Deos do sono a todos tem rendidos  
 Agora os lássos membros, & lentidos.

## XXVIII.

Assi dissei & no fim, do peito ardente  
 Apressados suspiros deu aos ventos.  
 Eu mostrandome grato, brandamente  
 Auaro lhe não fui de offrecimentos:  
 Dos quais ella mostrandose contente,  
 Mil de nouo me fez promettimentos,  
 E mais não dilatando sua partida,  
 Foy tambem lagrimosa a despedida.

## XXIX.

Desprezando eu então todo o perigo  
 A fraqueza deix-a ir sò julgando.  
 Leuei dos companheiros tres comigo,  
 Com que seguindoa fuy, & acompanhando:  
 As sombras tomei sempre por abrigo,  
 Por onde ella guiaua atranessando:  
 Deixandoa recolhida, nos tornamos  
 A onde esperando os do batel deixamos.

Malaca conquistada

XXX.

Mando logo ferir cos remos duros  
O liquido elemento aos remadores,  
Nas ondas levantando crystais peros,  
Sobresaltando os mudos nadadores:  
Já chegadas á não, quão mal seguros  
Eraõ do Rey os tratos, & fauores  
Ao cuy ladofo capitaõ dillemos  
De Alaida referindo amor, & extremos.

XXXI.

Elle como aconsegue ao caminhante  
Por errado caminho em noute escura  
Vendo alto precipicio, adonde errante  
A morrer o guiaua a sorte dura:  
Tal suspenso ficou, & vacillante  
Em quanto o breue sobresalto dura,  
Posto que seu valor grande encobria  
O temor do perigo em que se via.

XXXII.

Já das nociuas honras auisado  
No teatro mortal apercebidas  
Antes do infausito dia assinalado  
Para tragico fim de nossas vidas.  
Mensageiro mandou indultriado  
Em palauras corteses, & fingidas,  
Com que escusarse pod: e o tyrano,  
E atalhar por então o mortal dano.

XXXIII.

Assi da morte liure foy Seqleira  
Mercede de amor, & de seu brando affeito,  
Porém com mais cautela que a primeira  
Noua traicaõ escondeo regio peito:  
Gente mandou com mostra lisongeira  
Que tiuesse com nosco trato estreito,  
Com refrescos da terra convidando,  
Lhuas cousas vendendo, outras comprando.

Até



## XXXIIII.

Atê que já chegado o triste dia

Que presente hoje choro na lembrança  
Em que o Rey enganoso pretendia  
O duro fim da perfida esperança:  
O grão cuydado não valeo que auia,  
Nem de tanta vigia a segurança.  
Ou nos segou entãõ Deos os sentidos,  
Póde ser por peccados cometidos.

## XXXV.

Decreto era fatal que não faltaraõ

Auisos nas treisoês que precederaõ,  
Bem como quando a Troya não bastaraõ  
As vozes, que Laocoon, & Capis deraõ.  
Os defensiuos muros derribaraõ,  
E a maquiua enganosa recolheraõ,  
Os seus cidadãos mesmos enganados,  
Porque estaua ordenado pelos fados.

## XXXVI.

De nouo o capitaõ recado teue

Do impio Rey que receber mandasse  
De cravo mil quintais, que em tempo brêue  
Mandaua que em tres partes se entregasse:  
Antes que às nações varias que detue  
Vindas primeiro alli que nós chegasse,  
Este grande fauor, que nos fazia,  
Que ouir queixumes escusar queria.

## XXXVII.

Que por ley não violada, & por costame,

Despachaua conforme a antiguidade,  
Pretendendo imitar o diurno lume,  
Que dá igualmente a todos claridade.  
O mensageiro o engano pos no cume  
Mostrando mestre ser de falsidade,  
Que tanto nelle á fraude se encerrana,  
Que ao perfido Sinon atras deixaua.

*Malaca conquistada*

XXXVIII.

Foy o difficil caso em vossos posto,  
De todos aprouado por seguro:  
Mostrando muitos de ir a terra gosto:  
Que não olha a cobiça o mal futuro:  
E o mesmo capitão com ledo rosto,  
Não bem considerando o caso duro,  
A Araujo mandou que se aprestasse,  
E gente linalou que o acompanhasse.

XXXIX.

Solicitos algũs, já trabalhavaõ  
Por estar bem de tudo aperecebidos  
Para o seguinte dia, em que esperavaõ  
Ver fruto de trabalhos taõ compridos:  
Outros juntos em roda praticavaõ  
Nos perfidos recados entendidos  
Tão mal de noi, em fim por varios modos  
Alueroço gèral se via em todos.

XXXX.

Huntse varão sciente em casos varios,  
Que este julgava com juizo experto,  
Gratou zeloso: Como temerarios  
Correis com pressa tanta, a mal taõ certo?  
Atalhai a malicia dos contrarios,  
Fugi da perdição, que tendes perto,  
Que não pretendem mais, que diuidirnos,  
E co a fraqueza propria destruirnos.

XXXXI.

Necessidade hum Rey tem de artificio,  
Sendo seu gosto ley? eu o não creio,  
Temei o mauro engano, de que indicio  
Temos taõ claro, & com razao reccyo:  
Indo assi profeguindo em beneficio  
De nossas vidas, em mão ponto veyo  
Quem vãmente atalhou as proueitosas  
Razões com vijs palauras afrontosas.

XXXII.

Era este hum criminoso deslinguado  
 Que em vijs façanhas despendia a idade,  
 A roubas. & homicidios inclinado,  
 Vaio de ira, furor, temeridade:  
 E como da cobiça era leuado,  
 Cuydaua, pondo os pès na aurea cidade  
 A grão sede farcar a que logeito  
 Desdos primeiros annos tinha o peito.

XXXIII.

Abrindo estaua as portas do Oriente  
 Do louro Apollo a bella precursora,  
 Quando a amada com animo innocente  
 Deixamos, o cruel, ô infeliz horal  
 Chegando à injusta terra, juntramente  
 Salta cada hum de nos dos batéis fora  
 Indo com aluoroço (ô triste sorte)  
 Hús à dura prisão, ontros à morte.

XXXIIIr.

Neste tempo da terra para a armada  
 Balões, & calaluzes cruzar vimos  
 Com gente para o caso concertada;  
 Segundo o effeito, que despois sentimos:  
 Mas como o peito leal não teme nada,  
 Ser da gente ordinaria preluminos,  
 Que mais continua a armada visitaua,  
 Logo que o Sol nascendo se mostraua.

XXXV.

A gente que entenderão ser bastante  
 Foy pelas naos da armada repartida,  
 Porque a certo final num melmo instante  
 Perdesse o capitão, & os mais a vida?  
 No proprio tempo em terra vigilante  
 O Bendara com tropa aperecebida  
 Aguardaua o final tambem preciso,  
 Para dar em nos outros de improuiso.

E

Tres

Tres legoas de Malaca hum promontorio  
 Se lança pelo mar ao Ceo erguido,  
 Sinal á gente nauta perentorio,  
 Que lá donde o Sol nasce tem faido;  
 Alli antiga fama faz notorio  
 Estar com duros montes oprimido  
 Hum dos que contra o Ceo moueraõ guerrã,  
 Soberbo filho da abatida terra,

XXVII.

Detrás de cuja altura aperceberãõ  
 Aquelles dias numerosa armadã  
 De nauios de remo, que prouerãõ  
 De gente bellicosa & arriscada:  
 Aquem por inuiolauel ordem derãõ  
 Que ao final de hũa peça disparada  
 Em demanda das nossas naos partilhem,  
 Porque num tempo em terra, & mar ferissem

XXXVIII.

Nõs não temendo engano diuididos  
 Aos tres lugares fomos que singiraõ  
 Ter as prezadas drogas, porque vnidos  
 Nunca seu duro intento conseguiraõ:  
 E em vão o temi, já quando meridos  
 Nos vi pela cidade, & quando abrirãõ  
 Hum compido alinazem que aluoroçar se  
 Vi muytos, & em carceres ajuntar se.

XXXIX.

No fim da grande casa nos mostrarãõ  
 Caydo trazido alli para este intento  
 A flor ardente, & pezos prepararãõ  
 Por disfraçar melhor seu pensamento:  
 Com pouca occasiãõ que procurarãõ,  
 Descobritaõ seu fim languinolento,  
 E nos deraõ do mal ja tarde auiso,  
 Mil erizes, mil catanas de improuiso.

L.

Este impeto primeiro resistimos  
 Mostrando vender caras nossas vidas,  
 E até a porta caminho largo abrimos  
 Pelas opostas armas homicidas:  
 Brevemente cuberta a terra vimos  
 Do sangue, que corria das feridas,  
 E os primeiros que o crime cometerão,  
 Lugar de arrependerse não tiveram.

LI.

O transito da porta a que chegamos  
 Escolhemos então por sitio forte,  
 E algũs sobre os de dentro nos voltamos,  
 E tomou por nós d. Iles posse a morte:  
 Já seguras as costas sustentamos  
 A custa de infinito sangue a sorte  
 Grão tempo igual no desigual partido  
 O valor a Fortuna não rendido.

LII.

Alli foi a contenda braua, & fera  
 Com pertinacia, & mór furor trauada:  
 Por entrar o inimigo perseuera,  
 Firmes nós outros defendendo a entrada.  
 Porem em vão a resistencia era  
 Já contra multidão tanta indignada,  
 Que no mesmo lugar donde hum caia,  
 Elquadra numerosa succedia.

LIII.

Bem como contra o forte Alcides quando  
 Cortava hũa cabeça da Lerneã  
 Duas lhe renascião vultando  
 De horriuel vista, & catadura fea:  
 Ou como as tempestuosas ondas dando  
 Em áspero penedo, ou firme arca,  
 Que se estão rebatidas desfazendo,  
 Quando outras, & outras vem já cometendo:

Ea

Gastada

Gastada era do dia a mayor parte,  
 E estava inda em seu ponto o duro assalto,  
 Porem se sustentava o furor Marte,  
 De forças cada qual estava fulto:  
 Com as forças tambem saltava a arte,  
 Quando rumor ouviuos no mais alto  
 Da casa, cujo teito aberto vimos,  
 E chouer sobre nós tiros sentimos.

## LV.

Araujo vibrando á espada forte  
 Dizendo assi á morrer nos animava:  
 Fama immortal aqui offerece a sorte  
 Aquem honrosa fama só buscaua:  
 Aqui tambem nos abre passo a morte  
 A eterna vida, se a mortal agrava,  
 Morrendo pois por Deos, a Deos tornemos  
 Estas vidas que delle recebemos.

## LVI.

A ssi dizia, & sobre nós deciaõ  
 Frechas, dardos, & os gritos se aumentavaõ,  
 Os feros inimigos recreciaõ,  
 As feridas em nós se acrescentavaõ:  
 Os braços aquem forças faleciaõ,  
 As espadas com mais vagar mandavaõ,  
 E algũs o nome eterno repetindo,  
 Se estavaõ já da vida de spidindo.

## LVII.

Mortos algũs, & os mais todos feridos,  
 De sangue fultos, de cansaço cheos,  
 Os inimigos brauos, & arreuidos,  
 Com nosco entraraõ de temor alheos  
 Ficaraõ coa victoria, nós rendidos,  
 Cercados de armas, & mortais reccos,  
 E a sentir começamos os rigotes  
 De cruéis inimigos vencedores.

## LVIII.

No tempo que o furor com que em nós deraõ  
 Aduertidos nos fez de nosso engano,  
 Os outros companheiros receberaõ  
 Nas mais partes o mesmo delengano:  
 E até a algũs que em fugida se puseraõ  
 Alcançou, por ser mais ligeiro o dano,  
 Outros ao mar chegaraõ, mas cubertos  
 De pò, sangue, & suor, da vida incertos.

## LIX.

De Alberto que na praya catiuaraõ  
 Com dez feridas na prisaõ soubemos  
 Como à sua vista os perfidos v'saraõ  
 De crueldades, barbaros extremos:  
 Chegou Serrão a tempo que o saluaraõ  
 Num batel nosso que batendo os remos  
 Da terra se alargava perseguido  
 Dos inimigos de quem foi seguido.

## LX.

Neste ponto que em terra sò se ouuia  
 Rumor, & fero estrepito de Marre,  
 E a morte enuolta em sangue apareci a  
 Da inimiga cidade em toda a parte:  
 Não menos confusaõ na armada auia,  
 Que os falsos inimigos, que com arte  
 Aquella manhã tinhaõ nella entrado  
 Se auião já por tais beni declarado.

## LXI.

Naquelle trabalhoso ponto esteue  
 Sequeira perro de perder a vida:  
 Porque do Vtimuraja o filho teue  
 Para o ferir adaga apercebida:  
 Mas algum puro espirito deteue  
 A dura mão, & ferro do homicida,  
 Ou animo faltou, que na empresa alta  
 Em baixos peitos muytas vezes falta.



Era dá Iãoa o fero Viimuraxa

Humem, que pelo trato, & mercancia  
 Leuantan. Iose foy de estirpe baxa,  
 E miserá pobreza, em que viuia:  
 Hoje rico á soberba não póem taxá,  
 Do Rey o fauorece a tyrania,  
 E acreditado por prudente, & velho  
 Hum dos que votaõ he no seu conselho;

LXIII.

Hum dos nautás, que nã alta gauea estaua,  
 Como ferir na praya es nossos viffe,  
 E que nas outras naos já a morte andaua,  
 Treiçaõ, treiçaõ, senhõr, gritando disse,  
 Sequeira o engano fero não cuidaua,  
 Mas como as vezes, & o rumor sentisse,  
 Com desdem generoso se leuanta,  
 E o cauto inimigo sobrefalta, & espanta:

LXIII.

Conheceraõ seu trato de seuberto

Os pagãos, & de hum frio temor cheos,  
 Buscauão, imaginando á morte perto,  
 Da vil fugida os afrontosos meos:  
 Tambem escolhem no perigo certo  
 No mesmo ponto de valor alheos  
 Os mais nas outras naos, para saluar se  
 Voar sem azas, & aos batêis lançar se.

LXV.

Como acõtece á plebe junta, quando  
 Por festa os não domados touros correm,  
 Sac o fero animal, & vão gritando,  
 E por fugir, aqui, & alli concorrem:  
 Liure todos a praça em fim deixando,  
 Das seguras guaridas se socorrem:  
 Taes elles das naos saltão sem mais guerrã;  
 E os remos batem, por chegar a terra.

Liure

## LXVI.

Liurê Sêquêira (bem que affaz turbadô)  
 Do enganoso, & atrenido pensamento  
 Eis vê da armada imiga o mar coalhado;  
 Que a demandar o vinha em popa o ventô,  
 Vio que Serraô tambem vinha acossado  
 De inimigos calaluzes, & o violento  
 Estrondo na alterada terra ouuia,  
 Que mais cada momento, & mais crescia.

## LXVII.

Manda nos batêis logo embarcâr gente,  
 Que socorra a Serraô, & em terra enuistâ,  
 E co valor que pede o mal presente,  
 A furia, & rigor barbaro resista:  
 Até salvar algûs, que dain solente  
 Turba fugindo, pelejando â vista  
 Da armada andauão, dilatando a morte,  
 Ou da prisão a miserauel sorte.

## LXVIII.

E como no perigo repentino  
 O costumado acordo não falece,  
 Inuocando com fê o fauor diuino,  
 Rosto â Fortuna faz, que se offerece:  
 Manda ancoras leuar, intento dino  
 Do heroico peito, que em valor florece;  
 E contra a numerosa armada moue,  
 Porque de ira tão justa o rigor prouê.

## LXIX.

Em brêue a tiro de canhão chêgando;  
 O estrondo conie çou fero, & tremendô;  
 Mortes a artilharia vomitando,  
 Que inuisiueis os arês vaõ rompendo:  
 Sobem nuuens de fumo, o ar turbando;  
 E a clarâ luz do Sol escurecendo;  
 A confusão medonha se acrescenta,  
 Que alli á do eterno escuro representa.

Ouvê-se mil gemidos lastimosos  
 Dos que miseramente pereciaõ,  
 Dos lenhos os encontros rigurosos,  
 Que enuestindo hũs cos outros se rompiaõ:  
 Mji vulcões fulminantes, & espantosos  
 Por entre o negro fumo appareciaõ:  
 Bem como quando Iupiter irado  
 Com feros rayos fende o ar turbado.

## LXXI.

No rigor duro da batalha o Vento  
 Levanta o fumo, descobrindo o estrago  
 Do inimigo, & o Sol sanguinolento  
 Vê, & de mortos cuberto e inmenso lago.  
 Succede logo ao mouro atreuimento  
 Cobardia, & temor, com justo pago,  
 Do conflito fugindo se apartaraõ  
 Os que soberbos no conflito entraraõ.

## LXXII.

Dão fogo logo, mas com vão effeito  
 Na terra ã artilharia muyta, & grossa,  
 Que pouco lhe valera, se respeito  
 Sequeira não tiuera ã prisão nossa:  
 Refreathe o furor, & ira no peito  
 Entender que alcançar aos presos possa  
 Por pacíficos meyoys liberdade,  
 E adotar ferro torna ante a cidade.

## LXXIII.

Então já no Occidente a luz Phebea  
 Fim com o dia a tantos males daua,  
 E em seu lugar da noute a sombra fea,  
 Por occultar as cousas se apressaua:  
 Em nossa armada toda de dor chea  
 A perda dos amigos se choraua,  
 E em terra se ouuem gritos, & aláridos  
 Polas mortes de irmãos, filhos, maridos.

## LXXIII.

Páffou à noute, deu auiso a Aurora  
 Que vinha o nouo dia, quando logo  
 O capitaõ, que os companheiros chorã,  
 Manda os viuos pedir com brando rogo,  
 Más o Rey, em quem arde sempre, & mora  
 De hum odio contumaz o infernal fogo,  
 Aos rogos, & propollas magoadas  
 Satisfez com escusas concertadas.

## LXXV.

Des que algús dias despendeo Sequeira  
 Em recados continuo, mas sem fruto,  
 Conforme a reposta vltima a primeira  
 Ordem. & traças do Bendâra altuto:  
 Da infausta, & iniquíssima ribeira  
 ( Bem que em suspiros dando ao ar tributo )  
 Partio, vendo que o tempo em vão gastaua,  
 E que a monção de nauegar passaua.

## LXXVI.

Hum Malayo no tempo da partida  
 Funesto nuncio da futura guerra  
 Traspassada a cabeça de homicidã  
 Frecha, deixou num barco junto a terra  
 Este preso ficou, quando sem vida  
 Ficaráo tantos, & na mão lhe encerra  
 Carta, que ao Rey injusto declaraua  
 Que em nossas vidas seu remedio ettaua.

## LXXVII.

Dêu logo ao vento as vellas, nós ficamos  
 Com Araujo trinta, & seis catiuos,  
 Donde esquiua fortuna exprimentamos  
 No discurso de males excessiuos:  
 Que fomes, que tormentos não passamos?  
 Que injurias de inimigos vingatiuos  
 Carregados de graues prisões duras  
 Em másmorras asperrimas, & escuras?

Considerai

Considerai os males que fojeito

Em Egypto sentio de Deos o pouo;  
E quanto de Aureliano o duro peito  
Obrou de Christaõ sangue estrago nouo:  
E sabeí que naõ foy menos estreito  
O trance porque a lagrimas me mouo,  
Que da alma lastimada inda a memoria  
As tira, renouando a triste historia.

Inventarãõ mil traças enganosas,

Para nós apartar do culto santo;  
Iá com brandas promeßas pouco honrosas;  
Iá da morte ameaçando o graue espanto:  
Em fim forças vßando rigurosas,  
A ferina maldade chega a tanto,  
Que em algũs aquem pés, & mãos ataraõ;  
Sanguineo rito á força executaraõ.

Mais auante passara o que soffremos

Se neste tempo nos crucis autores,  
Do riguroso mal, que padecemos  
Naõ causara a ambição grandes erros,  
O Bendára, & o Beguea a taes extremos  
De maldade chegaraõ, que traydores  
Dar a seu Rey a morte pretenderaõ.  
E do reyno tyranos ser quíseraõ

Mas como o Ceo naõ sofre maos intentos;

Foi a treição infame descuberta:  
O Bendára seus tratos fraudulentos,  
Pagou coa morte, pena justa, & certa:  
Deu fugindo o Beguea vella aos ventos.  
Encomendãde se á Fortuna incerta,  
E co Rey de Pacem viuẽ seguro;  
Que lhe foi na fugida asylo, & muro.

## LXXXII.

Quem neste começar vira a vingança,  
 E junta a vossas glorias esta gloria,  
 Que como autor do mal, certa esperanças  
 Dera principio tal de alta victoria  
 E já mal, o culpado Rey, de scança,  
 Que tendo a culpa vira na memoria  
 Teme a pena, & conuoca valedores,  
 Para se assegurar de seus temores.

## LXXXIII.

Nós outros pois, neste infelice estado  
 Arrastando as prisoões cheguei hum dia  
 Ao pé de hũa alta torre, onde assentado,  
 Por descansar chorei o em que me via:  
 Dei suspiros, dei ays, & dei mandado  
 Algum dos que a dor da alma despedia,  
 Aos ouvidos chegou de quem chorava  
 Males, que amor na ausencia acrescentava.

## LXXXIII.

Ouui como em reposta àys numerosos,  
 Que ao que julgei parece que detidos  
 A ten pelar no peiro presurosos  
 Rompem, deixando os ares acendidos:  
 E suspiro não dei, que mil queixosos  
 Me não ferissem logo nos ouvidos:  
 Tal como quando as aues namoradas  
 Se respondem das plantas apartadas.

## LXXXV.

Ardendo fiquei todo no desejo  
 De saber donde os tristes ays saíaõ,  
 Mas posto em pé suspenso, nada vejo  
 Daquillo que os ouvidos descobriaõ:  
 Fazer em fim dali ausencia clejo  
 Tras comprido esperar, quando feriaõ  
 O ar novos suspiros, & fizeraõ  
 Com que de nouo os meus lhe responderaõ.

Então

LXXXVI,

Então já mais confuso, & deseioso  
De saber o que neste caso aua,  
A torre dando volta vagaroso  
Com lenes passos, como caua espia,  
Des suspiros o dono vi fermoso  
Honrando hũa janella, que caia  
Para a parte do mar por donde os ventos  
Lhe leuaraõ co alma os pensamentos.

LXXXVII.

Era a fermosa Alaid, que choraua  
( Desesperada amante ) alli a memoria  
De seu amaõo ausente, & em vão contaua  
Ao mar, & ventos amorosa historia:  
De seus males a amor a culpa daua,  
Que longas penas dá por breue gloria,  
Gloria, que escassa apenas se offerece,  
E logo no melhor desaparece.

LXXXVIII.

Soltinha o braço, & mão de neve pura,  
Como si me coluna a face bella,  
De cujo Ceo em graça, & fermosura  
Vertia aljofar hũa, & outra estrellã:  
Naõ cuydo que ficãra alma segura  
De amor, chegando em tal extremo a vella,  
E conheci entãõ como a tristeza  
Realça muytas vezes a belleza.

LXXXIX.

Causoulhe minha vista sobrefalto  
Logo quando me vio: mas conhecido  
Della, com aluoroço deixa o alto,  
Fazendome hum sinal mal entendido.  
Cobrei o brio, de que estaua falto,  
E do peito qualquer temor despido,  
Chegandome a hũa porta que alli estaua,  
Que pouco, ao parecer se frequentaua.



## LXXX.

Em seus principios esta casa esteue

De municoes, & enxarcias occupada:  
 Mas des que mor grandeza o reyno teue,  
 Foy donde bate o mar outra fundada:  
 Alaida aos altos della vir se atrene,  
 Só por poder chorar sem ser notada  
 De impossivel amor as penas graues  
 Para o que tinha por industria as chaves.

## LXXXI.

Em breue espaço vejo a porta aberta,  
 E para entrar de dentro conuidarme:  
 Eu já arriscado na ventura incerta,  
 Entrei, não duuidando auenturarme.  
 Tornando ella a cerrar, a mão me apertá,  
 Seruindome de guia até leuar me  
 Da grande casa a parte tão secreta,  
 Que de todo o temor ficou quieta.

## LXXXII.

E como hum triste bem com outro se vna  
 Estiuemos hum pouco alli chorando:  
 Ella males de amor, euda Fortuna,  
 Aliuio em tanta pena assi tomando.  
 Fez termo a dor, & ella na oportuna  
 Occasião, varonil valor mostrando,  
 A memoria me trouxe as recebidas  
 Afrontas, & miserias padecidas.

## LXXXIII.

Dês pois que esta tristissima lembrança  
 No coração renoua a grande magoa,  
 E a grande dor tão falta de esperança  
 Tornou de nouo a encher meus olhos de agoa  
 Mouida de segura confiança,  
 E de amor, que lhe acende a vna fragoa,  
 Me persuade, me anima, & me conuida,  
 A doce liberdade co a fugida.

Dizendome

Dizendome que a tinha amor disposta  
A acomp:nharnos em qualquer ventura;  
Resistir a Fortuna em contraposta,  
Passar o mar, & ver a morte dura,  
Na presença esperando ver-se posta  
Daquelle, a quem guardava fê taõ pura:  
E quando ingrato, em premio só queria  
Ante os olhos morrer, por quem vivia.

LXXXV.

Que para se lograr seu pensamento,  
Escondidas naquella casa tinha  
As armas, que alli via, & bastimentos,  
Com tudo o mais que a naegar conuinha  
Porque o Ceo o mayor impedimento  
Facilitava já co a vida minha,  
Que tanto no valor noss. fiaua,  
Que só auisarnos, para ser, bastava.

LXXXVI.

Eu taõ firme proposito buuando,  
Por todos me offereço agradecido;  
E o lugar, dia, & hora alsinalando,  
Com a luoreço della me despido:  
Aos companheiros humi, & hum buscando  
Persuadi, relatando o referido,  
E forã largos rogos escusados,  
Que fugir tanto malos fez oucados.

LXXXVII.

Conformes sobre o modo de partirnos,  
Como em caso comum, todos votamos,  
E a embarcaõ, que auia de seruirnos,  
Na praya cada hum por si notamos:  
Tambem porque não possa de scobrirnos;  
Da falta Lua as noites aguardamos,  
E foubemos das horas a que andava  
A ronda, & que lugares frequentava.

## LXXXVIII.

De tudo á bella Alaida dei aviso  
 Com deuido resguardo o mesmo dia,  
 Pouco faltou que não perdesse o fiso,  
 Não podendo coa subita alegria:  
 Com lagrimas millura ledo riso,  
 O rosto affectos dalma descobria,  
 Que certa na partida já esperava  
 Ver aquelle aquem mais que a vida amava.

## LXXXIX.

A noute do concerto já chegada,  
 As prisões rotas, prontos á partida;  
 Onze sómos á porta finalada,  
 Donde Alaida esperava apercebida:  
 Com Araujo os outros preparada  
 Alancha auião de ter para a fagida,  
 Que eu ayudadoso já notado tinha  
 Ficar sò no lugar que mais conuinha.

## LL.

Nòs pois da bella amante acompanhados,  
 Encubertos da amiga noute escura,  
 De mantimentos, & armas carregados  
 Ao mar chegamos: mas (ah sorte dura!)  
 Não eraõ inda os mais alli chegados,  
 E a temer começamos a ventura,  
 Em que ter não se deve confiança,  
 Porque falta na mais firme esperança.

## LLI.

Suspensos neste estado riguroso  
 Bernardo, que em correr iguala ao ventô,  
 Chegou correndo a nós triste, & medroso,  
 E quasi sem poder tomar alento:  
 Atias ollhando como receoso  
 Daquelles, que imagina em seguimento;  
 Nos disse: Que fazeis? fugi, cuitados  
 Aos inimigos de rigor armados.

Já cos mais companheiros desditosos  
 . Presas as mãos atrás, fica Araujo,  
 Eu só por mil rodeos perigosos  
 Cuberto da nocturna capa fujo:  
 E se fugir quereis os rigorosos  
 Duros tormentos já prouados, cujo  
 Fim a morte será, se nos detemos,  
 Fazei àquella lancha azas dos remos.

Que obrou o medo, e não negar não posso,  
 A lancha nos parece milagrosa,  
 Sandauei meyo do remedio nosso  
 Em hora tão estreita, & trabalhosa:  
 Eu sem me deter mais, della me aposso,  
 Por ser qualquer tardança perigosa,  
 Tinhamos vella, & remos, & prouada  
 Em breue espaço foi para a partida.

Dando pressa ò temôr, nos embarcamos,  
 E os remos dando ao mar, a vella ao vento,  
 A cidade inimiga atrás deixamos,  
 A présteza inuejando ao pensamento:  
 Sete dias continuos nauegamos,  
 Sem cousa achar contraria a nosso intento,  
 Pacem ao dia oitauo descobrimos,  
 E a Fortuna também contraria vimos.

Do porto nos sairão tres manéhuas,  
 Que trauarão com nosco estreita brigas:  
 Mas recebendo mil feridas cruas,  
 Mostramos quanto a liberdade obriga:  
 Virão elles também com mortes suas  
 Não terem a Fortuna por amiga,  
 E com morte de hum nosso que o Ceo gozã,  
 Alcançamos victoria sanguinosa.

## LLVI.

O sangue que qualquer de nós perdia,  
 Ell' não em ventura nossas vidas,  
 Vinda a noite, o sereno que corria  
 Acrescentava as dores das feridas:  
 Passou a noite, veio o novo dia,  
 E quando as esperanças mais perdidas,  
 pola falta do sangue nos achamos,  
 Na foz amiga deste porto entramos.

## LLXII.

O alento, nos tornou, perdido, o gosto,  
 Quando sobre aquella alta rocha viámos,  
 Aquelle padraõ santo por nós posto  
 No tempo que outra vez daqui partimos;  
 O pranto a cada qual banhava o rosto,  
 E com deuora salua o ar ferimos,  
 Adorando com viva confiança  
 O diuino final da alta esperança.

## LLVIII.

Bem o vello aruorado nos mostrava  
 Que ainda a paz, que assentara com sequeira,  
 Este piadoso Rey, se conseruava,  
 E a reciproca Fè guardava inteira:  
 E não nos enganamos, porque ella uza  
 Em seu peito taõ firme, & verdadeira,  
 Que em guardar a Fè dada, he exemplo raro;  
 E em nosso mal achamos nelle amparo.

## LLIX.

Agora o valor vosso me assegura  
 A do Malayo Rey justa ruina,  
 Que no mal obstinado ha tanto dura,  
 E os homéas contra si, & a Deos indigna:  
 A vos, senhor, a vos a cruz dura  
 Domar deste rebelde o Ceo destina,  
 Assim deus fim, & juntamente inspira  
 Na commiseracão affeitos de ira.



# LIVRO III.

## ARGUMENTO.

**D** Ece o Rey de Pedir, & visitando  
A Afonso, os presos com Alaida entrega,  
Pereira co Reguez pelejando  
Bem ( nelle por traydor ) a morte êmprega:  
Geinal serende ao forte Afonso, quando  
Conhece as Quinas santas, elle chega  
A ver Malaca cujo fundamento  
E Reys Alaida dix com sentimento.

I.

**D** Os montes de Samatra o sol dourava,  
Os cumes altos, começando o dia,  
A seu trabalho o laurador tornava  
O gado pelos campos se estendia:  
Quão por ver Afonso se embarcava  
O Rey co a bella Alaida em companhia  
Em lenho, que toldou rico brocado,  
Dos melhores do reyno acompanhado

II.

Tras este em que o benino Rey navega  
 De outros arranca multidão confusa,  
 Etudo festiual á armada chega  
 Com tangeres, que a gente Oriental vfa:  
 Em festejar ao Rey tambem se emprega  
 O illustre capitão coa gente Lusa,  
 As naos de Tyrja cor empauesadas  
 Com bella variedade embandeiradas.

III.

E dada a salua alegre, se espantosa  
 Da grossa artilharia, ao batel de ce  
 A receber o Rey, que coa fermosa  
 Alaida pela mão se lhe offerece:  
 Elle com largo exordio a amorosa  
 Historia, & varonil feito engrandece;  
 Logo lha entrega, & os onze aventureiros,  
 Em seus riscos, & casos companheiros,

III.

Dizendo: Mais que ser senhor do mundo  
 Fazer este seruiço a teu Rey prézo,  
 Et tanto em sua amisade só me fundo  
 Que ter a dos vesinhos Reys desprêzo:  
 Ojio em meu peito concebi profundo  
 Contra o tyrano da Aurea Chersonezo,  
 Depois que executou sua tyrania  
 Nos de Luso com tanta aleiuosia.

V.

Verte, varaõ insigne, desejava,  
 Porque acendia a Fama este desejo,  
 Que teus feitos heroicos publicava,  
 E altas virtudes, que em teu Rey inuejo:  
 Nada para ditoso me faltava,  
 Se inda o pudera ver, como te vejo,  
 Porem cá mo retrara o pensamento,  
 E com que tu mo pintes me contento.



Malaca conquistada

VI.

Ao Rey amigo o capitão prudente  
Assi disse com alma agradecida:  
O tu pladolo só coa Christã gente  
De tantas tyrantias perseguida,  
Terás paga do Ceo eternamente;  
E para te servir, em mi esta vida,  
Terás em Manoel perpetuo amigo,  
De todos teus inimigos inimigo.

VII.

E tratando dos bês, que nelle innejas,  
Se em seus louvores anda curta a fama;  
Como satisfarei ao que desejas,  
Que he recolher a luz que o solderrama;  
Mas porque em breue circulo hoje vejas  
A grandeza melhor que o Mundo aclama;  
Polto que temerario já a ser venho  
Direi o que alcançar meu curto engenho.

VIII.

Com santo exemplo de Minerva aprende  
Leis, que obedece, se as promulga Augusto;  
Que nunca fogeitar-se ás leys, offende  
A grandeza real do que he Rey justo:  
Em manter em justiça, & paz entende  
Seus vassallos, & foge do ocio injusto  
Pay amoroso, & mais que nas cidades  
Nas almas reyna, impera nas vontades.

IX.

Habitão no real benigno peito  
Constancia, sofrimento, & fortaleza;  
E tais se vem no venerando aspecto  
A mansidão, brandura, & gentileza:  
Se erios castiga, he com piedoso affecto,  
Liberal premia, a remperança preza,  
Não sentem nunca seus ditosos povos,  
Injustas oppressões, tributos novos.

X.

Por elle a santa Astrea deca á terra  
 Que alegre, & bella no seu throno vemós,  
 Donde a fraude, & violencia se desterra,  
 E a razão, & igualdade conhecemos:  
 E se na paz he tal, tambem na guerra  
 He magnánimo, he forte, & bem deucemos  
 Por hum Rey que taõ brando, & justo impera  
 As vidas arriscará morte fera.

XI.

Por estremós, & meynos naõ cuydados  
 Opôs o justo Ceo no regio assento,  
 Que tinha a seu pio zelo ja guardados  
 Troseos opimós de victorias cento:  
 Proseguiu com successos sinalados  
 Do santo Infante Henrique o santo intentó  
 Dobrando aquelle inculto, & grande cabo  
 Occulto a Ptolemeu, Pomponio, & Estrabo.

XII.

Estendendo a Fè santa, mil perigos  
 Os seus venceraõ, & mil casos duros  
 Escurecendo a fama dos anrigos,  
 Consagrando se aos seculos futuros:  
 De lá vencendo, em fim, está os inimigos  
 Co grande nome, & abate os altos muros,  
 Ajudado dos Ceos, & em mar, & terra  
 Tem fechadas na mão a paz, & guerra.

XIII.

E para te dizer em brene suma  
 O que impossivel he parte por parte,  
 Do Douro, & Tejo venerado he Numã,  
 E do Indo, & Ganges aclamado he Marte:  
 E em sua virtude he bem que se presuma  
 Sair vencedor sempre este estandarte  
 De mil riscos, & trances perigosos,  
 Rotos santos inimigos poderosos,

Dêu fim, & o Rey pagão mais engrandece  
 É inueja as partes do grão Rey do Occaso;  
 Afonso â bella Alaida se offerece,  
 E as graças rende do amoroso caso:  
 Os hospedes abraça, & co elles crece  
 O gozo, & festa no nadante vaso,  
 Admirauase o Rey de quanto via,  
 Satisfeito da Lusa bizarria.

## XV.

Naõ menos Albuquerque se admirãua  
 De ver do Rey pagão a alta bõdade,  
 E mostrar se lhe grato desejava  
 No que desse lugar a breuidade:  
 Taça rica lhe deu que retratava  
 Ao natural de Ninive a cidade  
 O Profeta engolido da Balca,  
 Vomitado depois na feca areia.

## XVI.

Dêulhe hũa rica espada, & forte escudo;  
 Obra, segundo a fama, de Vulcano,  
 Donde pela orla conta o lauor mudo  
 Os trabalhos illustres do Thebano:  
 Alegre o Rey pagão recebe tudo  
 Da mão do valeroso Lusitano,  
 Logo de nouo a antiga paz firmaraõ,  
 E satisfeitos ambos se apartaraõ.

## XVII.

Despois todos os dias visitada  
 Com frutas, vacas grossas, & carneiros  
 Foy da parte do amigo Rey a armada  
 Com mil effrecimentos verdadeiros:  
 Tambem era a cidade frequentada,  
 Como se a patria fosse dos guerreiros,  
 Aquem os naturais, que os festejauõ,  
 Em continos conuites hospedauõ.

## XVIII.

Assi descansa o pouo trabalhado;  
 E liberalidade o Rey ostenta,  
 Mas não descansa Afonso, que o cuydado  
 O desfuea do peso que sustenta.  
 E já que vio de todo restaurado  
 O dano recebido na tormenta,  
 Despedido do Rey, dar manda as vellas,  
 Rompem as naos o mar, & as ondas nellas.

## XIX.

Do não visto canal nouo roteiro  
 Os sabios nautas finalauão, quando  
 Húa vella gritou hum marinheiro  
 Lá terra a terra se nos vai furtando:  
 Logo daquella empresa o alto guerreiro  
 Ayres Pereira, a gloria desejando,  
 No batel a seguio com dez ousados  
 De arnezes fortes, & valor armados.

## XX.

Bem como o alão castiço o lobo vendo  
 Pelo monte se lança, & generoso  
 Chega onde o animal fero reuoluendo  
 Os dentes bate horrendo, & corajoso:  
 Tal o inuicto Pereira o mar rompendo  
 No lenho bem remado impetuoso,  
 Chega ao imigo, que feroz o espera,  
 E o recebe feroz coa espada fera.

## XXII.

O ferro, por ferir, hum, & surto apertã,  
 E da victoria a palma ter pretende,  
 Brama o pagão, & nesta sorte incerta  
 Os seus anima, & forte se defende:  
 Voão tiros, qual erra, qual acerta,  
 Tal vez hum se repara, tal offende,  
 E com ira, & furor, que infunde Marté  
 Ora de força vsauão, ora de arte.

XXII.

A batalha durou tempo comprido,  
 Sem que se conhecesse melhoria,  
 Pereira em muitas partes já ferido,  
 E dos mais no batel sangue corria:  
 Tinhaõ da parte aduerfa algũs caído,  
 Rendendo inteira palma á morte fria,  
 E o barbaro caudilho taõ terrivel,  
 Que o puderaõ julgar por inuenciuel;

XXIII.

Pereira enuèrgonhado da tãrdança  
 A força apura, & todo enuolto em ira,  
 Hum freixo grosso, que brandio por lança,  
 Ao peito do valente inimigo atira:  
 Passou por alto, & o mouro se abalança,  
 Que entãõ já só a vingar sua morte aspira,  
 No batel salta, que aque m moue a furia,  
 Nem teme a morte, nem estima injuria.

XXIII.

Todos nelle as espadas empregauãõ,  
 E a todos admirana hum monstro horrẽdo,  
 Porque enxutas, & limpas as tirauãõ,  
 O sangue das feridas naõ correndo:  
 Em tanto os seus aos nossos maltratauãõ,  
 Pedras, frechas, & dardos despendendo,  
 Reparase Pereira, & de estocada  
 No peito irado lhe escondeo a espada;

XXV.

Qual acoissado o Tãurõ furioso,  
 Por lanças rompe, & cõ monteiros cerra,  
 Tal o Agarenõ fero, & espantoso  
 Os mais despreza, & dá a Pereira guerras  
 O acicalado ferro luminoso  
 Toma a duas mãos, & cõ furor que encerra,  
 Hum fendente lhe tira, mas ligeiro  
 Se aparta, & cerra o Portugues guerreiro.

Pereira

## XXVI.

Pêtelrã, que he nas forças confiado  
 Co Agareno se abraça, & de tal sorte,  
 Nos braços o apertou no ar levantado,  
 Que o espirito render lhe fez á morte:  
 O corpulento Anteo assi apertado,  
 Nos braços acabou de Hercules forte,  
 Porque forças da mãy não recebesse,  
 E as recebidas vltimas perdesse.

## XXVII.

Do corpo despedida á alma indinada  
 Pela porta decco da pena, & pranto  
 Aquella escura, & misera morada,  
 Que até considerada causa espanto,  
 Dos valentes soldados foi entrada  
 A defendida embarcação em tanto,  
 E cátiuos algũs dos defensores,  
 Depois que foraõ mortos os melhores:

## XXVIII.

Alcãçada a vitoria extinta a ira,  
 Saber o bom Pereira desejava  
 Quem fora o forte barbaro, em quem vira  
 Tanto valor, que morto inda inuejava:  
 Feridas mil lhe vê, & mais se admira  
 De que nenhũa sangue derramava,  
 Em fim pergunta o que lhe causa espanto  
 A hum velho, que lhas lava com seu pranto

## XXIX.

Força ( disse elle ) de cruel destino  
 Em vaõ com varios meynos resistida,  
 Foy guiando a essa morte de continuo  
 Esse, que a vo ssas mãos perdeo a vida;  
 Querêr fugir ao fado, he desatino,  
 Inda aquelles que tem muyto medida  
 Coa razão a vontade, & entre cento  
 Domina os Astros hum co entendimênto



Seu bom pró genitor no riguroso  
Ponto antes de espirar a mi o entrêga,  
Estimâi o penhor pouco ditoso,  
Porque a minha desdita o bem lhe nega  
Seruo, se bem no amor pay enydadoso,  
Fiz quânto a diligencia humana chega  
Por elle a varias partes nauegando,  
Oraculos, & magos consultando.

XXXI.

De hum monte de Ceilão na excelsa altêz  
Desde antigas idades venerada,  
Onde hum penedo na horrida aspereza  
Conserua de hum varaõ santo a pègada:  
De sciencia rico, amante da pobreza  
O adevinho Larnão teue morada,  
Buscaló fui, que amor he tudo excessos,  
Por saber deste o fim, vida, & successos.

XEXII.

Já que a meu røgo leuanton figura  
Deixou incerta assi minha esperançã,  
Com valor grande se o secreto dura  
Darã reynando a seu mayor vingança:  
Mas corta astro infelis esta ventura,  
Sua vida estarã posta em balança:  
Mas se lhe for contraria em tudo a sorte  
Eterna fama o liurarã da morte.

XXX.III.

Dalli passei lá donde o grande rio  
Mecõn em gruta escura respondia:  
Propuslhe meu desejo, ou desuario,  
E tal resposta assi, me desconfia:  
Cortarã ao forte moço o vital fio  
Hum que virã lá donde acabou o diã:  
Eu doudo enãõ co a dor de amor leuado,  
Quis estoruar o que ordenaua o fadã.



## XXXIII.

Nô mais inculto da fragosa serra  
 Da lãoa animal fero, & raro habita,  
 Que virtude num osso tanta encerra,  
 Que remora do sangue o da agoa imita:  
 Fizlhe atè o alcançar, & aos montes guerra,  
 Que amor, todo o trabalho facilita,  
 Cuydando assegurar com elle a vida  
 De mi guardaua em vaõ, d'elle offrecida.

## XXXV.

A esquerda costa do animal precioso,  
 Abrindoo viuo lhe arranquei do peito,  
 Della a manilha fiz, que o valeroso,  
 Braço rodea, & tem o sangue estreito:  
 Felice caçador, mas de fidofo  
 Em conseguir de meu intento o effeito,  
 Que à minha deligencia que lhe importa  
 Fechar o sangue, aberta à morte a porta.

## XXXVI.

Deitou ferro em Malaca o Luso bando,  
 E o vates de Mecôn trouxe à lembrança,  
 Temi fero homicida imaginando,  
 E anticipar me quis cego à vingança:  
 Tanto pedindo fiz, & aconselhando,  
 Que em parte consegui minha esperança,  
 Com mortes, & prisões de algũ: dos vossos,  
 Que custaraõ tambem muytos dos nossos.

## XXXVII.

E para que melhor do caso informè,  
 Sabei que foi o grão Nehodâ Beguea,  
 Esse que a morte fez tanto disforme,  
 E em forma vendo estais horrida, & fea:  
 Se fora o fado a seu valor conforme,  
 Malaca, que inda d'elle se recea,  
 Sua fora, atalhando immenso dano,  
 Liurara a amada patria de hum tyrano.

Que esse infelice a quem estrella dura  
Ordenou males de remedio fóra,  
Descendia do Rey de Cingapura  
Morto pelo trãydor Paramisora,  
Por reynar, justamente se auentura  
O peito illustre, em quem o valor mora,  
E deuia vingar seu ascendente  
No do traydor tyrano descendente,

XXXIX.

Mas como para o effeito do grão caso,  
Era forçoso dar a muytos parte,  
Qual se derrama às vèzes se de hum vaso  
Algun licor per outros se reparte:  
Se derrama o segredo antes do praso,  
Iã concertado com industria, & arte,  
Em fim minha esperança destruida,  
Hũs perdemos a patria, outros a vida:

XXXX.

Deixou ontem Pacem neste nauio  
De mio vataõ forte aconselhado,  
Dando com má fortuna ao vento frio  
Vellas, fugindo de Albuquerque irado;  
Torcia a Parca o derradeiro fio,  
E quanto fiz por contrastar o fado  
Foy apressalo mais, que se porfia  
A hũs cruel arrasta, a outros guia.

XXXXI.

Criei desdo infelice nacimiento  
O que frio cadaner estais vendo.  
Porém aqui, senhor, o sentimento  
Estã da lustria o fio interrompendo,  
Nega o apressado soluçar o alento,  
E dos olhos dous rios saem correndo,  
Nãõ o estranheis, que do esperado fruyto  
Iã nãõ me fica mais, que sentir muyto.

XXXII,

Assi dizendo, caudalosa vea  
 De suspiros, & lagrimas derrama,  
 E como a vida o misero recea,  
 A morte pede, & pela morte chama:  
 Mas Pereira saçanha julga fea  
 Dar a morte a quem já só morrer ama,  
 E do braço tirar m'en la a manilha  
 Que obraua aquella grande marauilha.

XXXIII.

Tal como nos jardins succede, quando  
 O secreto registo o cultor moue,  
 Sac liure a represada agoa pullando  
 Pelos esguichos, & no tanque choue:  
 Tal o sangue detido rebentando  
 Causa espanto, & já a lastima com moue  
 No ponto que do braço fora esteue  
 A attractiua virtude que o deteue.

XXXIII.

Deixa o sangue o cadauer num momento,  
 E Pereira admirado, & satisfeito  
 Ferir cos remos manda o falso argento  
 Por contar a Albuquerque o estranho feito:  
 Presentoulhe a manilha alio portento,  
 Por seu marauilhoso, & raro effeito,  
 E aquelles poucos barbaros cariuos,  
 Que de entre as mortes escaparaõ viuos.

XXXV.

Festeja o capitão o dom precioso,  
 E a justa morte do traydor Beguea,  
 Que a fama desdourou de valeroso  
 Leuado da ambição que mal se enfrea:  
 E julga por agouro venturoso  
 Começar o castigo á treição fea,  
 Em hum dos principais autores della,  
 E que naue guem manda a toda a vella.

*Malaca conquistada*

XXXVI.

Da Poluoreira à vista ja q̃ entrava  
A dourar Orizontes encubertos,  
O planeta mayor, que nãtizaava  
De roficler no Ceo longes, & p̃rtos:  
Do naua, que da gauea vigiaua,  
Foraõ dous grandes juncos descubertos,  
Sobre os quais arribar coube por sorte  
Ao sem medo Alpoem. & a Lima forte.

XXXVII.

A maina logo hum delles, naõ querendo  
A furia e xperimentar da artilharia,  
Mas defenderse o outro pretendendo,  
Mostra da gente deu, que em si trazia,  
Innumeraueis tiros despendendo,  
Grossa nuuem de fumo o arcobria,  
Com que tudo começa a escurecerse,  
A derramar se sangue, a morte verse.

XXXVIII.

Por conseguir o bellicoso intento,  
Força, & manha os de Luso exercitaraõ,  
Procurando ganhar o balrauento  
Que os do guerreiro junco sustentaraõ:  
De todo em tanto no humido aposento  
De Phebo os claros rayos se encerraraõ,  
E pos por estaõ tregoa a noite escura  
Ao rigor da contenda aspera, & dura.

XXXIX.

Seguido o junco foi de toda a armada  
O descurso da noite, & começando  
De Daphne o amador noua jornada,  
A matutina luz tudo alegrando:  
O magnanimo Afonso aparelhada  
A gente para o caso disparando  
No lenho imigo rayos de Vulcano,  
Executa igualmente a fombro, & danõ.

L.

Da artelharria dada a carga horrenda  
 Abalroa trauando a Christã gente  
 Com a pagã alperrima contenda  
 Obrando o ferro, & fogo junramente:  
 A defender exorta, & a que offenda  
 Do junco o capitaõ destre, & valente,  
 A cada qual dos seus, sempre diante  
 Do mór perigo intrepido, & constante.

LI.

Porem vendose èntrar a confiança  
 Perdida, vsou do barbaro costume  
 Dos lãos, pondose fogo, fera vsança  
 Daquelles aquem faltã o santo lume:  
 De modo a voraz chama se abalança,  
 Que abraçar tudo, ao parecer presumè,  
 Forçando a que Albuquerque se apartasse,  
 Antes que no seu lenho se ateasse.

LII.

Naquelle mesmo ponto que se acharãõ  
 Do Portugues valor desapressados,  
 Em apagar o fogo se empregaraõ  
 Os do junco melhor aconselhados:  
 No meyo do trabalho repararaõ  
 Na Cruz, Quinas, Cãstellos matizados  
 Da nossa real bandeira, & conheceraõ  
 Com quem batalha por seu mal tiueraõ.

LIII.

Da resistencia o barbaro valente,  
 Bem que tarde se mostra pezaroso,  
 E manda o muyto que o successo sente  
 Manifestar ao contendor famoso:  
 Porem que de varaõ taõ excellente  
 Esperaua alcançar perdãõ piadoso  
 Pois do passado a culpa confiltia  
 Em naõ saber de quem se defendia,

Segue

Seguiu o mensageiro, a bordo veyo  
 Sobe ao conués, ante Albuquerque chegã,  
 E disse: O Cèu te guarde, eipanto, & freyo  
 De toda a Asia, que em tuas mãos se entrega  
 Já vendote, parece vejo o meyo  
 Pera o descanso, que a Fortuna nega;  
 E se fores comigo hoje piadoso  
 Serás mais, que a Fortuna poderoso.

## LV.

Que tanto contra mi, senhor, tem feiró,  
 Que poder mais fazer não imagino,  
 Sendo, qual rocha oposta ao mar, objecto  
 De males, que em mi ferem de continuo.  
 Leuanteu Albuquerque, o graue aspecto  
 Julgando de respeito, & de honradino,  
 E com palauras cheas de esperança  
 Lhe dá consigo assento, & segurança.

## LVI.

Sentados, o pagão nobre animado  
 Co piadoso, & co brando tratamento  
 O discurso prosegue começado  
 Com affectos de nouo sentimento:  
 Por herança, senhor, fiquei sentado  
 (Dizia) de Pacèm no régio assento:  
 Mas seguro ninguém viu de enganos,  
 E a confiança vã proua mais danos.

## LVII.

He men nome Geinal, do Rey temido  
 De Pacèm filho respeitado, em quanto  
 Das estrellas me vi favorecido,  
 Ou de quem fez esse estrellado manto:  
 Hoje por de suas venturas conhecido  
 Aos Reys exemplo sou, ao Mundo espanto,  
 E me lastimo sempre que á memoria  
 Me forçoso trazer a triste historia.

## LVIII.

Ao governo acodir já não podendo  
 O meu progenitor por larga idade,  
 E eu filho da velhice, annos não tendo,  
 Quais do governo pede a autoridade:  
 Fez hum governador, não antecendo  
 Ser a ambição a Syrte da lealdade,  
 Tido era este por justo, & por prudente;  
 Porque fingir sabia facilmente.

## LIX.

Morto meu velho pay, em tuctoria  
 Lhe fiquei, com o reyno encomendado:  
 Fuy crescendo, & ao passo que eu crecia,  
 Punha em me fogueitar mayor cuydado:  
 Porem com tanta astucia procedia,  
 Que nunca intento seu foy alcançado,  
 Até que amor principio de meus danos  
 Lugar, & fauor deu a seus enganos.

## LX.

A fermosura engrandecia a Fama,  
 E virtudes da Infanta de Malaca,  
 E juntamente amor a viua chama  
 Em mi acendia, que tão mal se aplaca:  
 Senti tudo o que sente quem bem ama,  
 Que he contra amor a resistencia fraca;  
 E sem entender como, num instante  
 Fuy por fê do não visto objecto amante.

## LXI.

E como o peito amando não sossega,  
 Por momentos crecendo em mi o desejo  
 Da bella vista, que a distancia nega,  
 Partirme a vela disfraçado elejo:  
 Leuado em fim daquella paixão cega,  
 Do pensamento a ligeireza inuejo  
 Deixando no governo esse tyrano,  
 Que Rey chamado reyna por meu dano.



Malaca conquistada

LXII.

passo o mar, aventurei a vida,

Tomei porto em Malaca em ponto forte,

Que lá me tinha o fado apercebida

Deido berço infelix l'ũa viua morte:

Chegando nos principios á medida

De meu desejo, se mostrou a sorte,

Que talvez ao que em seu favor confia,

Por apparentes bês aos males gula.

LXIII.

Favorecido fui da Infanta bella:

Mas ay de mi, que foi para mais magoa,

Pois lhe dava outro dono minha estrellá;

E a mi sempre brotar dos olhos agoa:

A elRey de Pão foi dada que por ella

Tambem de amor sentia a ardente fragoa,

E por mais venturoso, & por parente,

A alcançou bem tão grande facilmente.

LXIII.

Eu quando meu mal soube, amo r culpando,

Disse, & fiz com a dor mil deluarias,

Logo, a perda do bem considerando,

Forão os olhos meus correntes rios:

Qual o vencido touro, que bramando

Os montes inquieta, & valles frios,

E por entre as deusas escondido,

Aparecer não ousa de corrido,

LXV.

Tal eu mil vãos queixumes dando aos vêtos,

Dos que me acompanhauão, me escondia,

E em solidão, suspiros, & lamentos,

A vida por momentos consumia:

Ao passo dêstes graues sentimentos,

Hum conhecido frenesi crescia,

Com que as vozes, & gritos se aumentauão;

E nos olhos as lagrimas saltauão.

Chegou

## LXVI.

Chegou-me o sentimento em fim a estado,  
 Que salto de sentido me embarcaõ  
 Aquelles, de quem fuy acompanhado,  
 Cruéis porque morrer me não deixaraõ:  
 Mas os males no mal afortunado  
 Nunca para acabar-se começaraõ,  
 Pelo que entendo naõ cortou a morte  
 O vital fio mais, que o ferro forte.

## LXVII.

A vista de Pacem já nauvegaua: •  
 Eis chega em lenho leue á nossa proa  
 Mensageiro fiel, que me buscaua,  
 Com auiso da perda da coroa:  
 Diz que tyrano Rey se apellidana  
 O meu governador, & como voa  
 A triste noua, chega a meus ouvidos,  
 E á confusa alheação de meus sentidos.

## LXVIII.

E como grandes males de repente  
 O sangue alteraõ, & animo arrebatãõ  
 Succede ser antidoto ao doente,  
 Tal como os gostos repentinos mataõ:  
 De meu enfermo sizo o accidente  
 Aquellas tristes nouas desbarataõ  
 Alsi que a noua dor me torna o siso,  
 Que outra dor me tirou já de improviso.

## LXIX.

pois como em mi tornassi, o sentimento  
 Vos, senhor o julgai, quanto obraria,  
 Com tantas causas, que alli o pensamento  
 A memoria em taõ juntas me trazia:  
 Dos meus aconselhado, num momento  
 Da cidade fugi, que apparecia,  
 E tomei porto ao pé de lha alta serra,  
 Acomodado sitio para a guerra.

Ajuntarse comigo ali vieraõ

Muytos, que se obrigaraõ da lealdade,  
E de armas, ouro, & prata me proveraõ,  
As obras igualando coa ventade:  
As vidas dar por mi offereceraõ,  
Heroica proua, que na aduersidade  
De vassallos que tinhaõ obrigados,  
Se viraõ muytos Reys desamparados.

De todo o reyno tendo já comigo

Dez mil, que em tempo breue se ajuntaraõ,  
Deci donde as esquadras do inimigo,  
E as minhas duramente se encontraraõ:  
Com ira, qual se fora de odio antigo,  
Ferindo, & dando mortes se trauaraõ  
Amigos, & parentes, ciuil guerra,  
Abreuiado Inferno câ na terra.

Igual hum grande espaço esteue Marte

Como indeterminado na ytoria:  
Mas passada do dia a mayor parte,  
Do inimigo a ventagem foy notoria:  
Venceo a multidaõ, o esforço, & arte,  
Perdi a batalha, & do vencer a gloria,  
Tornandome da ferra ao mais superno,  
Douz mil dos meus deixãdo em sono eterno.

Sãos os feridos, a tentar a sorte

Segunda vez deci, & fui vencido:  
Mas ja parã contar dos meus a morte,  
Vos cansarã discurso taõ comprido:  
Só vos affirmio que do trance sorte,  
Naõ fugi, que entre os meus fiquei ferido,  
E a noite me liuro da morte dura,  
Que mais do yfado sobreneyo escura.

## LXXIII.

Como pude, de algũs acompanhado  
 Que de mi junto achei bõs companheiros  
 Nas fortunas, que tem por mi passado,  
 E nos riscos por mi sempre os primeiros,  
 Pela serra me entrei, & fuy curado,  
 Por valles escondido, & por outeiros,  
 Atè que lugar tiue de embarcar me,  
 E de meu proprio reyno deſterrarme.

## LXXV.

Atequi de ir a Iáoa intento tinha,  
 Nos Reys, que nella tenho por parentes.  
 Posta a vã eſperança, vã por minha,  
 De eſtoruos ſempre chea, & inconuenientes:  
 Mas já vejo que a vos Deos me encaminha,  
 Em quem tenha eſperanças mais vrgentes,  
 Que obra dina ſerá de voſſo peito  
 O agrauo deſazer, que me tem ſeito.

## LXXVI.

Largocampo aqui tem o valor voſſo,  
 E fareis de virtude heroica proua,  
 Se me reſtituis. dizer bem poſſo  
 Que o Ceo empreza, que he tão juſta, aproua  
 E vos prometo, ſe por vos me apoſſo  
 Do eſtado que perdi, que ſempre noua  
 Obrigação confesse tendo a vida  
 A voſſo Rey, & a vos offerecida.

## LXXVII.

Pagarei em ſinal de vaſſallagem  
 Paeas a voſſo Rey, & ſuas armadas,  
 Quando pela largueza da viagem  
 A meu porto chegarem deſtroçadas:  
 Amigauel teraõ certa hoſpedagem,  
 Atè ſer de ſeus danos reparadas,  
 E ſerei companheiro em dar caſtigo  
 Ao Rey Malayo de meu dano amigo.

E se pór differença da ley nossa,  
 De vos meu rogo honesto se despreza;  
 A ley me valha da piedade vossa,  
 Que não he bem, senhor, que fique leza.  
 Com vencer, & triunfar (quando ser possa)  
 O nome de piedoso igual se preza,  
 Inimigos dos reynos depusestes,  
 Digase que aos amigos reynos destes:

LXXIX.

Disse: & calando por reposta e spera  
 Em acto, que em silencio irada rogaua;  
 Tambem Afonso cala, & considera  
 Caso, que tanto a lastima obrigaua:  
 Porem considerando o muyto que era  
 Forçosa aquella empreza, que o leuaua,  
 O effeito lhe negou não a esperança,  
 E así lhe dá escusa, & confiança.

LXXX.

Se o caso, que nós trás não longe, fora  
 De sorte, que tardança consentira.:  
 Esta armada, que o Ceo faz vencedorã;  
 Em fauor vosso logo o Mundo virã;  
 Porem já sabereis, pois corre agora  
 A fama, a compaixão mouendo, & ira  
 As mortes, & prisões, que com engano  
 Vsou da cruel Malaca o Rey tyrano.

LXXXI.

A nossos companheiros lá catiuos  
 He forçoso acodir, que estão passando  
 Inuentados tormentos excessiuos,  
 O socorro que vedes, aguardando:  
 Mas se permite o Ceo que os veja viuos,  
 E de castigo ao caso miserando;  
 Viuêi na Fé que empenho confiado,  
 Que vos poremos no perdido estado.

## LXXXII.

Nesta proffessa fez seu fundamento  
 O principe pagaõ agradecido  
 Do brando, & amigavel tratamento  
 Que esperança lhe dá do prometido:  
 E figurando já no pensamento  
 Verse recuperado no perdido,  
 Para melhor de todo assegurar se,  
 Do capitaõ não quis mais apartar se.

## LXXXIII.

As fortès não em tanto o mar rompendo  
 Os baixos de Capacia atrás deixaraõ,  
 Do canal os perigos cometendo,  
 De quem tantas historias fabularaõ:  
 Eis que nuens a Aurorã enriquecendo  
 Vinha, quando a ver terra começaraõ  
 Os nautas, & co a luz que derramaua,  
 A opulenta Malaca se mostrava.

## LXXXIII.

Faz Malãca cidade das famosas  
 Num campo plano junto ao mar batida  
 Brandamente das agoas caudalosas  
 De hum rio pelo meyo diuidida:  
 De varias quintas, & hortas deleitosas  
 Da parte do sertão ennobrecida,  
 Muros não fabricou, porque os despreza  
 Dos naturais a indomita braueza.

## LXXXV.

Tem para donde sac o Sol ardente  
 Na contra colta o mar de ilhas coalhado  
 Diuidea pela parte do Occidente  
 Da graõ Samãtra o Bosforo dourado,  
 De Quedaõ reyno, & e de Sião potente,  
 Que senhor forado Malayo citado,  
 Para onde resplandee Cynosura  
 Para o Austro Sabão, & Cingãpur a.



Naquelle tempo a luz Phebea entrará  
Na casa que o celeste Cancro habita  
Quando aquella que a terra cultiua  
Do seu trabalho o premio solicita:  
Sobe o póuo que tanto mar cortará,  
Rompendo os ares com alegre grita,  
Por ver, inda que longe, a magestade,  
Grandeza, & compostura da cidade,

O Sol, que alegre começaua o dia,  
Torres, & excelsos teitos lhe dourou,  
O mar, que brandamente a combatia,  
Plantas dos edificios argentaua:  
Admirado Albuquerque do que via,  
Quem de tudo o informasse desejava  
Quando Alaida chorando vê lembranças  
De incertos bês, de incertas esperanças.

No pensamento está representando  
Lembranças, & saudades amorosas,  
As partes que habitara contemplando;  
Quando ella as frequentaua venturosas.  
O capitão a atalha, preguntando  
Pelas cousas do reyno mais famosas,  
A successão dos Reys, a antiguidade,  
Fundação, & costumes da cidade.

Isto entendendo logo a nauta gente,  
Com a que professaua seguir Marte  
Para se achar ao que dira presente  
Se foi chegando de hũa, & de outra parte  
Tal como as plantas quando docemente  
Soltaua ao vento, a doce voz com arte  
Tocando a doce lyra o Thracio amante,  
Que abriu cantando as portas de diamante.



LXXX.

Ella n6s bellos olhos reprimindo  
 As lagrimas, que em perolas saião  
 Bem que inda a seu pezar tal vez caindo,  
 Entre as rolas orualho pareciaõ:  
 Lhe respondeo: Senhor, quando seguindo  
 Pensamentos, que na alma naõ cabiaõ,  
 Deixei a patria minha, o Ceo quifera  
 Que a lembrança tambem della perdera.

LXXXI.

Porem do injusto Rey a tyraniã,  
 Do meu progenitor a injusta morte  
 Se estaõ representando cada dia  
 Na memoria em meu mal eterna, & forte:  
 E quando o àgrauo della me desuia,  
 Me torna a vela minha triste sorte,  
 Posto que em vosso amparo venturosa,  
 Já naõ deuo da sorte estar queixosa.

LXXXII.

Mas ao que desejas satisfazendo,  
 Tradições ha que vindo perseguido  
 O Ião Paramitora o mar rompendo,  
 De Sanguelinga foi bem recebido:  
 E que a santa hospedaje este offendendo  
 Da amisade o trauado nò rompido  
 Dera ao hospede ànigo a morte dura,  
 Fazendose senhor de Cingâpura.

LXXXIII.

Dalli correndo o mar pyrata feito  
 Com latrocínios, mortes o infestaua,  
 De sorte que por elle aquelle estreito  
 Já peregrino lenho naõ cortaua:  
 Chegou deste aleiuoso horrendo feito  
 A Fama, que assombrando o diuulgaua,  
 Voando ao Rey de sião coa noua fera,  
 Que sogro do defunto, & senhor era,  
 Pedindolhe

## LXXXIII.

Pedindohe vingança o sentimento  
 Muytas vezes mandou sobre o homicida,  
 Porém (contraria a sorte ao pensamento)  
 Deixaraõ sempre os seus na empreza a vida:  
 Não fizeraõ mudar o iroso intento  
 As perdas, & esperança mal cumprida,  
 Com seu poder de ceo por mar, & terra,  
 A ferro, & fogo pregoando a guerra.

## LXXXV.

Não ousando esperar ao Rey irado,  
 Largou Paramisora a Cingapura,  
 E de tres mil dos seus acompanhado  
 O querer foi seguindo da ventura:  
 Donde o Muar sombrio no salgado  
 Nereo confunde sua corrente pura  
 Chegando, parececolhe a terra boa,  
 E de estacadas fortes a coroa.

## LXXXVI.

Com elle vinha a criminosa gente  
 Que roubando até então no mar viuia  
 Celâtea se chamaua era valente  
 Em tudo que interesse prometia:  
 Necessidade em Cingapura urgente  
 Chamalos fez a sua companhia,  
 Porém vendo se menos poderoso  
 Andana de suas manhas temeroso.

## LXXXVII.

Pelo que em brando modo despedidos  
 Lhes ordenou que pouoação fizessem  
 Mais abaixo: porém que sempre unidos  
 Nos casos necessarios estiuessesem:  
 Vão da necessidade constrangidos  
 Buscar sitio seguro, em que viuessesem,  
 E no lugar que vedes, estiueraõ,  
 E á sua pouoação principio derão.

Tendo

## LXXXVIII.

Tendo cõs naturais guerra, ha quem diga  
 Que imitando aos Romanos arriscados,  
 De outro roubo amoroso a paz se sigua.  
 Das filhas das esposas obrigados:  
 Viueraõ annos em conforme liga  
 Os Celâtes ao mar acostumados,  
 Exerctauão seu antigo officio  
 Da laranja, os da terra o exercicio.

## LXXXIX.

Veyõ esta gente a tanto crescimento,  
 Que a pouoação estreita reprovaraõ,  
 E deixando de setta, em outro assento  
 Que chamaraõ Bintaõ, edificaraõ:  
 Delle tomando o Ceo este instrumento,  
 Que assi o presumo, conuidar mandaraõ  
 Paramisora, com que os governasse,  
 Para que a graõ Malaca se fundasse.

## LL.

Deixou Paramisora o sitio estreito  
 Que habitara forçado, & a Bintaõ veyõ,  
 Onde passou a vida, sem do peito  
 perder do Siamie Rey nunca o receyõ:  
 mas co tempo esquecido o estranho feitor  
 Hum filho seu, que foi de medo alheyo,  
 Xaquem Daxao guerreiro se chamaua,  
 Que ( decrepito o pay ) já governaua,

## LII.

Por se ajudar do mar, em que a esperança  
 Punha, de vir a ter hum grande estado,  
 Principio deu com noua confiança  
 Ao pouo, que hoje o Ceo tem prosperado:  
 E como sempre tinha na lembrança  
 Seu velho pay da Iãoa desterrado,  
 Por nome a este lugar Malaca applica,  
 Que desterro na Iãoa significa,

*Malaca conquistada*

LLII.

Lógo os Celates Iaos, & os que a cultura  
A terra daõ Malayos se chamaraõ  
Por permissaõ secreta da ventura,  
Ou dos Ceos, que as vontades conformaraõ:  
Com gèral alegria, & com Fè pura  
Por Rey o Xaquem Darxa appellidaraõ,  
Estes saõ de Malaca os pouoadores,  
Este seu Rey primeiro, & dos melhores,

LLIII.

E como neste tempo a terra desse  
Tributo o Siame Rey, que inda temia:  
Ordenou grossa armada, que corresse  
O mar, como num tempo o pay fazia,  
Toda a nao obrigando a que viesse  
Commutaçõs fazer de mercancia  
A cidade, que foi assi e recendo,  
E se foy Cingapura desfazendo.

LLIIII.

Moneolhe o nouo Rey dos Siames guerra,  
Que teue fim, pagandolhe tributo,  
Porém deulhe cem legoas mais de terra,  
Nã culta, mas já então de grande fruto:  
Mortal, pouco de spois, os olhos cerra,  
E a Malaca deixou em pranto, & luto,  
Bem que já engrandecida, & populosa,  
Por opulenta, & forte poderosa.

LLV.

O primeiro foi este, que deixado  
O gentilico rito, a ley aceita  
Daquelle que lá em Mecha venerado  
O ar sustenta, & guarda em tumba estreita:  
Por morte deste Rey dos seus chorado  
Succedeo Modafaida em reyno, & feita,  
E não foi menos que seu pay famoso  
Nas armas, & conselho valeroso.

## LLVI.

Desembainhando logo a ferra e spada,  
 Pão, Campar conquistou, & Dandargirê:  
 E neste mar trazendo grossa armada,  
 Reputação, riqueza, & fama aquire,  
 E vendo a sua cidade sublimada,  
 Conto hum animo grande a mais aspirê,  
 De Malaca Soltaõ se intitulaua,  
 Que o regio nome quasi desprezaua.

## LLVII.

Morto o graõ Modafaida, o regio mando  
 A seu filho passou Soltaõ Marfusa,  
 Duro aos contrarios, aos amigos brando,  
 Bem digno de o cantar eterna Musa:  
 Morreo de largos annos, & ficando  
 A gente sua em justa dor confusa,  
 Socedeolhe Aladin filho mais velho,  
 Foi de rara virtude, alro conselho.

## LLVIII.

Paz contrinua gozando em seu governo,  
 Ajuntou copiosissimo thesouro,  
 E Malaca chegou ao mais superno  
 Estado de grandeza em gente, & ouro:  
 Quis este (por ganhar renome eterno)  
 A casa visitar, que adora o mouro,  
 Para o que naos arinou deuoto tanto,  
 Que presopunha de morrer lá santo.

## LLIX.

Porem como os humanos fundamentos  
 São vãos, quando o contrario ordena a sorte  
 Osdo prudente Rey pios intentos  
 Atalhou, & desfez num ponto a morte:  
 soltaõ Aladin morto pensamentos  
 De ambição que entrê os homêes he tão forte  
 Causaraõ diuisões o mesmo dia,  
 E venceo co poder a tyrania.

[Malaca conquistada

LLX.

Dous filhos de Aladim senhor ficaraõ.  
Del Rey de Campar neto era o mais vellõ,  
Chamado Soleimão, aquem faltaraõ  
Os homẽs, naõ valor, nem bom conselho:  
Ao menor os Malayos se ajuntaraõ,  
(Ó d: humanos respeitos claro espelho!)  
Sõ porque era sobrinho de Bendara,  
Que sempre o Mundo o poderoso ampara.

LLXI.

Era o Bendara rico, & poderoso,  
Co melhor de Malaca áparentado:  
E tanto pode, & fez, que vitorioso  
O sobrinho por Rey foy leuandado:  
Reynando, pois, Mahamet, mas receoso,  
Como tyrano em nada assegurado,  
Não descansou atè que fratercida  
A mi sem pay, ao irmão deixou sem vida.

LLXII.

Fiquei em seu poder de pouca idade,  
Fui em prisaõ, posso dizer, criada,  
Cresci, crescendo o odio, & a vontade,  
Para seu dano sempre aparelhada:  
Que quando me dispus á liberdade  
Da lusa gente intrepida, & arriscada,  
Foy tanto em odio seu, & por vingança,  
Quanto por dar principio a hũa esperança:

LLXIII.

E atras naõ tornarei, a morte vendo  
Como em danno resulte a este homicida,  
Alliviando, & não satisfazendo  
A dor, atè lhe ver perder a vida:  
Vosso valor me está já prometendo  
Ver cedo esta esperança bem cumprida,  
E o Ceo que as injustiças aborrece,  
As causas que são justas favorece.

## LLXIII.

Assi deu fim á historia, não ao pranto,  
 Que os suspiros de nouo acompanharaõ:  
 Deltros ministros de Vulcano em tanto  
 Os imitados rayos dispararaõ:  
 Engrossa o fumo, & com seu rouco canto  
 As sonora trombetas ineitaraõ  
 Os b: iliosos animos a guerra,  
 Dando salua de paz á excelsa terra.

## LLXV.

Diron por largo espaço o estrodo horrendo,  
 Bem que de paz medonho, & espantoso,  
 Bramando os ecos longe respondendo,  
 Som faziaõ confuso, & temeroso:  
 Parou a artelharía, & desfazendo  
 Se foi logo o vapor caliginoso,  
 Descobriundo-se toda a forte armada  
 De tremulas bandeiras adornada.

## LLXVI.

Fauesadas de tyria cor cobrião  
 Das grandes naos grão parte dos costados;  
 Que com arte sutil offerecião  
 Eteudos, com diuisas matizados:  
 Por toldas, & conués apparecião  
 Os Portugueses fortes, & arriscados,  
 Vestidos de mil cores diferentes,  
 Mostrandose lustrosos, & valentes.

## LLXVII.

Em tanto por Malaca o Rey tyrano  
 Discorre cuydadoso, & em toda a parte  
 Contra o poder que teme Lusitano,  
 A defenfa proue, gente reparte:  
 Mil, & mil instrumentos de Vulcano  
 Para a parte do mar plantia com arte  
 Sobre grossas, & bastas estacadas  
 Com largo ter rapleno fabricadas.



Abdela o acompanha, que se guira  
A forte Armada que Malaca aterra  
E chegara antes della, porque a ira  
Infernalligeireza ao lenho dera,  
Quizando o Rey o auiso, fogo espira,  
Mas logo que o perigo considera  
Ans Reys vezinhos com tenção fizuda  
Mensageiros despacha, & pede ajuda.

LLXX.

O Principe Aladin vnico herdeiro  
Daquelle grande imperio entre a nobreza  
Malaya se offerece, & aventureiro  
El Rey de Pão que ser amante preza:  
Anima ao Rey o Principe guerreiro,  
Que indomito, & feroz tudo despreza,  
E foando em toda a parte a guerra irada  
O Rey sobio a ver a Lusa armada.

LLXXI.

Sobre a torre, que Alaida frequentaua,  
Que dos seus paços sobre o mar caía,  
E quanto alegre a frota se mostraua,  
Tanto seu coração se entristecia:  
Que já frio temor representaua  
O castigo da culpa a fantasia:  
E para que da armada o informasse  
Mandou que algum dos presos se chama

LLXXII.

Trouxeraõlhe Araujo, o qual usando  
Ante el Rey o diuido acatamento,  
Seguro, & confiado entrou, mostrando  
Do valeroso peito o altiuo intento.  
Com rosto alegre o Rey dissimulando  
O temor, que lhe ocupa o pensamento,  
O chamou junto a si, porque pudesse  
Ver a armada, & razão della lhe desse.

## LLXXII.

Dizendo: Tu, que deues já por vſo  
 Conhecer de ſſas naos toda a diuiſa,  
 Deſſas, que porque as preza o pouo Luſo,  
 As eſtimo, que donos tem me auifa:  
 De quê he aquella, em q̄ de hum mar cõfuſo  
 Rodeado hum penhaſco ſe autorifa  
 Brotando das entranhas eſcondidas  
 Dê viuuo fogo flamas acendidas.

## LLXXIII.

Senhor (lhe respondeo) ſenaõ me engano,  
 Aquelle he o moço Iayme, aquem a forte  
 Sogeito fez ao amoroso engano  
 Que entrada acha tambem no peito forte:  
 Mas poſto que de amor padeça o dano  
 He de inimigos duro aſſombro, & morte,  
 E aſſi moſtra eſforçado quanto ardente  
 Neſſa diuiſa o que o ſeu peito ſente.

## LLXXIII.

Lá naquella galè grande, & ligeira,  
 Que deitou neſte ponto ancora ao fundo,  
 Vejobaſtões ſanguinos na bandeira,  
 Alli o valor, & aſſombro vem do Mundo:  
 Dom Loãõ de Lima he aquelle, na primeira  
 Idade naõ ſe lhe achã outro ſegundo,  
 Saluo hum Coutinho igual cõ elle em annos  
 Em ſangue illuſtre, & feitos ſoberanos.

## LLXXV.

A bellicofa tuba câ de Oriente  
 Ouindo, desprezou logo o ſoſſegõ,  
 E o mar paſſou com hum deſejo ardente  
 De fazer só na Fama heroico emprego:  
 Fama cobiça o coração valente  
 Não ouro, premio vil de animo cego,  
 Por quem ſem razão tantos degeneraõ;  
 Que do mais polo menos ſe eſqueceraõ.

LLXXVI.

Aquella grande nao lá donde o vento  
 Estende tremolando hum estandarte,  
 Encetra em si, o sem par merecimento  
 Do nosso Lusitano Christão Marte:  
 Posto que a fama com suas linguas cento  
 Só em feitos seus se ocupe, dirá parte,  
 Que he (por mais que ella rudo facilita)  
 Materia para a fama inda infinita.

LLXXVII.

O Rey, que nelle só tinha o sentido,  
 Preguntou a Araujo desta sorte:  
 Quem he esse Albuquerque q̄ atreuido  
 Rompe o mar, desprezando vida, & morte.  
 Esse que estás pintando tão temido,  
 De tão alto valor, peito tão forte,  
 Favorecido da Fortuna tanto  
 Que ás remotas nações enche de espanto?

LLXXVIII.

Que emprezas altas, feitos arriscados,  
 Que alcançadas vitorias o engrandecem;  
 De ti saber desejo, que guardados  
 Feitos tais na memoria ser merecem.  
 Posto (disse Araujo) que os passados  
 Trabalhos a memoria me escurecem,  
 E que estou já culpando em mi meu erro  
 Inda quando tivera a voz de ferro.

LLXXIX.

Temerário seret dizer oufando  
 Deste heros o trabalho illustre, & duro;  
 Como os que de si muyto confiando,  
 Moueraõ guerra contra o Olympo purq̄  
 Decer, como Theseo, onde pensando  
 As almas vio, me ferá mais seguro:  
 Potem vos me mandais, q̄ eu não me atreuo;  
 E por vos arriscarme a tudo deuo.

Agora

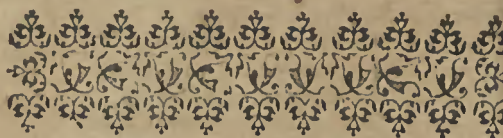
## LXXX.

Agora, ó Musa, tu, que fauoreces  
 Intentes atos, teu favor inuocô?  
 Tu, que rudos engenhos ennobreces,  
 Valme nesta materia alta que toco:  
 Porque se coa luz tua me falseces,  
 A temer o successo me prouoco  
 Do moço das irmãs em vão chorado:  
 Do que deu nome ao mar vâmente ousado.

## LXXXI.

Dame, Musa, fauor que todo o peito  
 Fauorecido, a muyto mais se atreue,  
 Não perca, Musa, não por men defeito  
 Valor, que no mais alto por se deue.  
 Calauão todos: & por mais respeito,  
 Araujo cuydando hum pouco estene,  
 Como quem do passado faz memoria,  
 E co meçou assi a heroica historia.





# L I V R O V

## ARGUMENTO

**C**onta Araujo a ascendencia clara  
De Afonso de Albuquerque valeroso,  
Como desposs que em Africa passara,  
Vso as prayas do Indo caudaloso:  
Suas façanhas celebres declara,  
De que já o Mundo todo está inuejoso,  
Alegre el Rey Manuel, rica Lisboa,  
Ormuz rendida, Calecut, & Goa.

I.

**D**Espois do Ilion soberbo derribado  
Pelo fatal cauallo, & Grega manha,  
Seguindo Vlysses o rigor do Fado,  
Rôpeo o estreito mar, q̃ o Calpe banha  
E andando peregrino desterrado  
Edificou no fim da illustre Espanha  
Que he cabeça de Europa, a grão Lisboa,  
Da nossa Lusitania alta coroa.

Nella

## II.

Nella teue ditoso nacimiento  
 De ascendencia real o heroe famoso,  
 Que na primeira idade o pensamento  
 Mostrou logo da Fama cobioso:  
 Antes do quarto lustro o patrio assento  
 Deixou, correndo à guerra deseioso  
 De mostrar o valor, a que era estreito  
 ( Bem que espacoso ) o campo de seu peito:

## III.

Logo então os guerreiros Africanos  
 Sentirão quanto Marte lhe he propicio,  
 E conseruaõ os campos Tingitanos  
 De seu alto valor o heroico indicio:  
 Passados em Arzilla os verdes annos  
 No bellico louuauel exercicio,  
 O premio teue de Ioão segundo,  
 Que illustre assombro então era do Mundo:

## III.

Morto o preclaro Rey de Keys exemplo  
 Torna Albuquerque a Arzilla acompanhado  
 Do claro irmão, cujo valor no templo  
 Da Fama está a memória consagrado:  
 Entre o mauro esquadrão inda o contempló,  
 Qual o filho de Euandro, estimulado  
 Do desejo de gloria brãno, & forte,  
 Quando tudc atañhou a dura morte:

## V.

Vendo Albuquerque de Agarenas lãças  
 Atraueffado o charo irmão, & vendo  
 Cortadas inda em flor as esperanças  
 Que seu valor lhe estava prometendo:  
 Tornou à patria amada co as lembranças  
 Que a perda estava a dor offerecendo  
 Reynaua Mannel, que do real peito  
 Mostra o forte varaõ, o amigo afficito.

Malacá conquistada

VI.

Estava a Índia então em duvidoso:  
Estado, pela guerra que fazia  
O Camorij com animo inuejoso  
A Christã gente, que em Cochij vivia:  
O bom Rey, que dos seus he cuydoso  
Para o socorro armada apercebia:  
As dínas partes de Albuquerque nota;  
E ofaz caudilho da guerreira frota.

VII.

Ficava outrano porto Lusa armada,  
Que posta verga dalto brevemente,  
De munições, & de armas carregada  
Aposentou gallarda, & forte gente:  
Della, em a vendo o Rey aparelhada,  
A Jorge de Albuquerque dá o tridentê,  
So'taõse as vellas desde os altos pinhos,  
E do humido cristal segue os caminhos.

VIII.

Mas sendo o inuicto Afonso o que primeiro  
As ondas se entregara, & fresco vento,  
Por contrárias fortunas derradeiro  
Chegou a ver de Phebo o nascimento;  
O parente em Cochij já do guerreiro  
Camorij abatera o ousado intento,  
Rompendo os brauos Naires, que na terra  
Tinham feito aos de Luso tamaguerra.

IX.

Tinhaõse em Repelim fortificado  
Os que daquella rota se saluaraõ,  
E com socorro o campo reforçado  
A segunda contenda se animaraõ:  
Mas como se recil de manso gado  
Hyrcanos rigres brauos assaltaraõ,  
Os fortes Albuquerque considero,  
E tal o estrago sanguinoso, & fero.



## X.

Vem como quando subita crescente  
 Que o Inverno causa, campos alagando,  
 Valles inunda, & a força da corrente  
 A terra rompe plantas arrancando:  
 Tal resistida a Portuguêsa gente  
 Rompe com furia, Náires derribando,  
 Aquem tomando de aquella ilha os portos,  
 Ficaraõ seus Caimais presos, & mortos.

## XI.

Tornados a Cochij cõm tal vitoria,  
 O Rey tanto valor engrandecia,  
 E com alegres lagrimas a gloria  
 Pelos deus alcançada ao Ceo subia:  
 Deste feito serã eterna a memoria,  
 Inuenciueis guerreiros, lhes dizia,  
 E o que em meu reyno ouuer, vos offeresço,  
 Porque ser hoje Rey por vos conheço.

## XII.

Deste modo se mostra agradecido  
 A aquelles, que por elle tanto obraraõ,  
 E que ver o seu nome engrandecido  
 Só premio de suas obras estimaraõ:  
 Ao grato Rey por elles soy pedido  
 Hum sitio dos que junto ao mar ganharaõ,  
 Onde hũa casa forte edificassem,  
 Em que seguramente descansassem

## XIII.

Iuntaõ às mais razoës, que confiado  
 O senhor, que a seruido sò os mandaua,  
 Na amizade, que tinhão celebrado  
 O que elles lhe pediã, lhe rogaua:  
 Considerando o Rey que o seu estado  
 Melhor daquelle modo assegurava,  
 Contra voto dos seus manda que possa  
Leuantar fortaleza a gente nossa.

Abrem da Indiana terra o seyo interno  
Que fructo rende grata a sua esperança  
Quando auspicio, que faz tremer o Inferno  
Lhes dá noua, & segura confiança:  
A sacra ara em que o Cordeiro eterno  
Sacrificado foi, quando em balança  
A justiça, & piedade os homés viraõ  
Os que o cimento abriaõ, descobriraõ.

XV.

A Cruz santa presumo que enterrada  
foi quando o cego Malabar perdia  
A ley da graça por Thomè prégada;  
E se abraçana á cega idolatria:  
Iunto com ella estava rica espada  
Guarnecida com fina pedraria,  
Adora o Christaõ bando o final santo;  
E os peitos fere com deuoto pranto.

XVI.

Rodrigo varão justo, que milita  
Seguindo a insignia do Guzmão diuino;  
Eleuado no Ceo, disse: O infinita  
Bondade, & de trabalhos premio dino.  
Festejai, Lusitanos, vossa dita,  
A Cruz santa declara alto destino,  
Por vos será a diuina Fè estendida,  
E com valor immenso defendida.

XVII.

Afonso em tanto o marcial auspicio;  
Des que o diuino adora, considera;  
E disse: o Ceo prepare hum pio hospicio;  
A ley da graça entre esta gente fera:  
Que se o Ceo merecemos ter propicio,  
A guerra de festimo que me espera:  
Que guerra pronostica aquella espada,  
Se a Cruz a ley da graça propagada.

## XVIII.

Assi disse. E os valentes Portuguezes  
 Tornaraõ ao trabalho cuydadofos,  
 Os muros levantando em poucos meses,  
 Que por Pacheco sãõ hoje famosos:  
 Tu, que amas o valor, he bem que prezes  
 Este, que fez a tantos inuejosos,  
 E se isentou do tempo de tal sorte,  
 Que poder naõ terã sobre elle a morte.

## XIX.

A forralcaza pois, foi a primeira,  
 Que edificou nas prayas do Oriente,  
 Em paga da constancia verdadeira  
 Tras tanto encontro a Lusitana gente;  
 Sobida no mais alto a real bandeira,  
 Junto o pouo fiel denotamente,  
 Celebrouse aquelle alto sacrificio,  
 Em que Deos se nos mostra mais propicioe

## XX.

Feitas as cerimoniae religiosas  
 Do Rey, & companheiro despedido,  
 Rompendo Afonso as agoas fluctuosas  
 Chega a Coulaõ, & foi bem recebido:  
 Que posto que com cartas cautelosas  
 Do Camoris o Rey foi persuadido  
 Que lhe fizesse guerra, naõ bastaraõ,  
 E a pesar seu as pazes se juraraõ.

## XXI.

E qual de Eson o filho valeroso,  
 Que fez do frigio Ariete a conquista  
 Offerecido ao caso perigoso,  
 Que em fim com o fauor de Amor conquista:  
 Do mar vencida a furia, co precioso  
 Vellocino tornou a clara vista  
 Do pay: tal Albuquerque á patria torna,  
 E já de louro a illustre fronte adorna.

De aromas, drogas, perlas carregadas  
 As grandes naos tornou á foz do Tejo;  
 Dõde lhe forão de Manuel premiadas  
 Obras que se igualarão co desejo:  
 E tornando a mandar nouas armadas  
 O grande Rey em venturoso ensejo,  
 Por companheiro de outro heroe valente,  
 Tornar o manda aos berços do Oriente.

XXIII.

Passa o ceruléo pego acompanhando  
 (Obediente a seu Rey) o varaõ forte,  
 Illustre, & por idade venerando  
 Aquelle Cunha, a sombra de Mauorte:  
 No comprido caminho trabalhando  
 Contra elles a Fortuna, & tempo, a morte  
 Por muitas vezes ante os olhos virão,  
 E os males que offerece o mar, sentirão.

XXIII.

Passado o procell.ífo mar, a terra  
 Os hospedou com feros inimigos,  
 Com as armas nas mãos prontos a guerra,  
 Que prometia mil mortais perigos:  
 Porém elles, mostrando quanto erra  
 O que despreza telos por amigos,  
 Cidades abrazando, desfizerão  
 Reynos, & tributarios Reys fizeraõ.

XXV.

Foi o rigor primeiro executado  
 Na diliciosa Angoxa ao fogo dada,  
 Porque o Xequé de vã soberba armado,  
 A paz não quis de tantos desejada:  
 Roto o Agareno pouo acobardado,  
 Daahe alcance a gente bautizada,  
 Dous ali esposo, & esposa, os mais seguirão;  
 Mostrando que de amaric sò viuião.

## XXVI.

Do curto passo da querida esposa  
 Não se adianta o Sarraceno amante:  
 Mas donde viue amor, que rigurosa  
 Morte ha, que dè temor, nem mal q' espante?  
 A gente fugitiua, & temerosa  
 Seguita ao melino Marte semelhante,  
 O inuicto lorge da Silueira, vidis  
 Tirando, dando ao Inferno almas perdidas

## XXVII.

Deste encontrada por ditosa sorte  
 A namorada copia, qual no monte  
 Se offerece a defença da consorte  
 Seluaje touro de arrugada fronte:  
 Tal firme o amante offerecido á morte  
 Saluate (disse) amiga só se conte  
 Que executa o inimigo em mi sua furia,  
 E o Ceo estorue que te faça injuria.

## XXVIII.

Ella responde: Mal parrime posso  
 Sem ti, que es alma, que este peio animas;  
 Do bem, saltando tu, me desapoosso,  
 Que em ti consiste se teu bem me estimas:  
 Não dinidirá a morte este amor nosso,  
 Se a vida, por saluar-me, desestimás:  
 Morramos juntos, seja igual a sorte,  
 Que vida me será contigo a morte.

## XXIX.

Dizendo assi, nos delicados braços  
 Aperta o do amor seu querido objecto,  
 Qual ter costuma entre amoresos laços  
 A vide amante o frondoso elmo estreito:  
 Ou qual com tenacissimos abraços  
 Do firme arrimo penetrando o peito.  
 Labyrinthos tocendo a era prende  
 O muro, por quem sobe, & de quem pende.

Malaca conquistada

XXX.

Os extremos de amor, & alta firmeza  
Vio Silueira, & com alma compassiua  
Felicemente disse: a vida preza,  
Para que tanto amor, eterno viua:  
Busca piedoso abrigo na aspereza  
Da terra, em quanto for a sorte esquiua;  
Nunca permira o Ceo (perdoe Marte)  
Que tao estreito amor por mi se aparte.

XXXI.

Vou ( responde o pagão ) pore m rendido  
Varão forte, em quem vejo alta bondade,  
E à piedade, que vsaste, agradecido,  
O Ceo vse contigo de piedade:  
E se algum tempo menos affligido  
Permitir que eu te veja, esta vontade  
Que em meu peito por ti catiua fica,  
De agradecido affeito verás rica.

XXXII.

Assi se despediraõ, & entretanto  
Deixado o alcance, a gente já se emprega  
Nos despojos, & o fogo com espanto  
Dos pagãos tristes, quasi ás nuens chega:  
Deixando Angóxa enuolta em fogo, & prãto  
De nouo ao campo de Safir se entrega  
A vencedora armada, & brádo o vento  
Respiraua nas vellas fresco alento.

XXXIII.

Semelhante rigor experimentaraõ  
De Lamo os imprudentes moradores,  
E os de Braua, que enganos vão vsaraõ  
A è prouar das armas os rigores:  
Guerra aclamando a santa paz negaraõ,  
Prouocados a bellicos furores,  
Aquirindo soberbos com seu dano,  
Vello que tarde, & em vão, o de engano.

## XXXIII.

Rica era Lamo. Anxoxa deliciosa,  
 Que seu campo se mostra ao cultor grato,  
 Habitadas de gente bellicosa  
 Na ostentação soberba, & no aparato:  
 Era Braua cidade populosa,  
 De grandes edificios, nobre ornato,  
 Rica pelo comercio de Sofalla,  
 De Anfião, de Cambaya, & de Bengalla.

## XXXV.

Abraçadas Anxoxa, Lamo, & Braua,  
 Sobre Socotorâ também tiueraõ  
 Cos fortes Fartaquins contenda braua,  
 Que nem á mesma morte se renderaõ:  
 Pela fama, que só se respeitaua,  
 Inuencineis a vida dar quíseraõ  
 Arrogantes chamando, & bellicosos  
 Os partidos honestos, pouco honrosos.

## XXXVI.

Era Socotorâ ilha habitada  
 De Christão pouo, desdo tempo quando  
 Thomè, em diuino fogo a alma abraçada,  
 Alli chegou, hum Deos, & hãmen prégando:  
 Dos Fartaquins pouco antes conquistada  
 A miseravel gente maltratando,  
 Vsaão dos rigores inhumanos,  
 Que vfar costumaõ barbaros tyranos.

## XXXVII.

Em poder nosso posta a fortaleza  
 Com morte dos valentes defensores,  
 E por nòs lenantada a mais grandeza  
 Com grossos muros, torres superiores:  
 Recolheraõ se â nautica estreiteza,  
 Triunfando os dous insignes vencedores,  
 Deixado nella capitaõ valente  
 Com muytas munições, & destra gente.



Malaca conquistada.

XXXVIII.

Acabada esta empreza do guerreiro:

Se despede, o profundo pego abrindo  
O illustre, & valetoso companheiro,  
Buscando as prayas de entre o Gãges, & Indo:  
Mas Afonso, aquem toca outro roteiro,  
De nouo, novos mares inquirindo,  
Chegou vencendo tudo, onde a memoria  
Conserua de Albuquerque a heroica historia.

XXXIX.

Pelo Persico seyo entra imitando

O furibundo rãyo disparado  
Da alta nuvem rompendo, & abrasando  
Contra a mór resistencia mais irado:  
Grãdes ruynas, que atrás vay deixando  
Velligtos do rigor executado  
Publicando & tãraõ por maytos annos  
O preço de seus feitos soberanos.

XXXX.

Naõ vio dos celebrados nas historias

Nenhum de mais valor a luz do dia  
Na execuçaõ, discurso, & nas vitorias  
Nelle o Grego melchiades se via:  
E com Cesar em tantãs marciais glorias  
Vin, vi, venci, tambem dizer podia:  
Compete com Dauid no sofrimento,  
E vence as sem razões eo entendimento.

XXXVI.

Rende-se ao nome Lusitano logo

Antes de vir às armas, Calayate,  
E foi com rigor posta a sangue, & fogo  
Penã de sua soberba Curiate:  
De paz tratava com humilde rogo,  
Naõ querendo rigor prouar Mascate,  
Mas dons mil Benjabares que lhe entrarão,  
Por seu mal de socorro, os alterãrão. § V . . .

Pelos

XXXII.

Pelos Mascates declarada a guerra  
 Ordenou Albuquerque darlhe assalto,  
 E posta a Lusitana gente em terra  
 Entrou a escala vista e muro alto:  
 Ousado a ganha, & com tal furia cerra  
 O esquadrão forte, que de valor salto  
 Deixa a cidade o Benjabar fogindo,  
 E de ordem fora os leus o vão seguindo.

XXXIII.

Seguido foi o alcance dando morte,  
 Sem se ser reservar, perdoar idade,  
 E depois, recolhida a gente forte,  
 O facto se lhe entrega a cidade:  
 Entrão correndo, como os guia a sorte,  
 Os soldados as casas, a vontade  
 Cobiçosa fartando nas riquezas,  
 Que muros altos rompe, & fortalezas.

XXXIII.

Despojada Mascate em fogo ardendo  
 Remate de castigos, & rigores,  
 Chorosos desde hum monte o incendio vêdo  
 Seus mal aconselhados moradores:  
 Leuanião ferro os nautas estendendo  
 Ao vento as vellas grandes, & menores.  
 O porto a armada deixa, & em breue chega  
 Onde o alto esforço em novo Marte emprega.

XXXV.

Dêita ferro em Soar, & confiados  
 Seus vezinhos na grande fortaleza,  
 Soberba ostentação fazem de ousados,  
 E mostras dão de indomita braueza.  
 Porem logo melhor aconselhados,  
 Prouar não querem a ira Portugueza,  
 E valor respeitando no contrario.  
 Tributo lhe offerecem voluntario.

Parte se

*Malaca conquistada*

XXXXVI.

Parte se de Soar, a Orfação chega  
O forte capitão da gente Lusa,  
Elle paz offerece, & a paz lhe nega  
O Agareno esquadrão, que as armas vfas  
Iã gastado era o dia, & mal sossega  
Afonso a noute, & dando luz confusa  
A Aurora não aguarda, que o Sol laya,  
Parte iracundo a cometer a praya,

XXXXVII.

De barbaras cateruas occupada  
Estava toda pronta a defenfa:  
Porem por força a deixaõ despejada,  
Melhor sofrendo a afronta, que a offensa  
Segue a vitoria a gente bautizada  
Atè a porta onde foi a furia immenfa,  
Cos inimigos em volta entrar procura,  
Mas acha nella resistencia dura.

XXXXVIII.

Alli feridas dando, & recebendo,  
Abellica contenda se renoua,  
A entrada os Sarracenos defendendo,  
Que vencer cada qual dos nossos proua:  
Albuquerque impaciente reprendendo  
Esta pouca tardança, heroica proua  
Faz de seu graõ valor, embrança o escudo;  
E cometendo a porta rompe tudo.

XXXXIX.

Como em Adastria o filho de Philippe  
Passa contra o poder de Asia a corrente  
Granica, rompe (sem que participe  
Primeiro algum da gloria) a pagã gente;  
Seguemno os mais, & porque se anticipe:  
Cada qual a ferir forte & prudente,  
Assi como coa espada vai cortando,  
Os vay em vozes altas animando.

L.

Atè fora da villa vão ferindo  
 Nos inimigos postos em fugida,  
 O bellico furor não contentando  
 Que a nenhum delles se conceda a vida:  
 Deixando o alcance a furia reprimindo  
 A vencedora gente recolhida,  
 Foi com as mais a villa saqueada,  
 E por vltimo dano ao fogo dada,

LI.

Afolada Orfação, tudo embarcado,  
 Fez hum canhaõ final de dar á vella,  
 Logo as naos fureão o licor salgado,  
 E benigna os recebe Tethis bella:  
 O cabo de Masinde já dobrado,  
 As vellas grandes tomaõ com cautella  
 De ir com mais segurança a ver a terra  
 Aquem se aparelhava tanta guerra.

LII.

Fugia a noute, vinha a manhã clara,  
 As cousas distinguindo, & illustrandõ,  
 Quando a opulêta Ormuz, Queixõme, & Lara  
 Se descobrê, a gente aluoroçando:  
 Do porto á vista as âncoras prepara  
 Nautica turba, & vellas vai tomando,  
 Surgindo, âncoras deita breuemente,  
 Pega na molle arca o ferreo dente.

LIII.

Deu com medonho estrondo a artelharía  
 Salua á cidade, mais que alegre horrenda:  
 Com a salua acabou também o dia  
 E a noute succedeo negra, & tremenda:  
 Dobraõ logo hús, & outros a vigia,  
 Porque subito assalto não se emprenda,  
 Que não seja esperado, & prevenido,  
 Antes de imaginado, a cometido

Tinha

Tinha da terra, & mar general feiço  
 Cêsadim que reynava, em pouca idade;  
 O fero Cogeatar, que tem no peito  
 Contra Christãos herdada inimizada;  
 Valor ostenta, pouco, ao pouo accito  
 Por tyrana priuança que a vontade  
 Real com tanto extremo fogueitaua,  
 Que soberbo, absoluto gouernaua.

LV.

Estava já no porto apercebida  
 Esperando Albuquerque, grossa armada;  
 Que por força, ou vontade era detida  
 Toda a nao já mercante, já artilhada  
 Aquella que se achaua mal provida  
 Era do necessario logo armada,  
 Repartindolhe gente mais guerreira,  
 Assim da natural, como estrangeira.

LVI.

Coa noua luz Afonso ao Rey da terra  
 Conuida com a paz, trato offerece,  
 Mostrandolhe tambem que para a guerra  
 Poder não falta, nem valor falece;  
 Mas elle os meyois faudaucis erra;  
 E aquella sã vontade desconhece,  
 Vario responde, a conclusã dilata,  
 E em tanto só de aperceberse trata.

LVII.

Na praya a gente inumeravel era  
 Vestida ao modo seu de varias cores,  
 Tal como quando alegre a Primavera  
 Valles, & montes veste de herua, & flores;  
 Nas armas fere o Sol, & reuerbera,  
 Nittir se ouem cauallos, soar tambores,  
 As souoras trombetas o ar rompião,  
 Confusas vozes tudo confundião.

Qual

## LVIII.

Qual da alta popa os seus animaria,  
 Do imigo á vista o grande, Octaviano,  
 Quando a fera batalha dar queria,  
 Em que d:u causa amor a tanto danos:  
 O pio Afonso, que no Ceo confia,  
 E em seu nome o poder despreza humano,  
 Aos poucos seus, que mais que a copia estima,  
 A desigual batalha oufado anima

## LIX.

Notado tudo tinha vigilante,  
 Sem perder ponto, no trabalho duro,  
 E com animo em bem, & malconstante:  
 Assim lhes disse, & se mostrou seguro:  
 Nação inuidta, que buscando errante,  
 Aquella que dá vida no futuro  
 A morte desprezais, indo inuencineis,  
 Acabando inda os casos impossiveis.

## LX.

Em parte estamos, donde nos importa:  
 A resolução mais, que não conselho,  
 Fama immortal, aqui nos abre a porta,  
 Vencendo tanto bellico aparelhe:  
 Vosso valor minha esperança exhorta,  
 Que he cada qual de vos hum claro espelho,  
 Em que se denem ver os valerosos  
 Que só buscão renome de famosos.

## LXI.

Esta armada, que agora nos enferra,  
 E nos molesta em modo de cercados,  
 Rompela pede a honra, acabe a guerra  
 O que não podem rogos de prezados:  
 Conheça o brauo Cogearar que erra,  
 E o Rey, que segue intentos engãados,  
 Em desprezar a paz, que offerecemos,  
 E em vir com vosco a marciaes extremos.

Temor não cause tanta inimizade,  
 Posta onde só he segura a confiança;  
 Aprendendo em Dauid quanto Deos sente,  
 Que se ponha nos homêes a esperança:  
 Exemplo he grande Gedcão valente,  
 Deu co numero eleito ao Ceo vingança,  
 E Xerxes vio na multidão contada  
 A confiança vã defenganada.

Assi disse Albuquerque resolutto,  
 E sendo o graue caso praticado,  
 Por cuitar a Ormuz o infausto luto;  
 O Rey de nouo foi coa paz rogado:  
 Mas sendo este esperar sem nenhum fructo,  
 Rompeose a guerra, porque o Ceo irado  
 Tinhá elegido já aquelle instrumento,  
 Para vingar seu longo sofrimento.

O filho de Latona rubicundo  
 Vinha de nouo dando luz ao dia,  
 Quando com nouo assombro do profundo  
 Manda Afonso dar fogo â artellaria:  
 Começa horrendo estrondo, & furibundo,  
 Arruinar-se o vniuerso parecia,  
 E com o márcial sanguino estrago  
 Perde a cerulça cor o falso lago.

Como quando no Inuerno turbulento  
 Se antepõem negra nuuem de repente  
 A clara luz do Sol furioso o Vento,  
 Lauçando rayos Iupiter potente:  
 Confulto espanto occupa o pensamento;  
 Da temerosa mal segura gente,  
 Os relampagos vendo impetuosos,  
 Trouoês ouuindo horrendos, & espantosos.



## LXVI.

Tal o sulfureo fumo vay crescendo,  
 Tudo confunde, enuolue, & escurece,  
 Sò o fuzil do viuo fogo ardendo  
 Por entre a escuridão negra apparece:  
 Da grossa artilharia o estrondo horrendo  
 Atemoriza, a gente que pecece,  
 Aos ares manda gritos, & gemidos,  
 Horriuel confusão enche os ouvidos.

## LXVII.

Por entre fogo, & fumo de ira armados  
 Prouocação a furor Bellona, & Marte,  
 Já vay ao fundo abertos os costados  
 Dos inimigos lenhos grande parte:  
 Entregues ao vil medo acobardados,  
 Já valor falta nos contrários, & arte  
 Deixaõ muytos as naos, & ao mar se lançaõ,  
 E por fugir da morte, a morte alcançaõ.

## LXVIII.

No meyo do mayor perigo andaua  
 Correndo a armada num parò ligeiro  
 O Cogear, & aos seus brauo animaua  
 Já mais que capitão, aventureiro:  
 Mas notandõ quaõ pouco aproueltaua  
 Mostrar-se contra a sorte bom guerreiro,  
 Do temor occupado, deixa a guerra,  
 Os remos bater manda, & tomar terra,

## LXIX.

Dos vencedores fortes foi seguido,  
 Porem em vão, por ser já visto tarde,  
 Foge elle do valor, de si esquecido,  
 E em terra salta tímido, & cobarde:  
 Crece entre tanto o estrago, & com temido  
 Estrondo, nos fundidos metais arde  
 O fogo, estando o caso já de sorte:  
 Que tudo era furor, tudo era morte.

Malaca conquistada

LXX.

Rota a armada inimiga, com horrendo  
Clamor cometem a cidade, dando  
Edificios ao fogo, que crescendo,  
O excelso de outros vai aniquilando:  
O Rey o não cuydado estrago vendo,  
As mortes, & o tenor dos seus notando,  
E tanto da cidade entregue ao fogo,  
A soberba conuerte em brando rogo.

LXXI.

Manda arvorar de paz branca bandeira  
Sobre a torre mais alta da cidade  
O capitão que a vê, manda a guerreira  
Ira cessar, & bellica crueldade:  
Pâra o marcial furor, & da maneira  
Que apparecem (passada a tempestade)  
Os campos, que deixara destruidos  
Os cultiuados frutos consumidos,

LXXII.

Tal aquella potente, & grande armada:  
Pouca auia soberba, & numerosa,  
Desfeita se offerece, & destroçada,  
Vista até aos inimigos lastimosa:  
Neste tempo hũa lancha bem remada  
Rompe a naval campanha, & sanguinosa,  
Chega onde o vencedor insigne espera,  
Suspendido o rigor que concebera.

LXXIII.

A seus pés se postraraõ dous Persianos  
Do Rey Embaixadores já rendidos,  
Pedindolhe piedade, & fim dos danos  
Do triste pouo, & reyno destruido:  
Considerando Afonso os poucos annos  
Do aflito Rey, que roga arrependido,  
Iá compasiuo sente o pueril pranto,  
E que lhe custe o defengano tanto.

## LXXIII

Prêcederão em fim recados varios,  
 E a desejada paz foi concedida,  
 Rey, & reyno ficando tributarios,  
 Por perpetua obediencia prometida:  
 Mas entendi (senhor) que de contrarios  
 Tantos, & tais, vitória tão comprida  
 Não se alcançará sem a soberana  
 Diuina força, de quem pende a humana.

## LXXV.

Nos inimigos cadaueres se achauão  
 As offensiuas frechas encrauadas,  
 Que, retrogado o curso, se virauão  
 Contra os mesmos, de quem eraõ tiradas:  
 Alli diuinas forças pelezauão  
 ( O rara maravilha! ) porque vsallas  
 Hoje não são tais armas entre a gente,  
 Da nossa Europa em partes do Occidente.

## LXXVI.

Em fauor de Pelayo já em Ausena  
 Semelhante milagre Deos vsara,  
 O Deos, que porq̃ aos seus ninguẽ se atreua,  
 De Bahal os Profetas abrafata:  
 Em gloria tanta porque sempre deua  
 Temer o homem, vendo que não pâra  
 A fatal roda, Afonso vio que alcança  
 O mal ao bem com pouca segurança.

## LXXVII.

Que algũs dos capitães-ou que cansados  
 Andassem já da guerra perigosa,  
 Ou por odio secreto, ou por cuydados,  
 Que causa natureza cobiçosa:  
 O respeito perdido a motinados  
 Dando materia à fama pouco honrosa,  
 Deixalo mdytas vezes intentaraõ,  
 E a nauta, & militar gente alteraraõ.

Malaca conquistada

LXXVIII.

Nôtiçã e Cogear, & o Rey tineraõ  
Do discorde, & aleiuoso presuposto;  
E sacudir o jugo pretenderaõ  
Que tomaraõ por força, & não por gosto:  
Porém preualecer nunca puderaõ  
Que Albuquerque à Fortuna firme o rosto;  
Posto que seu poder ve diuidido,  
Os oprime, & sustenta o já adquerido.

LXXIX.

Mas dizer õs réceyos, & cuydados,  
Penas, de sa thossegos, & sospeitas  
Quanto sentio, soffreo aos seus leuados  
De paixões proprias, pouco a Deos accitas  
He materia infinita dos conjurados  
Tantas escurecendo açções eleitas  
O deixaraõ ingratos á lealdade  
No tempo da mayor necessidade.

LXXX.

Fogem: mas segue a guerra o váraõ forte  
Com poucos, porém bõs de altos respeito;  
Em quem nunca terá poder a morte,  
Que os fazem immortais heroicos feitos:  
Em tanto a inueja, & odio, a que por force  
Os muyto valerosos são sogeitos,  
Estáuaõ seu valor aniquilando,  
Seu nome com vãs culpas infamando.

LXXXI.

Em fim tras mil triunfos, & vitorias,  
Seguindo seu costume o tempo vario;  
Ha de perseguções largas historias,  
Em que foi seu valor bem necessário:  
De exêplos deixa ao mundo altas memórias  
Sendo no sufrimento Belisario,  
Mas nouo Iob de Deos fauorecido  
Hoje seu nome he mais engrandecido.

## LXXVII.

Porque de Manuel este famoso  
 Estimado por forte, & por prudente,  
 De seus hombros confia o peso honroso  
 Do conquistado imperio do Oriente:  
 Calecut o sentio, onde esparoso  
 Estrago fez na Maura & Naira gente,  
 Deixando a graõ cidade despojada  
 De riqueza infinita, & ao fogodada.

## LXXXIII.

Mas a todos foi triste esta victoria,  
 Allio Marichal Continho forte,  
 E Correa deixando larga historia,  
 Inuictos rëndem mortal vida à morte:  
 Eterna destes dous será a memoria  
 Nas gentes, & com mais ditosa sorte  
 Na celeste Siaõ gozão segura  
 Posse daquelle bem, que sempre dura.

## LXXXVIII.

A forte, & bellicosa ilha de Goa  
 Que custou ao Sabayo tanta gente,  
 Por toda a parte a Fama já pregoa  
 Como a ganhara o capitão valente:  
 Deceo o Hidalcaõ logo em pessoa  
 Com exercito grosso de repente,  
 Mas achou resistencia taõ famosa,  
 Que foi a de Albuquerque perda honrosa.

## LXXXV.

Neste tempo a monção, que os portos cerra  
 Em toda aquella costa, começava,  
 Areas remouendo; mar, & terra  
 Com violencia o Inverno já ameaçava:  
 E porque o máo successo desta guerra,  
 E inimigo poder, que á vista estava  
 Obrigava a deixar o porto, a armada  
 Sair quis, mas já a barra achou cerrada.

Quantô seu braço obrou, quanto o conselho  
Despois metido no cerrado rio,  
Guarda a memoria para claro espelho  
Dos que seguem de Marte o honroso brio;  
De armas, & gente bellico aparelho  
Tinha o fero Hidalcaõ, & medo frio  
O corsçaõ soberbo lhe cobria,  
Quando a braueza de Albuquerque via!

Alli morreraõ muytos, que o caminho  
Seguiraõ, que vay ter ao fim glorioso;  
Chora o Tejo, o Mõdego, o Douro, o Minho  
Ainda o seu Noronha generoso:  
Seguiu (fugindo do parerno ninho)  
De Albuquerque o estandarte bellicoso,  
Materia dando ao Mundo o braço forte  
De alta esperança, que atalhou a morte.

Tornando a outra monçaõ logo que abriãõ;  
Areas remouendo os ventos frios,  
(Que pôr cima da terra então respiraõ)  
As entupidas barras aos nauios:  
Sac Albuquerque, bem que nalma o firaõ,  
Mil tristes sentimentos dos desuios  
Que para conseguir a empresa teue,  
Que no principio taõ ganhada estene;

Mas já, senhor, sabeis como imitando  
A Frobo, & a Julio Cesar na preiteza;  
A tornou a ganhar, della deitando  
Dos Canarins, & Rumes a braueza:  
E que muros, & torres levantando,  
Fábrica inexpugnael fortaleza,  
E presidio deixando conueniente,  
Virá buscar a Portuguesa gente.



LXXX.

Deu fim a' si Araujo a heroyca historia  
Dos feitos de Albuquerque. A noite em tão  
Doclaro dia conseguiu victoria,  
E cobrio tudo com seu negro man to  
O Rey se recolheo, & na memoria  
Leuava retratado valor ranto,  
Ocupando temor o peito duro,  
Presago ao coração do mal futuro,



LIVRO





# LIVRO VI.

## ARGUMENTO.

**D**Ece Asmodeu á horrída morada  
Que o soberbo Luzbel penando habita,  
Nonas lhe leua lá da heroica armada  
Com que o monstro infernal a ira irrita:  
Sua indomita esquadra mais amada  
Lhe dá, com que Malaca à guerra incita,  
Etol a contradiz, padece afronta,  
Seus sonhados amores Iasme conta.

I.

**N**O horror da escura noute, quando mudo  
Com pés de lá ligeiro, & diligente  
Anda o silêncio em mudecendo tudo,  
E senhorea o sono brandamente,  
O espirito ingrato q̃ no são descudo  
A primeira enganou copia inócete  
E perseguido de Deos o amigo tanto,  
Que de paciência foi piedoso espanto,

## II.

Nó porto de Malaca a frota vendo,  
 Pela porta infernal de ceo bramando,  
 Nouo furor nas almas acendendo,  
 Os mesmos vãos espiritos turbando:  
 E não parou o fero monstro horrendo,  
 Por entre fumo, & fogo penetrando,  
 Tè lá donde Luzbel em throno ardente  
 Soberbo impera, padece impaciente.

## III.

Alli soltando a vez fera, & tremenda  
 Senhor (dille) das penas soberano  
 Em vão ao vão poder meu se encomenda  
 A destruição do ousado Lusitano:  
 Força mayor desde hoje he bem que empré la  
 Vingar a afronta minha, & nosso dano,  
 Ancorada em Malaca causa espanto  
 Afrota, que no mar persegui tanto.

## III.

Naõ foi descuydo meu, que sabe o Inferno  
 Que tirei destes negros aposentos  
 A região clara esquadras, & no interno  
 Lá da Eólea a prisaõ rompi aos ventos:  
 Subi, alterado o mar, ao Ceo superno,  
 E quasi misturei os elementos  
 Quando vi o Ceo a meu valor oposto,  
 E não ha com miguel pór rosto a rosto.

## V.

Ouindo isto Luzbel, deu hum bramido  
 Com a dor grande horrendo, & penetrante  
 Aquelle estrondo horriuel, & temido  
 Do trouaõ turbulento semelhante:  
 Tudo tremeo, julgouse por perdido  
 Em Acheronte, o velho nauegante,  
 Porque as ondas immundas se alteraõ,  
 E liures pela aberta barea entraraõ.

Malaca conquistada.

VI.

Bateo o bunitre as alas espantado,  
Que do misero Ticio se apacentá,  
E Sísipho soltou do hombro cansadô  
O peso, que subir em vão intenta:  
Per pouco oumera Tantalô gostado  
Da agoa, que fugitua o atormenta,  
Porque co aballo subito cresceraõ  
Ondas, que os beijos quasi humidecraõ.

VII.

Aquelles que a ruyna do penedo,  
Sempre temendo, aguardão por momentos,  
Cuydaraõ ser entãõ o vltimo medo,  
Aquelle ar cego enchendo de lamentos:  
Celou Phlegias, & donde estava quedo  
Theseo, se leuanto, ferio os ventos  
O Cerbero com luyuos triplicados  
Que oumiraõ os confins mais apartados,

VIII.

Por grande espaço o espirito soberbo  
Fogo, & fumo exhalou, á dor socego,  
E apenas respiciando ao sacro Verbo  
Blasfemias mil soltou do ingrato peito:  
Vimrà (disse o espirito proterbo)  
Meu valor, que não pôde ser desfeito,  
Por mais que me perliga vingatiuo  
Aquelle, por quem vim ao fogo viuo.

IX.

Se a sorte lança, que impunhei valente,  
Quando ao Ceo moui guerra foi rompida  
Inda armas tenho, com que a humana gente  
Cada dia a meus pés vejo rendida:  
Não se alegre Miguel, que o reyno ardente  
Encerra e quadra, que inda que vencida,  
Iá no Mundo alcançou tambem vitorias,  
Que fazem lá durar minhas memorias.

Que

X.

Que tórnes della âcompanhadó quéro  
 A ver a luz do Sol, dessa, que espantó  
 Mayor no abismo causa, & certo espero  
 Que vencerás com essa orgulho tanto:  
 Despedido Asmodeu soberbo, & fero,  
 O reyno atraueffou de pena, & pranto,  
 Chega â casa dos vicios, que cercada  
 De confas vãs, tem sempre liure entrada.

XI.

Alli em lugar de ámos presidia  
 Timon, tanto dos homens inimigo,  
 Aquelle Atheniense que fugia  
 O trato humano, cruel tambem consigo:  
 Bruto entre os feros brutos só viuia,  
 De tragicos, & infandos fins amigo,  
 Em tudo vaso de ira, & de aspereza  
 Contraditor da humana natureza.

XII.

Este vão edificio Chaos ardente  
 O lugar he do abismo mais profundo  
 Onde origor eterno mais se sente,  
 Inimunda habitaçãõ de pouo inmundo:  
 E qual succede entre confusa gente  
 Na praça vã deste espaçoso Mundo.  
 Quando ao comercio humano igual cõ corre;  
 Que feruendo, ora se vne, ora discorre.

XIII.

Assi naquella multidaõ conforme,  
 A inclinaçãõ aqui, & alli correndo,  
 Andauãõ todos, todo caso enernie  
 Co a danada vontade cometendo:  
 Alli o soberbo, & vão Nembroth disforme;  
 E os Titanes, estaõ em fogo ardendo,  
 Que de Luzbel seguindo o doudo intentó;  
 Moueraõ guerra contra o firmamento.

Midas

Midas. & Polymnestor se offendiaõ  
Com numero infinito deste bando,  
Os thesouros que em viuo fogo ardiaõ,  
Com auarentas mãos inda ajuntando:  
Sardanapalo, & Nero lá seguitaõ  
Com Tiberio, Caligula o nefando  
Modo, que exercitaraõ cá na vida,  
Taõ vergonhosamente despendida.

XV.

Xerxes com hum irroso desatino,  
Indalá castigar o mar mandava,  
E de Me zencio o peito diamantino,  
Ardendo em ira mais se exasperava:  
Caím bem de fauor de Deos indino,  
Com inueja o innocente Abel odiaua,  
Saul contra David ella irroso,  
Dos honrosos cantares inuejoso.

XVI.

Galieno remisso, & negligente  
Tem hum leito de abrolhos por encosto;  
E para que desperte, sempre ardente  
Metal fundido lhe borrija o rosto:  
Se alijua hora pudera ser contente,  
Materia alli Asmodeu tinha de gosto:  
Perem breue detença não sofrendo,  
Ao quarto principal passou correndo.

XVII.

Tem a Soberba lá o primeiro assento  
Com grande ostentaçaõ, & magestade,  
Mas sempre castigada do tormento  
Da pesada inchaçaõ, & gravidade:  
Encerrase a Auareza em aposento  
Escuro, vfa consigo de impiedade,  
Vilmente idolatrando na riqueza,  
E padecendo sempre a mór pobreza.

## XVIII.

Lasciua a Impudicicia se passeia;  
 Fauores finge, traja varias cores,  
 Aquem seguindo vão com pompa fea  
 Affeitos tristes, multidão de dores:  
 A Ira, que inda contra o Ceo guerreia,  
 Está sempre ameaçando com rigores;  
 Assistelhe a Discordja, torua a vista,  
 Que até das companheiras he mal quista.

## XIX.

A Gula com grandissimo aparato  
 Sentada á mesa, está grossa, & impedida,  
 Apoplexia lhe ministra o prato,  
 E a torpe a embriagues serue a bebida:  
 Lá num canto se dá misero trato  
 A vil Inueja magra, & carcomida.  
 Sem gosto, nem proueito só viuia,  
 Do Odio visitada cada dia.

## XX.

Iaz a Preguiça no portal deitada,  
 Co Descuido, co Ocio, coa Ignorancia,  
 Muytas vezes dos outros he pisada,  
 Não se altera poreu, nem deixa a estancia;  
 A Fraude, & Ingratidão lá tem morada,  
 A nescia Presunção, douda Arrogancia,  
 Tambem foi a Ambição lá habitadora,  
 Mas no Mundo entre os grandes viuue agora,

## XXI.

Exhalando Asmodeu furor, conuoça  
 A monstruosa esquadra para o feito,  
 Que tanto ao iracundo Inferno toca,  
 Em defenfa do reyno taõ logoiteo:  
 Mas a lasciuia, que animos prouoca  
 Com a Preguiça, & Gula a molle effeito,  
 Por entao as não quis naquella empreza,  
 Adonde accões conuinhaõ de aspereza.

Guiando a turba fea em males certa,  
 Bramando fac da lobrega morada,  
 Abrindo a porra para entrar aberta,  
 Porem para sair sempre cerrada:  
 Por toda a parte que a passar acerta,  
 A se:ena regiaõ fica turbada,  
 Deserto o campo de seu fruto, & flores,  
 Entra em Malaca, & faz danos mayores.

Tiucraõ toda a noite defuelado  
 Ao pagaõ Rey contrarios pensamentos,  
 Ora à guerra. ora à paz determinado,  
 Sem tomar conclusãõ em seus intentos:  
 E já de tanto vacillar cansado,  
 O sono confundindo os fundamentos  
 Destes cuydados, treguas assentaraõ  
 Os sentidos, & ao sono se entregaraõ.

Quando tremer fazendo o regio teitõ,  
 Entra Asmodeu dos seus acompanhado,  
 Chegan.lo, a Ira aplica, & a Fraude ao peito  
 Do odio, & da Auareza já occupado:  
 Corre o veneno ao coração direito,  
 Cheyo de confusão, pena, & cuydado,  
 E na materia já disposta prende,  
 A Fraude o furor cobre, a Ira o acende.

Opròbrio julga vil, & afronta sua,  
 Que Albuquerque com tal desigualdade  
 Ouse pedir que os presos restitua,  
 E por temor seruil torça a vontade:  
 A paixão a tomar vingança crua,  
 Seja força, ou treição o persuade,  
 Arde no peito o irrose pensam.to;  
 Mas proua a executar sem risco o intento.



## XXVI.

Qual o faminto lobo, que escondido  
 Lá donde a espessa breuha he mais cerrada,  
 Que o gado vê na rede recolhido,  
 Dos valentes rafeiros rodeada,  
 Não sollega inquieto co sentido  
 Em assaltar a tímida manada,  
 Tal o tyrano Rey só tempo espera,  
 E fogo em tanto exhala a vista fera.

## XXVII.

Dali lá donde o principe inquieto  
 Co bellico aluoroço mal sollega,  
 Passa o Anjo rebelde, & o mais secreto  
 Lhe enche de ira, soberba, & paixão cegã:  
 Furioso acorda o principe indiscreto,  
 De medo que a si mesmo paz se nega,  
 Não derramar já sangue Christão sente  
 Iroso, apaixonado, & impaciente.

## XXVIII.

Armas, guerra, colerico gritaua:  
 Qual o valente Turno, quando a Furia  
 Infernal as entranhas lhe abrasaua,  
 Que os coraçõs acende em rayua, & furia:  
 Verse entre o esquadrão Tenero desejava,  
 E fazer ao varão piadoso injuria:  
 Tal o Malayo brauo confidero  
 Formidauel, soberbo, iroso, & fero:

## XXIX.

Era o Principe moço valeroso,  
 De grandes forças, corpo de gigante,  
 De emprender feitos altos deseioso,  
 Ousado nos perigos, & constante:  
 Tambem no grao mayor presuntnosio,  
 Altivo, temerario, & arrogante:  
 Assimodeu que me alcança a natureza,  
 Aplicalhe os affectos de braueza.

XXX.

A todos os mais logo que sabia  
T erem na abominauel treição parte,  
A graue culpa trouxe á fantasia,  
E grandecendoa com indultria, & arte;  
Elles temendo a pena, em vindo o dia,  
O pouo alteraõ & apellidaõ Marte,  
Assi que amanhecendo, em toda a terra  
Abominando a paz, pregoaõ guerra,

XXXI.

Mas posto que ao desejo do tyrano  
Sopro, & materia a furia ministrasse  
Quis ver se vrdir podia o Christão danõ  
De modo, que em ventura não ficasse:  
E como em tudo m:stre era de engano,  
Pareceolhe mandar quem bem notasse,  
Debaixo de amiguel fingimento,  
Da armada a força, de Albuquerque o intento,

XXXII.

Era Tuãõ Bandaõ mouro valentẽ  
Neste tempo em Malaca ao Rey accito,  
Para o importante caso conueniente  
No fingir sabio, cauteloso o peito.  
Com este se aconselha, & largamente  
Da alma a pratica o mais secreto affeito,  
Despois ao capitaõ egregio o enuia  
Fingido Embaixador, dobrada espia.

XXXIII.

De algũs nobres do reyno acompanhado  
Partio da terra o mouro cauteloso,  
Por ir mais naquelle acto autorizado,  
E menos a Albuquerque sospeitoso;  
A nao guerreira sobe confiado,  
E quando chega ante o varaõ famoso  
Como o barbaro polo de Aga. Vza,  
Corpo & cabeça inclina, os braços cruza.

Em

## XXVIII.

Em pé o capitão co tratamento

Que sempre vsava em actos semelhantes,  
Mandoulhe em coxins ricos dar assento,  
Elle o assento ocupou que tinha de antes;  
Os capitães de Luso alto ornamento,  
Que a conquistar o Mundo craõ bastantes,  
Ocupauão em torno d'elle armados  
Assentos ricamente alcatifados.

## XXXV.

E qual pintava a cega Idolatria

Seus deoses vãos no claro Olympo, quando  
Iupiter grané entre elles assistia  
Importantes negocios decretando:  
Tal hum deos cada hum delles parecia,  
E o capitão precláro, & venerando  
Na graue magestade que mostrava,  
Dos deoses o mayor representava.

## XXXVI.

Delles em guarda de húa, & de outra parte

A gente militar braua, & lustrosa,  
Com as armas nas mãos posta com arte,  
Se mostrava galante, & bellicosa:  
sentados, disse o inouro: Christão Marte  
Prosperere o Céo tua fama, que gloriosa  
Teus feitos, & vitorias relatando,  
Vniuersal espanto vay causando.

## XXXVII.

Lá donde Herculés pos limite ao Mundo

Atè cá donde o Sol primeiro aqueça;  
Teu singular valor já sem segundo  
Da seca inuejá as magoas acrescenta:  
Neptuno te ama, & no seu mar profundo  
De que igualmente imperes se contenta,  
E o Rey, que estes estados senhorea,  
Escutando teus feitos se recrea.

Como hê todo valor, teu valor amã,  
 Que odio causa nos tímidos, & inuêjá,  
 E co teu Rey, que estima já por faua,  
 Amizade perpetua ter deseja:  
 Riquezas liberal o Ceo derrama  
 Neste seu reyno, & folgarã que veja  
 Entrar na foz do Tejo carregada  
 Teu Rey de todas ellas esta armadã.

XXXIX.

Por tanto pedir podes confiado  
 Quando dar pode o mar, & a terra cria,  
 De donde se leuãta o Sol dourado,  
 Atè lá donde vay dar fim ao dia:  
 O metal mais que todos desejado,  
 Toda a sorte de aroma, & especiaria,  
 O rubi, & safira rutilante,  
 Aljofar grosso, rigido diamante.

XXXX.

'Albuquerque às palanras derramadas,  
 Do cauteloso Mouro respondendo,  
 Assi disse: Naõ drogat estimadas  
 Aromas,ouro de teu Rey pretendo:  
 Nem por perlas no fundo mar gèradas,  
 Rubis, diamantes vim o mar rompendo,  
 Posto que agradecido estimo honrarme  
 Teu Rey, & com promessas obrigar-me.

XXXI.

Aquelles Portugueses que ficaraõ  
 Nesta cidade pello graue excessõ,  
 Quando o rigor da morte algũs prouaraõ  
 De hum nosso capitãõ triste successo:  
 Das prayas Indianas me aparraraõ,  
 Estes venho buscar, & a teu Rey peço,  
 Auidos estes dellè como esperõ,  
 Trataremos do mais, que dellè quero.

## XXXII.

Não disse mais: & com severo aspecto  
 Seguro se mostrou, & confiado,  
 Causando ao mouro no secreto peito  
 Grande perturbação, nouo cuydado:  
 E despedido pouco satisfeito  
 Do que escutou, & vio todo assombrado  
 Tornou, & ao velho Rey conta o que virá,  
 E a resposta, que todo o acende em ira.

## XXXIII.

Porém desta paixão, que tanto o altera,  
 Passada a furia, & impeto primeiro,  
 Com modestia discorre, & considera  
 No inimigo poder peito guerreiro:  
 Teme, mas tanto não, que a tenção ferá  
 Modèrè, & com o cauto conselheiro  
 Traças pratica, com que o entretenhaõ,  
 Porque lugar de aperceberse tenhaõ.

## XXXIIII.

Cada qual adelgaça o entendimento,  
 E passa a noute, & o dia imaginando,  
 E depois hum, & outro pensamento  
 Com madura prudencia praticando:  
 Entre muytos escolhem nouo intento,  
 Com que segunda vez o mar cortando  
 Ao capitão o astuto mouro torna,  
 E assi dizendo, seu engano adorna.

## XXXV.

O grão Soltão Mahamet, que ter deseja  
 Contigo, & com teu Rey larga amizade,  
 Porque bastante â estoruar não seja  
 Suspeita alguma falta de verdade:  
 E para que tambem o Mundo o veja  
 (Se acaso offende o Mundo sua bondade)  
 Inculpauel contigo se dize culpa,  
 Posto que alheyo em tudo está de culpa.

Que naquella successo em que em fim parã  
 O que hoje (pôde ser) teu peito irrita,  
 Está da parte de meu Rey taõ clara  
 Sua innocencia, que o Ceo puro imita;  
 A morte do seu perfido Bendara,  
 Que foi do dano autor, isto acredita;  
 Que já deues saber que foi prouado  
 O seu dilito, á morte condenado.

Àquelles Portugueses, que do Infãdo  
 Successo, em terra miseros ficaraõ,  
 Hum tratamento delle sempre brando  
 Com obras de piedoso pay acharaõ:  
 Delles esta verdade ouvirás quando  
 Os vites, que por vezes confessaraõ,  
 E porque mais se estendaõ seus louuorẽs,  
 Ricos tos mandarã de seus fauores.

O capitãõ (que bem lhe conhecia  
 O cauteloso peito) assi responde:  
 Nuncã nie persuãdi que sofreria  
 Teu Rey culpa, que a Rey naõ correspondẽ;  
 De hum peitõ falto de honra & de valia,  
 Se pôde colligir que engano esconde  
 Naõ de taõ grande Rey, & já informado  
 Venho, & sci que o Bendara foi culpado.

È sendo assi que foi a culpa sua;  
 Que em parte satisfiz, perdendo a vida  
 Razão he que a meu Rey se restitua  
 Não que era seu a perda recebida:  
 E naõ tratando mais de obra taõ crua,  
 O Soltaõ desta armada, apercebida,  
 Pelo vir a buscar, pague o dispendio:  
 A guerra a causa tire, a lenha ao incendio.



L.

Cômo isto faça, & como a bautizada  
 Gente me entregue, que em Malaca mora,  
 Seruir de mi se pode, & desta armada  
 De tantos inimigos vencedora:  
 E atras não tornarei, por atrevida  
 Que seja a empresa. & de esperança fora,  
 Nem em nome de hum Deos sò poderoso  
 Ha caso para mi dificultoso.

LI.

Mostras do peito valeroso dando,  
 Assim disse, n varão forte, & prudente,  
 Atento o mouro o ouuio, se bem ficando  
 Da resolução nobre descontente:  
 Poteri como sagaz dissimulando  
 Coni falsas mostras o pesar que sente,  
 Se despede, o mar passa, toma terra,  
 Imaginando na esperada guerra.

LII.

Turbado, & triste ante o tyrano chega,  
 Que ouuindoo, não ficou menos turbado,  
 E com afeitos de ira, a razão cega,  
 Tais razões disse, do furor leuado:  
 A presunção soberba muyto cega  
 Esse vão arrogante confiado  
 Na boa fortuna que até agora teuc,  
 Assim em meu reyno a porme leys se atreue?

LIII.

Mas se me não mentir minha esperança:  
 Aqui parou, que o mais ficou no peito,  
 Atalhando a soberba e confiança  
 Na consciencia a força do defeito:  
 E como o pensamento não descansava,  
 Juntaamente a tenor. & ira fogeito,  
 Entre afeitos contrarios vacillava,  
 Ora ira, ora temor o senhoreava.



Tal como quando exhalação da terra  
Com celeste influencia se levanta,  
Aquem escura nuvem prende, & encerra  
Violenta causa de violencia tanta:  
Pelejaõ quente, & frio, & nesta guerra  
Aceso o fogo que os mortais espanta,  
Com tanto estremo a furia vay crescendo,  
Que a nuvem rompe com estrondo horrêdo.

LV.

Tal rompe do alterado peito a ira,  
Pelaboca o furor vociferando,  
Brama furioso o Rey, triste suspirã,  
Beber o Christão sangue desejanço:  
Pelá vista o infernal fogo respira,  
Que na alma lhe acendeo do abismo o bando,  
E assi nelle era tudo ira, & braueza,  
Contumacia, ambição, odio, auareza.

LVI.

Com este infernal impeto conuoca  
Assi seus naturais, como estrangeiros;  
Aos quais quasi com lagrimas provoca  
A ser da infauista guerra companheiros:  
A vos, disse, varoës insignes, toca,  
Pois o nome prezais de caualleiros,  
Sustentar este reyno, & minha afronta  
Corre, amigos, tambem por vossa conta.

LVII.

Desta arrogante gente conhecida  
Por seus insultos a soberba armada  
Vedes em vosso porto já surgida,  
E para nosso dano aparelhada:  
E porque a causa disto he taõ sabida,  
A não refiro, porem he fundada  
Em razão, que justo he da vidã priue  
Quem de roubos tyranamente viuç.

## LVIII.

Se esta gente v'la forças, se faz saltos,  
 He cousa em toda a parte allaz notoria,  
 Não valeraõ a Ormuz os muros altos,  
 Tambem lamenta Goa a trille historia:  
 E todos elles de respeito faltos  
 Latrocinios, insultos tem por gloria,  
 Correm roubando o mar, & se puderem,  
 O mesmo, & mais v'lar conu'osco querem.

## LIX.

'Atençaõ sua se vos mostra clara  
 No desprezo, com que ouue meus recados  
 O pirata soberbo, & bem declarã  
 Nas respostas o fim de seus cuydados:  
 E ouni de Tuão Bandaõ como prepara  
 Nossa afronta por termos nunca v'ladõs,  
 Com que soberbas leys dispoem, condena,  
 E em minha afronta a seu prazer ordena.

## LX.

'Assi dizendo, do enganoso peito  
 Suspiros despedia cento a cento:  
 Causou em todos compassiuo afeitõ  
 Aquelle acreditado sentimento:  
 Logo Tuão Bandaõ, que por respeito  
 Animaua do Rey o pensamento,  
 Foi proseguindo o que passou contando,  
 Com Albuquerque, em parte acrescentando;

## LXI.

Mas ao fim não chegou, porque indinado  
 O principe Aladim moço valente  
 Com o rosto de colera banhado  
 Em pè se leuanteu fero, impiciente:  
 Inda, pay, & senhor (llic disse) o herdado  
 Valor da Iaoa, & da Celate gente  
 Em teus vassallos viue, & em ti agora  
 Viue tambem o graõ Paramifora.

Eem, que de filho teu me prezo tanto,  
 A não degenerar também me obrigo,  
 Antes espero ser do luto, & pranto  
 De tantos vingador, do Ceo castigo:  
 Não a medrente não, nem cause espanto  
 Sem lhe prouar as forças o inimigo,  
 Nem se diga de nós que nos assombra  
 A fama vã, & do inimigo a sombra.

## LXIII.

Principto em armas este estado teue  
 Que se us termos despois tanto este deraõ  
 Das armas, graõ senhor, vsar se deue,  
 Que tanta gloria a teus passados deraõ.  
 Conheça, inuicto Rey, quem se te atreue,  
 Como já os feros Siames conheceraõ,  
 Que produz de Malaca a nobre terra  
 Famosa gente, qual na paz, na guerra.

## LXIII.

Assim falou o barbaro arrogante,  
 Ou a furia infernal nelle falaua,  
 E logo o Rey de Pão, fero o semblante,  
 Que agradar ao tyrano desejava:  
 Por se mostrar valente, quanto amante  
 Da Infanta, cujas bodas aguardava,  
 Disse o que não comprio tão facilmente,  
 Que mil vezes amor promete, & mente.

## LXV.

Eu, soberano Rey, aquem vos destes,  
 Levantandome ao Ceo, titulo honroso  
 De filho odia que me engrandecestes  
 Com riquezas de amor, & bẽs de esposo:  
 Esta vida, & meu reyno que fizestes  
 Com a bella Sultana venturoso,  
 Para que despoñais vos offerẽço,  
 Mandai, que por meu Rey vos reconheço,

## LXVI.

Não fique sem castigo o lujur intento  
 Delle pirata sò com fracos forte,  
 Seja este por mayor atreuimento,  
 O derradeiro com sua justa morte:  
 Assim disse em fauor do pensamento  
 Do triste Rey, aquem guizava a sorte,  
 Ou diuina justiça a merecidas  
 Castigos dos insultos cometidos.

## LXVII.

Neste conselho varios assistiraõ  
 Arabios, Guzaratès, Malabares,  
 Pegùs, Bengálas, Iaos, que persuadirãõ  
 A guerra, por paixões particulares:  
 Que já em passadas occasiões sentiraõ  
 Nauegando em suas naos da India os mares,  
 Muitas vezes o ferro Lusitano,  
 Que origem seu rancor teue em seu dano.

## LXVIII.

Mas aquelles a quem os inuytos annos,  
 Valor diminuindo, o sangue esfriãõ,  
 Persuadiãõ a paz, & os graues danos,  
 Que a guerra traz consigo referiãõ:  
 Os feitos engrandecem Lusitanos  
 E entre elles hum, que todos conheciãõ  
 Por homê, que o futuro adueinhãua,  
 Perda do reyno ao Rey pronosticãua.

## LXIX.

Era a sua patria Meliapor, seguia  
 Como os seus naturais, o Christão rito;  
 Nomeauase Etol, a mercancia  
 Hum tempo o teue habitador no Egypto:  
 Insigne em Memphis foi na Astrologia,  
 Aprendendo tambem do mago Clito  
 Profanos versos, que elpíritos ligãõ,  
 E a fazer mais do natural obrigaõ.

Chegando

Malaca conquistada

LXX.

Chegando a armada, leuanteu figurás,  
E os astros todos nellas ameaçauão  
Incendios, perdas, roubos, mortes duras,  
E daquelle alto imperio o fim mostrauão.  
Vendo estas cousas, polto que futuras,  
Contra aquelles que a guerra desejaúão,  
Com razões brandas já se tinha oposto,  
Mas liure então falou, seucro o resto.

LXXI.

Não sei ( lhes disse ) em que estribais seguros,  
Ou porque vos mostrais tão confiadlos,  
Vedes por esta gente os Rumes duros  
Tantas vezes fugir desbaratados:  
Assolada as forças, & outros muros  
De Ormuz, os Reys da India fojugados,  
E vedes quantas vidas vos cultaraõ  
Os que em Malaca para mal ficaraõ?

LXXII.

Pois como, vãos, daquella grossa armada  
As forças desprezais, & do prudente  
Capitão o valor, & ter fundada  
Sua causa em razão tão clara á gente?  
Deixai a presunção vã enganada,  
E não busqueis razaõ, que he só aparente  
Que se a guerra se rompe, claro o digo  
O Cco, & o mundo vos icrá inimigo.

LXXIII.

Vereis esta cidade que hoje vemos  
Tão rica, tão soberba, & populosa,  
Entrada a ferro, & fogo, & a veremos  
Dominada da gente bellicosa:  
Itás, tu Rey, fugindo, mil extremos  
De misérias sofrendo. a poderosa  
Magestade perdida, & regio mando  
No desterro, hús temendo, outros rogando;

## LXXIII.

Mais proseguir quifera: porem sendo  
 Por Chriilão conhecido, fofpeitofo,  
 Irado o cego Rey gritou dizendo:  
 Prendaõ effe Profeta mentirofo.  
 Cumpriraõ todos com eftroñdo horrendo  
 Dotyrano o mandato rigurofo,  
 E como os malfeitores, afiontado  
 Foi á dura prifaõ dali leuado.

## LXXV.

Soffegado o aluroço, o Rey fevero;  
 Por animar aos feus, inda iracundo  
 Pois ( diffe ) ao Ceo he clara, mostrar quero  
 Iustificada minha caufa ao Mundo:  
 Poder Malaca alcança, & cedo efpero  
 Socorros grandes, em que tambem fundo  
 Minha efperança; & declarada a guerra,  
 Os mais defpede, & com Tuão fe encerra,

## LXXVI.

Em tanto que em Malaca fe entendia  
 Em juntas, & aparatos bellicosos,  
 Iuntos na Chriilã frota eitando hum dia  
 Andrade, Lima, Iaimé, & os mais famofos;  
 Suspendida a braueza, & valentia,  
 Vindo a tratar de cafos amorofo:  
 Senhores ( diffe Iaimé ) em toda a parte  
 Reyna A mor, & feu fogo fente Marte.

## LXXVII.

Tal he ( refpondeo Lima ) & bem o vemos  
 Em vos, que Marte fois á Amor fogeito,  
 Porem só que arde Amor em vos sabemos;  
 Mas não a caufa do amorofo effeito:  
 E fe a amizade e ftreita, que não temos,  
 Obriga, não auendo algum respeito,  
 Que a ver recreto amante vos condena,  
 A caufa nos dizei de voffa pena.



*Malaca conquistada*

LXXVIII.

No meu caso ( disse elle ) vão, & triste,  
Porque lhe deu o ser hũa vaidade,  
Fu sou a parte, & o todo, & sò consiste  
Em que de hum vão amor sigo a impiedade;  
A romper o segredo me resiste  
Minha reputaçõ, que em nossa idade  
Será fabula ao Mundo meu cuydado,  
E ferei eu por doudo reputado.

LXXIX.

Porem, porque vejais que facilita  
Muyto a amizade, agora contar quero  
Aquella historia na memoria escrita,  
A que ver fim ditoso desespero:  
Hum sonho e scutareis, que necessita  
A padecer agrauos de Amor fero,  
E tendo eu contra o Amor duro diamante,  
Basteu hum sonho sò a fazerme amante.

LXXX.

Naõ tendo o quarto lustro inda cumprido,  
Hũa noute ( oxalá que fora eterna )  
Tendome o brando sono já vencido,  
E sojeita a razaõ que nos governa:  
A bella imagem no interior sentido  
Se me mostrou, & a parte mais interna  
Do coraçãõ que nunca amor sentira,  
Sentio do Amor no mesmo ponto a irã

LXXXI.

Pintar do bello objecto cada parte,  
Tras ser trabalho em vão fora infinito,  
Que atras ficará todo o ingenho, & arte;  
E fora necessario hum alto espirito:  
Naõ he mais bella aquella, por quem Marte  
De ciumes tem o Deos do fogo aflito,  
Nos seus fermosos olhos amor mora.  
Nas faces bellas amanhece a Aurora.

Por



LXXXII.

Por grande espaço estive contemplando  
 Cos olhos dalma, a grande fermosura  
 E daua lenha ao fogo, que abrafando  
 Tomaua dalma já posse segura:  
 Ella tambem me estaua mostras dando  
 De amor no suaue modo, & na brandura,  
 Com que em mi punha os olhos, & mostrauã  
 Que juntar palma a palma desejava.

LXXXIII.

Eu, que tambem nesse desejo ardia,  
 Dizerlhe procuraua minha pena,  
 Porem não sei que força me impedia,  
 Da estrella deue ser, que me condena:  
 Com aquella ansia ardente que sentia  
 Em meu coração dilhe: Quem ordena  
 Tam sem razão que o fruto amado veja,  
 E com Tantaló igual na pena seja?

LXXXIIII.

Entre a espiga, & a mão, q̄ muro ha em meyo,  
 Senão he o rigor de minha sorte,  
 Que á dita minha poem limite, & freyo,  
 E finais claros dá de minha morte?  
 Passei á noute no sonhado enleyo  
 Temendo, & desejando (ay ponto forte!)  
 Aquelle em que acordei, nunca acordara,  
 Ou nada do passado me lembrara.

LXXXV.

Iãtaõ era alto dia que saudoso  
 Do meu passado bem passei chorando,  
 E dando assi mais força ao amoroso  
 Veneno, muitos outros fui passando:  
 Vede se áuerá caso riguroso  
 Que ao meu se iguale, sempre suspirando  
 Pelo que não tem ser, nem se concede,  
 Mal grande, que em rigor á morte excede.

Como da vida ao estremo me chegasse  
 Este mal incapaz de medicina,  
 Porque o remedio em parte não faltasse,  
 Que a tudo piadoso o Ceo o destina.  
 Ordenou que por fama consultasse  
 Hum varão douto, que a entender ensina  
 Dos planetas o certo me uimentó,  
 E que estrellas dão luz no firmamento.

Este imitando aquelle amigo orago,  
 Que la num tempo em Delphos respondia,  
 Assim me disse: Passa o falso lago,  
 E as prayas busca donde nasce o dia:  
 Alcançarás entre mortal estrago  
 Esse bem, que te priua de alegria.  
 Não disse mais deixandome a esperança  
 Tão incerta, que falta a confiança.

Mas como não ouvesse em mi sossego  
 Animado a seguir esta incerteza  
 A duvidosa fé do mar me entrego,  
 Donde prouci dos ventos a braneza:  
 A toda a parte donde agora chego,  
 Seruindo o ingrato Amor, sigo a asperézã  
 De Marte sanguinoso, & furibundo,  
 O bem buscando, que não há no Mundo.

E não desistirei a qualquer sorte  
 Offercido desta empreza dura,  
 Até que a Parca o vital fio corte,  
 Ou veja a suspirada fermosura:  
 E perigo não ha, nem pena forte  
 Que eu tema já, porque des que a ventura  
 Me fez a pad. ce. . . . .  
 Tudo o q ha de rigor se achã em meu peito.

LXXX.

Seguírei fantasias, que passaram  
 Tanto mar com tão poucas seguranças,  
 E tanto do descanso me apartaraõ,  
 Que já nem delle tenho as esperanças:  
 Fortuna em fim, & amor se conjuraraõ,  
 A que a vida sustente sò em lembranças  
 Daquelle bem, que soitaõ limitado,  
 Que nunca chegou mais que a ser sonhado,

LXXXI.

A compaixão movidos, & admirados  
 Estavaõ a amorosa historia ouvindo  
 Os fortes cavaleiros, quando brados  
 Ouvirão a rebate, o ar ferindo:  
 Levantarão se logo alvoroçados,  
 E viraõ como vinha o mar cobrindo  
 Hũa armada de remo numerosa,  
 Dando mostra soberba, & espantosa,

LXXXII.

E do Cretense labyrintho escuro  
 As voltas imitando fabricadas,  
 Em vão as fustas no elemento puro  
 Formão gyros, & voltas intrincadas:  
 Depois em bandos, qual no campo duro  
 Africanos ginetes nas traçadas  
 Escaramuças, cometendo tirão,  
 E ora estes, ora aquelles se retirão,

LXXXIII.

Entre si com gentil ordem trauaraõ  
 Hũa batalha ( ao parecer ) ferida,  
 Na qual bem a naval arte mostrarão,  
 Com exercicio de annos aprendida:  
 Des que de Nero assi representaraõ,  
 E de Claudio as naumachias, foi seguida  
 Das mais a capitana para terra  
 Com grande estrondo, & musica de guerra.

L2

Aquella

Aquella, & outras muitas vezes deraõ  
Sem effeito nenhum mostra os Malayos,  
Que a sombrar ardilosos pretenderaõ,  
Os de Luso, com bellicos ensayos:  
Porem foi obra, & tempo que perderaõ,  
E gèraraõ de nouo ardentes rayos  
De ira no peito de Albuquerque forte,  
Que em Malaca choueraõ fogo, & morte.





# LIVRO VII.

## ARGUMENTO.

**A**lta vitoria a Afonso Etol promete,  
 E com Sopsa a buscar Garcia parte:  
 Queima as naos Guzarates, & acome-se  
 Malaca Afonso com propicio Marte:  
 Timido o Rey os presos lhe remete,  
 E de paz aruorar manda estandarie,  
 Etol, & o cavalleiro, a que acompanha  
 Leão Glaura infelix de hũa montanha;

### I.

**N**este tempo desda alta popã via  
 O sorte capitaõ fazer em terra  
 Tranqueiras, & plantar artelharia  
 Cõ varias outras prevenções de guerra  
 Ia de alcançar os presos delconfia,  
 E teme algum engano dos que encerra  
 Todo o agarem pello, & no tyrano  
 Considera hum artifice de engano.



## VI.

Encheo Malacá de medroso enlevo  
 A severa resposta inopinada,  
 Duvidando do fim, se falta hum meyo  
 Na guerra ja de todo declarada:  
 Sò no Rey se conhece entre o receyo  
 Irado o coração, a alma obstinada,  
 Faz juntas, roga, manda, persuade,  
 E tudo he confusão, & variedade.

## VII.

Albuquerque tambem em tanto estava  
 Finctuando num peço de cuydados,  
 Era alta noite já & inda não dana  
 Repouso aos lassos membros trabalhados:  
 E quando o sono os olhos lhe occupava  
 Dos continos de suecos ágrauados,  
 Do castello de popa vozes derao,  
 Que da noite o silencio interromperão.

## VII.

Bradarão os que estavam de vigia;  
 Quando a bordo hum batel chegar sentiraõ;  
 E quando pela enxarcia já sobia,  
 Por quem de nouo as vozes repetiraõ;  
 Desejão saber todos quem seria  
 O que ouzou tanto, & sobre o conués viraõ  
 Hum velho cuja barba chega ao peito  
 Da cor da neve venerando o alpeito.

## IX.

Formando em torno delle, á gente hum muro,  
 P'edio que ao capitão forte o leuassem,  
 Dar procurando entre o nocturno escuro  
 Mostras, que de siel o acreditassem:  
 Mas não bastou mostrarle tão seguro,  
 Para que delle mal não lospeitassem,  
 Algus, aquem occide a memoria  
 De Sinon, & de Troya a triste historia.



X.

Trázeml'hê para entrar em fim licença;  
 Lá donde o capitaõ mal repousara,  
 Entra, & saudando disse: Gloria immensa  
 O Ceo, varaõ insigne, te prepara:  
 De teu trabalho vejo a recompensa,  
 Contigo a occasião tês cara a cara,  
 A dourada guedelha te offerrece,  
 E teus intentos áltos fauorece.

XI.

Quem és tu? ( disse Afonso ) & com que intento  
 Esse bem pronosticas, & me animas?  
 Serei (inda que humilde) ham instrumento  
 ( Lhe respondeo ) com que o tyrano oprimas:  
 Merecer teu fauor seruido intento,  
 E se, qual hera a forte muro, arrimas  
 A teu álto valor minha humildade,  
 Subirei grato á mór felicidade.

XII.

Mas para que não siquês duuidoso,  
 O magnanimo Afonso, em Christo adoro;  
 Nasci na parte onde Thomè glorioso  
 Morreo por Christo, & em Malaca moro:  
 Fui ao tyrano sero sospeitoso  
 Porque liure falei, & porque ao coro  
 Dos falsos conselheiros contradisse,  
 E verdades lá pouco accitas disse.

XIII.

Contra mi o Rêy cruel em ira aceso;  
 Por elle á prisãõ dura fui mandado;  
 Onde senti do ferro o duro peso,  
 No conceito de todos condemnado:  
 Porem não sofri muyto verme preso;  
 E em teu nome de tudo respeitado  
 Rompi as prisõe ..... que me manues;  
 Que te espero fazer seruiços grandes.

Quo.

## XIII.

Que inda que te pareça fraco velhó,  
 Força o desejo dá, a razão, o agráo,  
 Seruirei pelo menos de conselho,  
 Irmão no andar, na fogueira e serano:  
 E se de alto valor es claro espelho,  
 Arte, & sciencia alcanço, que a Timauo  
 Iguato na obseruancia das estrellas,  
 E a Atlante em conhecer o curso dellas.

## XV.

Com arte alterar posso os elementos,  
 Mouer a terra, atras tornar os rios,  
 Turbar o mar, mudar num ponto os ventos,  
 Viuo fogo acender nos gelos frios:  
 Mas isto, em quanto aos actos tão violentos  
 Não cortar o motor supremo os fios:  
 Que sem licença sua considera  
 Que contra lob, Satao nada pudera.

## XVI.

E não julgues que qual o falso mago  
 De Pedro contendor desta arte uso,  
 Que entre pagãos a Christo nalma tráo;  
 E delles aborreço o torpe abuso:  
 De Malaca alcancci o triste estrago,  
 Mostraõ no os astros Iupiter confuso  
 Desfalecido, & triste em ponto forte  
 Nos dous de Elena irmãos casa da morte.

## XVII.

Porém para isto ser, conueni primeiro  
 Que hum guerreiro q viue em branda calma  
 De Amor, se vá buscar onde estrangeiro  
 Em molle ocio padece afrontas dalma:  
 Tendo contigo o forte caualleiro  
 Do Malaca terás inteira palma,  
 Que o Ceo que alas victorias te destina,  
 Assim o estabelece, & determina.

Abrindo

Abtindo vinhã o mar este famoso;  
 Por ser nos danos de Malaca partê;  
 E seguindo o estandarte hellicoso  
 Da milicia aprender contigo a arte:  
 Mas violencia infernal o tempestuoso  
 Dia'o leuon á mais remota parte,  
 Com cinco valerosos companheiros;  
 Que são entre os famosos dos primeiros.

## IX.

Este, cujo valor se estende á tanto;  
 Aqui trarei com que dos reus famosos  
 Hã me acompanhe, a que não cause espanto  
 Casos, que possa auer difficultosos:  
 Escutauãno muytos, & entrerantõ  
 Algũs dos circunstantes iouejosos  
 Deste encarcimento honroso estauaõ,  
 Outros ver o guerreiro de sejauaõ.

## XX.

Tambem o capitaõ a alma suspenso  
 Na mente o que escutaua referia.  
 E respondeo: Se o justo Ceo dispensa  
 Que extinga de Malaca a tyrania,  
 Do mesmo Ceo terás a recompensa,  
 E que a terás de mi na terra, fia,  
 Serás do Lusitano pouo honrado,  
 Sempre fauorecido, & respeitado;

## XXI.

Mas no tocante ao cavalleiro forte,  
 Que pedes, que aja muytos não duuido  
 Já desejosos que lhe toquẽ a sorte,  
 Por mostrar o valor na alma escondido:  
 Porem quanto me a mi primeiro importe  
 Seguralo, discorre no sentido,  
 Pois que me importa na que todos conta,  
 E dandoa mã que sentirei de afronta?

## XXII.

Não m'ibã de Sousa moço valeroso,  
 Aquem mais o desejo o risco acende:  
 Assim lhe diz. Seja eu, várao famoso,  
 Esse, aquem esta empreza se encomende!  
 Não ha no Mundo caso perigoso,  
 Quando do Ceo a causa se defende,  
 E do risco mayor desta aventura  
 Esta segura espada me assegura.

## XXIII.

Continho juntamente a empreza pede  
 Com outros muytos, todos dos famosos:  
 Mas constante Albuquerque a nega, & impede  
 Deixandoos descontentes, & queixolos:  
 Em tanto que elle considera, & mede  
 Mil successos no caso perigosos,  
 Sousa que da licença dauidara  
 Chamando a Etol no seu bätel saltará.

## XXIII.

O sabio o segue enuolto em neua escura,  
 Que inuisivel o faz aos circunstantes  
 Até que dando a vella, o ar se apura,  
 E conhecem no barco os nauegantes:  
 Por grande espaço o espanto em muytos dura  
 Do successo, & de ver que as espumantes  
 Ondas o fatal lenho diuidia,  
 Taõ ligeiro, que a vista desmentia.

## XXV.

Parte o guerreiro forte, os mais ficaraõ  
 Sentidos, & inuejosos da partida,  
 Outros mal sospeitando imaginaraõ  
 Ser esta a derradeira despedida:  
 O sentimento, & colera abrazaraõ  
 O reito ao capitaõ, mas resistida  
 A paixã, dá esperança da jornada,  
 Posto que a julga fabula sonhada.

Malaca conquistada

XXVI.

De nouo o Sol com lucido retorno  
As reliquias da noute desterraua,  
E com alegre, & radiante adorno  
As cousas já distintas illustraua:  
Da armada o bosque no humido contorno  
( Senão naual cidade) já douraua,  
A conselho co diurno rayo chania  
Afonso, & corre da aventura a fama.

XXVII.

Acodem logo os capitães valentes  
De acabar casos grandes desejosos:  
E o capitão lhes disse: Obedientes  
A vosso Rey, & a Deos, varoões famosos:  
Vos assombro fatal de Mauras gentes;  
Que alcançastes triunfos mil gloriosos,  
Iá a razão grita que princípios demos  
A obra, porque tanto mar rompemos.

XXVIII.

Atégora esperei chegasse o dia,  
Que a palaura real, & se guardasse;  
Nosso inimigo, & como prometias,  
Os presos companheiros nos mandasse:  
Mas vista a falta sua, já seria  
Perder reputação se mais tardasse  
Em lhe dar o castigo merecido,  
Tanto ao peito obstinado em vão detido.

XXIX.

Assi Albuquerque anima, & persuade:  
Mas leuando a voz Jorge Botelho  
Acred tado por valor, & idade:  
Escutai ( disse ) o parecer de hum velho;  
Antes que assalto demos á cidade,  
Que se queimem os lenhos a conselho  
Guzarates, porque he certo o perigo,  
Se nas costas deixamos o inimigo.

De snois

## XXX.

Depois que delles posse ao fogo dermos,  
 Para se conseguir do intento o effeito,  
 Se comoda a marè, & lugar tiuermos,  
 Logo porèmos â cidade o peito:  
 Que posto o caso nos manorcios termos,  
 Que acheguemos he bem ao mais estreito,  
 E de rigor executando estremos,  
 Quando descanse o Sol de scanfarenos.

## XXXI.

De excellente varaõ voto excellente,  
 Disse Afonso, & dos mais foi aprouado,  
 E armados os batèiscoa destragente  
 Foi no seguinte dia executado:  
 Daua já nouas a Aurora no Oriente  
 Da vinda de Titaõ, quando o esperado  
 Sinal a tuba deu, que os rostos muda,  
 Grita a gente atè entaõ atenta, & muda.

## XXXII.

Arrancãõ todós com clamor horrêndo  
 Ferindo os ares, & cos remos duros  
 As ondas alteradas reuoluendo,  
 Escuma leuantando, & cristais puros:  
 Gritaõ tambem os inimigos, vindo  
 De improuiso o rebate mal seguros,  
 Nas concauas cauernas repetiãõ  
 Mil ecos tudo, & tudo confundiãõ.

## XXXIII.

Qual soe tocando a fogo noue alta,  
 Que em casa cada qual ter imagina  
 Correr a gente, que da cama salta  
 Atè que â parte, que se abrafa, atina:  
 Tal no mar, & na terra sobre salta  
 O estrondo, & vozeria reventina:  
 Os de Luto enlo tanto o mar cortauãõ,  
 E por chegar os remos apressauãõ.

Chegados

*Malaca conquistada*

XXXIII.

Chegados à distancia que podia  
Fazer emprego, & effeito rignoso  
Nas inimigas naos a artilharia,  
Fogo ao salitre daõ, que arde espantoso:  
Nos ardentes pelouros morte fria  
Se enuolue, & logo se ouue hum lastimoso  
Som confuso de gritos, & gemidos  
Dos que morrendo estão, & dos feridos.

XXXV.

Brauos os inimigos responderão  
Tambem a artilharia disparando,  
E chegando abordar, os receberão,  
Pedras, flechas, & dardos mil tirando:  
Cubertos dos escudos remeterão  
Os fortes Portuguezes, & pegando  
Em varias partes fogo, num momento  
Subem chamas, & fumo pelo vento.

XXXVI.

Entrou o medo, confusão, & espanto  
Nos Guzarates miseros, cercados  
De fogo, & fumo, hum lastimoso pranto.  
Aos ares leuantando acobardados:  
Vendo seu fim algũs em rigor tanto,  
De outro remedio já desesperados,  
Salão por entre as chamas acendidas,  
Procurando no mar salvar as vidas.

XXXVII.

Mas já tambem no mar a inimiga sorte  
Lhes tinha aparelhada morte dura,  
Acabão nelle às mãos da gente sorte  
Que a ferina treição vingar procura:  
Preza os inimigos já da justa morte  
Daõlhes o mar, & fogo sem cultura  
Mouem contra a cidade os vencedores,  
Querendo executar novos rigores.



## XXXVIII.

Bem como o brauo touro magoado  
 Do farpaõ duro, segue ao que o ferira,  
 E apenas morto deixã o moço oufado,  
 Quando outro logo segue, ardendo em ira:  
 Tal Afonso iracundo, & Indinado  
 Tras de hum castigo a dar já outro aspira,  
 Com a cidade bellicoso cerra,  
 Fazendo a ferro & fogo dura guerra.

## XXXIX.

Em seu ser o mayor influxo estaua,  
 E aos edificios em que o mar batia,  
 Desde os batêis co fogo se alcançaua  
 Que em balcoês, & janellas se ascendia:  
 O sopro Boreal, que respiraua,  
 A chama forças daua, que sobia,  
 Ameaçando aos Ceos pontas vibrantês,  
 Imitadoras vãs dos yãos gigantes.

## XXXX.

O forte Lima foi o que primeiro  
 Hũa casa acendeo com mão oufada,  
 Deceendo sobre o inuicto caualheiro  
 Tiros que a pagã turba arroja irada:  
 Teixeira por Amor aventureiro  
 O fogo n'ũa mão, & noutra a espada,  
 Com pezar do inimigo, & vilipendio,  
 Fez noutra casa riguroso incendio.

## XXXXI.

Abreu, Silua, Miranda, hum, & outro Andrade  
 A foz do estreito rio atraueffaraõ,  
 E de tiros formando tempestade,  
 Saida à armada barbara estoruaraõ:  
 Os mais correndo ao longo da cidade,  
 Mil ao fogo edificios entreoaraõ,  
 Entre os primeiros vay Jorge Botelho,  
 Em larga idade de Valor espelho.

Continho cujo peito generoso

Aos mayores perigos se inclinauá  
 Com algũs salta em terra, & espantoso  
 Parece que arruynar tudo ameaçaua:  
 Hũa graõ casa vê, que numerozo  
 Esquadraõ de inimigos amparaua:  
 I roso rayo os acomete, & ofende,  
 E o soberbo edificio em fogo acende.

XXXIII.

Estauãõ nesta casa apercebidos

Das armadas reais os baltimentos,  
 Enxarcias, muniçoẽs, com os fundidos  
 Por Vulcano mauorcios instrumentos:  
 Cresceo a voraz chama, & recolhidos  
 Os fortes Portuguezes, pelos ventos  
 Voa a casa em pedaços diuidida,  
 Polo furor da poluora acendida.

XXXIII.

Os miseros Malayos quando viraõ

Tãõ espantosa, & subita ruyna,  
 Todos de hum medo frio se cobriãõ,  
 Solicitando o que o vil medo ensina.  
 El Rey de Pão, & o Principe acodiraõ  
 Aquelle estrondo horrivel, & com dina  
 Reprensaõ os animaõ a que virem,  
 E á vingança do graue estrago aspirem.

XXXV.

Pode a vergonha tanto, & real respeito,

Que tornãõ animosos á defenfa,  
 E com mil tiros de mortal effeito  
 Fazem á Portuguesa gente offensa.  
 Mas como o fogo já de teito em teito  
 Vay correndo veloz com furia immensa,  
 A que parte acodillem naõ sabiãõ,  
 Que tudo enuolto em morte, & chamãõ viraõ.

Em

XXXXVI.

Em tanta confusão em dano tanto

Tenros mininos, timidas donzellas,  
 Imbelles velhos com interno espanto  
 E gritos altos ferem as estrellas:  
 E correndo â Mesquita em triste pranto,  
 Enuoltas rogatiuas, & querellas,  
 Mil votos liberais offerceraõ,  
 Que sendo a deoses vãos nada vâleraõ,

XXXXVII.

A derribada Troya, quando ardia,  
 E a Roma ao natural representaua  
 O incendio fero, & a turba que temia,  
 Chega lá donde o Rey turbado estaua.  
 Entre o pouo confuso Damur hia,  
 Que por santo Malaca veneraua,  
 Porque deuoto peregrino fora  
 A tumba visitar que o mouro adora.

XXXXVIII.

Vendo este o Rey turbado, assi o reprende:  
 Não te doem ( disse ) de Malaca os danos?  
 Que mais teu duro coração pretende,  
 Que ver do Ceo tão claros desenganos?  
 Barbaro fogo esta cidade acende,  
 Que assombro foi do Mundo tantos annos:  
 O Ceo n quer assi, que não ouuera  
 Quem contra seu decreto se atreuera,

XXXXIX.

Não sofre o Ceo que renhas por catiuos  
 Homês a que fizeste guerra injusta,  
 A danos te auenturas excessiuos,  
 Alem dos muytos, que a teu reyno custa:  
 Abranda, ô Rey, os peitos vingatiuos,  
 Dalhes, os que dão causa â guerra justa,  
 Que não será, --- fraqueza,  
 Pois vencer paixão propria, he fortaleza.

M

Estas

L.

Estas palauras, ou necessidade,  
Que a tudo obriga ao duro Rey mudaraõ  
O petto, & dispuseraõ a vontade  
Que dispor fortes casos não bastaraõ,  
Dar manda logo aos presos liberdade,  
Que delle, pode ser, não alcançaraõ  
Se o esperado socorro lhe chegara,  
Antes que a guerra Alfonso começara.

LI.

Em tanto em bellicosa competenciã  
Cometiã façanhas e spantosas  
Os de Luso, & já toda a resistenciã  
Era vã contra as forças vitoriosas:  
Crescendo hia das chamas a violencia,  
As torres consumindo mais famosas,  
Por entre o fogo, & fumo andava a morte  
Ministra da ira de Albuquerque forte.

LII.

Andava o capitãõ destre, & valentẽ  
Pelo mar discorrendo a toda a parte,  
Solicito acodindo, & diligente  
Co valor grande acompanhando a arte.  
E em quanto á forte, & vitoriosa gente  
Fauor Neptuno dá, Vulcano, & Marte,  
Eis vem sair de males tão esquivos,  
Como triunfando, liures os catiuos.

LIII.

Qual nas Albaniaserras leão irroso,  
De quem fora o monteiro perseguido  
Que os filhos lhe leuava, & temeroso  
Soltara, por se ver delle seguido:  
Vendoos liures, se esquece generoso  
Da dor, que tanto o tinha embravecido.  
Alegrarle com elles só procura,  
E do monteiro tímido não cura.

## LIIII.

Talo varão insigne ante si vendo  
 Os que em lugar de filhos estimava,  
 A concebida colera perdendo,  
 De se alegrar com elles so trataua:  
 Das armas cessar manda o estrondo horrêdo  
 Em final da alegria que gozava,  
 E por honra dos hospedes, o dia  
 Em festas passa ao som da artelharia.

## LV.

Rompia o fatal lenho o mar em tanto,  
 Com a velocidade que acontece  
 Cortar a pomba o ar, eo negro marro  
 Tambem a noite em tanto se offerece.  
 O forte Sousa, que ignorava quanto  
 Veloz corre, no Céo, que se enobrece  
 Com tão raros milagres luzes bellas,  
 O concerto contempla, & curso dellas,

## LVI.

O sabio companheiro isto norando  
 Da popa, onde assentado no governo  
 Do batel assistia, desejando  
 Entretelo, soltou a voz do interno:  
 Dos outros que contemplas ignorando  
 Quarto trabalho, do architecto eterno.  
 Conta a gentildade vãs historias,  
 E lhes applica fabulosas glorias.

## LVII.

Lã pinta os herôes Gregos, lã ao Romão  
 Que à patria pos o jugo, dà aposento  
 Tanto ao Mundo cegon aquelle enganô  
 Do que padece no Tartareo assente:  
 Mas se lugar tão alto dar-se a humano  
 Valor deuera o grão merecimento  
 Dos voslos Lulitanos, ja tiuera  
 De todo hoje occupada a etherea esfera.

Que lá o primeiro Afonso, lá o segundo,  
 E o grande Sancho luz eterna deraõ,  
 E os claros descendentes, que no Mundo  
 Em virtude, & valor resplandeceraõ:  
 Mas deixando o passado, inda o profundo  
 Oriental mar, que vossas naos romperaõ,  
 E este que agora abrimos, verão glorias  
 Dos Portugueses, que honraraõ historias.

LIX.

Isto ouuindo o valente caualleiro,  
 Desejando saber cousas futuras,  
 Contame (disse) ó sabio companheiro  
 Desses heroes as altas auenturas:  
 Do poruir, valeroso aventureiro,  
 Te direi o que sò por conjeturas  
 Sciencia alcançar pode inuestigando  
 O que os astros citaõ pronosticando.

LX.

Quando hum Sequeira em armas excellente  
 Governar o Indiano senhorio,  
 Infeltará seus mares insolente  
 Melique Az feroz senhor de Dio.  
 O que ha de quebrantar forte, & prudente  
 Soberba tanta com heroico brio,  
 E quatro lenhos em naual peleja,  
 Diogo Fernandes se dirá de Beja.

LXI.

Reformará o imigo a rota armada,  
 E vingatiuo com poder dobrado,  
 Ousará cometer noua jornada  
 Onde o rebaterá o Luso ousado:  
 Mas a morte cruel acelerada  
 Com rayo de hũa esfera disparado  
 Romperá o peito, quando o braço forte  
 Mais despreze o poder da mesma morte.

## LXII.

Porem occupará o lugar honroso,  
 E ao morto capitaõ darâ vingança  
 Dom Jorge de Menezes, que famoso  
 Serâ em quanto no Mundo ouuer lembrança  
 O barbaro caudilho já medroso,  
 Perdido o valor, falto de esperança  
 Deixará com fugida vergonhosa  
 Entregue ao fogo a armada numerosa.

## LXIII.

A estes seguirã varios conflitos  
 Entre a gente Cambaya, & Lusitana,  
 Até que apòs de males infinitos  
 Se entregue Dio â força mais que humana :  
 Alli escurecerã altos espiritos  
 A illustre fama Grega. & a Romana,  
 Começando num Cunha illustre, & forte,  
 Que abaterâ o poder, ao tempo, & â morte.

## LXIV.

Este fabricará a graõ fortaleza,  
 Onde fará durar sua memoria  
 Manoel de Sousa, que o viuer despreza,  
 Por exaltar a Portugueza gloria:  
 Já cantar ouço em Musa Portugueza  
 De Antonio da Sylueira heroica historia,  
 E parece que o vejo rebatendo  
 Os feros Turcos, Dio defendendo.

## LXV.

Insignes duas matronas lâ contemplo,  
 Adquirindo renome alto, & precioso,  
 Hũa de Amor, & fortaleza exemplo,  
 Outra piedade ostenta, & valor raro:  
 Estas illustrarã da Fama o templo,  
 E darão vida aos mármore de Paro,  
 E do Emphyreo terao luzes mais bellas,  
 Que essas, que ventos lucidas estrellas.



Seguirá a nobre Veiga o claro esposo  
Entre os perigos, & furor da guerra,  
E serás Vasconcellos venturoso,  
Seguindote dous Anjos cá na terrá:  
A famosa Anna em acto valeroso  
Mostrará quanta fê, & valor encerra,  
Verá o ferido filho já acabando,  
E ao perigo estará entre animando.

Eternizará alli sua memoria  
Lopo de Sousa celebre Continho,  
Por quem adquirirão perpetua gloria  
O Tejo, Guadiana, o Douro, & Minho:  
Será admirando assunto da alta historia,  
Luz aos que seguem immortal caminho  
Fernando Penteado, & suas façanhas  
Eterna inueja das nações estranhas.

Alta dará também materia á fama  
Dom João Mascarenhas, cujo brío  
Oposto a Rumecaõ, já Marte o aclama  
Heróico defensor da illustre Dio:  
Dom Fernando de Castro de entre a chamã  
Atrás fará tornar o Turco frio:  
E os tres irmãos Almeidas farão tanto,  
Que darão aos por vir inueja, & espanto.

De hum Antonio Galuaõ, que heroe valente  
Passará alem dos limites humanos,  
Memorias durarão em quanto ardente  
O planeta mayor dourar os annos:  
Romperá de oito Reys a immensa gente  
Com cento, & vinte rayos Lusitanos,  
Alaga o sangue inimigo a terra, & logo  
De Tidore a cidade abraça o fogo.

## LXX.

De Araidé a prudencia, & valentia,  
 Que acedindo a Chaul, Goa defendej  
 E do graõ Ma'carenhas a valia,  
 Que do Nizamalaco o furor rende,  
 Bem aparada penã inda algum dia  
 Os feitos, que por hora mal comprehendê  
 Observaçãõ confusa, com profundo  
 Engenho escreuerá, alegrando o mundo.

## LXXI.

Virão os irmãos Sãs da soz do Douro,  
 Porque do alto valor, que nelles mora  
 O Turco trema, o duro Persa, & Mouró  
 E quantos vêm primeiro a luz da Anrorá,  
 A fama (que amaraõ, não prata, & ouro)  
 A seus feitos darã tuba sonora,  
 Deixando mil valentes inuejosos,  
 E muytos de imitalos desejosos.

## LXXII.

Sebastião de Sã na forte Dio  
 Ao fero Rume mostrara os quilatês  
 De seu alto valor, & heroico brio  
 Que temeraõ o Ganges, o Indo, o Eufratês.  
 E já no Mauritano senhorio  
 (Cruel fortuna quanta gloria abãte!)  
 Mostrarã que temor nelle não cabe  
 E que inuito voltar atras não sabe.

## LXXIII.

Pantaleaõ de Sã não menos forte  
 Ormuz socorrerã no mór perigo,  
 Na cafraria foge delle a morte,  
 E em Ponda roro o exercito inimigó:  
 Verã Salfete em duuidosa sorte  
 Que he mais de gloria, que da vida amigo,  
 E contrã illustre, & eterna historia  
 Que seu raro valor deu a vitoria.

Malaca conquistada

LXXIII.

Se viras de Dom Paulo, illustre Lima,  
As que não sei dizer facanhas claras  
As que a Fama por vnicas sublinia,  
Nono Marre por ellas o aclamaras:  
Ou por não ter segundo a mór estima,  
Deuer o mundo a seu valor julgaras,  
Este será senão remunerado,  
Aplaudido de todos, & inuejado.

LXXV.

Tambem Já Tristão Vaz da Veiga inuicto  
socorrerá de Ormuz a fortaleza,  
Rompendo por hum numero infinito  
De armados lenhos com feroz braueza.  
Manoel de Sousa em desigual conflito  
Lhe ficará entre a barbara fereza:  
A ajudalo o famico Veiga torna,  
E da vitoria aos dous o lauro adorná.

LXXVI.

Virá hum Sampayo só de fama amigo,  
Aquem Neptuno entregará o tridente:  
O quanto ao mar dará sangue inimigo!  
Quanto inimigo lenho ao fogo ardente!  
E se me perguntais porque não digo  
As acções de varaõ tão excellente,  
Direi que para entrar na menor parte  
Já não alcança o engenhó falta a arte.

LXXVII.

De Fernando Ximenes á piedade  
Tambem azas dará, linguas á Fama,  
O faternal amer, alta bondade  
Que louua o mesmo Ceo, & o Mundo aclama!  
Quando naufragio infando a crueldade  
No mais brande, & mais vno peito inflama:  
Tu polo amado irmão só das a vida  
Por Deos, que o zelo prèza defendida.

## LXXVIII.

Mas do valor de hum Sá da graõ fortuna  
 Dará o Indico mar eterno indício,  
 E será de Ceilão forte coluna,  
 No tempo que irá toda em precipício:  
 Este os Ceos querem que as virtudes vna,  
 Exercendo feliz o hercico officio:  
 E se veráõ no illustre Constantino,  
 Em ser humano, alomos de diuino.

## LXXXIX.

Despois que este com obras admiraveis,  
 Sendo de Añia terror, de Europa gloria,  
 De palmas, & trofeos innumeraeis,  
 Enriquecer o templo da memoria:  
 Terá motiuos Lulõ lamentaveis,  
 De heroica si, mas lastimosa historia,  
 Que ao Mundo deixará sua illustre morte,  
 Com que a gozar irá da melhor sorte.

## LXXX.

Lourenço Pires, & Carualho inuejo,  
 Que o clarissimo auõ representando,  
 Por três vezes cair ao mar o vejo,  
 Co sangue illustre as ondas esmaltando:  
 E tres vezes sobir onde o desejo  
 De honra o fará claro como quando  
 Vay saindo o planeta rubicundo  
 Do mar salgado por dar luz ao Mundo.

## LXXXI.

Com rayos de façanhas resplandece  
 Rayo de viuo fogo nos effeitos,  
 E a fama dos antigos escurece,  
 Que não foraõ do tempo ás leys fogueitos:  
 Este eternas memorias offerece,  
 A seu raro valor. & hêroicos feitos,  
 Com que aßonibrando os inimigos fortes,  
 Oposto á morte multiplica mortes.

Malacá conquistada

LXXXII.

Mas entrê as glorias a que renho inuêja,  
Motiuo já de pena me lástima,  
O Tejo chora quando o Ceo festeja,  
Mascarenhas que a vida defestima,  
Porem se honrada morte se deseja,  
Se em fim a honra á mesma morte animã,  
Com razão dos honrados inuêjada,  
Será de Dom Ioaõ a morte honrada.

LXXXIII.

O animo, constancia, & fortaleza  
Daráo no Parseo seyo eterno espanto,  
De Ruy Freire magnanimo que préza,  
Buscar a fama com trabalho tanto,  
Dos Persas Anglos, Belgas a braueza,  
Quebrantada estará, & humilde em quanto,  
Armado resplandee, o mar fogeita,  
Este cujo valor Marte respeita.

LXXXIIII.

Obras diráõ que ámiro juntamente  
Quanto a presença de hum Botelho impórtẽ  
Contra as nações rebeldes rayo ardente  
Dos estados da India pseudo forte,  
Toila vejo que chora, & triste sente  
Ver, que em seu dano ordena irada a morte,  
Porque d'elle por vezes foi vencida,  
Que o seu mesmo valor lhe tire a vida.

LXXXV.

De mais heroes o sabio lhe t<sup>a</sup> atara  
Ornato, & resplandor do mar do Orientẽ,  
Se delicada voz não atálhara,  
Que rompeo pelos ares tristementẽ,  
Alterase o guerreiro, que julgara  
Ser o grito de quem desditas sente,  
E perguntar querendo ao companheiro,  
Ouquem segundo grito, ouquem terceiro.

Ouquem

## LXXXVI.

Ouém légo mais vozes, & gemidos,  
 Que o silencio da noite interrompiaõ,  
 E entrando ao coração pelos ouvidos,  
 Mais se chegauão, mais, & mais ferião:  
 Aplica o sabio, atentos os sentidos,  
 A parte, (dónde ao parecer) sahião,  
 Por entre a confusaõ, que o Mundo cobrê,  
 Terra em penhascos altos se descobre.

## LXXXVII.

Ao guerreiro a mostrou, que com affeito  
 Piedoso o rogou, que ver quisesse  
 Quem com gritos teria o excelsso teito  
 Que a obrigaçaõ pedia lhe valesse:  
 Etol não menos compassiuo o peitos,  
 Onde de seu furor o mar se esqueisse  
 O lenho guia, & com piedoso salto  
 A caula buscar vão do tobresalto.

## LXXXVIII.

Fóraõlhe as vozes lastimosas guia,  
 Ea luz que a irmã do Sol ao Mundo dauã,  
 Que sem nuens no Ceo resplandecia,  
 Quem triste as despedia lhe mostraua.  
 Os de Amor laços bellos offendia  
 Offendida belleza, que abrandaua  
 Com lagrimas o monte, & as estrellãs  
 Feria com altissimas querellas.

## LXXXIX.

Torna (dizia) serás mais piedoso,  
 Não usando comigo de piedade,  
 Execenta o mandado riguroso,  
 Se he que intentas guardar fidelidade,  
 Com razão teu senhor verás queixoso,  
 Eu com razão te acuso de impiedade,  
 Mas que sejas ordena o fado duro  
 Cruel comigo, & a teu senhor perjure.

*Malaca conquistada*

LXXX.

Afsi chorava, quando falteada

Se vio de Etol, & do guerreiro forte:

Vence a natural força, & acobardada

Todo o mal teme, se não já o da morte:

Mas sendo pelos dous assegurada.

Pára inda que o rigor tema da sorte;

Brandamente a consolaõ; ella em rantó

De nouo torna ao lastimoso pranto.

LXXXI.

Souza se lhe offerrece, & juntamente

De seu lamento a causa lhe pergunta.

Adoro aborrecida, não só ausente

(Disse ella) coa esperança hoje defunta:

Lá quantas tem o Inferno penas sente

Meu peito, contra mi tudo se ajunta,

Que tanto a ser cruel a fortechega,

Que me dá males, & morrer me nega.

LXXXII.

Naci nobre em Siaõ, naceo comigo

Amor, que foi crescendo com a idade,

Que delto infeliz berço amei o inimigo,

Que inda offendida adora esta vontade.

E tambem tenro infante, quando amigo

M'era o Ceo, me rendeo a liberdade

Esse, que de matarme tem de sejo,

Por quem viui, por quem morrer desejó.

LXXXIII.

A idade pueril juntos gozamos,

Bem que annos juvenis de spois negaraõ,

Para vernos quais traças não achamos.

Despois que os pays cuéis nos apartaraõ?

Quais sobrefaltos, & ansias não prouamos,

Quando dar-me por do no outro intentaraõ,

Ate que amor, & fê puderaõ tanto,

Que o laço nos ligou de Hymeneo santo.

Em



## LXXXIII.

Em tanto bem Barraõ ( que assi se chama  
 meu conforte enganoso, ou enganado)  
 Por valer a Malaca & ganhar fama,  
 Passou o campo azul de naos arado:  
 Fiquei qual fica ausente quem bem ama,  
 Quando (naõ tinha cuido o mar passado)  
 Seruo, que por fiel sempre foi tido,  
 Tornou de parte do cruel querido.

## LXXXV.

Na carta que o mensage acreditava,  
 Morrer de laudades me dizia  
 Fingindo, & que mostrasse quanto o amava  
 Passando o mar, se vida lhe querã.  
 Eu, que só velo sempre desejava,  
 (Julgai, que gosto o meu entã seria)  
 Vamos ( disse ) lá donde a vida tenho:  
 E incauta os pés meti em falso lenho.

## LXXXVI

Eraõ os nautas de região estranha,  
 E quem em mil euassem naõ sabião,  
 E bem cuido q' foi discreta manha,  
 Porque dizer de mi naõ saberião:  
 Tomaraõ terra ao pé desta montanha,  
 Adonde feras só bramar se ouuão,  
 Aua em tudo o mais silencio mudo,  
 E cobria a nocturna sombra tudo.

## LXXXVII.

Com engano me fez saltar em terra.  
 Lá apartado da praya, & do navio  
 Do peito o duro intento de senhera,  
 Tirando a espada com furioso brío:  
 Dizendo: Bem que julgue indina guerrã:  
 E troncar sintã de tua vida o fio,  
 Perdoas, Glaurã; mandato he rigoroso  
 De meu senhor, & teu marido iroso.

Malaca conquistada

LXXXVIII.

Eu quasi morta, misera tremendo,  
A causa perguntei de minha morte.  
Não sei ( me respondeo ) & o braço horrendo  
Contra fraco poder leuanta forte:  
A vida aborrecida aborrecendo,  
O peito descobri, & disse: Corte  
A dura espada o collo, passe o peito,  
Em toda a sorte sò a Batraõ sogeito

LXXXIX

Por elle, não por mi amaua a vida;  
E pois elle a aborrece, eu a aborreço  
Laço de Amor a tem com elle vnida;  
Sua he, como sua lha offereço:  
Que foi sua sentença obedecida  
Com gesto, lhe diras, ver que padeço  
Por gesto seu, & que elle así o ordena,  
Balta a fazer suaue n.inha pena.

LL.

E a teu senhor, & meu affirma, quando  
Ante elle tornes, que de mi offendido  
Nunca foi, & que nelle idolatrando  
O adoro, inda offensor endurecido.  
Assi disse, o mortal golpe aguardando;  
Injello tanto, quanto obedecido  
Quando o que já a ferir me se applicaua,  
Vi que o ferro da mão cair deixaua.

LLI.

E com alma piedosa, & compassiua  
Disse: Não sofre o peito que te offenda;  
Nem está em minha mão deixarte viua,  
De mi tua innocencia te defenda:  
Não me he menos, que ati a sorte esquiua;  
Porque o dia que meu senhor entenda  
Que mais piedoso fui que verdadeiro  
Será de minha vida o derradeiro.

Pois

## L.II.

Pois ilartê a morte o Ceo o não pèrnita,  
 Que aci tambem te tiue por lenhora,  
 Mas ser aos duus fiel se facilita,  
 Se aley guardares, que te der agora.  
 A pèrpetuo de ferro necessita,  
 Mas pode o Ceo dispor que inda algum hora  
 Claras as cousas, vos vejais vntdos,  
 E me sejais os doús agradecidos.

## L.III.

Só que a vida conserues deti quero,  
 Oculta ou peregrina, porque chegue  
 Só de tua morte à fama ao esposu fero,  
 Em quanto a opinião errada segue:  
 Assim disse. Mas eu, que não espero  
 Já da vida algum bem, que o ferro empregue  
 Em mi llic peço, & aquella cortesia,  
 Que estimação merece, me offendia.

## L.IIIII.

Assi pedia a morte, & assi a negaua.  
 Quem dar á triste vida fim deuerá;  
 Eu por a dar áquelle que o mandaua;  
 Elle indina julgando a tenção fera:  
 E como já determinado estaua,  
 Que eu delle a vida accite não espera;  
 Só me deixa, dizendome a i deixarme;  
 Podes não te ocultar, eu desterrarme.

## L.LV.

Atê a praya o segui, mas qual o vento,  
 Partio voando no infiel nauio,  
 Lagrimas de meus olhos cento a cento  
 Ao mar mandaraõ caudaloso rio:  
 Com gritos penetrei o firmamento  
 Mil vãos queixumes dando ao vento frio,  
 Ao tempo que che gastes, onde agora  
 Males minha alma sem remedio chora.

*Malaca conquistada.*

LLVI.

Os astros contemplando. Etol em tanto  
Que a escutava, lhe disse, as luzes bellas  
Enxuga, illustre Glaura, que a teu pranto  
Fim ditoso prometem as estrellas:  
Ir com nosco te importa, deixa tanto  
Inutil suspirar, & vãs querellas,  
Vem, Malaca verás em tempo breue,  
Que ao pensamento *invita* o lenho leue.

LLVII.

Anda senhora (Souza disse) & fia  
Que quando os astros faltem, esta è spada  
Naõ faltará, & te fará num dia  
Luntamente inculpaue!, & viugada.  
Ella que a Etol ouiuo que a lenaria  
Ao auroo assento, disse: Confiada  
Na promessa, que he o mais de nobre peizo,  
Ves figo, & ao valor vollo me fogeito.

LLVIII.

Entra õ no barco os tres que pela amara  
Logea se resuala no Horizonte,  
Em tanto de Hyperion a filha clara  
Iá descobria a rubicunda fronte.  
Vendo Souza a luz bella disse: A clara  
Espõsa de Titon sae lá defronte,  
As estrellas do Ceo detaparecem,  
Em mar, & terra as ceulas se conhecem.

LLIX.

Mas dizeime: Que costa vendo estamos,  
Que bem de ti que alcanças tudo entendo?  
Quanto (Etol lhe responde) nauegamos  
Nota em que a graõ Camboja estamos vêdo:  
Ilhas mil para a parte Austral deixamos,  
E para donde o Sol se vem erguendo,  
Que assi occupaõ o Neptunino assento,  
Como as estrellas o alto firmamento.

## LLX.

Atrás fica, onde faz a terra ponta,  
 A populosa hum tempo Cingapûra,  
 Cresceo Malaca com seu dano, & afronta,  
 Que tambem hoje está pouco segura.  
 A tudo toma o tempo estreita conta,  
 E pèza nas balanças da ventura,  
 Que sobindo, & baixando sem firmeza,  
 De todo o estado mostraõ a incerteza.

## LLXI.

Pão, & Patâne com Ligor se estende  
 Na costa que dali corre a Calisto,  
 E os mais lugares que Siaoõ comprede  
 Até onde o Menaõ vés com Tethis misto:  
 Sac do lago Chiamai, & a terra fende  
 De varios reynos, & prouincias visto,  
 Tambem seus dous irmãos por quem florecem  
 Os Féqus, & Bengallas, se enriquecem,

## LLXII.

Daquí perto a Mecón atrás deixamos,  
 Tem como o Nilo inundaçoẽs crecidas,  
 As causas dellas nunca as alcançamos  
 Que inda astem para nõs Deos escondidas  
 Do Campa a costa agora nauegamos  
 Das plantas adornada, enriquecidas  
 Do odor suaue, que entre os bõs se estimã,  
 Que o coração conforta, alegre, anima,

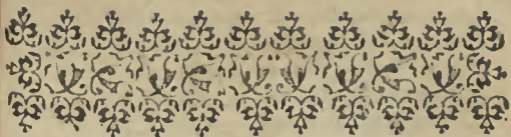
## LLXIII.

Eis da China começa aqui a grandeza,  
 Que com ser tanta, se cercou de muros;  
 De ser filho do Sol seu Rey se preza,  
 O fundamento disso não apuro:  
 Mas em guardar justiça, & inteireza,  
 Em serem seu governo recto, & puro,  
 Em castigar o mal, & o bem premiar se,  
 Bem de filho do Sol pode prezar se.

Eis lá Cancij á mão esquerda fica,  
E Cauchinchina mais para o Ponente;  
E temos ao Levante a grande, & rica  
Ilha Lyconia em ouro florecente:  
Olha a grande Cantão que já edifica,  
Onde dar nobre hospicio á vossa gente,  
Que já no reuoluer dos astros vejo  
Render tributo o Betampina ao Tejo.

Se em dizerte as grandezas me occupara  
Desto opulento imperio, considera  
Que tres vezes o Sol se nos mostrara,  
E no Ocaso outras tantas se escondera;  
E não lhe dera fim, ò gente rara  
se o dador de bês tantos conhecera!  
Porem pois o mayor dos bês lhe falta  
Na abundancia mayor, de tudo he falta.

Mas virá tempo que esta neuoa escuta  
O piedolo, & diuino Sol desfaça,  
E a merce tanta, grata com fê pura,  
E com deuido culto satisfaça.  
E o Iapão donde ha tanto tempo dura  
A cega idolatria, a ley da graça  
Receba inculca terra cultiuada,  
E co sangue de martyres regada.



# LIVRO VIII.

## ARGUMENTO.

**D**E Titonia no Alcazar Sousa chega  
 Com Erol, donde encontrão Mello triste,  
 Garcia namorado, mas entrega  
 As redeas á razão, à Amor resiste.  
 Chora a bella Titonia de Amor cega,  
 E ausente, de adoralo não desiste,  
 Até que a alma em purpura vestida  
 Lhe arranca quem sem ella não quer vida.

I.



Assi vaticinando Erol, dizia;  
 E o lenho pelo liquido elemento  
 Refualando ligeiro discorria  
 Imitador do leue pensamento:

Atras deixando a China, quando o dia  
 Declinaua, acalmou o amigo vento,  
 Que daua força á vella do nauio,  
 E se acharaõ na foz de hum fresço rio.



II.

E posto que na entrada pedregosos  
Rochedos se levantão dentro ficão  
Amenos valles, campos espaçofos,  
Que a cultivar seus naturais se applicão  
Alli angelins, & sandalos cheirosos  
Parte das agoas cobrem, & publicão  
Por entre as verdes folhas seus amores  
As aues com suauíssimos clamores.

III.

A região ( disse o mago ) já chegamos,  
Que os nossos cavalleiros nos encerra,  
E conuein que depressa os pés mouamos  
Atè chegar ao cume dessa terra:  
E porque a parte ignoras, que pizamos,  
Saberás que esta rica, & fertil terra  
Tem a bella Titonia por senhora,  
Que se manda chamar filha da Auróra.

IIII.

Prezase hoje de ter por ascendentes  
A Iupiter, Electra, & Laomedonte,  
E a Titon, que amorosos accidentes  
Na Aurora acende no Troyano monte:  
Gêrou este a Memnon, que entre os parentes  
Por Troya a vida deu, & Eurymedonte,  
Que lá não foi por ser de pouca idade,  
E a mãy depois da guerra dissiuade.

V.

Elle chorando o fraternal successo  
Nestes montes, que são limite, & muro  
Entre a China, & Catai, o triste excessão  
Da mãy imita num silencio escuro.  
Depois seus descendentes no progresso  
De annos o reynò estendem, & co duro  
Exercicio das armas sojugaraõ,  
Alem do Brema, & Cambalù fundaraõ.

## VI.

Ouê nò reyno varios successores  
 Desta illustre ascendencia, & reyna agora  
 Titonia, que sò os asperos rigores  
 Destes montes amava caçadora:  
 Aborrecendo o Amor dinos amores  
 Desprezava de Keys, porein já chora  
 E sentirá de Amor penas immensas,  
 Que vinga Antor nũ ponto annos de offensas.

## VII.

Tirou de hum lio em quanto assi dizia  
 ( Conforme ao Catai vso ) deus vestidos,  
 Que parã aquelle effeito já trazia  
 Anteuendo n por vir apercebidos:  
 Estes ( disse ) vistamos, que seria  
 Certo o perigo, sendo conhecidos  
 Da gente de Titonia, que coisa  
 Vigia amante, & teme receosa.

## VIII.

E a Glaura disse : Aqui ficais segura,  
 Bem da falta do sono restaurarvos  
 Podeis, que antes que fuja a sombra escura,  
 Tornaremos, senhora, a acompanharvos.  
 Ella lhe respondeo: Queira a ventura,  
 Ou queira o Ceo, que pode sò guardarvos,  
 Que eu como ja cheguei ao nibr extremo,  
 Tendo perdido tudo, nada temo.

## IX.

Assi dizendo o sabio, o barco atava  
 A torcida raiz de hum tronco antigo;  
 E por hum valle acima, que lhes daua  
 Com bastas rãmas encuberto abrigo,  
 Jobiraõ, quando já no Ocaso entraua  
 Da bella Leucothoe o claro amigo,  
 A quem a escura noite succedendo,  
 Enoplucio tudo no seu mapto horrendo:

*Malaca conquistada*

X.

Desaparecem logo os Horizontes  
Nas estrellas reflete a luz alheia;  
Por verdes campos, & siluestres montes  
Apenas o silencio se meneia:  
Sòmente murmurar se ouem as fontes,  
Porém sem dano alheo senhorea  
O sono es animais, pondo aos humanos  
Em doce esquecimento bês, & danos.

XI.

Encubertos coa noute em fim chegaraõ  
Ao cumê do alto monte, onde assentados  
Do passado trabalho descansaraõ,  
A dous frondosos freixos encostados:  
Alli de nouo o modo praticaraõ,  
Que auião de guardar, depois de entrados  
Na casa. que em grandeza, & lanor rara  
O antigo Eurymedonte edificara.

XII.

Algũs meses do anno era habitada  
Da fermoia Titonia, que o respeito  
De ser de caça a terra poucada,  
Fazia aos Reys aquelle sitio aceito,  
Descansados os dous á grã portada,  
Em fim chegaraõ do soberbo teito,  
Em cujo sagoão regio hum lume ardia,  
Que contra a noute conseruaua o dia.

XIII.

Cem monteiros de guarda lhe assistiaõ,  
Que tinhaõ ás paredes arrimadas  
Cem fortes astes, que resplandeciaõ  
Com pontas por Vulcane fabricadas;  
Nas portas com a clara luz se viaõ  
Amorosas historias entalhadas,  
Entre Aurora, & Titon no montê de Ida  
Da fermosura juvenil vencida.

## XIII.

Dã grande Troya ao pé do monte estava  
 A maquina soberba, o claro Xanto  
 Os Apollineos muros rodeava,  
 Rompe Simois do campo o verde manto,  
 Titon as feras perseguir mostrava,  
 E a fuga dellas por temor, & espanto,  
 Por entre os aruoredos, & espessura  
 O primor, & vizeza da escultura.

## XV.

Representa outra parte o marchetado  
 De ouro, aljofar, estrellas, prata fina,  
 Carro da Aurorã, & nelle o amante amado,  
 A cujo ardente Amor cega se inclina.  
 Descuydada de si, perde o cuydado  
 De abrir a porta ao dia só imagina  
 Como melhor segure a amada prenda  
 De seu receyo, & amor doce contenda.

## XVI.

Quatro cavallos pelo fresco ventro  
 Candidos, & purpureos da Alua amante  
 O carro conduzindo, là no assento  
 Dourado paraõ no vltimo Leuante.  
 Aquelle dia, & dizem que outr, os cento  
 Visto não foi o Auriga rutilante  
 Que como a Aurora as portas não lhe abriu,  
 Por entre nuuês arrojaua o dia.

## XVII.

Dêsdo saguaõ o mago, & Sousa entraraõ  
 Num patio de soberba architectura,  
 E no fim delle o inuidto Mello acharaõ,  
 Do chãro irmão sentindo a morte dura:  
 Cuyo illustre cadauer encerraraõ  
 A tarde antecedentem sepultura,  
 Posto que inculta, rara, & sumtuosa,  
Obra da natureza artificiosa.

No méyo daquelle aspero rochedo,  
Em que bâte contino o mar furioso,  
E com boca de ferras, & aruoredo  
Beija a Amphytrite o rio candaloso:  
Representa Pyramide hum penedo  
Alto, & por natureza cauernoso,  
Ou por obra do tempo, que bem basta,  
Para abrir pedras quem memorias gasta.

IX.

Este fizeraõ funereal erario,  
Do defunto valor, aquem sò a morte  
Vencer pode ajudada do contrario  
Destino, mais que ferreas armas fortes:  
E abriraõ no fiel depositario  
Este epitafio declarando a forte  
Contraria do guerreiro soberano  
No Catai idioma, & Lusitano.

XX.

Este penedo, ò peregrino, encerra  
O Lusitano mello, a que era estreito  
Para tanto valor o mar, & a terra,  
Das cem linguas da Famã dino objecto:  
Deixou a patria amada pela guerra,  
A riscos, & trabalhos pos o peito,  
Deulhe o mar de Catai a morte dura,  
Este aspero rochedo a sepultura.

XXI.

Em tanto que éstas funebres memorias  
Ao triste caualleiro magoauaõ,  
Lá dentro aos q̄ entretem mundanas glórias,  
Musicos instrumentos discantauaõ,  
Ao som delles de Amor altas vitorias  
Quatro acordadas vozes celebrauãõ,  
Era dá bella Cytherea o canto,  
Que amou de Myrrha o bello filho tantõ.

## XXII.

Cantaraõ despois disto Galatea,  
 Entre os braços de Acis reclinada,  
 E que Triuia o Ceo deixa, & se recrea,  
 Do seu pastor prezando verse amada:  
 Como a Boreas o Amor afuria enfrea,  
 E a Iupiter mitiga a chama irada,  
 Acende o graõ tridente, & como dentro  
 Plutaõ fogeita no Tartareo centro.

## XXIII.

Das vozes a brandura, o tom suaue  
 Os mais rebeldes peitos moueria,  
 Porem de Mello o sentimento graue  
 Fazer tregoa coa dor não consentia:  
 Os gostos foge, & faz que mais se agraua  
 A pena, que já na alma não cabia,  
 Soufa aduertido entaõ do companheiro,  
 Chegou, & reprendeo assi o guerreiro.

## XXIIII.

Deixa esse sentimento afeminado,  
 Chora o tempo, que perdes ocioso,  
 Que deste differente era o cuydado,  
 Que a passar te obrigou o mar furioso.  
 Quem es tu, (respondeo Mello indinado)  
 Que sem razão reprendes rigoroso,  
 Que sintã do perdido irmão a sorte,  
 Quando sò, que sentir me deixa a morte?

## XXV.

Não deues tu saber quanto aborreço  
 A sempre pouco honrosa ociosidade,  
 E a pena que me alcança, & o que patreço  
 Porque hoje vsar não posso da vontade:  
 Soufa lhe respondeo: Eu me offereço  
 A porte ati, & aos mais em liberdade,  
 Onde o forte Albuquerque vos aguarda,  
 Que em dar principio á guerra por vos rardã.  
 Por

Pôr conselho, ô inuictos cavalleiros  
 De hum varaõ sabio, que o por vir entende,  
 Até se acompanhar de tais guerreiros,  
 De Malaca o castigo se suspende:  
 Auisa, ô Mello illustre, os companheiros,  
 De quem o valor Luso só depende,  
 Albuquerque vós chama, eu por vos venho;  
 Embarcação segura, & breue tenho.

## XXVII.

Lendo com aluoroço entre seus braços  
 Mello ô guerreiro delle conhecido,  
 E duplicara os amigaucis laços,  
 Mas do prudente mago foi detido:  
 Deixai para outro tempo esses abraços,  
 Não seja nosso intento preuertido,  
 Disse, o tempo que vós aprucitemos,  
 Que passado húa vez mal cobraremos.

## XXVIII.

A si he, (disse Mello) mas ô gosto  
 De hum bem não esperado, o peito altera;  
 Esô o que em veruos sinto meu desgosto  
 Irremediauel mitigar pudera;  
 Porem para que vosso presupesto  
 Confira o effeito, que Albuquerque espera  
 Darei áquelles companheiros conta  
 Na delicia da casa que os afronta

## XXIX.

Aqui nella achareis de amor escrãu ô  
 Garcia idolatrando hum brando objecto,  
 Fazendo áquelle heroico intento agrãu,  
 Que concebido tinha o nobre peito:  
 Porem não porque tanto o caso agrãu.  
 Presumais dellã incontinent effeito,  
 Que atégora Titonia, quanto amante,  
 Foi guarda a seu decoro vigilante.



## XXX.

Com laço de Hymeneo atarse intenta  
 No que atêgora mostra, & já o fizera,  
 Mas as leys differentes o que assenta  
 Amor alteraõ, & assi tempo espera,  
 Mas como a ley de Amor he ley violenta,  
 Que nunca inconuenientes considera,  
 Não sei, não viudo vos, no que parará,  
 E se o casto desejo se trocara.

## XXXI.

Que posto que em Garcia pensamento  
 Não vi, que o casto, & puro amor offenda,  
 Ou que respeito vença o atreuimento,  
 Ou razão o appetite vença, & prenda:  
 Não sou eu de arriscar o entendimento  
 A erros, que incapazes são de emmenda  
 Depois de cometidos, pois sabemos  
 Que Amor não pára, até chegar a extremos.

## XXXII.

Assi dizendo, entrou lá dentro a donde  
 Em apraziueis jogos despendião  
 As horas, em que a sômbra o Mûdo esconde,  
 Que em silencio o ligeiro pay seguiaõ.  
 Com a cea, que em tudô corresponde  
 A grandezã real, já então cobriaõ  
 As suntuosas mesas os criados  
 De antigos mestres salas governados.

## XXXIII.

Admirana da casa o illustre ornato,  
 E dos aparadores a riqueza,  
 A fraganciã, do Ceo quasi retrato,  
 E do trato politico a estranheza.  
 Era igual em magnifico aparato  
 No modo, no concerto, & na grandezã  
 Ao grão banqueiro das historias dino  
 Da bella Egypcia ao vencedor Latino.

*Malaca conquistada:*

XXXIII.

Sentaraõ se Catais, & Lusitanos.

E em cabeceira a clara descendente  
Da Aurora, cujos olhos soberanos  
Docemente inspiravaõ fogo ardente:  
E se da liberdade eraõ tyranos,  
Garcia diga o que no peito sente,  
Nem tinha menos fogo ella no peito,  
Que se acendia, vendo o amado objeito.

XXXV.

Ficon M. llo, ou que fosse industria, ou forte  
Assentado entre Lemos, & Coutinho,  
E o que passara lhes contou, co forte  
Souza, & a causa de seu grã caminho,  
E proseguio: Honroso intento he o Nortê,  
Que se guimõs, deixando o patrio ninho;  
Este nos leue lâ donde nos chama  
A honrosa empreza, & nõs conuida a Fama.

XXXVI.

Entendeo Villalobos que defronte  
ficava o caso, & disse: Quem duvida  
Partirse antes que este ocio mais afronte  
O credito, por quem se arrisca a vida?  
Isto confirmaõ todõs, & na frente  
De qualquer delles fora conhecida  
A tençaõ, se Titonia bem notara.  
E os sentidos Amor naõ lhe cegara.

XXXVII.

Aquella cea esplendida acabada  
Se encheo do licor puro ( que recrea  
Confortando) hũa taça coroada  
Das flores com que a Aurora a frente arraa:  
Nas mãos a toma a bella namorada,  
Que de si mesma por amar se alhea,  
E conforme ao gentilico costume  
Assi a Aurora inuocou, & o diurno lume.

Diva

## XXXVIII.

Diua, que o Mundo alegras precursora  
 Do lume eterno, que dá luz ao Mundo,  
 Favorece os intentos, clara Aurora,  
 Em que minha esperança alegre fundo:  
 És tu, aquem deuota Deo adora  
 Claro da noute inimigo alto, & jocundo,  
 Se inda Daphne te culta pensamentos,  
 Ampara, & favorece meus intentos.

## XXXIX.

Disse, & logo à fermosa, & doce boca  
 A rica taça, & puro vinho aplica,  
 E despiris que o licor sabroso toca,  
 Deixando a taça de mil graças rica,  
 A passou a Garcia, aquem prouoca  
 A amorosos furores, que publica  
 Hum desusado modo de inquietarse,  
 Porque não pode o amor dissimularse.

## XXXX.

Tambem para os mais hospedes trouxeraõ  
 Coroatias taças do licor precioso,  
 E satisfeitos dali algũs se ergueraõ  
 Por darse ao sono, dom dos Ceos sabroso:  
 Recolheose Titonia, & não perderaõ  
 Tempo os guerreiros, que onde cuydadoso  
 Souza esperana, & o sabio companheiro,  
 Encaminhaõ o amante caualleiro.

## XXXXI.

Saelhe ao encontro o valeroso Souza,  
 Industriado do prudente mago,  
 E disse: Aparecer ver o Sol ouza  
 Quem padece na fama tanto estrago?  
 Como teu brauo coração repousa  
 Em ocio afeminado, quando lago  
 De sangue já Malaea ser deue ra  
 Por teu valor, que o Lusobando espera?

Malaca conquistada

XXXXII.

A repreensão confuso, & já alterado  
O cavalleiro responder queria:  
Mas proseguindo Sousa, o venerado  
Sinal da redenção lhe descobria:  
Dizendo: O illustre intento aqui ha parado;  
Que com fê tanta o largo mar abria  
Deste sinal diuino tão deuoto,  
Que era morrer por elle o menor voto?

XXXXIII.

Tu, que te promerias fazer tanto,  
Que nos reynos da Aurora se adorasse  
A diuina Ara do Cordeiro santo,  
E que templo até o Chim lhe edificasse:  
Em voluntario pouco honroso encanto  
Não sentes que ligeiro o tempo passe?  
Vão teu desejo idolatrando adora  
Na que se faz chamar filha da Aurora?

XXXXIIII.

De Christo prometeste ser guerreiro  
Não de Amor, quem ti poem nodoa tão fea  
Acorda, namorado cavalleiro,  
Do sonô, que de ten valor te alhea:  
Resulcne o delejo, que primeiro  
Ardeo nessa alma então de fê tão chea,  
Vamos onde Albuquerque ati só aguarda;  
E o Cco vitorias mil para ti guarda.

XXXXV.

Vista a Cruz santa do guerreiro amante,  
Do reprensor se humilha aos pês choroso;  
Quanto o verse acusado de inconstante,  
Confuso o deixa triste, & vergonhoso:  
Calou hum pouco; mas passando auantê  
Sentimentos daquelle erro amoroso,  
Em gemidos rompeo, & gritos dera,  
se o lugar, em que estava, o concedera.

Qual

## XXXVI.

Qual desfazer costuma o Sol a neve,  
 Que o friso congelou do largo Inverno:  
 Tal da Cruz santa aquella vista breue  
 Em pranto lhe desfez o mais interno:  
 E disse: Como erguer olhos se atreue  
 A vos, chame do bem que dura eterno,  
 Aquelle a que tão facilmente inclina  
 Mais a belleza humana, que a divina.

## XXXVII.

Como farei, ó Cruz preciosa, emmienda,  
 Que a incomparavel culpa em parte iguale:  
 Como farei que lastimado a entenda  
 Sòmenteo coração, & ao Mundo a cale?  
 Que façanha obrar posso, que defenda  
 Que liure em meu defeito o Mundo fale?  
 O se logo daqui fugir pudera,  
 Que da culpa fugi também dissera!

## XXXVIII.

Contrito assi chorou, quando animado  
 De Sousa foi, com lhe dizer adonde  
 O nauio fatal deixara atado,  
 Que a seu veloz desejo corresponde.  
 O que elle ouindo, disse enuergonhado:  
 A partida apressai, de mi disponde.  
 Não perdem tempo: partem logo; ay quanto  
 Fica a Titonia sentimento, & pranto!

## XXXIX.

Por porta oculta, que tal vez deixava  
 Ora o cuydado, ora o descuydo aberta,  
 Fo gem, & mal em tanto repousava  
 Titonia, mal durmindo, & mal desperta.  
 Andar junto de hum rio entãõ sonhava,  
 E correr pela esteril, & deserta  
 Arca em vão, porque beber queria,  
 E como a Tãtalo, a agoa lhe fogia.

A grande

*Malaca conquistada*

L.

A grande pena o coração no peito  
Lhe estreita assi, que despertou gritando,  
A voz retumba no dourado teito,  
A gente em sono enuolta despertando:  
Cérca a familia feminil o leito,  
De tanto grito a causa perguntando,  
Ella suspira, & diz: Graõ mal me aguarda,  
Que em sonhos já me aflige, & me acobarda.

LI.

Naõ tarda n mal, que ao ponto dous monteiros  
Dos que a emprazar a caça madrugaraõ  
A fugida dos inclitos guerreiros  
A bella. & triste amante reuelaraõ:  
Iulga Titonia os sonhos verdadeiros  
Dos olhos fontes viuas lhe brotaraõ,  
E como na alma o dardo de Amor sente,  
Do infausto leito salta impaciente.

LII.

Gritando em fim de scalça, se vestida  
Apos o amado ingrato sae correndo,  
Sem reparar, da grande dor vencida,  
No credito que arrisca, ou vai perdendo,  
Iã neste tempo a Aurora, despedida  
Do amante esposo, vinha apparecendo;  
Parou ella entre a gente que a seguia,  
E assi se queixa à que abre portaaõ dia.

LIII.

Rubicunda de idade aquem adoro,  
Clara do claro dia precursora,  
Naõ consintas que offendaõ teu decoro  
Em mi, que máy te chamo, bella Aurora:  
Ah naõ se diga que te vejo, & choro  
E que me deixas em tristeza agora  
Que o Mundo alegras, sendo a confiança,  
Que em ti pus yã, & yã minha esperança.

## LIII.

E se o chamarme descendente tua?  
 Não são do Mundo fabulas sonhadas,  
 Hoje se mostre, impede a tenção crua  
 Que deixa minhas ansias enganadas.  
 Assim o Ceo vida a Memnon restitua  
 Pelas lagrimas bellas derramadas  
 De teus olhos, que enxuga a luz do dia,  
 Aquem já as minhas fazem companhia.

## LV

Não disse mais, que a pressa, & grande pena  
 A mais larga oração lugar não dauão:  
 O monte deee em quanto a luz serena  
 Com canticos as aues saudauão:  
 A praya chegã, & nella Amor lhe ordena  
 A execução dos males, que a esperauão;  
 Partir o barco vê, ay fera vista!  
 Quem a verá que a tanta dor resistã?

## LVI.

Já entraõ vinha saindo o graõ planeta,  
 Quietos estaua o mar, calma era o vento;  
 Igual soc pelos ares veloz feta,  
 Rompia o lenho o liquido elemento.  
 Conhece os fugitivos, & indisereta  
 Rendida, quanto a Amor a sey tormento,  
 Disse gritando: Foge, inimigo?  
 Mas do Ceo mais ligeiro he o castigo.

## LVII.

Deuses, cujo poder he immenso, & eterno,  
 Do crystalino assento moradores,  
 E os que tendes do mar largo governo,  
 E quantos sois na terra habitadores:  
 E vos que lá imperais no escuro Inferno;  
 E vastigais de ingratos os rigores,  
 Pois justos sois, a pena que me alcança  
 Guardai justiça, concedei vingança.



Ati, Nemesis vingadora inuoco,  
 E a vos negras irmãs, ministras de ira;  
 Que bem cuido que a lastima provoco  
 Inda a metima impiedade, que odio inspira!  
 Deste por quem em pena a gloria troco,  
 Afonte viperino o peito sira,  
 E perseguido seja como Orestes  
 Odio a ti mesmo, a humanos, & a celestes.

LIX.

O Tethys, bella mãy da bella Aurora,  
 Tu, que es se a (antiga fama não me mente)  
 Da casa de Tixon progevitora,  
 Docte de tua afligida descendente:  
 O humilde pouo, que em teu reyno mora;  
 Contra o perfido incita, o graõ tridente  
 Embeba nelle o diho teu consorte,  
 Posto que indino de tão nobre morte.

LX.

Fique entre lodo, & limus sepultado,  
 De Malaca não chegue a ver a terra;  
 E quando vella lhe conceda o Fado,  
 A treição morra na primeira guerra.  
 Porem que digo? Amor he sò o culpado  
 Que cego diante sempre os golpes erra:  
 Do peito me roubou a liberdade,  
 E ao perjurio deixou liure a vontade.

LXI.

Mas triste, que deidade o fauorece,  
 E contra mi por elle se conjura?  
 O mar tranquillo, & brando se offerrece,  
 Presos os ventos na prisão escura,  
 E da vista o batel desaparece?  
 Ah! d'ose inimigos! sorte dura!  
 Não vos mostreis em tudo rigurosos,  
 Darme a morte fereis tambem piedosos.

Neste

## LXII.

Neste tempo vencendo a dor penosa  
 O espirito que infunde aos membros vida,  
 Perdeo o bello rosto a cor de rosa,,  
 E caíra a não ser dos seus fofida:  
 Cercou a a turba feminil chorosa,  
 Imaginando todas ter perdida  
 A natural senhora, & gritos dauaõ,  
 Que valles, & cauernas ajudauaõ.

## LXIII.

Chegou da bella quanto triste amante  
 A vida quasi ao derradeiro fio:  
 Vsaõ remedios mil, nenhum bastante  
 Para curar de Amor o desuario:  
 Era o mal ao da morte semelhante,  
 Cobre o pallido rosto hum suor frio,  
 A luz se turba de hũa, & de outra estrellã,  
 Mas neste extremo por extremo bella.

## LXIII.

Assi o vital espirito suspenso,  
 A nobre casa em braços a leuaraõ,  
 E com piedosa dor, pezar immenso  
 Mais actiuos remedios lhe applicaraõ:  
 Em tanto aquelle sentimento intenso,  
 Por quem as vitais vias se cerraraõ,  
 Fez termo, & recebendo alento o peito,  
 Fecio com gritos o estrallado teito.

## LXV.

Do mortal paradisino em si ternada,  
 Se alegrão todos, ella solluçando,  
 Os olhos baixos como enuergonhada,  
 No amoroso excessõ imaginando,  
 Ora amor sente, ora a paixãõ mostrada,  
 E o caso com razão considerando,  
 A desesperaçãõ lhe acende a ira,  
 Já por vingança, já de amor suspira-

*Malac'a conquistada*

LXVI.

O dia todo passa entregue ao pranto,  
Tambem chorosa a noite não sossega,  
E lhe ordenava o mesmo Amor em tanto  
Fim, mas fim triste ao mal, a que se entrega.  
Na grande Coreia do Iapão espanto,  
A quem a paz ha largos annos nega,  
Reynava Iuculano aos seus accio,  
E a fermosa Titonia no seu peito.

LXVII.

Desejoso de ver, & de mostrar-se  
Nos jogos, que celebra bellicosos  
Catai aos deoses vãos, em que ajuntar-se  
Os guerreiros costumão mais famosos.  
O mar passou, & quando à sinalar-se  
Se apercebe entre tantos valerosos,  
Delle triunfa Amor, que em toda a parte  
Ostenta mais poder Amor, que Marte.

LXVIII.

A clara filha da luzente Aurora  
A ver as festas a hum balcão sahia,  
Qual a fermosa mãy na alegre hora,  
Que o Mundo alegre, dando passo aodia,  
A fermosura estranha o Rey adora  
Admirado, & contente do que via,  
Tudo o suspende hum amoroso encanto,  
E a amada liberdade perde em tanto.

LXIX.

Intenta tudo quanto Amor ensina  
Por ter da bella amada o bem de esposo,  
Mas dura estrella, que a rigor a inclina,  
Ao passo que era amante, o fez odioso:  
Felice em seu desprezo outro imagina,  
Que vive quem bem ama, reccoso,  
Hum, & outro cuydado o inquietava,  
E em amorosas iras se abraçava.

## LXX.

Nestas ansias chegou voando a Fama  
 Da suspirada ingrata exagerando  
 O mal fundado amor; o quanto a flama  
 Dos ciúmes, & Amor crece abrazando  
 Ingratíssimo a Amor mil vezes chamã,  
 E à que desesperado está adorando,  
 Geme, suspira, chora, & não descança  
 Abrazado em desejos de vingança.

## LXXI.

Já condenando o longo sofrimento,  
 Se embarcou com trezentos escolhidos,  
 E dando vella ao favoravel vento,  
 Ao Catai porto chegã não sentidos:  
 Dali sobem ao celebre aposento,  
 Todo reuolto em choros, & gemidos;  
 Era entã alta noite, & de repente  
 Entrã ferindo a desceyda gente.

## LXXII.

Confusas vozes com estrondo horrendo  
 Per bobedas, & teitos retumbauã,  
 Defendiãse algũs, outros temendo  
 Ondè chorava a triste amante entrauã:  
 Ella o rumor ouvindo, & fugir vendo  
 Os que guardar a vida procurauã,  
 Tomou hum dardo forte, & generosa  
 Corre onde a confusã era espantosa.

## LXXIII.

Gritando vinha o brauo Iuculano  
 Aos seus, que à amada ingrata respeitassem,  
 E àquelle, que era causa de seu dano,  
 Prender, ou dar a morte procurassem:  
 Quando de slino cruel ao bem tyrano  
 Quiz entã mais cruel, que se encontrassem  
 Num corredor escuro, donde a vida  
 Troncou incauto delle mais querida.

Ella co dardo passa o escudo forte  
Do Principe infelix, que a fera espada  
No peito lhe escondeo enuolta em morte  
Lá donde era de Amor doce morada:  
Cae a infelicé como o quer a sorte,  
E assi disse, esforçando a voz cansada:  
Sejas bem vinda, ó morte hoje piedosa,  
Fim desejado a vida taõ penosa.

LXXV.

Terre no coração do amante irado  
A delicada voz, & logo teme  
A desdita mayor acobardado  
De sua ma fortuna, & triste gemé:  
Correm com luzes hum, & outro soldado,  
Seu dano reconhece, & vendoo, treme  
O coração, feroz no peito ardente,  
Que já males da morte, & de Amor sente.

LXXVI.

Breiar o sangue vê do aberto peito,  
E nelle tinta a rigurosa estada,  
Por terra derribado o aureo teito;  
A luz dos bellos olhos eclipçada,  
Ve seu mal infinito, o bem desfeito;  
Morta a esperança, a dor eternizada,  
E assi os queixumes derramou ao vento;  
Quelhe ditava o grane sentimento.

LXVII.

Possivel hé que o Justo Ceo permita  
Que injusto amor, & injusta sorte unidos  
Promulguem dura ley, com sangue escrita  
Contra fracos mortais indurecidos?  
Monstro infeliz de Amor, & de desdita  
Em quem erros, sem culpa cometidos,  
Pedindo aos Ceos estão mayor vingança;  
Que aver perdido a vida, & a esperança.

## LXXVIII.

Os funestos vestigios do ferino  
 Rigor, que me movia, triste vejo,  
 E não me mata a deus? duro destino!  
 Vingança de mi mesmo ter desejo:  
 Olhos que mais crueis inda imagino,  
 Que a dura mão, que não incauto vejo,  
 Enxutos vos sem luz hũa, & outra estrella  
 A mão a chaga fez, vos podeis vella!

## LXXIX.

O belleza divina hoje eclipçada  
 Por esta dura mão inaduerçada,  
 Quem, como de mi sois morta adorada,  
 Poderá com morrer darvos a vida?  
 Tu sacrilega mão acelerada,  
 Para do bem mayor ser homicida,  
 Emprega em mi tua furia, volta o ferro  
 Contra este peito, origem de teu erro.

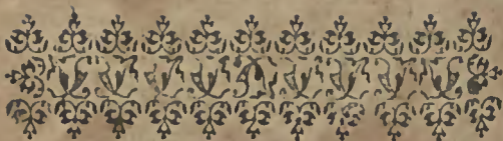
## LXXX.

Mas costumada ao feito atroz, receyo  
 Rebelde a este serás por ser piedoso:  
 O não seja assi, não, te o caso feyo  
 A morte me não faz tambem odioso.  
 E tu, gentil espirito, bem que creyo  
 Que agora me serás mais riguroso,  
 Accita este de mi vltimo officio,  
 Se por vingança não, por sacrificio:

## LXXXI.

Assi dizendo sobre o ferro duro  
 Se lança, antes que ser possa estornado,  
 Entra no amante peito o fado escuro,  
 E cae mortal sobre o objecto amado,  
 De altos clamores o ceeste muro  
 Triste, & piedosamente penetrado,  
 As estrellas se escondem commouido  
 Forçado o Sol sahio, mas escondido:





# LIVRO IX.

## ARGUMENTO.

**O** Rey de General o cetro entrega  
A Tuão Bandão: Afonso a Etol festeja,  
Que com Sa, & os demais ante elle chega,  
E dá aßalto á cidade, a Marte inueja:  
Geinal em ajudalo allí se emprega,  
Num elefante o Rey sae à peleja:  
Feremlho, & volue pelos seus rompendo  
Deixa Afonso Malaca em fogo ardendo

I.

**E**M militar estrondo se enuolvia  
Malaca entãto, & preuções de guerra  
Satisfação Afonso pretendia,  
E a sacra Fè plantar na infida ter.  
Mahamet, que auareza, & tyrania  
E furor infernal no peito encerra,  
Da razão de Albuquerque forma offensa,  
E trata da vingança, & da defença.

Experto



## II.

Experto capitão, Rey cuydadoso

Com tranqueiras fortissimas repara  
 Tudo o que o mar combate, & bellicoso  
 A gente apresta, & munições prepara:  
 E aquelle dia quando o Sol sermoso  
 se mostrava, seguindo a manhã clara,  
 Sobre Elefante de Ceilão se mostra  
 A gente militar, que lhe dá mostra.

## III.

Diuina Musa tu me dize agora

Os Principes, & Reys, que armas tomarão  
 Nas apartadas regiões da Aurora,  
 Que em fauor de Malaca se ajuntarão:  
 Tu contra o esquecimento guardadora  
 Das cousas, sabes quantos lá se acharão  
 Varoões fortes, & o numero da gente,  
 Abreme o archiuo de tua sacra mente.

## III.

Galhardos se mostraraõ os primeiros

Os Malayos no mar exercitados,  
 Com grande proleção de caualleiros,  
 E quanto bellicosos, namórados.  
 Eraõ seus capitaes quatro guerreiros,  
 Por mestres da milicia reputados,  
 E prudentes nos bellicos furores,  
 Já dos feros Siames vencedores.

## V.

Seis mil frecheiros destros governaua

Indoraspis maritimo almirante  
 Da milicia feroz, que o mar cortava  
 Em cossodo estrangeiro nauegante.  
 Tras elle Baturel tres mil guiaua,  
 Esquadraõ entre todos importante,  
 Que os raios exercita furibundo,  
 Com que destrues, ó Germania o Mundo.

Roltacaõ

Malaca conquistada

VI.

Rôstacaõ a terceira esquadra adẽstra  
Mais que as passadas grande, & numerosa:  
Porem gente nas armas menos deãtra  
Que a forçosa occasiã fez bellicosã:  
Necessidade, que he de tudo mestrã  
Dos officios ciuis â perigosa  
Guerra os passou, & della a disciplina  
Em defenõsa da amada patria ensina.

VII.

Ao Principe Aladim segue a nobreza  
De Malaca, lustrosa, & bem armada:  
Tudo arrogante ( ao parecer) despreza,  
Tudo mostra ameaçar coa vista irada.  
Tres mil leua esta esquadra, na asperezã  
Das armas gente toda exercitada,  
Que seguira o furor da dura guerra,  
Jã no mar militando, jã na terra.

VIII.

Impẽtraueis armas a este brãno  
Os valerosos membros lhe cobriaõ,  
Forjadãs por aquelle graõ Timãno,  
De quem os vãos espiritos tremiaõ:  
E bem que armarse tinha por agrãuo,  
A seu valor, de ornato-lhe seruiãõ,  
Dizendo naõ estar seu forte peito  
A forçã de nenhum mortal logeito.

IX.

Apos estes os ferõs Iãos passaraõ  
No exercicio das armas excellentes,  
Que por feitos heroicos alcançaraõ  
Immortal apellido de valentes,  
Escudos, lanças, frechas sempre vsaraõ  
Irosos, vingatinos, impacientes,  
Tuão Colascar, & Vtimuraja os guiaõ,  
Queda arãe milstar pouco sabiãõ.

## X.

Eraõ estês dous Iãos favorecidos  
 DelRey, & da Fortuna, poderosos,  
 E pelo trato mercantil subidos  
 A lugares, & titulos honrosos:  
 E aquelles que os seguiaõ, escolhidos  
 Nas armas mais ouzados, que ditosos,  
 Ojto mil saõ de suas famílias ricas,  
 Que tu, fera Beliona, á guerra applicas.

## XI.

A Malano dous mil Bornêos seguiaõ,  
 E apos ellê, a Cambir Lequios quinhentôs,  
 Que os perigos da guerra não fogião,  
 Inda tratando em mercantis intentos.  
 Dous mil Arús, que fama só queriaõ,  
 Desenrolaraõ a bandeira aos ventos,  
 Deraide os guia capitão egregio,  
 Que em Arú de spois reue o cetro regio.

## XII.

Irmaõ era delRey, elle o mandara  
 Em fauor do Malayo seu vizinho,  
 Posto que a bella Infanta lhe negara,  
 Abrindo a inimisades o caminho.  
 ElRey de Pão, que bem tanto alcançara  
 Do crime sentindo o duro espinho,  
 Nelle o competidor odioso uendo,  
 O segue, & passa o campo em ira ardendo.

## XIII.

Seguirãono oitocentos tiradores  
 De eruada frecha, & mil que lança vfauaõ.  
 Mas pouco achados em marciais furores,  
 Porque tempos auia paz gozauaõ.  
 Quatro mil de Patane moradores  
 Num esquadraõ gallhardos se mostrauaõ.  
 Seguindo o raro em forças Ariano,  
 Em sangue humilde, mas soberbo, & brauo.  
 Batraõ

Malaca conquistada.

XIII.

Paíraõ guia os nacidos nas ribeiras,

Que as agoas do famoso Menaõ regão,  
Mil, & quinhentos são, cujas fileiras  
A seus contrarios socorrer não negão,  
Os mais delles moueraõ já as bandeiras  
Contra Malaca, que em feruir se empregão,  
Quando os annos atras guerras tiverão,  
Que tão mal aos Siames succederaõ.

XV.

Seguem logo a Caról mil Cambojanos  
Soldados destros quais no mar, na terrã,  
Mestre por exercicio, & largos annos  
He das astucias, que a milicia encerra:  
A Ragois oitocentos Mindaraños  
Exercitados na continua guerra,  
Que fazem aos vezinhos de Manilha,  
Que o Sul habitão da Luconia ilha.

XVI.

Passa com mil Ligores Aranteyo  
Galhardo, & bello, quanto em armas forte  
Del Rey de Ceilaõ, que era negro, & seyo  
Alcitra o pario a luerfa a sorte:  
Como aluo & louto o vin, teue recco  
De nome infame, & de infame morte,  
E pondo em seu lugar infanté indino,  
A morte mandou dar ao real minino.

XVII.

Más Triganes a lastima mouido  
Lhe salua a vida, mais que a mãy piedoso.  
E a Ligor o mandou ao conhecido  
Mirèm em guerra, & paz varaõ famoso:  
Das graças naturais fauorecido  
Foi crescendo, & nas armas valeroso  
Ganhando estimação no real conceito  
Foi capitão deste socorro eleito.

## XVIII.

Novecentos Pegûs, que as agoas puras  
 Bebem de Marrabão pallaraõ logo,  
 Eraspe he o capitaõ, couraças duras  
 Vestindo, vsaõ tambem armas de fogo.  
 A estes seguem com longas vestiduras,  
 Quali forçados de hum tyrano rogo  
 Os que na toz do Ganges rico habitaõ,  
 Que na maritima arte se exercitaõ.

## XIX.

De Guzarate os barbaros cultores  
 Inimigos mortais do pouo Luso  
 Guia Abdelâ, & de Dio os moradoreõ;  
 Que seguem do Agareno o torpe abuso.  
 Quatro mil Coraçanes, & Mogorês,  
 Que o bellico exercicio tem por vso,  
 Seguem a Solimaõ soberbo, & forte,  
 Que desprezando o Ceo não temea morte.

## XX.

1.ª Solimaõ se tinba em Goa achado, (ra  
 Quando Albuquerque a entrara a vez primei-  
 Donde heroico valor tinha mostrado  
 Em defença da Canarim bandeira:  
 Dêspois do natural furor leuado  
 Seguindo o ardor da inclinaçaõ guerreira,  
 (Que aos tais a coulas bellicosas chama)  
 A Malaca o leuou da guerra a fama.

## XXI.

Era do Turco fero, o arnes seberbo,  
 A peile de hum monstruoso Cocodrilo  
 De que o despio, sendo em conflito acerbo  
 Delle assaltado, junto ao patrio Nilo,  
 O dano esteue do animal proterno  
 Eas simuladas lagrimas no estilo,  
 E donde qualquer outro a morte achará,  
 Armãs, & gloria seu valor ganhara.

Passada a militar mostra, o seuero  
Rey a Tuão Bandão, que da priuança  
Gozava o sopro, chama, & disse: Quero  
De meu reyno em ti por hoje a esperança:  
De teu valor, & boa fortuna espero  
Vitoria, & a razão me dá confiança,  
Toma o bastam, & nelle o retro entrego  
Manda, faze na fama heroico emprego.

jà velho sou: mas inda que hoje a idade,  
Em que os Siames resisti, gozara,  
Tal te estimo, que com igual vontade  
Sogeito a teu governo, militarã.  
O pagaõ ante a regia magestade,  
Que a tam alto lugar o leuantara,  
Com grata adoração posto que indina,  
Por tres vezes cabeça, & corpo inclinae

Com teu gran nome que será infinito  
Eternizas, senhor, minha memoria,  
Tomo da inuísta mão bastão inuísto  
Felicẽ agouro da inclita vitoria:  
Que tua virtude no mayor conflito  
Me infundirá valor, causará gloria,  
E nesta alta fortuna sò mepeza  
Que he de hũ pyrata vil pequena a empreza

Oxalá, Rey potente, me mandarã  
Despregar teus pendoês là donde o Tejo  
Páreas paga a Neptuno de agoas claras,  
Porque de ouro as pagasse a teu desejo:  
Ou, como Eurysteo a Alcides, me empregãras  
Que inda por ti arriscarme a mais delese,  
Mas será ensayo para quando mandes  
Acabar em teu nome emprezas grandes.



## XXVI.

Assi dizendo, o medo que encobria,  
 Disfarça com esforço o cauto mouro,  
 Que ao seguro semblante desmentia  
 O coração presago a triste agouro,  
 Já neste tempo no Zenith ardia  
 Ferindo a terra o Sol com frechas de ouro;  
 Tuão Bandão pelo arenoso campo  
 Co cetro militar recolhe o campo.

## XXVII.

Mas primeiro com viuas, & alarido  
 Da gente marcial (que idola traua  
 Na vontade do Rey) foi recebido,  
 A cujo aplauzo grato se mostrava.  
 O campo na cidade recolhido,  
 Albuquerque no mar se preparava  
 Com fê, desejo pio, intento alto,  
 Paradar á cidade o fero assalto.

## XXVIII.

De sda alta popa o capitão de Christo  
 Passar a mostra bellicosa yira  
 Do Idolatra, & Agareno pouo misto;  
 Que á defenza da patria terra aspira.  
 Potem ter o soberbo campo visto.  
 Em lugar de temor lhe aumenta a ira,  
 E aos poucos seus, que mais que muytos **valô**  
 Lembra que co valor a copia igualem.

## XXIX.

Bem como oufado da guerreira popa  
 Da não primeira os sens animaria  
 Tãção cabeça do melhor de Europa,  
 Que o fatal ouro conquistar queria.  
 O forte Afonso, que da imiga tropa  
 Confiado no Ceo pouco temia,  
 Mostrandolhe a riquissima cidade.  
 Aos seus orando anima, & persuade.



*Malaca conquistada*

XXX.

Canalleiros de Christo, que do Tejo  
A santa Fè levando alem do Ganges,  
Terror sois, antes do Marcial ensejo  
D. Sãs, que vistes barbaras falanges:  
A cuja gloria pendurados vejo  
Malayos crifes, Arabes alfanges,  
Pela atonita Fama na tomada  
Della do Sol península dourada.

XXXI.

He chegado, valentes compauheiros,  
O tempo, que já tanto delejastes,  
Por quem deixando a patria aueruciros,  
Tantos climas, & tanto mar passastes:  
E posto que como inclitos guerreiros  
Emprezas raõ difficeis acabastes:  
Para o credito nosso esta lie a forçosa,  
E propria vossa, per difficultosa.

XXXII.

Cestumados a entrar seis altos muros,  
E co as armas abrir largas estradas,  
Por Persas, Malabares, Rumes duros,  
Nações sempre a vencer acostumadas:  
E sendo assi, mal estaraõ seguros  
De tias de mal tecidas ciacadas  
Os v'os Malayos, nem seus valedores.  
De v'os braços sempre vencedores.

XXXIII.

Dizendo assi com repentina gria  
A gente se levanta aluoroçada,  
Por ver hum barco, que no curso imita  
A frecha do arco Persa disparada:  
Chega o lenho fatal com infinita  
Admiração da gente baptizada,  
E nelle aquelles desejados tanto  
Que gozo causão, que se iguala ao espanto.  
Sobiraõ

## XX XIII.

Sobirão, & o conues atraueſſarãõ,  
 Os parabês & aplauso recebendo,  
 E donde o Capitão estava, entrarãõ,  
 Por então o conselho iuterrompendo,  
 Reciprocos abraços começarão  
 A festejada vinda engrandecendo:  
 A fonso a recebêlos se leuanta,  
 E Garcia a saudalo se adianta.

## XXXV.

O Ceo, por quem trabalhas, teu desejo  
 Piedoso aceite, & ao successo o iguale,  
 E co a dita de Cesar, que em ti vejo,  
 Tudo venças, & a Fama de ti fale:  
 Triunfo te apparelhe o patrio Tejo  
 E para ornar teu louro, a terra exhale  
 Perlas de noua Aurora em rico orualho  
 Em gratificação de teu trabalho.

## XXXVI.

Passêi na Asia por acompanharte,  
 A teu nome, & valor afeiçoado,  
 Quis Fortuna estoruar-me, & áquella parte  
 Mais remota do Mundo fui leuado:  
 Vein com o mesmo intento de buscarte  
 De Pouolide hum Mello sinalado,  
 E deixou Lemos o paterno ninho,  
 O forte villa lobos, & Coutinho.

## XXXVII.

O Capitão os braços offerece  
 Aos guerreiros, & a Etol com ſigo estreita,  
 E com dinos abraços lhe agradece  
 Trazer em sua ajuda a copia eleita.  
 Etol lhe disse: o Ceo (que fauorece  
 A esta empreza) teu desejo aceita,  
 E se o passado modo inda me culpa,  
 Ache minha tenção em ti desculpa,

Vi teu prudente zelo impedimento  
A necessaria obra, o segurarte  
Impossiuel, & quis meu pensamento,  
Por te feruir melhor, descontentarte.  
Tambem, Senhor, de Sousa o heroico intêto  
Escusa a culpa, que ouue de sua parte,  
E se merece a culpa castigada,  
Merece a obra ser gratificada.

XXXIX.

Assi disse. E Albuquerque alegre, & graue  
A todos louua, a todos engrandece,  
Sabendo que o louvor sempre he suaue  
A quem por obras claras o merece.  
E seguiu: Purgue o fogo, o sangue laue  
A culpa abominauel que escurêce  
Este reyno a que o Sol dá luz primeiro,  
Mas em vão, pois lhe falta o verdadeiro.

XXXX.

E pois razão anima, o Ceo dá ajuda  
A cidade amanhã cometer quero,  
Dia he do santo, que guerreiro ajuda  
A patria Espanha, & seu fauor espero.  
Cada qual ao romper da Aurora acuda  
Apercebido para o assalto fero,  
E final vos darâ a tuba sonora  
Despertando co ronco som a Aurora.

XXXXI.

vos Lima, aquella parte que responde  
A Mesquita, assaltai acompanhado  
De Iaine, Andrade, Paima, Sousa, & ponds  
Em vos aperceber logo o cuydado.  
Eu co resto da gente la por donde  
Se vne com ponte o pouo separado,  
Entrar procurarei com duro assalto,  
E na ponte faremos todos algo.

## XXXII.

E vós, ó valerosos cavalleiros,  
 Que o Ceo propicio mandá em nossa ajuda  
 Por tão estranha via, aventureros  
 Cada qual ao mayor perigo acuda.  
 Acudireis aos casos derradeiros,  
 E porque nelles o successo muda  
 As vezes o conselho, isto tratamos,  
 Lá nos ensine o caso o que façamos.

## XXXIII.

Assi deu fim o capitão prudente  
 Ao discurso, que todos aprovaram,  
 E por apereber armas, & gente  
 As naos aluroçados se tornaram.  
 Entretanto nas ondas do Occidente  
 De Phebo os claros rayos se encerraram,  
 A mais da gente ao sono olhos entrega,  
 O capitão ao sono os olhos nega.

## XXXIII.

Manda ante si trazer finas espadas,  
 Seguros capacetes, fortes peitos,  
 Firmes escudos, armas que ganhadas  
 Tinha na guerra com heroicos feitos.  
 E aos cavalleiros como destinadas  
 Já pelo Ceo, a fim de altos effeitos  
 As repartio alegre, encarecendo  
 O gosto de lhas dar, assi dizendo.

## XXXV.

Destas armas que foram já defensa  
 De mortais inimigos da Fé nossa  
 Cubertos vingareis a injusta offensa,  
 Ellas aas serão da fama vossa:  
 Que dando ao dano justa recompensa  
 Fia que as illustreis quanto ser possa,  
 E que em Malaca com felice sorte  
 Fareis illustre engano a tempo, & morte.

Queira ( disse Garcia ) o Ceo que seja  
Par o effeito ao desejo que em nos arde,  
Para que o Mundo vencedor te veja  
Do fero inimigo arrependido tarde.  
Voaua o tempo entanto, que deseja  
Gastar as cousas, & fugia cobarde  
Do claro dia a noute, & já as estrellas  
Buscauão de Nereo as filhas bellas.

Toca a sonora tuba despertando  
A gente militar em mar, & terrã:  
A bordo chegaõ os bateis remando;  
Arma toca Malaca pronta a guerra:  
O capitão de Christo ali animando  
Os seus coa Fè que o Christaõ peito encerra  
Se acusa, & roga a Deos, logo animoso  
Rasgar cos remos miãda o pego vndoso.

ziz que subiro grito se leuanta,  
O mar co abalo, & graue peso geme,  
E nas vezinhas prayas se quebranta,  
A terra ao parecer co estrondo treme.  
Lima coa sua esquadra se adianta,  
Que de gloria ambicioso nada teme,  
Por cima dos reparos apparecem,  
E à defenza os Malayos se offerecem.

O velho Rey, que mal foster podia  
O graue peso da comprida idade,  
De armas cuberto, aqui, & ali acodia;  
E com sua vista anima, & persuade.  
Chegase a tiro em fim, de artelharia;  
Cuja horrifona fera tempestade  
Começou destruindo, & arruinando,  
Grossa nuuem de fumo o Sol turbando.

L.

Disparaõ de mais perto os mosqueteiros  
 Mil, & mil voão balas ríguasas,  
 A luz do Sol encobrem os archeiros  
 Com multidaõ de frechas venencasas:  
 Seus almazês despendem os bêsteiros,  
 Já se ouvem ays, & vozes lastimosas,  
 Em húa, & outra parte sangue corre  
 Por donde a morte pallida discorre.

LI.

Por entre frechas balas, fogo ardente,  
 Instrumentos belligeros de morte,  
 Em terra salta a Lusitana gente,  
 E em sobir as tranqueiras proua a sorte.  
 Não foy a pagã turba negligente  
 Em resistir ali Indoraspis forte,  
 Rostacaõ, & Aranteo se antepuseraõ,  
 E prouas altas de valor fizeraõ.

LII.

Dobraõse os gritos, & espantoso estrondo,  
 Chegandose a ferir já de mais perto,  
 Hús Pela patria amada a vida pondo,  
 Outros por Christo gloria, & premio certo.  
 Sobia Alberto o grosso escudo opond o  
 A golpes mil, quando de dono incerto  
 Chegou vibrando ríguoso dardo,  
 Que abrio no peito o coraçãõ galhardo.

LIII.

Deixara os ferteis campos do Mondego  
 Filho vnico dos pais, que procuraraõ  
 Da guerra dissuadilo, que o sossego  
 Nega, que ter com elle desejavaõ:  
 Mas a apartallo do brioso emprego  
 As lágrimas piadosas não bastaraõ  
 Cae elle em sim aos pés do inuicto Lima,  
 Aditosa alma dando á causa prima.

Malaca conquistada

LIII.

Veloso, que era deste companheiro,  
Em competencia honrosa igual sobia,  
Trabalhando por ser alli o primeiro,  
No louvor não soffrendo companhia.  
Mas hum pelouro ao forte aventureiro  
Num momento entregou á morte fria,  
Da altiva fronte ao cerebro passando,  
Os honrados intentos atalhando.

LV.

Cae Guilherme a par deste atrauessão  
Da lança de Indoraspi, desde o peito  
Esquerdo á destra espada, mas vingado  
Já passou de entre a vida & morte o estreito:  
Que Lima destas mortes magoado  
Contra a tranqueira corre, ao brauo effeito  
Indoraspi se oppos, que mal cuydava  
Que do seu fatal fio o fim chegava.

LVI.

Qual solto Pardo, que com salto horrendo  
Formidavel se lança, vendo a prea,  
As contrapostas armas não temendo,  
Lima saltou de scla molhada areia.  
Poshe á lança Indoraspi, pretendendo  
Rebatelo: mas como em rocha alhea  
De mudança a quebrou, & ardendo em ira  
O guerreiro a vencer em tanto aspira.

LVII.

Co fero mouro cerra, & alimpa espada  
No peito lhe escondeo: ella homicida  
Da prisão de satando a alma indinada,  
Co sangue lha arrancou pela ferida.  
Sobe apos Lima a gente bautizada,  
E fora dos pagãos ceita a fugida  
Morto seu capitão, se não chegara  
Rostacão, que os reprende, anima emparrã.

Donde



## LVIII.

Dóndé tímidos is? com que esperança  
 Tão liure entrada dais ao fero inimigo?  
 Pois quem sois esqueceis, tende lembrança  
 Que dais se este fugis, em mor perigo:  
 Tomai do morto capitaõ vingança,  
 E à defesa tornai do reyno antigo,  
 Que já vossos passados conquistaraõ,  
 E á custa de seu sangue sustentaraõ,

## LIX.

Assi dizendo o barbaro arrogante,  
 Contra o bom Lima remeteo furioso:  
 Mas qual no mes de Mayo touro amante  
 Contra o competidor corre cioso:  
 Tal Lima corre intrepido, & constante  
 Ao duro encontro de inimigo irroso,  
 A força por vencer hum, & outro apura,  
 E executar a colera procura.

## LX.

No mesmo tempo tinhaõ já subido  
 Andrade, Paiua. Soufa. & procurava  
 Iaimé sobir, mas era resistido  
 De Aranteo, que em valor se lhe igualava.  
 Tinha o forte pagaõ melhor partido  
 Porque do sitio forte se ajudava  
 Porem valor naõ val, nem sitio fortes  
 Contra pederes da inimiga sorte.

## LXI.

Para ferir a destra irada erguia,  
 Quando fendendo seta aguda o vento  
 Lha préga na aste, que até alli regia  
 Já naõ defesa, mas impedimento.  
 Elle mais naõ podendo se desuia,  
 Sendo muyto mayor o sentimento  
 De se apartar forçado da defesa,  
 Que a graue dor da recebida offensa.

Retirado Arantéo, sobe Teixeira

Com morte de Emirem, & Belugano:

Não succede assi a Mendo da tranqueira

Precipitado à mãos de Cariolano .

Aliem seu sangue enuolto a derradeira

Hora passou da vida Feliciano,

Craua a Bernardo hum pé na solta areia

Hum dardo, que seu lené curso enfrea.

LXIII.

Teixeira que se vê na tranqueira alta

Com morte dos valentes defensores

Entre o Agare no bando fero salta

Seguindo Amor nos bellicos rigores :

Já co sangue inimigo a terra esmaltá

Aspirando à façanhas superiores

Quis resistir lhe Eurillo, & brevemente,

Seu engano conhece, & o dano sente.

LXIII.

Em tanto os fortes Sousa, Paiua, Andrade

Vão ferindo em honrada competencia

Nos laos, que com igual ferocidade

Procurauão fazer lhes resistencia;

Porem Tuão Colasear, a quem já a idade

Negua ardor, & forças da violencia

Marcial, & perigo em que se virá,

Temendo pouco a pouco se retira.

LXV.

Os tres fortes guerreiros conhecendo

A fraqueza, com impeto apertaraõ;

E sofrer furia tanta não podendo

Os feros laos, as costas lhes mostraraõ:

Leuantaõ os de Luso hum grito horrendo,

Seguindo os que inuenciueis reputaram,

Com rigor hús ferindo, outros matando,

Noua cor em seu sangue ao ferro dando.

## LXVI.

Já também Rostacão se retirava

Dos golpes duros do valente Limá,  
 Que vendo os seus fugir, só procurava  
 Salvar a vida, que até o fim se estima:  
 Porém o forte inimigo o não largava  
 Imitando o falcão ligeiro em cima  
 Da garça, que esgrimindo o bico forte,  
 Defende a vida, ou dilata a morte,

## LXVII.

Ganhada esta tranqueira com terrível

Affalto prouas altas, & arriscadas,  
 Deixando em tudo atras tanto o possivel,  
 Que causaõ hoje espanto imaginadas.  
 Segue a gente, que o Ceo fez inuencivel  
 As barbaras cateruas derramadas  
 Pelas ruas que em sangue vão tingindo,  
 Ora o rosto mostrando, ora fugindo.

## LXVIII.

O vento rompem gritos mil, & em tanto  
 A cidade Albuquerque entrar procura  
 Pela ontra parte, a donde vozes, pranto,  
 Armas, & gente encerra nuue escura:  
 Crece a braueza nos defora tanto,  
 Quanto mais era a resistencia dura.  
 Tuão Bandaõ anima os defensores,  
 O valeroso Afonso os cercadores.

## LXIX.

Em grossa chuua, frechas, & ruinas

De cima das tranqueiras altas decem;  
 Contra as quais tras mil prouas peregrinas  
 Seguro teito cos escudos tecem.  
 Logo arrimando escadas tentaõ dinas  
 Obras, que por si mesmas se engrandecem;  
 Cada qual o primeiro ser pretende,  
 E sobir (desprezando a morte) emprende.

Porém

Porém Caról Ragois com Ariauó

1<sup>a</sup> Fazem com feros golpes respeitarse,  
E sobre todos o soberbo & brauo  
Solimaó procuraua auentajarse.  
Garcia que da fama ao eterno gauo  
Alpira vendo o tempo de mostrar-se,  
A tranqueira que lhe era impedimento  
Generoso se chega, se violento.

LXXI.

As mãos robustas deita às estacadas

E tras gram parte dellas em ruina;  
Teme o Malayo vendôas derribadas;  
E vencedor o Luso se imagina:  
Em tanto o Sã famoso, desprezadas  
Inimigas armas, a ferir ensina,  
(Rompendo pelos barbãtos guerreiros)  
Aos illustres famosos companheiros.

LXXII.

Mas qual nas officinas de Vulcanó

Açãca cercão os ministros duros,  
Quando para o Tonante soberano  
Os rayos forjaõ de elementos puros:  
Tal elles por chegar ao estremo dano  
Aquelle de que estão taõ mal seguros,  
Brauos quanto iracundos o cercaraõ,  
E nelle golpes mil precipitaraõ.

LXXIII.

Elle qual já nos Calidonios montes

Das inimigas armas não curaua  
O monstruoso Iauali, que as fontes,  
Caminhos, campos, valles infestaua:  
Dos inimigos as altiuas fronte  
E contrapostas armas desprezaua,  
Iá destes se repará, áquelles tira,  
Segundo o moue o caso, ou leua a ira.

Tiroulhé

## LXXIII.

Tironlhê com a massa semelhante  
 A do Thebano, Ariano hum golpe feyo,  
 Que bem a derribar fora bastante  
 O robusto do Ceu seguro esteyo:  
 Porem o cavalleiro vigilante  
 Se desviou, & ficou Carol no meyo,  
 Que alli lhe tinha limitado a forte  
 O fim da vida em delastrada morte.

## LXXV.

Do golpe horrêdo em partes mil desfeito  
 Faz co sangue o pagão a terra impura  
 Ao tempo que Garcia abriu no peito  
 Do soberbo Ariano fonte, escura.  
 Passado o golpe, que trocado o effeito  
 Teue do intento, já que a máça dura  
 Tornava alevantar, a aguda espada  
 Saida abriu á vida, á morte entrada.

## LXXVI.

Cae o feroz, pela cruel ferida  
 Sanguinolento rio vomitando,  
 E o fero Solimão a espada erguida  
 Sobre Garcia vay fogo brotando.  
 Baixava o ferro agudo, que homicida  
 Fora do forte incauto, se imitando  
 O destre Mello, a Clito não chegara,  
 Que no seguro escudo lho repara.

## LXXVII.

Sebira apos Garcia o forte Mello,  
 E assi reparar pode o charo amigo,  
 Trauando ferocissimo duello  
 Com o soberbo quanto forte inimigo:  
 Cuydou o Sarraceno desfazello  
 Restreitandoo nos braços, mas antigo  
 Carualho não está, nem souro duro  
 Como o guerreiro se mostrou seguro.

*Malacã conquistada*

LXXVIII.

Hum bréne espaço forcejando andarani  
As forças apurando. por renderse,  
Atè que mais irosos se largaram,  
Por tornar co as espadas a ofenderse:  
Porem outros successos estoruarani  
O tornar por entaõ a combaterse,  
Entrando com graõ furia os que lobião,  
Aquem mal os Malayos resistiaõ.

LXXIX.

Corre Mello, nos bárbaros ferindó,  
Por ònde passa, mata, tronca fende.  
E o brauo Solimaõ sò resistindo  
A Christã multidani deter pretende.  
Decepa hum braço a Artur, & diuidindo  
A cabeça a Lionel, em terrã o estende;  
Mas carregando tantos foi forçoso  
Seguir os seus, porem mais vagaroso.

LXXX.

Tal dos monteirós duros acossado  
O leão generoso se retira,  
Porque a vista da morte ao esforçado,  
Postoque dè temor, valor não tira.  
Em tanto com Detaide embaraçado  
O forte Afonso estene, & dali inspira  
Valor nos seus coa vista, & claros feitos,  
E temor frio nos Malayos peitos.

LXXXI.

Como Lequio Cambir Leão se afronta  
E Castelbranco co Borneo Malano,  
Que entaõ cerraua a irreuocael conta  
Dos breues dias do vital engano.  
Por junto ao paladar a aguda ponta  
Entra, & o passo lhe abre ao eterno danó,  
Sae delle quente sangue em grossa vea,  
E cae de bruços na sanguinea area.

Este

## LXXXII.

Este ao partirse da querida esposa,  
 O tornar vitorioso lhe affigura,  
 Porem ella affligida, & lagrimosa  
 Não fia de esperanças na ventura:  
 Parte elle em fim deixandoa reccosa,  
 E quanto o ama mais, menos segura,  
 Que o coração presago aduinhava  
 Do amado esposo a perdá que chorava.

## LXXXIII.

No mesmo ponto entrou pela outra parte  
 Da ponte Baturel com noua gente,  
 E Tuão Bandaõ com nouo esforço, & arte  
 Voltaua junto hum esquadrão valente.  
 Vê Afonso o perigo, & manda parte  
 Da Lusitana esquadra brevemente  
 Com Pereira, & Abreu, porque deitassem  
 Da ponte a Baturel, & a assuressem.

## LXXXIII.

Elles de assinalarse desejosos,  
 Como dous feros rayos fulminantes  
 Abrem pelos inimigos, que furiosos  
 Vitoria se prometem de arrogantes.  
 Eraspe cos Pegûs pouco ditosos  
 Socorre a Baturel, mas semelhantes  
 Foraõ alli os dous na mortal sorte  
 Bem que em varias feridas varia a morte.

## LXXXV.

A boca Baturel gritando abria  
 Culpando, & reprimendo seus soldados,  
 Quando a lança, que em sangue se enuoluiã  
 De Abreu por ella entrou, trocando os brados.  
 Caco fero rendido à morte fria,  
 Os olhos retorcendo indã indinados,  
 Da lhe vingança Eraspe bem quisera,  
 Mas de Pereira o atalha a espada fera.



*Malaca conquistada*

LXXXVI.

Dece a talhante espada, & diuidida

Deixa a fronte soberba, & chega aos dentes.

Cae num momento o misero sem vida,

E a rebeldealina nas regioes ardentes.

Mortos os capitaes logo perdida

A braueza dos mais pouco valentes

Saluar somente as vidas procuravaõ,

E algũs por mayor pressa, ao mar saltavaõ.

LXXXVII.

Cos Guzarates Abdelâ socorre,

E aos que fugindo vão o medo enfrea

Aos golpes inimigos quasi torre

Excelsa, & firme, de mudança alheia:

O valente Noutel por elle morre,

E entrega Antonio, & Lopo a morte fea,

Quando hum bote de lança o faz terceiro

De Anibal, & Sertorio companheiro,

LXXXVIII.

Fica ende a luz perdera, dor intensa,

Os sentidos confusos, & turbados:

Retiraraõno os seus, & em sua defensa

Se mostraõ ofensores de nodados.

Os de Luso, que já nem dão licença

Para fugir, os vão seguindo ouzados

Pelas ruas, que Marte pos de sorte,

Que já as inunda o sangue, & ocupa a morte.

LXXXIX.

Coutinho neste tempo se afrontava

Com Batraõ, & da briga perigosa

Já ferido o pagaõ se retirava

Perdendo o sangue & força a destra irosa,

Porem Bandão que a pelear tornava

Lhe valeo por seu mala rigurosa

Elpada, que a Batraõ ferira o peito

Mais rigurosa nelle fez o effeito.

## LXXX.

Passa o fio sutil pela garganta-  
 E do alento vital corta o caminho  
 Cae elle em fim qual decepada planta;  
 E deixa a alma soberba o antigo ninho.  
 Clamor barbaro logo se levanta  
 Chouendo tiros mil sobre Coutinho,  
 E muyros aquem tanta furia alcança,  
 Foraõ do morto general vingança.

## LXXXI.

Mas Botelho, Alpoem, Silua. Caldeira,  
 Pessoa, Castelbranco rebateraõ  
 As Malayas fleiras de maneira,  
 Que em desordem cobarde se puseraõ.  
 Em tanto Solimão a ira primeira  
 Inuenciuel sustenta, não puderaõ  
 Fazer que tema tantos inimigos,  
 Antes se opoem intrepido aos perigos.

## LXXXII.

Não se repara o barbaro, sò trata  
 De ferir a infinitos dando a morte  
 Ao valente Gastão de hum golpe mata,  
 Que, por seu mal, prouou com elle a sorte  
 A Macedo a pos elle a alma desata  
 Passandolhe de ponta hum peito forte,  
 Que em Milão sabio artifice forjara.  
 E em planerarias hotas temperara.

## LXXXIII.

Com furia tanta a espada atroz rodea,  
 Que se faz respeitar dos que o seguião;  
 E já a vergonha aos seus o medo enfrea,  
 Tornando a socorrelo os que ingiãõ.  
 Gritando elle os anima, & se recrea  
 Nos de Luso matando, que perdiãõ  
 O campo, ó quantas vidas acabara,  
 Se o Ceo alli a Garcia não guiara.

Malaca conquistada

LXXXIIII.

Vinha o famoso Sá de sangue alheyo  
O valor com o as armas matizando,  
Aos que irado seguia horrendo, & feyo,  
Aquem o segue heroico exemplo dando.  
Os inimigos, com igual receyo  
Delle fogiam, qual costuma o bando  
Das leues pombas da aguia caudalosa,  
Que ligeira as persegue rigurosa.

LXXXV.

Conhece o Turco fero o varaõ forte,  
Todos por elle deixa, & só de seja  
Nelle vingar do grande Ariabo a morte,  
E soberbo o chamou a si a pejeja:  
Ja me não poderá tirar a sorte  
Que o Mudo a minhas mãos morrer te veja  
Espera, ou foge, que de qualquer arte  
De mi não poderás hoje escaparte.

LXXXVI.

As vas palavras que leuava o vento,  
Não responde o guerreiro valeroso,  
Mas do escudo cuberto ao mais violento  
Encontro corre intrepido, espantoso.  
Com duros golpes o furioso intento  
Cada qual delles executa iroso,  
Já de arte vluaõ, já os leuava a furia,  
E so tratavaõ de fazerse injuria.

LXXXVII.

Hum altabaixo horrendo o pagaõ tira,  
Que o Christaõ caualleiro lhe rebate  
E de ponta responde, pondo a mira  
Lá donde o coraçãõ aleando bate:  
Deulhe o pagaõ o escudo, & cego de ira,  
Cuydando rematar o cruel combate  
Outra ponta lhe tira, mas errada.  
Passou por entre corpo, & o braço a espada:  
Chegaram

## LXXXVIII.

Chegarão ajuntar peito com peito,  
 Já do furio lo encontro a gloria são  
 Aos fortes braços, já do laço estreito  
 A ferirle de novo se deslucão:  
 Mas a tanto furor tirou o effeito  
 Bellicosa ambição dos que corrião,  
 Por offender tambem ao pagão forte,  
 Parte querendo em vão na grand: morte.

## LXXXIX.

Garcia o não consente, & irôso grita  
 Que só com elle o deixem, & o ajudara  
 (Tanto o ver tantos contra hum e irrita)  
 Se imputar selhê a culpa não cuydara.  
 Mas no rigor que o inimigo necessita,  
 Se golpe tira algum, de outro o repara,  
 Nem o pagão, que o cortes acto entende,  
 Já lhe atira, nem d'elle se defende,

## LL.

No mesmo tempo Lima que inuencinel  
 Os inimigos leuava de vencida,  
 Achou diante o Principe terrivel  
 Com a gente mais braua, & mais luzida.  
 Salua se Rostacão contra o possivel  
 Que já nas mãos da morte tinha a vida,  
 A batalha mais fera se renoua,  
 Fazendo cada qual heroica proua.

## LLI.

El Rey de Pão, com quem não foi auaro  
 Amor, ferio tambem na Christã gente  
 A tempo que chegou o em valor raro  
 Geinal de não vir antes descontente.  
 Não lhe soffreo o espirito preclaro  
 Estar da guerra, vendo a guerra, ausente;  
 Sentido de que Afonso le escusasse,  
 E seguilo na gloria não deixasse.

*Malaca conquistada*

LLII.

Elle o comperidor odioso vendo,  
O sangue se lhe altera, a furia crece,  
Moue contra elle em fim brauo, & tremendo  
Qual o rayo, que da alta nuvem dece.  
Virando o Rey àquelle estrondo horrendo,  
Repentino temor em si conhece,  
Mas logo de si mesmo enuergon hado  
O inimigo feros espera ousado.

LLIII.

A ferirse começaõ com braueza,  
Mas fezse conhecer em breue espaço  
De Geinal o valor, força, & destreza,  
E el Rey de Pão se vio no extremo passo:  
Acodiraõlhe os seus nesta estreiteza,  
Tendo já feito atras hum, & outro passo  
Chamandoo vay Geinal, & o vay seguindo,  
Pelos inimigos larga estrada abrindo.

LLIIII.

Naõ fujas, ( disse ) que o fugir da morte  
He vão se ao fatal limite chegaste,  
Sé, para me tirar a vida forte.  
Pois o melhor da vida me tiraste:  
Naõ desmereças por cobarde a sorte  
Ditosa que eu perdi, & tu alcançaste,  
Mas foge, que pois tês ditosa estrella,  
Conterna a vidá, para gozar della.

LLV.

Tais palauras Geinal ao vento daua,  
Porque o Rey assombrado as não ouuia,  
E de se pôr em saluo só tratava,  
Vencido já o valor da cobardia.  
Aladim que de nada se assombraua,  
Brauo os seus animava, & reprendia  
Corra hum braço a Rodrigo, & a Mathias  
Anticipou o fim dos vitais dias.

## LLVI.

Porem Dom Ioaõ de Sousa, que mataança  
 Igual fazendo vinha nos Malayos,  
 Os olhos nelle pondo se abalança;  
 Etal se a caso dous ardentes rayos  
 Dos que costumaõ dar ao Ceo vingança,  
 Nos ares se encontrassem, que desmayos  
 Mortais aos mortais causaõ: tal irrosos  
 Violentos se encontraraõ & espantosos.

## LLVII.

Pezados golpes com furor se tiram,  
 E com igual destreza se reparam,  
 Nunca rãis dous de Cadmo os campos virãr,  
 Nem os donde Asia, & Europa batalharam.  
 Logo de ambas as partes acodiram,  
 E de modo hús, & outros se ajuntaram,  
 Que lhes foi necessario diuidirse,  
 E atras tornaram, por poder ferirse.

## LLVIII.

Porem naõ torna atras o heroico Luso,  
 Antes persegue mais o imigo bando,  
 No já tem ordem esquadraõ consulo  
 Hum numero infinito derribando:  
 Tal como os lauradores tem por uso  
 A seu tempo as learas ir segando,  
 Ou no monte correr a espessa brenhá  
 Por dar despois ao fogo a seca lenha.

## LLIX.

Assi derribão na Agatena turbã,  
 Que a vil fugida por remedio escolhe,  
 Brama iroso Aladin, & a vista turba  
 A colera, & o furor que a alma recolhe:  
 Geme, grita, ameaça, & naõ perturba  
 Do medo a sombra o coraçãõ, nem tolhe  
 A Fortuna que irada se lhe mostra  
 Dar de heroico valor heroica mostrã.

Dét ras de todos por escudo fica,  
 Ora offender procura, ora repára,  
 Não foje não, que a seu valor implicã  
 Mas cos seus se retira, aquem ampara:  
 Porém em vão aqui, & alli se applica,  
 E sem duvida a vida alli deixara,  
 Se então Detaide, & elRey não socorreraõ,  
 Que dos de Luso a furia detiueraõ.

## LLXI.

Sobre hum grande Elefante guarnecido  
 De rico arreyo de ouro, & seda obrado  
 Lâ na rica Ceilão tinha subido  
 O velho Rey de forte arnez armado.  
 Apè Detaide o segue do luzido  
 Esquadraõ dos Darús acompanhado:  
 Dous Elefantes diante delles vinhaõ,  
 Que dous castellos sobre si sostinhaõ.

## LLXII.

Tres Nairès de Elefantes domadorès  
 As adestradas feras lhe regiãõ,  
 E dos castellos destros tiradores  
 Dardos, & heruadas frechas despediam:  
 Horren dos gritos, bellicos clamores,  
 Rompendo os ares, até o Ceo sobiam,  
 Chegãõ pois a ferir, mas breuemente  
 Viteria conseguro a Christã gente.

## LLXIII.

Em quanto faz Geinal a Aladin rosto,  
 Paua, Miranda, Lima, Iaimé, Andrade  
 Cometem com heroico presuposto  
 Dos Elefantes a ferocidade:  
 Fei o ferro nus dous primeiros posto  
 Que com a natural brauosidade  
 E das feridas grande sentimento  
 Bramidos deraõ ao turbado vento,



## LLXIII.

Os Naires, a que hum tempo obedeceram  
 Nas trombas retorcidas abraçaram,  
 E logo co furor que conceberam,  
 Meyes mortos de si longe os deitaraõ.  
 Com isto contra os seus a volta deram,  
 Mataõ muitos, & os mais desordenaram,  
 Derribão a Detaide mal ferido,  
 Que morrera a não ser dos seus erguido

## LLXV.

Seguem os Lusitanos offensores  
 Este roto esquadrão desordenado,  
 Porém Detaide bom entre os melhores  
 Ferido em contra pos o peito oufado.  
 Tornaõselhe ajuntar seus valedores,  
 Que era de todos grandemente amado,  
 E assi deixando o campo resistia,  
 Que dizer não se pode que fugia.

## LLXVI.

ElRey por se guardar do impeto horrendo  
 Dos animais que brauos volta dauaõ,  
 Entrou por outra rua não sabendo  
 Que Lemos, & Coutinho lha occupauaõ.  
 Serrão, & Villalobos pretendendo  
 Ajuntar se com Lima entaõ chegauaõ,  
 Ao valente animal cada hum se lança  
 Pondo lhe Lemos o primeiro a lança.

## LLXVII.

Mas como cousas grandes já por sorte  
 Ou por costume mais que o Mundo antigo  
 Custaõ muito, senaõ lhe custa a morte  
 Como a Eleazar, se vio no mór perigo  
 Hũa tirada frecha do arco forte  
 Do Rey, posto que velho, duro imigo,  
 Hêrnado o ferro pellas armas se entra,  
 E no peito feroz se reconcentra.

Malaca conquistada

LLXVIII.

Affaltao logo hum sentimento intenso,  
Que mais, & mais cada momento crece,  
E se o valor não chega a estar suspenso  
A força pouco, & pouco desfalce:  
E chegara a pagar o comuni censo,  
Que o tempo cobra, que desaparece,  
Se logo hum Esculapio Lusitano  
Remedio não achara ao mortal dano.

LLIX.

Magoado o Elefante das feridas,  
Bramando volta os outros imitando,  
De caminho tirando muytas vidas  
Dos muitos que passava atropelando.  
Solimaõ tras os seus já suspendidas  
As vãs barbatas, se hia retirando,  
Cansado, poluoroso, horrendo, & feyó,  
Cuberto de seu sangue, & sangue alheyó.

LLXX.

Caldeira o segue, & com igual presteza  
O moço Andrade desejanço a gloria  
De render do pagaõ a fortaleza,  
Dina façanha de immortal historia.  
Garcia o não seguiu porque despreza  
Acompanhado de outros a vitoria,  
Das mãos escapa em fim da morte irada,  
Por não ser a fatal hora chegada.

LLXXI.

No tempo que do encontro se apartaraõ  
Os de Malaca feros defensores,  
Na destinada ponte se ajuntaraõ  
Os de injustos agravos vingadores.  
Agradeceolhe Afonso quanto obraraõ  
Com estreitos abraços, & leuoures,  
Sabendo quanto estima o peito illustre  
Lououres justos, & da Fama o lustre.

## LLXXII.

Chega a Geinal, & conhecendo quanto  
 Com proua heroica ser fiel mostrara,  
 Atsi lhe disse, O de Asia illustre espanto,  
 Dino de que Alexandre te enuejara:  
 Para sempre serâ com valor tanto  
 A Fama liberal, se a sorte auara,  
 E se ajudar o Ceo meu pensamento,  
 Verte has felice no perdido assento.

## LLXXIII.

Oxalâ ( respondo ) com meu desejo  
 As forças se igualaraõ. porque vias  
 Quanto seruirre, & a teu Rey desejo  
 E por mim alcançaras, o a que aspiras!  
 Para este effeito Achilles ser inuejo,  
 Mas o valor que tu nos teus inspiras,  
 Que já me anima & o coração exalta,  
 He bastante a suprir o que em mi falta.

## LLXXIII.

A gente recolhida, aquelle posto  
 Fortificar o capitão pretende  
 Em quanto a occasiã lhe mostra o rosto,  
 Que largada da mão tarde se prende.  
 Solicito no heroico presuposto,  
 Em leuantar tranqueiras logo entende,  
 E nellas plantar manda a artelhãria,  
 Que dos inimigos fora, pouco auia.

## LLXXV.

Porem para o trabalho confidêra  
 Cansada, & mal ferida a mais da gente,  
 E do Sol affligida, que entãõ era  
 Emulo ao Mundo do elemento ardente:  
 E bem que o sitio sustentar quisera  
 E ver que deixa o conquistado sente,  
 Com deliberação graue, & sizuda,  
 E parecer dos seus conselho muda.

Em tanto das janellas, & terrados,  
 Que para aquella parte respondião,  
 Mil frechas, mil pelouros de mandados  
 Sobre a gente Christã mortes chouião:  
 Mas chamando Albuquerque aos esforçados  
 Lima, & Caldeira, áquelles que regiaõ,  
 Lhes mandou que de fogo as mãos armassem  
 E que as vezinhas calas abraçassem.

## LXXVII.

Dão ao mandato effeito: pega o fogo  
 Na disposta materia com tremenda  
 Furia, vibra:tes pontas sobem logo  
 Aus ares, & de fumo nuue horrenda.  
 Grita a misera gente, porem rogo  
 Não admitê a voraz chama, contenda,  
 Com as nuuês horrifona trauendo,  
 As esferas mais altas ameaçando.

## LXXVIII.

Eolo neste ponto de satuaa  
 Da fermosa Orithia o brauo amante,  
 Com que o incendio cruel mais se esforçaa  
 Com horriuel estrondo crepitante:  
 Contra o fogo remedios nil buscuaa  
 A pagã gente, mas nenhum bastante,  
 Que co vento de casa em casa prende,  
 E consumindo aqui, já la se acende

## LXXIX.

Edificio em grandeza, & lauor raro  
 Sobre secretas rodas se mouia,  
 Finge a materia o marmore de Paro  
 Illustre co metal, que Arabia cria:  
 Nelle se lhe não fora o Fado auaro,  
 Da Infante as bodas celebrar queria  
 O Rey, & com alegre variedade  
 Carry triunfante dar vista á cidade.

## LLXXX.

A nupcial casa de dilicias cheá  
 Tambem se atreue o vingatiuo lumé,  
 E na materia rica assi se atea,  
 Que resoluida em pó, nella consume.  
 Della a Mesquita onde com torpe, & sea  
 Adoração, & barbaro costume  
 An vil Mafoma honraua a gente cega,  
 A flâma ardente justamente pega.

## LLXXXI.

A Mesquita esquadraõ confuso accedê,  
 E procura atalhar o fogo, em tanto  
 Vendo o prudente Asonso que não pode  
 Cansada a gente, com trabalho tanto,  
 Porque o intento ao possiacl se acomode,  
 Em quanto o incendio dura, & crece o prãto  
 A arrelharia embarcar manda ganhada,  
 E à gente vencedora já cansada.

## LLXXXII.

o esquadraõ militar logo começa  
 A ir, & vir despojos embarcando  
 Como no Estio com feruente pressa  
 Esquadraõ de formigas saqueando  
 De trigo as ciras montes atraueffa  
 Por entre cruas, & espinhos sustentandõ  
 Na boca o graõ pezado, atè enserralo,  
 E na estreita cauetna entezouralo,

## LLXXXIII.

As barbaras cateruas offendidas  
 Quando tanto despojo embarcar viram  
 A dar, & a receber nouas feridas,  
 Bramando vingatiuos acodiram:  
 Torna de nouo a morte a troncar vidas,  
 Aqui apellidão Marte, alli suspiram,  
 Em fim effeitos crûs de dura guerra  
 No mar ostentam, porein mais na terra.

*Malaca conquistada*

LLXXXIII.

Rios correm do fangue derramado,  
Que nas ondas entrando, em sanguinosa  
Mudão a cor cerulea, de ira armado  
Se vê o mesmo furor, vista espantosa:  
Mas já fim daua ao dia o Sol dourado,  
Do grande Oceano visitando a esposa:  
Tornase às naos a bautizada gente,  
A Agarena o elemento apaga ardente.





# LIVRO X.

## ARGUMENTO.

**O** Fogo de Malaca apagar manda  
 Mähamet, & receoso a fortifica,  
 Batrão arrependido a Glaura abranda,  
 Que em sua companhia alegre fica:  
 As contrarias estancias Esol anda,  
 Com Garcia, & lhe mostra a casarica  
 Das effigies dos Heroes valerosos  
 Que hão de exceder alli aos mais famosos.

### I.

**S** Erradã a noute as cèrúleas agoas  
 Do aureo Bosfero arder todas parecẽ  
 Como tal vez cõ as Tinacrias fragoas  
 As do tirreno ardendo se offerecem.  
 Crecedo prantos, aumêtando magoas  
 Vorazes chamas consumindo crecem,  
 Na triste confusãõ craõ os gritos  
 Hum grito só, & todos infinitos.



*Malaca conquistada*

II.

Darou o fero incendio grande parte  
Daquella infauſta noue horrida, & triste  
E ja que com trabalho, engenho, & arte  
Da voras chama a furia se refiſte  
O velho Rey, com quem o Inferno parte  
Quanto odio, & mortal raua nelle aſſiſte  
Do pouo eſcuta o pranto laſtimoso,  
Potem naõ compaſſiuo, mas iroso.

III.

O nouo dia aguarda deſuelado:  
E ja que luz eſcaſſa a Aurora dauã.  
Do Regio teito ſae aonde turbado  
Com multidam de mortos encontrauã:  
Contempla o fero eſtrago magoado,  
E a vingança impaciente deſcjaua,  
Mas em quanto fazer naõ pode eſſenſa,  
Se reporta, & só trata da deſenſa.

III.

Dá ſepultura aõs mortos; & acabadas  
Eſtas moſtras piedoſas, diligente  
Refazer manda as rotas eſtacadas,  
Para o nouo trabalho anima a gente:  
Outras de nouo ſoraõ leuantadas  
Onde lhe pareceo mais conueniente,  
Plantando nellas groſſa artelhãria  
De ſeis mil peças que em Malaca auitã.

V.

Manda minar de conſeição ſulfuria  
As ruas principais donde ja ſora  
O dia de antes da batalha a furia,  
Cujõ ſuceſſo nalina iroſa chora:  
Que receoſo da ſegunda injuria  
Em tudo quanto pôde ſe melhora,  
E como brote (ordena) apraya abrolhos  
Perigo certo, que ſe eſconde aos olhos.

## VI.

Fortificado liberal despende

Cos soldados, forçando a natureza,  
 Graõ soma de ouro, que em seu dano aprende  
 Que aventura a perder tudo a auareza.  
 Grande parte do bom successo pende  
 Da gratificação; dá fortaleza,  
 E com nouo valor arrisca o peito  
 O que ve seu trabalho satisfeito.

## VII.

Já então muitos daquelles que esta guerra  
 Lhe aconselharão, della o dissuadião,  
 E por segunda vez a patria terra  
 Em perigo tão aspero temião.  
 Mas como elle no peito irroso encerra  
 Tanta parte do Inferno, não cabião  
 Nem acharão entrada os de senganos;  
 Que lhe mostrauão os futuros danos.

## VIII.

E mais de furor cego, que discreto,  
 Os seus sequazes a conselho chama,  
 E com a rainha, que lhe infunde Alecto  
 Todo em ira (dizendo assi) se inflama:  
 Trocou fortuna instavel o quieto  
 Estado meu, & injusta hoje derrama  
 Em lugar de beneuolos fauores,  
 Guerra, fogo, ira, roubos, & furores.

## IX.

E posto que o contrario rebatido  
 Recebeo perda, nouo assalto ordena,  
 O Ceo me vingue da razão mouido  
 Que insultos pune, & sem razões condena:  
 Não temo eu o pyrata, & do atreuido  
 Intento seu rerei mui pouca pena,  
 Quando vos vir dispostos a defença,  
 E a vingar prontos tão injusta ofensa.

A todos

*Malaca conquistada*

X.

A todos este graue dano alcança  
Pelas mortês de irmãos, filhos, amigos,  
Cujos sangue pedindo está vingança  
Obrigando a sofrer novos perigos:  
Não se conheça em nos de confiança,  
Que se ontem rio Fortuna aos inimigos,  
Darlhe pôde amanhã que chorar tanto,  
Que só co a morte se lhe enxuge o pranto.

XI.

Mayor poder que nosso inimigo temos,  
E hoje estamos melhor fortificados:  
Se do antigo valor não carecemos,  
A victoria esperemos confiados:  
• Porem porque os conselhos nos extremos  
Casos, sempre ser deuem estimado,  
Co a prudencia, & valor que considero,  
O parecer de todos ouuir quero.

XII.

Assi o Rey disse ; & tal como succede  
Dos medicos cercado algum doente,  
Aquem dos votos o variar impede  
O remedio efficaz do mal que sente:  
Ou como quando os limites excede  
Do furor a Fortuna, nauta gente  
Entre os gritos perder, & medo frio  
O tino do governo do nauio,

XIII.

Tais no votar diuersos apressaraõ  
Deste imperio opulento a graõ ruina  
Os que na junta com el Rey se acharaõ:  
Aquem justo castigo o Ceo destina:  
Igus que se pedisse a paz votaraõ:  
Autros julgaraõ ser fraqueza indina,  
Oaõ sómente o pedila, ou procurala,  
Nas rogados com ella inda accetala.

## XIIII.

Mas ó Iao Colascar que do passado  
 Perigo inda o temor nelle reynaua,  
 Fingindose zeloso acobardado,  
 Que se comprasse a paz aconselhaua:  
 O Principe Aladinda ira lenado,  
 O profeguirse a guerra sustentaua,  
 Solimão o ajudana, & furibundo,  
 Assi dizendo ameaçaua o Mundo.

## XV.

Contra successos maos o peito forte  
 E de valor armado preualece:  
 Que trocar o valbr costuma a forte,  
 Se a Fortuna aos ousados fauorece.  
 Temor da infamia, não temor da morte  
 No peito generoso se conhece;  
 E se todos a guerra aconselhastes,  
 Como hoje reprovais o que aprouastesã

## XVI.

Não deixes, Rey inuicto aconselharte  
 De quem do sim honroso se desuia,  
 E falto do valor tença apartarte  
 Do meyo que sandaueisò seria:  
 Quem sentir o contrario, em toda a parte;  
 Lhe farei confessar que he cobardia,  
 E liure falo sem temor de nada,  
 Porque o que a lingua diz, obra esta espada.

## XVII.

Assi deu sim colerico, & espantoso,  
 E o Principe o louuou, dizendo: Fale  
 Sempre a Fama de ti, varaõ famoso,  
 E co merito teu sua tuba iguale.  
 Confuso Colascar a este afrontoso  
 Modo não sabe se responde, ou eale,  
 E só disse: Deixai, corra sem freyo,  
 Que pouco custa auenturar, o allheyo.

Não quis falando mais aventurar-se,  
Porem corrido, & pouco satisfeito;  
Hum firme pensamento de vingarse  
Naquelle instante concebeo no peito.  
Logo todes os máis, por congratarse,  
E não aventurarem seu respeito,  
Com os que sempre a guerra persuadirão  
Que a guerra proseguissem, concluirão.

XIX.

ElRey de Paõ medroso do passado  
Não se achou nesta junta já presente,  
Que nelle, o antigo amor desbaratado,  
Era neue o que fora fogo ardente:  
Não lhe cabe no peito acobardado  
O coração, emfim deixando a gente,  
Finge ir buscar socorro nouo, & tarda,  
Em quanto a noua do successo aguarda.

XX.

Cessa a discorde junta, & no mar soa  
Bellica tuba num paraõ ligeiro,  
Que na praya inimiga pos a proa,  
E armado occupa intrepido guerreiro:  
Com alta voz, que igual co a Fama voa  
A batalha prouoca aaventureiro  
Ao caudillo Batraõ da gente Siamie  
De Glaura esposo infêlis, não infame.

XXI.

Mostrar prômeteo Sousa em estacada  
Glaura innocente, & enganado o esposo,  
Teme ella amando, a Lusitana espada,  
E o braço do guerreiro valeroso.  
Porem do sabio Erol assegurada  
Que veria no caso fim ditoso,  
Sem danno do marido, a fê arrazia  
Ao que mais delejava, & mais temia.

## XXII.

Desembarca ante as bárbaras bandeiras  
 Com Glaura, quem o trajo o ser desmiente:  
 Ocupa o pouo barbaro as tranqueiras,  
 Conue ses toldas, xarcias a fiel gente:  
 Batrão em tanto deixa suas fileiras,  
 Com negro arnez mostrando o q̄ alma sente,  
 E pela praya mone o passo tardo,  
 Não sei qual mais, se triste, se gallardo.

## XXIII.

Chegado onde o guerreiro Lusitano,  
 Ayroso tanto, quanto forte o elpera,  
 Assim lhe disse: O tu, que por teu dano  
 Feroz me chamas a batalha fera,  
 Desse furor de teu viuer tyrano  
 De ti primeiro a causa ouuir quiserá  
 Por ter a opinião justificada,  
 Que governa a razão, melhor a espada.

## XXIIII.

A razão que da minha parte tenho,  
 ( Respondeo Souza ) a acobardarre basta,  
 A vingar o innocente sangue venho  
 Da infelis Glaura, quanto infelis casta.  
 Não digas mais, da vida que sostenho,  
 Indino sou, o bem de mi se afasta,  
 ( Disse o pagão ) bem minha morte vejo,  
 Tudo me acusa, & só morrer de sejo.

## XXV.

Enganado (ay de mi) fui homicida  
 Do bem mayor que então gozava a terra:  
 Dame atençaõ hum pouco, & logo a vida  
 Que aborreço, do peito deslencerra.  
 Foi minha esposa, antes de o ser, querida  
 Do enganoso Muliãs, que nesta guerra  
 Mortalmente ferido a minha offensa  
 Deu, dando a vida acerba recompensa.

Pártimos de Sião, por dar ajuda

Ao Rey Malayo, mas contrario vento

Nos leuou a Ligor, onde se muda

Todo o meu bem passado, em mor tormento

Ali ciosa paixão nunca sisuda

De todo me cegou o entendimento,

Dando principio a minha larga morte,

E succedeo o caso desta sorte.

XXVII.

Dado ferro em Ligor, ao Rey amigo

Visitar fui dos meus acompanhado,

Foi entre os mais o disfraçado imigo

Ià para o fero engano aparelhado.

Tornados à galé todos comigo

Entre tantos deitar sem ser notado

Pode hum libello infame, que me conta

Meu graue dano, minha injusta afronta.

XXVIII.

Dês pois que sò na popa me deixaraõ

O papel vi de Inferno, & morte cheyo;

Curioso o quis ler, antes cegaraõ

Meus olhos, não choraraõ mal taõ feyo;

Foy cada letra hum rayo, & me abrasaraõ

O mais guardado dalma, inda o receyo

De seu rigor, parece que em mi viue,

Não auendo já bem de que me priue.

XXIX.

Eraõ biboras feras juntamente

Que a Fama auenenaõ enganofas;

De minha esposa casta, & innocente,

Imputandolhe infamias vergonhofas;

Mostra penar o cauteloso ausente

Desejando tornar às amorofas

Horas, que em laço em defonor tecido;

Gozaua do fauor só a mi deuido.



## XXX.

Entre os finais que estauaõ accusaõdo  
 A Glaura, li meu nome, infernal ira  
 O coraçãõ me abraça, mil entrando  
 Furores nalma, donde amor sentira.  
 Fiquei por grande espaço vacilando,  
 Já me leua o furor, já me retira  
 O amor atè que salto de esperança  
 De minha offensa em mi tomei vingança.

## XXXI.

Em mi, que nella me tirei a vida,  
 Por cuja falta em dor eterna peno,  
 Assim meu bem perdi, assim perdida  
 Delle a esperança, aõs males me condeno.  
 Quem o enganoso autor desta homicida  
 Carta fosse, por mais que faço, & ordeno  
 Nunca o pude alcançar atè que a sorte  
 O veyo a descobrir com justa morte.

## XXXII.

Ourem o peito cauteloso aberto,  
 Já mortal a meus pés cahio o inimigo  
 Multiã, que a rigurosa morte perto,  
 O eterno teme, & não outro castigo.  
 Descobriendo mortal odio encuberto,  
 Descobrio quanto foi cruel comigo,  
 E com Glaura, que já coas plantas bellas  
 Martyr de meu furor piza as estrellas.

## XXXIII.

A dor da inueja, & ver-se desprezado  
 De minha esposa, & verme venturoso  
 Disse lhe conuetera o amor passado  
 No mortal odio, que me faz queixoso.  
 E que traçara por le ver vingado,  
 Que eu me fimo (que ella amando fez ditoso)  
 A vida lhe tirasse mais amada.  
 Conseguiu a vingança desejada.

Escutando o discurso de meu dano,  
Ira, raiva, furor no peito ardia,  
Ansias mortais, tormento deshumaño,  
Tudo quanto ha no Inferno em mi sentia.  
Ao que de minha gloria foi tyrano,  
A vida quis tirar, que já perdia:  
Mas quando o furor justo se abalança,  
Anticipaõ se os fados a vingança.

XXXV.

Ouvido tês a desditosa historia,  
Castiga agora em mi minha desdita,  
A culpa não, que da perdida gloria  
Sò tenho a pena que serà infinita.  
Certa, ó forte varaõ, tês a vitoria,  
Da tua parte a razaõ ta facilita,  
E da inculpauel Glaura a injusta offensa  
Presas me tem as mãos para a defensa.

XXXVI.

Assi dizia, & compassiuo em tanto  
O escutaua o guerreiro generoso,  
E Glaura que deter não pode o prantõ,  
Em soluços descobre amor queixoso:  
Corre o auaro veio com mudo espanto  
A vê, a reconhece o triste esposo,  
E bem que inda não cré o bem que viã  
Amante abraçar corre o que não cria.

XXXVII.

Glaura se afasta, & diz: Detente, ingrato,  
Que não me traz aqui tençaõ de amarte,  
Zelo si de honra, & desmentir o trato  
Que vsaste com quem já soube adorarte.  
Em tanto copiosissimo aparato  
De lagrimas ostenta, & igual reparte  
Aos bellos olhos, da alma o sentimentõ,  
E ao confuso Batraõ gloria, & tormento.

## XXXVIII.

Mas vence a gloria, & contra o irroso aspecto  
 Se arma de suaue escusa, & rogo brando,  
 Que esforça o sentimento, & doce affeito,  
 Que da alma está suspiros arrancando:  
 Tanto se escusa, & roga em fim, que o peito  
 Da que renderse estava desejava,  
 Commovido se mostra, & aos fortes braços  
 Communica reciprocos abraços.

## XXXIX.

Depois que breue a siuo as almas deram  
 Nos amorosos laços dos compridos  
 Tormentos, que igualmente padeceram  
 A Souza graças daõ agradecidos  
 Posto que os bõs (Batraõ lhe diz) fizeram  
 O bem, sò por ser bem, & os recebidos  
 Fauores pagará sempre a memoria,  
 Ajuntando a tuas glorias esta gloria.

## XXXX.

Em quanto receber o peito alento  
 Será tua esta vida, & se a fè dada  
 Não impedira o grato pensamento,  
 Fora do bando Luso hoje esta espada:  
 Forem lei de primor, grilham violento  
 A vontade, que tês tam obrigada,  
 Obrar não deixa quanto obrar espera,  
 Passada esta occasião, que o Mundo altera.

## XXXXI.

A gloria do successo, essa vontade  
 São paga a meu desejo venturoso.  
 Pois vi monstros de Amor, rara igualdade.  
 De quem o mais feliz viua enuejoso.  
 Assim responde Souza, & de amizade  
 Perpetua as mãos se daõ, & com saudoso  
 E cortes sentimento se despedem,  
 Hum torna aomar, os douz o campo medem.

Malaca conquistada

XXXII.

Cô m pranto Alaida a sorte venturosa  
De Glaura soleniza, & assi descança,  
E se mostra de seu amor queixosa,  
Que vão seguindo vai vã esperança.  
Ditosa tu mil vezes, & ditosa  
A pena, que tão grande premio alcança,  
Sofrendo males, alto amor mostraste,  
E nas asas da fama o leuantaste.

XXXIII.

E mil vezes eu triste sem ventura,  
Que hũa incerteza, hum impòssiuel sigò;  
A vista sempre tendo a morte dura,  
Dè hum perigo passando a outro perigo.  
O se quando saí da sepultura  
Primeira, fora tanto o fado amigo,  
Que o leite que mamei da nutriz cara,  
Veneno fora, & a morte então nianaraj

XXXIII.

Dô amado pay o fim cruel não vira  
Pela fera ambição do irmão tyrano,  
As ansias, & tormentos não sentira  
De amor, segunda origem de meu danò:  
Nem quando homês, & Ceos só tratao de ira,  
E furor infernal incita o humano,  
Testemunha infeliz a ser viera  
Da ruina, que à amada patria esperã.

XXXVI.

Como os rios ao mar, os males correm  
A meu peito dos males centro triste,  
Como os ventos fugindo, os bês discorrem  
Que só em fugir de mi seu ser consiste:  
Inveja grande tenho a quantos morrem,  
Culpo a vida, que a tanto mal resiste:  
Mas viue a pena nalma; que me canso,  
Pois nem posso na morte achar descanso?

Não

## XXXXVI.

Não me escondem meu bem torreados muros,  
 Nem mo negão só montes levantados,  
 No meyo me tem posto os fados duros  
 Immensos mares, reynos apartados:  
 Seguem meus vãos cuydados mal seguros  
 Esperanças de bês sò imaginados,  
 O vaidade, que adora o pensamento!  
 O suave alheação do entendimento!

## XXXXVII.

Se para mi ouuera inda algum hora  
 Poder contar as penas que padeço  
 Ao bello objecto, que minha alma adora,  
 E por senhor ausente reconheço:  
 Todo o passado mal gloria me fora,  
 Isto piedosos Ceos, humilde peço  
 Fareis ditosa minha triste sorte,  
 Será suave á sua vista a morte.

## XXXXVIII.

Não perde tempo o inuísto Afonso em tanto!  
 E qual o lutador, que já prouara  
 As forças do contrario, que com tanto  
 Trabalho a vez primeira derribara;  
 Mil tretas considera, & com espanto  
 Dos circumstantes, brauo se prepara  
 Para o segundo encontro, em que já a gloria  
 Gozar espera da vltima victoria!

## XXXXIX.

Tal mil estratúgemas imagina  
 E discorre co graue pensamento,  
 Quais podem ser conforme a disciplina  
 Militar do contrario, ardis, & intento:  
 E por preuenir tudo, determina  
 Mandar quem no valor, & entendimento  
 E na astucia segundo Vlyses seja.  
 Para que tudo inquirá, & tudo veja.

# Malaca conquistada

L.

Quem este aja de ser imaginando  
Em quem tam nobres parres concorressem,  
De Etol se lembra, & bem considerando  
Ciencia, fê, & valor, que o enriquecem.  
O chamou ante si, & disse: Obrando  
Em fauor nosso os quatro que florecem  
Hoje no Mundo em armas, nos trouxeste,  
Com Deos, se a mi obrigaste, mereceste.

LI.

Logo á cidade a escala vista entramos  
Que perto e iteue entãõ de ser ganhada,  
E se della senhores naõ ficamos,  
Seria por naõ ser a hora chegada:  
De assaltala segunda vez, tratamos,  
Mas como hoje estarã fortificada,  
Saber importa, porque á lua fraquezã  
Apliquemos a nossa fortaleza,

LII.

Trataõ de sua defensa, & naõ duuido  
Que toda a sorte de Marcial engano  
Tenhaõ com noua astucia apercebido  
Onde menos se tema em nosso dano.  
Porẽm tu, que do Ceo foste elegido  
Para instrumento, & meyo soberano  
Do gram castigo, que a Malaca espera  
Has de estoruar o effito a tençaõ fera.

LIII.

Tu co a ciencia tuã entrar seguro  
Entre os inimigos podes, & trazer-me  
A informaçãõ de tudo que procuro,  
Porque saiba guardarme, & atrener-me.  
Etol lhe respondeo: No reyno escuro  
Entrara a ser possiuel, que meter-me  
Naõ estimo por ti no mo r perigo,  
Desque teu estandarte, & gosto sigo.

Logo



LIIII.

Logo que a negra noite o manto estenda,  
 E varios casos. qual costuma, encubra,  
 Entrarei por Malaca até que entenda  
 Quantos enganos, & cantellas cubra:  
 E para que melhor tudo compreenda,  
 E vistos os perigos, tos descubra,  
 Fingirme saberei de roda a sorte,  
 E daquella nação, que mais importe.

LV.

Assi lhe disse; & quando a tenebrosa  
 Filha do antigo Chaos acompanhada  
 Do graue horror, & confusaõ medrosa  
 Sono infunde na gente trabalhada:  
 Apertando a Garcia a valerosa  
 Destra, lhe disse: Para ti guardada  
 Tem o fatal destino alta aventura  
 Meus passos segue a sorte te assegura.

LVI.

Vamos ( o valeroso Sá responde )  
 E se queres vejamos donde nasce  
 Até donde cansado o Sol se esconde,  
 Ou mandame que n lago Estygio passe.  
 Partem com isto, & tomão terra adonde  
 Não pudessem ser vistos, nem se achasse  
 Consaque ser pudesse impedimento  
 Para se conseguir o fim do intento.

LVII.

Primeiro mudaõ de armas, & vestidos,  
 E de modo ficaram disfraçados,  
 Que dos amigos inda que aduertidos  
 Foram por Guzarates repntados:  
 Assi do escuro horror fanorecidos  
 Por lugares de Etol já frequentados  
 Lá pela parte do Sertam entraram,  
 E a cidade até o mar atrauessaram.



Malaca conquistada.

LVIII.

Com as inimigas tropas se misturão,  
E de hũa em outra estancia vão passando;  
Os secretos enganos ver procuram,  
E tol sempre inquirendo, & perguntando:  
Vem quam pouco os Malayos se asseguram  
Dos seus bês a cidade despejando:  
Quais as formigas com industria, & arte  
Mudar focm os cileiros a outra parte.

LIX.

Virão das ruas as secretas minãs,  
E na praya os abrolhos encubertos;  
De esperas basiliscos, cuscibrinas  
Graõ copia, & de outros bellicos concertos;  
Das abrazadas casas as ruinas,  
E das riquezas os Gulões desertos,  
E a ponte viram taõ fortificada,  
Que mostrava negar a tudo entrada.

LX.

O; brauos Coraçanes, & Mogores,  
E os Guzarates em sua guarda viraõ;  
Porque como eraõ tidos por melhores,  
O perigo mayor lhes repartiraõ.  
Villa Malaca, & os muitos valedores,  
Que em vaõ, & por seu dano lhe acodirã  
Com aquelles sairã, que tiravaõ  
Riquezas que dos montes confiauaõ.

LXI.

Iá iõra ( disse Etol ) caminhõ brêue  
Conuem fazer a parte que se oculta,  
segue-me alegre, que aquem bem se atreuõ  
Nunca o Ceo cousas grandes difficulta.  
Dizendo assi, moueo o passo leue  
Por via estreita, & quanto estreita, occultã  
E naõ parou, nem deu de nada indicio,  
Até chegar a hum celebre edificio.

Mostrã

## LXII.

Mostrãã (posto que era a noute escurã)  
 Ser de marmore branco a alta portada,  
 De rara, ou nunca vista architectura  
 Por artifice douto fabricada;  
 Abriose da graõ porra a cerradurã,  
 Dando â famosa copia liure entrada,  
 Começando hum estrondo, que arruinar-se  
 O Mundo parecia, o Ceo quebrar-se.

## LXIII.

Cobrio escura nuue a face bella  
 Da clara irmã do Sol, que então saia  
 Mil tronoës retumbaram entre aquella  
 Treua, que com os rayos se acendia.  
 Passada a tempestade, cada estrella  
 Torna a dar luz de nouo â noute fria,  
 E os dous se acharam do edificio em parte  
 Onde iguais eraõ a materia, & arte.

## LXIII.

Nesta quadra primeira sobre a porta,  
 Por donde se entra a mais sublime assento,  
 De l'ua grande matrona a vista exhorta  
 A levantar o nobre pensamento:  
 Pintada tem aos pès a inueja mortã,  
 E adornaõ as paredes do aposento  
 Trofeos, estatuas, carros, que aos famosos  
 Cenduziram triunfando vitoriosos.

## LXV.

Esta, quem templo dão, julgãõ deidade.  
 Que tudo escuta, & ve, tudo publica,  
 E ao Mundo veyo na primeira idade  
 Sonora ruba â locaz boca applica.  
 Abre-se ao som a porta, & a magestade  
 De outra casa se ve. em que entraõ, ricã  
 De glorias, onde não se teme a sorte,  
 Nem tem lugar o tempo, nem a morte.

*Malaca conquistada*

LXVI.

Bella deidade entã em forma humana,  
Que de candor vestida, & louro eterno  
Coroada a cabeça soberana  
Nos Ceos assiste atormentando o Inferno.  
Os recebe, dizendo alegre, & vfanaz:  
Saluo dino varaõ là do superno  
Assento Para ti por mi guardado:  
Aqui de lóngos annos esperado.

LXVII.

Logo destas duas casas sumptuosas  
A terceira os conduz de mor grandeza  
Em que ardiam mil pedras luminosas  
Que mostravaõ do teito a gram riqueza.  
Ornavaõse as paredes de famosas  
Pinturas, aquem daua tal viueza  
Dá arte o primor, que Apelles se enganara,  
E as figuras herões viuas julgara.

LXVII.

Ao cavalleiro as mostra, & assi monendo  
A douta lingua, disse: Nas idades  
Antigas o por vir Pate Vnuz vendof  
Effigies fez dos que estimou deidades.  
Deixou a todos temeroso, & horrendo  
Por nenoas grossas, feras tempéstates  
Este lugar. & aei sò destinado  
Poder ver o que nelle está guardado.

LXIX.

Algũs desses que ves, goza hoje o Mundo,  
Outros seram, correndo o curso de annos;  
Que nestas partes com valor profundo  
Haõ de passar os limites de humanos,  
Desse que ves primeiro sem segundo  
Sempre inuicto, castigo de tyranos  
Segue o gloriosissimo estandarte  
Esse he Albuquerque verdadeiro Marté.

Este

## LXX.

Este o jngo porá a cerviz altiua  
 Que em tantos annos por Siam não pode,  
 E aqui sua memoria estará viua,  
 Já corra o tempo, já a Fortuna rode.  
 Teme, ó Malaca, a destra vingatiua,  
 Que o açoute irada sobre ti sacode:  
 Porem se agora fores castigada  
 Desta gente serás também guardada.

## LXXI.

Olha o bom Ruy de Brito Paralino,  
 Que será della o defensor primeiro,  
 E Andrade, que esse tanque Neptunino  
 Co sangue tingirá do Iao guerreiro:  
 Irá delle fugindo peregrino  
 Pate Quecir no trance derradeiro,  
 E fugirá também desbaratado  
 Da Iaoa o Rey soberbo acobardado,

## LXXII.

Esse que está mostrando o rosto irroso  
 De hum graue engano ao parecer sentido,  
 He Iorge de Albuquerque, tam famoso,  
 Que não poderá ser nunca esquecido.  
 E outro mais valente, que diroso,  
 (Se he julgar pelos astros permitido)  
 Gozará pouco tempo este governo  
 Delle cobrando a morte o censo eterno.

## LXXIII.

Do bom Iorge de Brito porá a morte  
 Este estado em grandissima aventura,  
 Tanto he cega a paixão, a ambição forte  
 Que sua ruyna, & destruição procura:  
 Porem no graue mal da mesma sorte,  
 Que o santo lume na tormenta dura  
 Aparece aos afflitos marinheiros  
 Lhe acodiram aquelles dous guerreiros.

Malaca conquistada

LXXIII.

Aquelle he Dom Alcixo de Menezes

Esseuro hum Costa illustre, cuja historia  
Honra, & gloria será de Portugueses  
Dina do eterno archiuo da memoria.  
Deferderá Malaca, mil reueses  
Da fortuna sofrendo. mas com gloria  
Iaos rebatendo, & Mandarijs valentes  
Cos poucos seus famintos, & doentes.

LXXV.

Olha Manuel Falcão, olha Duarte

De Mello sobre a imiga fortaleza,  
E Diogo Pacheco horror de Marte,  
Que morto o bõ Falcão, consigue a empreza.  
Morre Falcão, mas não aquella parte,  
Que immortal dorou Deos de mor nobreza,  
Dahi aquella illustre, & ditosa alma  
Irã triunfar nos Ceos com justa palma.

LXXVI.

Eis em ti passa o peso do governo

Afonso Lopez da inclita cidade  
Sintindose acabar de hum mal interno;  
Que em flor o roubará a nossa idade  
Acquiriras aqui renome eterno,  
Insigne vencedor da aduersidade,  
Coutino cerco, & fomes padecendo,  
A vista o fero imigo sempre tendo.

LXXVII.

Por asperezas rais te farás dino

Do governo Oriental mais soberano,  
E nelle com assomos de diuino  
Saberás exercer imperio humano:  
Supremo aqui te ves; mas ó deslino  
Nunca aos mortais igual que ali inhumano  
Quando atreuerse contra ti duvida,  
De ti se atreue a parte mais querida.

Porção

## LXXVIII.

Porção vejó deſſa alma generoſa  
 Em ſolidão, & extremo deſempãro  
 Vozes mandar ao Ceo em vão queixoſa  
 De obſtinaçã fatal exemplo raro:  
 Diſpoein teu peito a proua riguroſa  
 Claro varaõ, que Alcides aſſiclaro  
 No trabalho ſe fez, & ao claro aſſento  
 Não por goſtos ſobio, mãs por tormento.

## LXXIX.

Elle que eſtã Bellona coroando  
 Dos deſpojos de Daphne, he deſcendente  
 Do grão Dom Phafes, luz a que imirando  
 De reyno em reyno vai, de gente em gente,  
 Olha com que valor as vellas dando  
 Do rio de Muar vence a corrente,  
 Já ſalta em terra, ganha o Pago logo,  
 Foge elRèy de Bintaõ, ella arde em fogo.

## LXXX.

Lã nó Perſico ſeyo em Barem rica  
 De groſſo aljoſar vence o mor perigo  
 O Rey Mocrino na deſenſa inica  
 Sentirá de ſeu braço o grão caſtigo:  
 Poſto que a ſoldo conduzindo applicã  
 Perſas, & Arabios doze mil conſigo  
 Velo catiuo, & prezo, & ſua cabeça  
 Entre as Aguias, & Cruzes dina empreçã.

## LXXXI.

Tal o filho de Danac valeroſo  
 CoTalar de Mercurio, & curua eſpada,  
 E coeſcudo da deuſa luminoso  
 Do cerebro de Iupiter gèrada,  
 De hum golpe corta o collo temeroſo  
 Daque já fora de Neptuno amada  
 Pallido o roſto de ſerpentes cheyo  
 Ao eſcudo fatal he rico arreyo.

Malaca conquistada

LXXXII.

Mas não se mostrará menos valente  
Contra Melique Az senhor de Dio,  
Quede tantas vitórias insolente  
Contrasta de Chaulo senhorio.  
Que tomando da armada este o tridente,  
Iá lhe foge de medo o Mouro frio,  
Do rio Nagorana até Cambaya  
O mar he sangue, sepultura a praya.

LXXXIII.

O Pago destruido, o Rey tyrano  
Na ilha de Bintam se fara forte.  
E com verda Fortuna o desengano,  
De nouo tornará a tentar a sorte:  
Dali seus capitaes em Christão dano  
Seraõ ministros da violenta morte,  
E chegará Malaca a tal extremo,  
Que temendo trabalhos tantos, tremo.

LXXXIII.

Tornará Jorge de Albuquerque & inuicto  
Sucessor te será em trabalho tanto,  
E qual tu com valor quasi infinito  
Cercos resiste, & do inimigo he espanto.  
De Garcia Cainho em alto grito  
Dirá a Fama. o valor, & zelo santo,  
Alli sorte os inimigos vai ferindo,  
E lá piadoso aos pobres acodindo.

LXXXV

Ao elle que deixando a esposa amada  
E reptos filhos, rompe o mar furioso:  
Não respitando a idade respeitada,  
O que manda seu Rey, cumpre animoso:  
O que deixa Bintam desbaratada,  
E que a Cuntia comete generoso,  
He Francisco de Sá no fim dos annos  
D. no exemplar de brauos Lusitanos.



## LXXXVI.

Esse he teu cláro irmão, que hoje prudente  
 Cargo Illustré ministra soberano,  
 E cuberto de arnes resplandecente  
 Já assombro foi do fero Mahometano.  
 Em fim o imitador do auo valente,  
 Que tomou as galês ao Castelhana,  
 Vio junto ao fresco Douro a luz primeira.  
 E a luz verâ em Malaca derradeira.

## LXXXVII.

Despois que em mil acçoês o braço forte  
 Encher o mar do Oriente de esperança,  
 A que a todos iguala dura morte,  
 Lhe abrirâ passo a eterna segurança.  
 Porem ves tu que opoem o peito á sorte  
 E por servir seu Rey alegre cansa?  
 O filho vejo mal remunerado,  
 E de seus bês o neto despojado.

## LXXXVIII.

Martim Afonso de Sousa, & Serrão vejo  
 Com Lacximana em desigual batalha,  
 Mortos os choro, & mortos os inuejo  
 Vencedores da bárbara canalha.  
 Olha outros dous tambem gloria do Tejo  
 Romper em Linga a armada, q̃ o mar coalha,  
 Hum Balthasar Rodrigues he de Beja,  
 Outro Alvaro de Brito a Marte inueja.

## LXXXIX.

Manuel de Sousa alli segue animoso  
 Com tres lenhos a armada numerosa  
 Morre, & vence no trance mais glorioso  
 Que segue ao graõ valor morte gloriosa.  
 Mas vira os olhos ao varaõ famoso,  
 Que darâ fim à empresa perigosa,  
 A Pero Mascarenhas, quem ama,  
 Para se empregar nelle sempre a Famâ.

*Malaca conquistada*

LXXX.

Deste logô o Patane o rigor sente,  
E pareas paga enuolto em medo frio;  
E a Lacxamana em terra, & mar potente,  
Quebranta ostentação soberba, & brio.  
Iá vay sobre Bintaõ, fende a corrente,  
Vence impossiveis sobe o fundo rio,  
Entra a cidade a vida a tudo nega,  
Foje cobarde o Key, ao fogo a entrega,

LXXXI.

Vês com quê valeroso sofrimento  
Vence a propria paixão, senrazões passa?  
Escusando chegar ao fim violento  
Caso, que tantos males ameaça.  
Exemplo seja sempre o pio intento  
Aquem ambicioso as leys traspassa,  
Ao Key, & a Deos de quem a paga espera,  
Fazer mayor serviço não podera.

LXXXII.

Olha Jorge Cabral com riguroza  
Guerra, alli do Longou toma vingança,  
E lá subido a successão honroza,  
Supremo rege, & nome eterno alcança.  
Eis Pero de Faria de paz goza,  
E Malaca parece que descança  
De quantos tras consigo a dura guerra  
Males, que padecera em mar, & em terra.

LXXXIII.

Mas Dom Paulo da Gama se offerece  
Do sol de Gama rayo peregrino  
Quanto nelle o valor do pay florece,  
Tirando vidas Marte Neprunino:  
Entre os feros inimigos resplandece,  
Entrando o inimigo lenho, mas destino  
Cruel atalha com acerba morte  
Quanto obra co a espada o braço forte.

LXXXIIII.

Aqui para a vingança já aperceue  
 O magoadado irmão lenhos, & gente,  
 E por perigos mil ali se atreuo  
 A fender do lentana a grão corrente.  
 Ves como em terra salta, & em tempo breue  
 Entra, & entrega a cidade ao fogo ardente,  
 Saluase na espessura o Rey medroso,  
 E Dom Esteuão parte vitorioso.

LXXXV.

Velo sobre o Rey torna, que infestando  
 De nouo com armada o mar corria.  
 Tudo lhe abraza, foje o inimigo bando,  
 Entregue a mayor parte á morte fria.  
 Humilde ali lhe pede a paz jurando  
 Que nunca mais as armas tomaria;  
 O valeroso Gama lha concede,  
 Mas seguros refés primeiro pede,

LXXXVI.

Velo áccede ao rumor, o Achem rebate  
 Nesse nocturno assalto inopinado,  
 E acolá resistir feroz combate,  
 E fugir lhe o de Achem desbaratado;  
 Males atalha, presunções abate,  
 E feliz rege de Oriente o estado  
 Respeitado dos seus, & obedecido,  
 Do Turco, Persa, & Malabar temido.

LXXXVII.

Eis rompe o mar (buscando a Turca armada)  
 Que abre passo a Israel, Pharao castigo,  
 Sente a força Alcocer da destra irada,  
 E no vltimo á consume a chama imiga.  
 Ve Toro sobre sia talhante espada,  
 Mas por seus seruos a defende, & abriga  
 A martyr Catharina, que desfronte  
 Tem sacra sepultura em sacro monte.

*Malaca conquistada*

LXXXVIII

Eis o heroe valeroso, que fugindo  
Do Mundo, & de si mesmo, vence o Inferno,  
E por caminhos asperos subindo,  
Conquista venturoso o reyno eterno:  
Olha que multidão o vay seguindo  
De almas, que ha de liurar do escuro auerno!  
Salue, ó do Ceo na terra peregrino  
Elias zelador, Paulo diuino.

LXXXIX.

Milagroso Francisco, ó quem gozarã  
Do tempo da tua vinda venturoso!  
Graõ Malaca sollicita prepara  
Condino hùspicio ao varaõ glorioso.  
Eis chega a Moçambique, onde com rãra  
Caridade, & cuydado feruoroso  
Enfermo no hospital enfermos cura,  
E a saude nas almas lhes procura.

LL.

Eis desembarca em Goa, ó quaõ trocãdos  
Em breues dias faz seus moradores,  
Penitentes chorando erros passados,  
Chouem dos Ceos auxilios, & fauores;  
Desprezando trabalhos arriscados,  
E das desertas prayas os ardores,  
No cabo Comorij o ves prégando,  
As almas a milhares ao Ceo dando.

LLI.

Deuoto em Meliapor entra, & visitã  
De Thomè a venerada sepultura,  
E por meyo do santo sollicita  
Ardente, & santo esprito na almã pura;  
Dali passa a Malaca, donde o imita,  
Com branda voz rendendo a gente dura,  
Que engolfada nos vicios vai perdida,  
Dos bês que saõ duraucis esquecida.

## LLII.

As infernais legioes faz dura guerra,  
 Prègando, & conuertendo o pouo rudo,  
 Imita a Christo, & Christo cãna terra  
 Lhe concede poderes sobre tudo.  
 Naquelle moço que lá ves se encerra  
 Espirito rebelde, surdo, & mudo,  
 Iã foje o inimigo por Xavier rendido,  
 Iã fala, & graças dà o moço affligido.

## LLIII.

Eis em Amboino do Senhor cultiua  
 A vinha, aquẽm cultor annos faltará,  
 E cauando de nouo, com fẽ viua,  
 A cerca, & de seus danos a repara:  
 E como dos trabalhos não se esquiua,  
 Na aspereza do Moro, terra auara  
 Planta seu zelo ardente plantas bellas,  
 Que o fruto hãõ de sobir sobre as estrellas.

## LLIIII.

Velo tórna a Malaca, & juntamente  
 Vem sobre ella o de Achem com lenhos cẽto.  
 Olha Simão de Mello, que valente  
 Do inimigo resiste o marcio intento.  
 Anima o varaõ santo a Christã gente  
 A que vã do contrario em seguimento.  
 Eis Dom Francisco Deça o mar cortando  
 A numerosa armada vai buscando.

## LLV.

Theatro o Parles do naual conflito  
 Iã co sangue do barbaro se inunda,  
 O qual se mostra o Lusitano inuictõ,  
 Consumida do Achem a gente immunda.  
 Tudo Francisco ve em raptõ esprito  
 Consola ao dubio pouo a voz jocunda,  
 Reuelandothes a inclyta victoria,  
 Alcançada dos seus com tanta gloria.

Malaca conquistada

LLVI.

NO Iapaõ, como o Sol quando amanhece;  
Desterra as trevas, & dá luz ás almas,  
O como entre os trabalhos resplandece  
Caminhando por neves, & por calmas!  
O quanto a vinha do Senhor florece,  
E quantas ao Ceo dá triunfantes palmas!  
Quantos por elle Deos milagres obra!  
O cego vista, o morto vida cobra.

LLVII.

Reluz a santidade na pobreza,  
Edos barbaros Reys he venerada,  
Taõ grande he da virtude a gentileza,  
Que he dos proprios inimigos respeitada.  
Velo outra vez do mar passa á incerteza,  
E para cometer noua jornada,  
De Iapaõ torna a Goa, & nunca cansa,  
Que busca a Deos, & nelle só descansa.

LLVIII.

Lá da idolatra China o mar navega  
Pela dar toda a Deos seu zelo ardente;  
Mas inda não merece a gente cega  
Ver o lume da Fè resplandcente.  
Eis o fim já de seus trabalhos chega,  
E a gozar vai do premio eternamente.  
Eis o santo cadaver torna a Goa,  
E a Fama de milagres raros voa.

LLIX.

Aquelle que defende a fortaleza  
De tantos Reys, & gente combatida,  
Opondo com intrepida braueza  
O primeiro ao perigo sempre a vida;  
He Dom Pedro da Silua, que só prezá  
A que a heroicos espiritos conuida,  
Este merce do Ceo goza a excellencia,  
De extrema valentia, & de prudencia.

## LLX.

Mas, ah dôr grandel que entre tantã gloria  
 Morto ves Dom Garcia de Meneſes:  
 Mas ſedar pode vida heroica historia,  
 Honra eterna ſerã de Portugueſes.  
 Olha Gomez Barreto, alta memoria  
 Deixa de heroices feitos, quantas vezes  
 Com hum só lenhoa toda a armada imiga  
 Afronta, ou ( por melhor dizer ) caſtiga.

## LLXI.

Ves Chriſtouão de Sã, que no trabalho  
 E mayor riſco os feros Iaos rebate.  
 Eis chega Gil Fernandes de Carualho,  
 Com que immenſo valor logo combatê:  
 Os Iaos fogem temendo o mortal talho,  
 Sem que o poſſa deter ſangue de Pate,  
 Segue o bando Chriſtaõ a heroica proua,  
 Dã co barbaro ſangue ao mar cor noua,

## LLXII.

Lã cercã o fero Achem por mar, & terra  
 Com infinita gente a fortaleza,  
 Com poucos Dom Leonis dentro ſe encerra,  
 Mas ſupre ſeu valor, & ſua deſtreza.  
 Nota as diuerſas maquinas de guerra,  
 Dos aſſaltos continos a brãueza,  
 E da virtude a multidaõ vencida,  
 Deſpois de tantas vezes rebatida.

## LLXIII.

Perdida a gente, o credito perdido,  
 Leuanta cerco o Achem de ſeſperado,  
 Hum filho morto deixa, mal ferido  
 Leua outro de viuer deſconfiado.  
 Eis vem para o ſocorro apercebido,  
 Do primor de amizade eſtimulado,  
 O bono Rey de Iantana o Mundo vejá  
 A proua dina de louuor, & inueja.



*Malaca conquistada*

LLXIII.

Torna o barbaro Achem ao Marte irroso  
Com insolencia os mares infestando:  
Mas olha como já no rio fermoso  
Luis de Mello, & Silua o está abrazando.  
Vencedor entra o jouem valeroso  
Em Goa, que o Hidalcaõ quer debellando  
Tornar ao seu antigo senhorio,  
Mas acha de Atãide oposto o brio.

LLXV.

Esoutro que também julgo inuenciuel  
Será Mathias de Albuquerque, ô quanto  
Em Ior se mostra ao Achem terruel,  
Rompendo em breue espaço poder tantol  
Posta a Fortuna aos pés, vence o impossiucl,  
Aos nautas causa vniuersal espanto,  
Ventos contrasta, brauo mar nauega,  
E ao supremo lugar do Oriente chega.

LLXVI.

Ali Dom Ioaõ da Costa anima a gente  
Da fome, & enfermidades trabalhada,  
E os nauios repara diligente  
Com que logo no mar poem grossa armada;  
Olha como lá em Ior destre, & valente  
Iuncos abraza, & tem de spois cercada  
A cidade Dom Pedro de Menceses,  
Honra, & gloria de illustres Portugueses.

LLXVII.

Eis resplandee o grande Luis Monteiro,  
Conquistador do Ceo, terror do Inferno.  
Nunca espada empunhou melhor guerreiro,  
Nem rompeo de Neptuno o seyc interno:  
Em Chaul, & Damaõ auentoreiro  
Começará a fazer seu nome eterno  
Terá nesse mar celebres virorias,  
Em fini no Achem o cume de suas glorias.

## LLXVIII.

Ves Malaca tẽrcada, & que a defende  
 Do bom Roque de Mello o valor raro,  
 Feroz as ondas Luis Monteirõ fende,  
 Por dar â fortaleza illustre amparo.  
 O qual num lenho só tantos offende,  
 E custar faz ao Achem seu odio caro;  
 Mas ay que o que não pode o imigo forte,  
 Pode o rigor da defaistrada forte!

## LLXIX.

Por culpa de soldado pouco esperto,  
 Toma a poluora fogo, & num momento  
 Da infauſta furia o baxel forte aberto  
 Cubertas, & homẽs voã pelo vento.  
 O bom Montẽiro de viuer incerto,  
 As ondas torna, onde com nouo alento  
 Nadando, conſeruar procura a vida,  
 Que escapara da poluora acendida.

## LLXX.

Mas conhecido, quando mais se anima,  
 Perde ( se a vida ſalua ) a liberdade;  
 Leuaõno ao Rey do Achẽ q̃ tanto o estima,  
 Como ſe entãõ rendera a aurea cidade;  
 Mostra o cruel que delle ſe lastima,  
 E a que deixe a ley ſanta o perſuade  
 Tanto em vãõ com promeſſas, & fauores,  
 Quanto com asperezas, & rigores.

## LXXI.

Constante perſeuera, & indinado  
 De infernal furia aceso o Rey lhe ordena  
 O fim de tantos ſantos inuejado,  
 E â ventura mayor cego o condena.  
 Aquelle grande campo rodeado  
 De varias gentes â ditõſa pena  
 O traem com aquelles caualleiros  
 Na guerra, & no martyrio companheiros.

Malaca conquistada

LLXXII.

A sua vista os estão despedaçando  
Por lhe causar temor; elle animoso  
A vida eterna lhes está lembrando  
De que primeiro a gozem inuejoso,  
Os ministros em fim executando  
O barbaro furor do Rey irroso,  
Bala o fazem de peça fulminante,  
Donde voando ao Ceo, sebe triunfante.

LLXXIII.

Olha agora o famoso Andre Furtado  
Em tantos trances marciais inuejto,  
Dino de ser de todos inuejado  
Taõ heroico valor, taõ alto e sprito:  
Descerca Cananor, & faz oo usado  
Cereador tributario, & no conflito  
Naual vence, & o collario leua à Goá,  
Onde de dous triunfos se coroa.

LLXXIII.

Eis lá segunda vez as ondas fende  
A pezar do furor, do mar, & ventos;  
Logo tres fortes naos de Meca rende,  
E auante passa ao principal intento.  
Chega a Ceilão, Columbo se defende,  
Foje o fero Ráju, foje o sedento  
De sangue Cutimuça temeroso,  
E o capitão o segue vitorioso.

LLXXV.

Tinge em sangue o Cardiga, & a insolência  
Do barbaro castiga, que perdida  
(Depois de valerosa resistencia)  
A armada deixa, & salua a nado a vida.  
Notã com que admirauel diligencia  
Em Iafanapatão salta, & vencida  
A cruel batalha, mata o Rey imigo,  
E Rey poe em de sua mão fiel, & amigo.

## LLXXVI.

Lá prende o famosissimo Cunhalê;  
 Ganhada a inexpugnael fortaleza;  
 Aqui em mudeça a inueja, ou sempre fale.  
 A pezar seu, louuores da alta empresa.  
 Agora cale Roma, Grecia cale:  
 E tu nota o valor, nota a destreza  
 Com que deira da Cunda a loura gente  
 Da vossa Europa intrepida, & valente.

## LLXXVII.

Eis do mar de Maluco os vai deitando,  
 Ganhando fortalezas, & cidades  
 Nouas azas a fama, & lingoas dando;  
 E inueja aos q̄ haõ de vir noutras idades.  
 Hic não inexpugnael escalando,  
 Chouem do niuro horrendas tempestades  
 De tiros, & de hum seixo derribado,  
 Quasi darã tributo ao mortal fado.

## LLXXVIII.

Na fortaleza que lá tem cercada  
 Sete Reys confiados na vitoria  
 Da Olandesa ajudados grossa armada;  
 O espera de suas glorias a mór gloria.  
 Com pouca gente enferma, & trabalhada  
 Cousas dinas farã de eterna historia,  
 E se ha de ver em bronzes esculpida,  
 Malaca por Furtado defendida.

## LLXXIX.

Agora olhá esses dous que em outra idade  
 Porião Roma, & Grecia entre as estrellas  
 Porem já lhe prepara a eternidade  
 Lugar aonde serã luzes mais bellas:  
 Hum por entre a sulfurca tempestade  
 Da artelharia de Olandesas velas  
 Socorre a fortaleza em males posta  
 Este inuicto será Fernão da Costa.

*Malacá conquistada*

LLXXX.

Effoutro que acaudilha altos guerreiros  
Que os vinte, & cinco se dirão da Fama  
Lhe valerã nos trances derradeiros  
Rompendo tanto inimigo & ardente chama  
Este exemplo será de cavalleiros  
E se quereis saber como se chama  
Varão que ha de gozar taõ alto espirito  
Ioão Rodrigues Camelo está ali escrito.

LLXXXI.

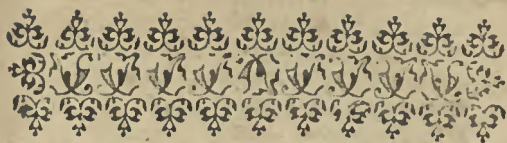
Eis Dom Martim Afonso, que animoso  
O vem a descercar, ó dura sorte!  
Quanta esperança, o jovem valeroso,  
Ha de atalhar intempestiva morte!  
Chorè o Tejo teu fado rigoroso,  
Que a ter mais larga vida, ó Castro forte,  
Do graõ Dom Ioão de Castro as acções claras  
Emulo de suas glorias imitaras.

LLXXXII.

Aquelle digo, que fará ditosas  
Com seu governo as prayas Indianas,  
E alcançará vitorias taõ gloriosas  
Que em muito excederã as acções humanas,  
Mais te mostrara empresas milagrosas,  
Que haõ de alcançar as gentes Lusitanas  
Mas a Aurora, que as trevas já desfata,  
Sobir no carro quer de fina prata.

LLXXXIII.

Importa que na armada estejais antes  
Que de todo recolha a noute o manto,  
E que as aves, que saõ do dia amantes,  
A nova luz celebrem com seu canto.  
Dizendo assi, das salas rutilantes  
Os dous se acharã fora com espanto,  
Do cavalleiro, donde o mar quebrau,  
A vista do batel, que os esperava.



# LIVRO XI.

## ARGUMENTO.

**A** breu mouendo contra a ponte ousado  
 Na força do combate ardente bala  
 Lhe leua lingua, & dentes, & esforçado  
 Mais nome ganha, quando perde a fala:  
 Na ponte o claro Afonso auendo entrado,  
 Mostra que a seu valor nenhum se iguala,  
 A mãos do illustre Sá Solimão morre,  
 Geinal a Infanta, aquem amou, socorre.

### I.

**V**ista a casa famosa amãnhecerão  
 Na armada, & ao forte Afonso q̃ aguar-  
 Cuidadoso noticia larga derão (dana  
 De quanto o Rey tyrano preparaua.  
 Ira no coração justa acenderão  
 Que o generoso peito lhe inquietaua,  
 E vendo que aguardar era danoso  
 Prudente ordena, & executa irroso.

O iunco

Malaca conquistada

II.

O juncó brauo de Geinal guarneece  
De gente, arrelharia, & de arrombadas;  
Nelle mandou a Abreu que se opusse  
Sobre a ponte, & inimigas estacadas,  
Para que a arrelharia defendesse  
Serem outras de nouo fabricadas,  
Atè saõs os feridos pòr o peito  
A cidade outra vez com duro effeito.

III.

Tinha na estreita barra o fundo rio  
Hum baixo, que a passagem impedia  
Nos menores influxos ao nauio,  
Que a grandeza das fultas excedia.  
Mas de agoas viuas com algum desuio  
Sobir o mayor lenho bem podia,  
O guerreiro o lugar honroso estima,  
A conjunção aguarda, aos seus anima.

III.

Logo que ve do Sol a irmã rotunda,  
O mayor capitaõ ante si chama  
Todos os capitaes, & com facundia  
Lingua em desejo bellicoso inflama:  
Varoẽs illustres, cuja fama inunda  
Des donde cá primeiro o Solderrama  
Seus rayos, até lá donde cantado  
Se entrega ao mar de Vlysses nauegado.

V

Chegada he a occasião que nos conuida  
A dar a esta obra fim, q̃ entre as mãos temos:  
Pintaõ calaa a occasião, & mal perdida,  
Muy tarde, ou nunca mais a cobraremos.  
Ao rayo na primeira arremetida  
Imitando, o possiuel excedemos,  
Porém quanto atégora trabalhamos,  
Será em vão, se Malaca não ganhamos.



## VI.

Senão considerai qual foi o fruto,  
 Que tirou Anibal de tanta guerra,  
 Entrou Scipião Cartago, eterno luto  
 Ficou por elle na Africana terra:  
 Quanto em dez annos fez o Grego astuto,  
 Que a gente no fatal caualle encerra  
 Mais que a gloria lhe fora afronta clara,  
 Se Troya com seu muro em pé ficara.

## VII.

A nosso Deos servimos dilatando  
 Na que hoje he imiga terra, sua ley santa;  
 Erros abominaueis dissipando,  
 Que persuade o Inferno a gente tanta  
 Servimos nollo Rey, acrescentando.  
 Cetros ao cetro, que infieis espanta,  
 E a Lisboa Malaca escala rica  
 De quanto entre o mar roxo, & a China fica.

## VIII.

Em fim deitemos ver o fim da empresa,  
 Que viemos buscar, mares rompendo  
 Incognitos, & cheyos de aspereza,  
 Rigurofas tormentas padecendo.  
 Com causa o Mundo julgara a fraqueza  
 Largar o que rendido estamos vendo,  
 Veja o Oriente, como já tem visto,  
 Que pelos puucos seus pejeja Christo.

## IX.

Pelo que posta nelle a confiança,  
 Co a noua luz o assalto dar desejo,  
 Rompaõse inconuenientes, que a tardança  
 As mais da: vezes ser danosa vejo:  
 Será posta nos Ceos certa a esperança,  
 A fé de Iosue agora inuejo;  
 Que qõem com fé taõ alta cometera,  
 Tudo para vencer lhe obedecera.

*Malaca conquistada*

X.

Disse; & conformes todos aprouarão  
Do forte capitaõ o nobre intento,  
E para seus nauios se tornaraõ,  
Por dar a tudo inteiro comprimento:  
A noute apercebendole gastaraõ,  
E vindo a Aurora o bellico instrumentõ  
Que vſou Miseno, causa de sua morte,  
Deu final, despertando a gente forte.

XI.

Respondendo ao guerreiro som, seriraõ  
Logo mil viuos gritos as estrellas,  
Que da mór luz vencidas encobrirãõ  
Naquelle mesmo ponto as faces bellas:  
Na cidade os imigos repitiraõ  
O medonho clamor, & co as querellas  
Da turba feminil, que o rumor crece  
Tornar o Mundo o antigo chãos parece.

XII.

Saem logo da armada o mar abrindo  
Os ligeiros batéis co a forte gente,  
Aquelle final bellico acodindo,  
Que acende o brio ao coraçãõ valente:  
Logo Albuquerque o assalto repartindo,  
O janco abalar manda, que eminente  
Sobre os batéis armados parecia  
Castello, que amparandoos se mouia.

XIII.

Segnião pelo liquido elementõ  
Pouco a pouco os batéis o lenho armado;  
Qual pelo prado vagaroso armento  
Segue o soberbo touro não domado,  
Eis que sobre elle chouem cento a centõ  
Pelouros, que abrem hum, & outro costado,  
Elle tambem de si despede rayos,  
A laos, & Rumes vltimos desmayos.

Nestã

## XIII.

Nesta de fogo tempeidade horriuel  
 Crescia o fogo, & já saltauõ vidas,  
 E Abreu ferido, qual leão terruel,  
 Muito mais se embraucece co as feridas:  
 Valor, & exemplo aos seus daua Inuenciuel  
 Desprezador dos tiros homicidas,  
 Quando hũa bala afronta, & horror de morte  
 Lhe leua os dentes, & da lingua parte.

## XV.

Ficou disforme o que era gentil rosto,  
 Mas na disformidade a gentileza,  
 Que mais se ama na opinião do gosto,  
 Que do valor a fermosura preza:  
 Não larga Abreu o perigoso polto,  
 Que incapaz de temor morte despreza,  
 Porem o sangue falta, as dores crecem,  
 E as forças pouco a pouco desfalecem.

## XVI.

Manda Albuquerque a Mello em continente  
 Por successor do capitão ferido,  
 Por companheiro o aceita o espirito ardente,  
 Que em nenhum modo sabe ser vencido.  
 E des que o douto Elisio diligente  
 Remedio applica ao dano recebido,  
 Bem mostra aos seus na gloriosa mingoa  
 Que lhe sobejão mãos, se falta a lingua.

## XVII.

E porque o mar a recother tornaua  
 As agoas fluctuantes, que expellira  
 O juuco, que inda á ponte não chegaua,  
 Faz que o dente tenaz na areia sira.  
 Em tanto o horror do Inferno retrataua  
 O fogo, o fumo, a confusão, a ira  
 O espantoso rumor da artelharía  
 A multidão de gritos, que se ouuia.

Gastado o dia na aspera contenda,  
 A noure perigosa se começa  
 Taõ espantosa em tudo, & taõ horrenda,  
 Que não sei se ha quem medo não conheça.  
 Traça o Rey couro ao junco fogo acenda  
 No tempo que a nocturna maré deça,  
 Para o que barco a barcos prender manda,  
 Que o rio tomão de hũa a outra banda.

## XIX.

E stes cheyos de lenha, & pes ardendo  
 Com a minguança da maré deceraõ,  
 Fazendo a horriuel noite dia horrendo,  
 De que as celestes luzes se esconderaõ.  
 Tanto contrario fogo os Christãos vendo,  
 Não ousarei dizer que não temeraõ,  
 Porem co sempre vsado valor logo  
 Nos batêis vaõ a contrastar o fogo.

## XX.

Com tenaes, arpeos as acendidas  
 Balças remando apartaõ do nauio,  
 Mas á custa de muito sangue, & vidas  
 De algũs, aquem foi tumba o fundo rio.  
 Offerencia aos tiros homicidas  
 A luz do fogo áquelles que com brio  
 Honroso o contrastaõ gente forte,  
 Aquem não fez torcer o rosto a morte.

## XXI.

Liures deste perigo, a crescer torna  
 A maré fluctuando, & juntamente  
 A filha de Hyperion a porta adorna,  
 Por donde Apollo sae do claro O riente,  
 Rico orualho de perolas entorna  
 Sobre o fero Nemeo resplandecente,  
 Que dos eternos rayos abrazado  
 Da terçã esquecido ruga irado.

## XXII.

Côm a noua marê ferro leuanta  
 O brauo junco, & a ponte inimiga ferra  
 E com a prêssa que ao imigo espanta  
 Dos batêis juntamente o esquadraõ cerra.  
 Lima que mais ligeiro se adianta,  
 Pezado ao junco dá principio à guerra,  
 Os feros inimigos se defendem,  
 E quanto podem defendendo offendem.

## XXIII.

Sobem Lima, & Garcia em competencia  
 Sobre elles pedras, dardos, frechas decem,  
 Mas qual dous montes firmes á violencia  
 De feras tempestades, permanecem:  
 Chegando acima encontraõ resistencia  
 Mayor, que a seu encontro se offerecem,  
 Malano, & Rostacão acompanhados  
 Do valor proprio com tres mil soldados.

## XXIII.

Porem Garcia que já à seu desgosto  
 Na defendida ponte os pés pusera  
 Bem do escudo cuberto o peito, & rosto  
 Esgrime contra os dous a espada ferra.  
 Lima no mesmo ponto sobe ao posto,  
 E da ponte seuhor se considera,  
 Naõ menos os pagãos de si siauaõ  
 E darlhes logo sim rambem cuydauaõ.

## XXV.

Hũs dos outros recebem golpes duros  
 Crescendo a gente de hũa, & de outra parte  
 O pó, o fogo, & funio os ares puros  
 Perturba, & no já se ouue o som de Marre.  
 Treme a terra, o mar brama, & nos escuros  
 Aposentos da morte se reparte  
 O furo onde blasfemando decem  
 As almas dos pagãos, que ali perecem.

Malaca conquistada.

XXVI.

Do junco já rambem com leue salto  
Se tinhaõ Mello, & Abreu lançado á pônte,  
Contra quem acodindo ao duro assalto  
Estava Solimão já fronte a fronte.  
Por ou'ra parte ja sobira ao alto  
Coutinho, & tinha morto o fero Oronté  
Que com socorro de Bintaõ chegara,  
Deixando em triste pranto a esposa chara.

XXVII.

Sobem Dõ Ioaõ de Sousa, hũ & outro Andrade,  
Mas ao misero Arnaldo que os seguia  
Cortou o fio da florida id de  
Hum pelouro entregandoo á morte fria.  
Do junco neste tempo tempestade  
De fogo, setas, lanças decendia  
sobre a multidaõ barbara, hũs matando  
Outros ferindo, & aos mais acobardando.

XXVIII.

Porem igual em tudo estava a sorte,  
Sem que resoluçaõ romasse Marte,  
Quando sobindo Afonso brauo, & forte  
Se vio das Quinas santas o estandarte:  
Como se viraõ nelle o rosto á morte  
Perderaõ os pagãos o esforço, & arte,  
E quanto valerosos resistiraõ,  
Lã faltos de valor as costas viraõ.

XXIX.

Correndo os se gue a bautizada gente,  
Quanto encontra arruinando, & desfazendo:  
Qual soe no Inverno rapida crescente  
Avancar pedras, plantas fouertendo  
Iroso Solimão rocha imminente  
O'novo Horacio aquelle curso horrendo  
Deter cuida, dez lanças se romper,  
Juntas nelle, & mouelo não puderaõ.

## XXX.

Elle intrépido aqui, & ali se lança  
 Qual dos monteiros duros rodeado  
 Tigre fero, que por tomar vingança  
 Em lugar de fugir, remete oulado.  
 De alto a baixo a cabeça a Nuno alcança,  
 Que nelle tinha e estoque já quebrado,  
 E fendendo até os dentes a homicida  
 Espada deixa, o misero sem vida.

## XXXI.

Apos Nuno, a Fernando abre no peito  
 De tibio sangue fonte caudalosa,  
 Por donde a alma apressada deixa o estreito  
 Carcere humano, & sobe a ser ditosa.  
 Vendo isto Mello, iroso, & com despeito,  
 Contra elle moue a espada rigurisa,  
 E tal golpe lhe deu em descuberto;  
 Que fora pouco auer hum monte aberto.

## XXXII.

Porem a concha da Girana fera,  
 Aquem guarnecem pranchas de aço fino  
 Resiste mais, que resistir pudera,  
 Quando fora de hum seixo diamantino.  
 Mas do golpe, que o Caucaço romperá,  
 Quasi fica o pagaõ fora de tino,  
 E foi dando traspès, até affirmarse,  
 E formidauel torna por vingarse.

## XXXIII.

Mas ordenou de Mello a amiga sorte  
 Que Gerardo com animo atreuido  
 Entre elle se metesse, & o pagaõ forte,  
 Que leuemente d'elle foi ferido:  
 Anticipoulhe o atreuimento a morte  
 Que a duas mãos o imigo embrauecido  
 A espada tomá, & de alto a baixo o fende,  
 E quasi feito dous, em terra o estende.



Não acobarda o golpe ríguroso

A Christã gente, antes acende em ira,  
E de offendido o Turco generoso  
Iá mais repara, do que golpes tira.  
Porem tal vez qual javali cerdoso,  
Que retirandote aos libreatos se vira,  
Faz rosto, & a ferir torna com braueza,  
E dos inimigos o valor despreza.

XXXV.

A ferir o não torna o inuicto Mello

De Arantão estoruado, ríguroso  
Sorte, & grande valor a socerrello  
O trazem donde o espera a Parca irosa,  
Fere o Christão guerreiro ao filho bello  
De Alcesira de ponta, & a luminosa  
Espada, o arnez falsando, entrou lá dondê  
O alento vital o peito esconde.

XXXVI.

Caê morrendo entre os mortos, eclipsadas

As luzes bellas, murchas frescas rosas,  
Iá de mil bellas damas inuejadas,  
Que em flammias acenderão amorosas:  
Liures da ponte em tanto as estacadas  
Deixão Lima, & Garcia as numerosas  
Tropas de inimigos ante si leuando,  
Malano, & Rostacão mortos deixando.

XXXVII.

Caê e brauo Malano, a altina fronte

Por Garcia até os olhos diuidida,  
E Rostacão por Lima ao mar da ponte  
Aberto o peito dando em sangue a vida,  
O fero Solimão moue o monte  
Emparando os Malayos, a homicida  
Espada esgrime apos de si trazendo  
De armadas gentes hum diluio horrendo.

Tornão

## XXXVIII.

Tornaõ, vendo valor e arte, ajuntarse  
 Contra as Christãs esquadras as contrarias,  
 E com novo furor tornaõ a dar-se  
 Com diuersas feridas mortes varias:  
 Forças apuram por auentarse  
 Que ali lhe são mais que a arte, necessarias,  
 E em quanto dura o bellicoso brio  
 Mais que agoa leua sangue o fundo rio.

## XXXIX.

Geinal a Ardonio, que fogiã alcança,  
 E de fera estocada em terra o estende:  
 Quer temerario Argeo dar-lhe vingança,  
 Porem sua morte o miçero pretende:  
 Desfui-lhe Geinal co escudo a lança,  
 E de horrendo altabaxo ao trille fendê  
 A barbara cabeça em vaõ armada  
 Contra tal braço, & bem regida espada.

## XXX.

Abdelá, que já a dextra luz perdera  
 No passado conflito deixa o leito,  
 Bramando por fartar a sede fera,  
 Que de sangue Christãõ lhe abraza o peito:  
 A Fernando, & Matheus a morte dera,  
 Que encerrou juntos hum inaterno estreito,  
 Juntos do Mundo a luz primeira viraõ,  
 Juntos a ver a eterna luz partiraõ.

## XXXI.

Soberbo destas mortes se imagina  
 Pela Fama sobir ao immortal cume,  
 Mas a lança de Abreu modestia ensina  
 Tirando-lhe o segundo ocular lume.  
 Ferilo, vendo o cego, ser indina  
 Faça-nha a seu valor o heroe presumê,  
 E o triuñe deixa com furor interno,  
 Elgrimidor sem luz, nao sem governo.

Quis Rajá retirado compasiuo,

Por seu mal, porque o cego o considerã

De Lusitano bando, fero. & esquino

Pela vista lhe lança a espada fero.

O pagaõ já meyo morto vingatiuo

Co subito futor que conceberz,

Meya espada deixou nelle escondida,

E caent ambos sem vista, ambõs sem vida.

XXXIII.

Encontra-se Ragois co forte Lima

De quem Carol astuto se escapara,

Ao duro encontro o graõ pagaõ se anima,

Mas bem tanta ousadia compra cara:

Porque o Christão guerreiro aquem soblimã

O Ceo despois que firme se repara

Contra elle ira brotando se arremissa,

E do peito às espadoas o atrauessa.

XXXIIII.

Saída abrindo ao sangue o ferro duro,

Lhe foi cobrindo a vista sombra eterna,

Deixa o cadauer frio, fuge o ar puro

A rebelde alma, & dece á graõ cauerna.

Solimão era em tanto dos seus muro,

E o Principe Aladino, que governã

A Malaya nobreza, rambem corre

Aquella parte a tempo que o socorrẽ.

XXXV.

Aclamão os pagaõs com grito horrendo

A chegada do Principe terriuel,

Elle enuolto em furor fero, & trêmendo

Se offerece ante todos inuenciuel:

Logo seu velho pay raiua vertendo

Tras elle chega, & faz mais do possiuel

A decrepita idade, & longos annos

A que estauão guardados tantos danos.

## XXXVI.

Aqui esteve em seu ponto largo espaço  
 O rigor, & crueldade da baralha,  
 Representa Aladin hum monte de aço,  
 E tudo quanto encontra rompe, & talha  
 Da outra parte ao pagaõ impede o passo  
 Coutinho, que tambem abre, & desmalha,  
 O Sol perde a cor, vendo o encontro duro,  
 A terra treme, & treme o centro escuro.

## XXXVII.

Nunca Esteropes, & Pyracmon, & Brontes  
 Com furia tal a çafra de Vulcano  
 Golpeando gemer fizeraõ montes  
 Como os dous por chegar se a extremo dano.  
 Por força inclinaõ as altiuas frontes,  
 Aos golpes que ministra odio inhumano,  
 Em fauor de Aladin crecem Malayos,  
 E de Coutinho Lusitanos rayos.

## XXXVIII.

Ali se juntaõ de hũa, & de outra parte  
 Dos dous inimigos bandos os mais fortes,  
 Repartindõ igualmente o fauor Marte,  
 Mas com varios successos varias sortes:  
 Na igualdade cruel de esforço, & arte  
 Infinitas, & varias saõ as mortes,  
 E infernal confusaõ érá aos ouvidos,  
 Estrondo, vozes, gritos, & gemidos.

## XXXIX.

Neste tempo do Sol a luz cobria  
 Nuem de pó, & de fumo, a que ajudauaõ  
 Dando vitorias mil a morte fria  
 Tiros que de hũa, & outra parte voauaõ:  
 O bellicoso estrondo enfurdecia,  
 Os mortos passo ans viuos estoruauaõ,  
 E er... confusaõ tanta o Sá famoso  
 Rayo, vibrando a espada, era espantoso.

Malaca conquistada

L.

Com Solimão se achou peito com peito,  
Daõse os dous feros com furor violento  
Inimigos mortais abraço estreito,  
E fogo exhalaõ co apressado alento:  
Tiner a cada qual por si desfeito  
(Quando arrancado não do firme assento)  
Entre os braços hum monte, & na dureza  
Igual dos dous se via igual firmeza.

LI.

Forcêjando tres vezes, intricadas  
Voltas daõ, logo tornão afirmarse,  
Trauaõse pès com pès, & co as vsadas  
Tretas se afaltaõ, para mais juntarse:  
Atè que bem as forças apuradas  
Procura cada qual do outro soltar-se,  
Iá que hum ao outro em fim desembaraça  
A fera espada aberta, o escudo abraça.

LII.

A ferir se anticipa o Turco irado,  
E de alto abaixo golpe horrendo tira,  
Acha a espada a Garcia reparado,  
Mas duro effeito faz a immensa ira:  
O grosso escudo parte, & o temperado  
Arnez, & no hombro ezquerdo fere, & tirá  
(Bem que leue a ferida) em copiosa  
Vea sanguino humor com dor penosa.

LIII.

Crece coa dor a ira, a ira aumenta  
A força do guerreiro Lusitano,  
E na cabeça ao Turco fero assentã  
Duro golpe que o chega ao estremo danõ:  
Não pode a furia resistir violenta  
A concha do que singe o choro humano,  
Chegã fendendo ao casco a espada viua,  
Abre de quente sangue fonte viua.

## LIII.

Da ferida o pagão no peiro irroso  
 Furia de nouo concebes tremenda  
 E espantoso trouaõ rayo furioso  
 De golpes forma tempestade horrenda  
 Com naõ menos furor o Sá famoso  
 O fim procura da aspera contenda,  
 A arte dando quanta ao furor parte,  
 Mais o Turco ao furor, menos a arte

## :LV.

Intempestiuos golpes mil despende,  
 Que hum monte o menor delles partiria:  
 Mas Garcia que aquella furia entende,  
 Algũs rebate, & doutros se desuia:  
 Hum golpe que nos ares fogo accende  
 Passar deixa, & da espada à ponta gula,  
 Merendo o corpo, & pés, & a fronte irada,  
 Foi do ferro homicida penetrada.

## LVI.

Sanguinosa corrente aos olhõs decê  
 Da ferida cabeça, & ao pagão cega:  
 O guerreiro Christiani que assi o conhece,  
 Melhor os golpes, & a seu saluo emprega:  
 solimaõ que sua morte reconhece,  
 A que a falta do sangue, & vista o entrega  
 Ardendo em ira intrepido imagina  
 A vingança alcançar com sua ruina.

## LVII.

Corre braços abertos Vſſo irado  
 E de nouo co forte imigo cerra,  
 Dizendo: Acabarei, porem vingado  
 Vamos no mar dar fim a nossa guerra:  
 Iracundo do iniucto Sá traudo  
 Precipitarse intenta, & em tanto a terra  
 Co proprio sangue alaga, que descendo  
 Das teridas formaua rio horrendo.

*Malaca conquistada*

LVIII.

Resistelhe Garcia o fero intento,  
E firme o aperta, & oprime sua braueza,  
Perde o sangue o pagaõ, co sangue o alento,  
Porem naõ perde a natural fereza:  
Faltaõ as forças, naõ furor violento,  
O vencedor a morte, o Ceõ despreza,  
E qual co a dor raiuosa o alão cestuma,  
Lançaõ os olhos fogo, a boca escuma.

LIX.

Em fim á terra vai torre imminente  
E o forte vencedor leua consigo:  
Vira ao estrondo a pagã, & a Christã gente,  
E Garcia se ve em mortal perigo:  
Que o Principe Aladino Impaciente,  
Por socorrer, & por vingar o amigo,  
Sobre elle vai, vibrando a ardente espada,  
Mas Coutinho se opoem á morte irada.

LX.

O escudo forte deu ao golpe duro,  
E mil se ttraõ em igual baralha,  
Em tanto que Garcia mal seguro,  
Por ver o fim de Solimãõ trabalha:  
Abre largo caminho ao Fado escuro  
Por junto ao paladar rompendo a malha  
Com agudo punhal, & inteira palma  
Alcança, & dece ao abismo a feroz alma.

LXI.

Morto o Turco valente, as costas deraõ  
As cateruas pagãs desordenadas;  
Grita ameaça Aladim, mas naõ valeraõ  
Injúrias, reprehensões ao vento dadas.  
De taide ali, & Batraõ o socorreraõ,  
Fazendo heroicás prouas, & arriscadas,  
Saluase o fero príncipe da morte,  
Mas alcança a Batraõ a aduerfa sorte.

Em



## LXII.

Em quanto de Coutinho se repara,  
 De entre a turba comum frecha se tira  
 Que rigurosa abrindo o peito, para  
 Junto donde a de amor de amor sentira:  
 Turbaõse os olhos, perdem a luz clara,  
 E no ultimo espirar de amor suspira,  
 Que pronunciar não pode o nome amado,  
 Já dos mortais soluços atalhado.

## LXIII.

Salvar Detaide em tanto pode a vida,  
 Acompanhando o principe furioso,  
 Que dos seus vendo a barbarã fugida,  
 Se retira, do justo Ceo queixoso.  
 Naquelle parte o Rey apercebida  
 Tinha a sulfurea mina, & cauteloso  
 Aguardava que o principe passasse,  
 E nella a Lusitana esquadra entrasse.

## LXIII.

Davaõ os vencedores no perigo,  
 Mas advertido o capitão prudente  
 Do sabio Etol não quis seguir o inimigo,  
 E deter manda a vencedora gente,  
 Para a vista do Rey, que já consigo  
 Ve poucos, & temor no peito sente,  
 E trocado o furor em sentimento,  
 O polto deixa, & muda pensamento.

## LXV.

Em quanto daõ lugar desbaratadas  
 As esquadras inimigas, fortifica  
 Afonlo a ponte grossas estacadas  
 Antes muto fertissimo fabrica:  
 Contra as ruas de inimigos occupadas  
 A arcelharia ali ganhada aplica,  
 Que rigurosas disparava,  
 E excelsos edificios derribava.

Malaca conquistada

LXVI.

Apollo ardentessetas despedia

Desdo Zenit em tanto contra a terra;  
E mais que a dos inimigos offendia  
Aos Lusitanos a celeste guerra:  
Tudo co solar fogo se acendia,  
Nas entranhas o viuo ardor se encerra  
Daquelles, a que fere sem defenſa  
Do planeta mayor a flamma intensa.

LXVI.

gente dos seus o capitaõ as penas,

E para dar remedio a afflicção tanta,  
Das naos manda trazer velas, & antenas;  
E contra a ardenteluz toldos leuanta.  
Qual ſoe ao caminhaute nas amenas  
Ribeiras do Mondego a verde planta,  
Quando Phebo no Cancero reuerbera:  
Talaos de Luſo a ſombra refrigera.

LXVIII.

Porem como os inimigos irritados

Vltimas forças, & yltima eſperança  
Prouar quiſſem ou deſesperados  
Tornaſſem a morrer pola vingança:  
Contra elles manda Afonſo aos eſforçados  
Paiua, Caldeira, & l'aim que deſcança  
Co trabalho buscando o amado objecto,  
Que tanto fogo lhe acendeo no peito.

LXIX.

Com Souſa, Castelbranco, Abreu, & Andrade;

Mandou outro eſquadraõ, que focorrelle  
O primeiro em qualquer neceſſidade,  
Que o caſo bellicoſo offerceſſe.  
Saem os de Luſo, & ſupre a quantidade  
O valor, que em qualquer delles florece,  
A recebelos ſao o inimigo bando,  
Os Ceos paros com gritos penetrando.

## LXX.

Na vanguarda Geinal aventureiro  
 Com Lemos, & Coutinho comperia,  
 E laime de Amor vão forte guerreiro  
 Buscava aquelle bem que não avia:  
 Já falto de esperança o caual cito,  
 Assim seu pensamento reprehendia:  
 Que fruto de meu largo mal espero,  
 Se hũa sonhada fermolura quero?

## LXXI.

Sigo (mostrao a razão) hum claro engano  
 Que he o que minha esperança sollicita  
 O de monstruoso Amor immenso dano,  
 Dor, que tem de infernal fer infinita.  
 Mais que meu mal já temo o desengano,  
 E será a liberdade mór desdita,  
 Que he tanto a graue dor de mi querida,  
 Que ao ponto que faltar, faltará a vida.

## LXXII.

No pensamento amante assim discorre  
 E o acicalado ferro esgrime em tanto  
 Gente ia finida da Malaya morre,  
 Que obstinada contrasta valor tanto:  
 De sangue caudaloso rio corre  
 Pelacidade que se enuolue em pranto,  
 E des que a terra inunda tristemente  
 Dá cor, paga tributo ao graõ tridente.

## LXXIII.

Nata o forte Caldeira a Sarmacante,  
 E Coutinho até o peito fñde a Ormonte;  
 Que imprudente com animo arrogante  
 Ousou aconterelo fronte a fronte.  
 Assombra os pagãos golpe semelhante,  
 Já não receão que o fugir a fronte.  
 As coltas dos fortes vencedores,  
 Que os vão seguindo com mortais rigores.  
 Seguindo

*Malaca conquistada*

LXXIII.

Seguindo os inimigos fugitivos

Teixeira, Lemos, & Geinalchegaraõ, ]

Onde piadoso amor, fados esquivos

No bellico theatro se ajuntaraõ.

Fugia, os vencedores vingatiuos,

Fontes os olhos, que almas abazaraõ,

Entre a feminil turba temerosa

Del Rey de Pão a mal guardada esposa.

LXXV.

Na vista fere do Pacem valente

O rayo da affligida fermolura,

Arder o antigo togo na a'ma sente,

Que de cinza cubrira sorte dura:

Furioso amante a vida impaciente

Ja pola bella amada dar procura

E antes que cheguem a fazerlhe offensa,

Se emprega, & se aventura em sua defença,

LXXVI.

E disse: Conhecido tês senhora,

O esposo, que escolheste, o desprezado

Conhecerás com minha morte agora,

Polto que até o morrer me nega o fado.

Em quanto así dizia, a cortadora

Elpoda vibra, já detem irado

A Lusitana gente, & abella Infanta

Num Elefante sobe, & se adianta.

LXXVII.

Jayme, & Lemos, que tarde conheceraõ

A mudança do barbaro atreuido,

Iracundos contra elle se moueraõ,

E duramente foi delles ferido:

Perderaõ triste a vida, & feneceraõ

Vãos cuidados: mas tendo socorrido

De Aladin, & Detaide, a morte a minha

Parte, & elle segue quem lhe leua a alma.

Alanin

## LXXVIII.

Madim com Detaide se retira,  
 Tambem á sorte irada obedecendo,  
 O peito fogo, fogo a vista espira,  
 Atras por muitas vezes reuoluendo:  
 Tal o acossado touro ardendo em ira  
 Contra os feros libreos virando horrendo  
 Cos fortes cornos diuidindo o vento  
 Acende os ares co fogoso alento.

## LXXIX.

Neste tempo a Malayos riguroso  
 A recólher a tuba Chritã soa;  
 Ao sinal obedece o vitorioso  
 Esquadraõ, bem que a nuiros na alma doa,  
 Do Ceo em tanto o injusto Rey queixoso  
 Do grande imperio seu perde a coroa,  
 Bem toda a parte tristes & infinitos  
 Daua o misero pouo ao vento gritos.





# LIVRO XII.

## ARGUMENTO.

**E**ntre os tiros crueis Glaura atreuida  
Amante o morto esposo busca, & chora!  
E de hũa aguda frecha mal ferida  
(Ditosa sò na morte) a Christo adora:  
Armãose os inimigos, pondo a vida,  
Por ver se a sorte sua se melhora,  
Ajuda o Ceo ao Lusitano Marte,  
E aruara vencedor o alto estandarte.

### I.

**C**eo lumes piadoso preparara uã  
A pompa funeral do morto diã,  
E quanto o graõ planeta alumiana,  
De negras vestiduras se cobria:  
Malaca o sentimento acompanhauã  
Co tristissimo pranto que se ouia.  
Em toda a parte onde off:rece a sorte  
Entre tristiza, & he-ror, rasto: ..... rte:  
Neste

## II.

Neste tempo do mar para a cidade  
 Com horrisono estrondo despediaõ  
 Hũa de mortes fera tempeltade,  
 Que aos miseros Malayos consumiaõ:  
 Elles tambem immensa quantidade  
 De mortiferos tiros despendiaõ  
 Nas tranqueiras Christãs, que á contraposta  
 Cidade tornaõ a spera repotta.

## III.

Não pãra a marcial procella horrenda  
 No descurso da noite perigosa,  
 Das estrellas naõ vista mais tremenda,  
 Nem a tristes mortais mais espantosa:  
 Semelhante era aquella da contenda  
 A Teucros infelices puorosa,  
 Quando aqueitando os orbes feroz chama  
 A terra se estremece, o Ceo rebrama.

## III.

Afonso inuicto quando mais cansado,  
 Prudente Vlyses, Argos vigilante  
 As vigias prouè, & em si o cuidado  
 Da ronda sobre as guardas importante.  
 Toca a vela de prima ao desuelado  
 Iaime de hum sonho vão guerreiro amante,  
 Que eleuado em seu triste pensamento,  
 Acrescenta a hum tormento outro tormento.

## V.

Naõ passa hora, em que o misero naõ gemã,  
 E a lamentar a lingoa naõ defate,  
 Suspirando infinitas pela estrema  
 De taõ comprido mal breue remate:  
 Nem ha mortal perigo que já tema,  
 A Amor só teme, a Amor se humilha, & abate;  
 E a Amor, quando o Sol parte, & quando torna,  
 Despojos vende, & seu lunfo adorna.



VI.

Etol, que o monumento das estrellas  
Oblerva perto delle cuidadoso,  
Os suspiros escuta, & vãs querellas,  
Que o triste amante aos ventos dá queixoso:  
Do curso por entãõ das luzes bellas  
Mais naõ trata, & com animo piedoso,  
Com suaves razões brando o conforta,  
E a darlhe parte de seu mal o exhorta.

VII.

Emmudece o guerreiro, & quanto alcança  
Das sciencias Etol, traz á memoria,  
E em fim consulta o mal sem esperanza,  
E aquella lhe contou sonhada historia.  
Cobra (lhe disse o sabio) confiança  
Ditoso possuidor de heroica gloria,  
Que he a belleza que segues, & que te ama;  
A que alcançada, tês gloriosa Fama.

VIII.

Felice Amor, ditosa aduersidade  
Que he pizando asperezas, certa guia  
Para os campos, que espiraõ suavidade,  
Em primavera eterna, & eterno dia:  
Ali consagra o tempo á eternidade,  
Quem do caminho do ocio se desuia,  
E tanto já trabalhos mereceraõ,  
Que entre as estrellas altas se puseraõ.

IX.

Tu, que por cima de asperezas tantas,  
Mouendo os pès, difficuldades pizas,  
Seguindo estampas das diuinas plantas  
Desia que suspirando solenizas:  
Iã que entre as fatais asas te leuantes  
Tanto, que entre as estrellas te eternizas,  
O pensamento deixa de ti indino,  
Que escurece o que adquirês de amado.

## X.

Iaime o conselho escuta, & defengano,  
 Que do rigor da sorte já esperava:  
 Considera o remedio de seu dano,  
 E mais que o dano já o remedio o agrava  
 Rompe o silencio em fim, & diz: Tyrano  
 Nova inuençaõ de mal se me guardava?  
 Sua aparente forma amou Narciso,  
 Eu por sonhada sombra perco o liso.

## XI.

Aquem não mouêrâ minha desdita  
 Sisypho ha tanto tempo carregado  
 De esperança falaz com infinita  
 Pena do hombro perdida em vão cansado?  
 O vâ, mas bella imagem, na alma escrita,  
 Incendio que abraçou o mais guardado,  
 De mi serás eternamente amada:  
 Sejas deidade, sonho, sombra, ou nada.

## XII.

Assim lamenta da paixão vencido,  
 E com graues razões Etol procura  
 Asperas, & saudaveis do sentido  
 Alheado a partir a neuoa escura:  
 Qual medico gentil quando affligido  
 De intrinseca doença enfermo cura,  
 Que os remedios applica mais suaves,  
 E se não são de effeito, usa dos graues.

## XIII.

O Iaime ( disse ) em ti bem claro vejo  
 Quanto a paixão em nós he poderosa,  
 Correndo segues o teu vão desejo,  
 E a razão, que te auisa, te he odiosa:  
 Se te poderas ver, honrado pejo  
 A causa de teus males vergonhosa  
 Culpa \_\_\_\_\_ a dor chegara a tanto  
 Que de arrependimento fora pranto.

*Malacã conquistada*

XIII.

A amada fermosura tês á vista,  
E tua paixãõ ceгаа desconhecê,  
O teu alto valor nobre a conquista,  
O teu desejo humilde a desmerece:  
Vença a razaõ, & em seu assento assistã  
Naõ des mais força ao mal, q̃ a alma padece,  
Que em quanto vão, humano Amor pretêdes,  
Offendeste ati mesmo, & os Ceos offendes.

XV.

Na alma as razõs discretas penetraraõ,  
E á consideraçaõ caminho abriaraõ,  
Cuydados diferentes começaraõ,  
Dos olhos novas lagrimas calhiraõ:  
Moderouse o desejo, mas ficaraõ  
Lembranças, que muy tarde se extinguiraõ  
Que se morre a esperança no cuydado,  
Ficãõ memoria viuas do passado.

XVI.

Em quanto Iainê o desengano sente  
Entre os mortos da morte & Ceos queixosa  
O cadauer amado infelizmente  
Busca a já de Batraõ amada esposa.  
Mas entre a multidãõ da morta gente  
E confusaõ da noite tenebrosa  
O cuydado amoroso vaõ ficara,  
Se a bella face Cynthia naõ mostrara.

XVII.

Com ansia que a dôr causa, levantando  
As chorosas estrellas ás estrellas,  
Rogos, & vãos queixumes misturando,  
Assi roga, assi aos Ceos manda querellas:  
Eternas luzes, que passais brilhando  
Por celestes caminhos margês bellas,  
Males de Amor, & morte, ~~queixumes~~  
Mostrai, quem morto adoro, aos olhos tristes  
Dai-me

## XVIII.

Daimê morto o que viuo me tirastes,  
 E piadofas de mi fereis chamadas,  
 Bastem os males já, que me causastes  
 Tanto tempo em meu dano conjuradas.  
 Assim no claro affento que occupastes,  
 Nunca sejas de nuuês eclipfadas,  
 Deixai que chegue a darlhe sepultura,  
 E o golpe em mi execute a Parca dura.

## XIX.

E tu, que com três rostos resplandeces,  
 No Ceo, na terra, & lá no escuro Inferno;  
 Tu, que as plantas animas, & enriqueces  
 O mar profundo com vigor interno:  
 Os rayos com que as cousas fauoreces,  
 Communicando teu valor eterno,  
 Estende, & mostrame entre tantos onde  
 A noute escura o morto bem me esconde.

## XX.

A caso qual se rogos a obrigaraõ,  
 A face Deija descobrio serena,  
 Primeiro os altos montes se mostraraõ  
 Logo a cidade enuolta em sangue, & pena.  
 Entre os que valerosos acabaraõ,  
 Como daquelle imperio a sorte ordena,  
 Conhece Glaura o já perdido esposo,  
 Exemplo de valor pouco ditoso.

## XXI.

No amado peito a seta vê crauada,  
 Desmaya o coração á dor rendido,  
 Caê mais morta em fim, que desmayada,  
 Sobre o que tanto amou morto marido:  
 Quasi da alma fugaz desemparrada,  
 A talta lha detene do sentido,  
 Tendo suspenso a adôr, & do accidente  
 Morta, viva, respira, e logo sente.

Torna de nouo a dor, co nouo alento  
E lagrimas de nouo os olhos deraõ,  
Já suspiros o peito manda ao vento,  
Com que de nouo os ares se acenderaõ:  
Ao triste suspirar o sentimento  
Incauto grito ajunta, & dar quiferaõ  
Já compassiuas, mais que rigurosas  
As Parcás fim ás penas lastimosas.

XXIII.

Fere o grito no teito crystalino,  
E soldado ignorante ao vulto tira,  
Que por ordem secreta do destino  
O lastimoso grito descobrira:  
A seta fere o peito alabastrino,  
Que para tanto mal Amor ferira,  
Ays a infelice ao Ceo manda queixosos,  
Bem que se já mortais, inda amorosos.

XXIII.

E conto pode, a debil voz leuanta,  
Dizendo: O vencedora gente forte,  
Já comigo piedosa, & já com tanta  
Ira, causa ctuel de minha morte:  
Se entre marcial furor piedade santa  
Tem lugar, & o permite minha sorte,  
Pois me nega o poder a morte dura,  
Ao Siame Batraõ dai sepultura.

XXV.

De Etol a debil voz foiconhecida,  
Que o valeroso l aime aconselhaua,  
Porque d'elle, & de Sousa fora ouuida,  
Quando sobre o rochedo se queixaua:  
Valerlhe ordena, mas perdendo a vida  
Glaura para as tranqueiras se chegaua  
Quasi prelagada felice for:  
Que la lhe ordena a momentanea morte.

## XXVI.

Albuquerque as estancias visitandó,  
 A aquella parte chega ao ponto que ella  
 A lastima as estrellas prouocando  
 Da que seu mal causara, se querella:  
 Elle do lamentar débil, & brando  
 Se compadece, & manda recolhê-la,  
 Abrem do estreito alojamento a porra,  
 E a triste acharaõ entre viua, & morta.

## XXVII.

Falta do sangue, que já tem perdido,  
 Inclinaua a cabeça à dor penosa,  
 Qua no ramo do tronco diuidido  
 Languida & triste pende murcha rosa.  
 Etol, quem mais doe o succedido,  
 O primeiro alevanta, a rigurosa  
 Ferida inquire com piedoso intento,  
 Ella o sabio conhece, & toma alento.

## XXVIII.

Esforçando a voz fraca: differente  
 Sucesso já me prometteste, disse:  
 Feliz tu, se a piedade omnipotente  
 Hoje obrar (the responde) o que eu predisse.  
 O se estiuesse na diuina mente  
 Que o rayo do diuino Amor ferisse,  
 E desse luz a essa alma, que hoje cega  
 Já quasi ao ponto de perderse chega!

## XVIX.

O Glória em mendarás erros passados,  
 Confessando hū só Deos immenso, eterno,  
 Que de nada nos fez, & os adornados  
 Cêes de estrellas, mar, terra, & horrêdo Infer.  
 Este nos redimio, que desherdados (no.  
 Nos fez do homem primeiro o mao gouerno,  
 E por <sup>castigo</sup> castigo, & nio, a offensa dura  
 Pagou, sendo creador, pola creatura.

Pela perdida ouelha suspiranai  
 E de a trazer aos hombros se deleitai  
 Na vinha paga igual a todos daua,  
 Que tambem ao que chega tarde, accitai  
 Pede agoa, que da culpa as almas laua,  
 E de rebelde:, serás alma Cleita:  
 Pede, confia, cre:, serás ditosa,  
 Serás do eterno esposo, eterna esposa.

Assi dizendo, em se lhe acende o peito;  
 O que não ve já cre:, tantos lhe inspira  
 O Ceo auxilios, & com pio affeito  
 Pela agoa, que he de vida já suspira:  
 Lenaõna em braços, & lhe ordenaõ leito  
 Conforme ao sitio, que instrumentos de irã  
 Ocucpãõ, & áplicar cruas comessa  
 Elicio, que de Apollo a arte professa.

Ella já da esperança, & da Fé chea  
 Que o Ceo lhe infunde, disse: Antes q̃ agrauã  
 A morte o que he mortal, esta alma fea  
 Purifique o bautismo, & a culpa laue.  
 Já neste tempo a vista se lhe enlea,  
 E ao rosto cobre hum pallido suave  
 Cos sieros ditos, & agoa o sacerdote  
 Lhe dá ( de Christo esposa ) o eterno dote:

Elicio em tanto já das cruas proua  
 A oculta força, já arrancar procura  
 Co a douta mão o ferro, & a dor reneua  
 Sempre que arrancar proua a seta dura:  
 Tim quanto cruas aplica, cruas re proua,  
 E quantos ha segredos na arte, apura.  
 Dos membros bellos a alma deõdida  
 Nelle a arte falta, noitaraõ a yua.



## XXXIII.

Contêmpla triste ao capitão valenté  
 A tresladada ao Ceo morta belleza,  
 E bem que graue compassiuo sente  
 O acerbo caso, mas a forte prèza:  
 Manda que guardem em lugar decenté  
 O corpo frio, que honras já despreza,  
 Atè com pompa funebre, & piadosa  
 Dar ao nobre cadauer tumba honrosa.

## XXV.

No niêsmo tempo entre as legioês proterbas  
 De infelices successos quebrantadas,  
 O velho Rey com lágrimas acerbas  
 Maldiz vãs cênfianças enganadas.  
 Aladin arrogante com soberbas  
 Razoês vâmente aos ventos derramadas,  
 Mostrando que a fortuna desestima,  
 Assi dizendo aos seus, & ao pay anima.

## XXXVI.

Fortes varoês, vos sois do Ceo guardados  
 Para hoje exercitar piedoso officio,  
 Os males reparando não cuydados  
 Deste imperio que vai em precipicio:  
 Que o venhos nas desditas tão oufadados,  
 Para mi tenho por felice auspicio,  
 assegura a esperança da vitoria,  
 Que inda ha de eternizar vossa memoria.

## XXXVII.

Mostrando o valor vltimo pagamos  
 O que à patria, & ao nobre ser deuemos,  
 E quando pola patria aqui morramos,  
 Da Fama eterna vida alcançaremos:  
 Rode a Fortuna, nòs tambem façamos  
 Como oprobrios futuros aralhemos,  
 E se nos for inimiga a sorte,  
 Não nos pode tirar a honrada morte.

*Malaca conquistada*

XXXVIII.

Juntas logo as reliquias do vencido

E roto campo a nova luz aguarda,  
Recuperar cuidando inda o perdido,  
Que a nada o peito altiuo se acobardá.  
O valente Geinal de Amor ferido,  
Que o novo, & antigo fogo na alma guardá,  
Do principe os intentos fauorece,  
E a acompanhalo em tudo se offerece.

XXXIX.

Não perde tempo neste ponto o Inferno,

Que de nouo com mil affeitos de ira  
O caudilho Asmodeu do escuro eterno  
Milhares de infernais guerreiros tira:  
Com elle sac tambem do negro Auerno  
Alecto, que o furor da guerra inspira,  
O viperino açoute sacodindo,  
Os atimos vãos e espiritos ferindo.

XXXX.

As lenes asas apressada em tanto

A negra esposa de Charon batia,  
E já que por Memnon banhada em pranto,  
A Aurora a nunciaua o nouo dia:  
Por dar illustre fim ao intento santo  
Animoso Albuquerque prevenia  
A vencedora esquadra, & assi á memoria  
Lhe traz a já esperada alta victoria.

XXXXI.

O mais, amigos tendes acabado,

Sò falta que a cidade despejemos  
Do pouo infiel, por vos desbaratado,  
Guerra fácil, que o Ceo em fauor temos:  
Em nos dando lugar o inimigo irado,  
De entre os corpos pagãos apertaremos  
Os mortos companh

Vidas dadas por Deos, que estrellas pisão.

E perim



*Malaca conquistada*

XXXVI.

Tais os inimigos bandos com violencia  
E pertinacia dura se offendiaõ,  
Feroz o assalto, fera a resistencia,  
Huns, & outros ganhar terra porfiaõ:  
Nesta mortal ferina competencia,  
Que nuuês de pò, & fumo confundiaõ,  
Heroicas marauilhas se fizeraõ,  
Que entre a confusaõ mesma se esconderaõ.

XXXVII.

O primeiro Aladin despede hum dardo,  
Que larga abre em Valerio a morte entrada;  
Cae o misero morto, elle galhardo  
E fero arranca a luminosa espada:  
Fende a cabeça a Alberto, & com Bernardo  
De ponta cerra, & a parte mais guardada  
Do coração penetra, & a laida  
Do acicalado ferro, sae a vida.

XXXVII I.

Ao triste não valco a ligeireza,  
Que naquelle lugar já lhe valera;  
Quando fogindo a barbara fereza  
Com Viegas, & Alaidao mar se dera:  
Do principe, que a morte, & armas despreza,  
Emulo o valeroso Geinal era,  
Mata a Felicio, & contra Simão corre,  
Aquem Guilhernie por seu mal socorre.

XXXIX.

O coração de hum freixo, a que Vulcano  
De ponta diamantina o extremo armara,  
No grosso escudo rompe do pagano,  
Que a Simão deixa, & delle se repara;  
Porém qual se do Olympo soberano  
Iupiter rayo irroso disparara,  
Que inuisivel penetra ao moço negro,  
Sendo num tempo mesmo o eltroço, & effeito

L.

Tal horrêdo o Paeu num mesmo instante  
 Mone cõtra Guilherme. & â morte o entrega,  
 E não parando a espada rutilante  
 Dos hombros a cabeça a Dinis cega:  
 Foi contra Iulio, mas achou diante  
 Lima, que hum golpe fero nelle emprega,  
 O elmo fino o liouo de ser ferido,  
 Mas torna atras alheyo do sentido.

LI.

O guerreiro â região mandara escura  
 As almas de Audali, & Tucaferno  
 Com outras, que esperando sepultura,  
 Charonte não passaua ao negro auerno:  
 E vai sobre Geinal, quẽ a Parra dura  
 Entregar ja cuidaua ao sono eterno:  
 Mas torna em si o pagaõ, & se defende,  
 E quando lugar acha a Lima offende.

LII.

Taimẽ co fortẽ Arnao successor dino  
 Do forte Solimaõ as forças proua.  
 Agrauado do Amor, que o destino  
 Ordena, segue com heroica proua:  
 Não perde o valeroso inimigo o tino,  
 E brotando furor, golpes renoua:  
 Mis com tanta destreza se combate,  
 Que antes que o golpe chegue, se rebate.

LIII.

Guazel o fim esturua desta guerra,  
 De Arnao menor irmão não menos fortẽ  
 Com Taimẽ de aito abaixo feroz cerra,  
 Que esteue quasi entaõ nas mãos da morte:  
 Mas Guazel co furor, que na alma encerra,  
 O golpe não acerta bem de cõrte,  
 E o guerreiro que sente a offensa,  
 Deixa a Arnao, & quer d'elle a recompensa.

Na

Malaca conquistada

LIII.

Na garganta soberba a aicalada  
Poutra escondo, que abrio larga saida  
Por onde blasfemando a alma indinada  
Deixa o corpo, que em terra cae sem vida;  
Arnao o naõ vingou, que já em trauada  
Contenta estaua ao tempo da ferida  
Co valere so mello, que acodira,  
Quando ir sobre Teixeira Guazel vira.

LV.

Os astros valor grande, curta vida,  
E compridos trabalhos destinaraõ  
Aos deus fortes irmãos, que da querida  
Patria por longos mares apartaraõ:  
Que empresa naõ foi delles conseguida,  
Em quanto da serena luz gozaraõ,  
Até que foi Catai de hum sepultura,  
E delte o fim a Parca já procura?

LVI.

Souza, Silva, & Coutinho resilião  
Dos feros laos a natural braueza,  
Que pelas lanças feros se metião,  
Por ferir com extremos de bruteza:  
Mas como nos caudilhos, que os regiãõs  
Faltava experiencia, & fortaleza,  
Sem ordem já as esquadras mal regidas  
Menos se atreuem, prezaõ mais as vidas.

LVII.

Perem quando o esquadrão laõ se retira,  
O valor mostraõ vltimo os Malayos,  
Da perda a grande dor fomenta a ira,  
E nos magoados peitos gera rayos:  
Bem como quando de humor falta, espira  
A vela, que entre os tremulos lesmayos  
Com mor luz breue ~~esfuma~~ ~~desfaz~~  
O vigor esforçando que talce.





Malaca conquistada

LXII.

Com esta de victoria alta esperança  
A Afonso o seu custodio ali apparece,  
A destra armada de fulminea lança,  
No esquerdo braço o escudo resplandece:  
Como de luz de nona segurança  
O coração magnanimo enriquece,  
Entre a de pó, & de fumo nuuem negra  
Com voz humana o ar Malayo alegre.

LXIII.

O ponto, ò Afonso, chega que desejas  
Do pretendido fim da alta conquista,  
Olha quantas o Ceo, por quem pelesas,  
Em tua ajuda esquadras hoje alista:  
Leuanta os olhos, que Deos quer que vejas  
Ideas immortais com mortal vista  
Daquelles, que por elle as vidas deraõ,  
E dos que com Miguel permaneceraõ.

LXIII.

Ves ali onde mais arde o conflito,  
Entre a Malaya, & Portuguesa gente  
O teu Noronha, já glorioso espirito,  
E os dous Almeidas gloria do Occidente  
Coutinho illustre, & hum Correa inuicto,  
E aquelles que neste ultimo Oriente  
Seu sangue derramaraõ lá combatem,  
E do guerreiro inimigo a fúria abatem.

LXV.

Olha acolá onde esquadraõ superno  
Do Custodio da Aurora acaudilhado  
Ferindo vai na multidão do Auerno,  
Que Amadeu guia contra ti inflamado  
Nota como obediente ao Padre Eterno  
A retirada vallo já expugnado  
Por ti, & na prizaõ do fogo encerra;  
Aos guerreiros deia

## LXVI.

Portanto a espada da gentia, & moura  
 Seitas destroço agera inuicto aperta,  
 E a cidade, que o Sol nascendo doura;  
 Do jugo vil da idolatria liberta.  
 Caya Babel soberba, Nembrot moura,  
 E mura funda nessa taipa aberta,  
 Donde a Fè vâ triunsante, & vencedora  
 Por todos os confins da clara Aurora.

## LXVII.

Disse, & desaparece. E Afonso logo  
 O inspirado valor executando,  
 Entra de notte no mauorcio jogo;  
 Visuel rayo abrindo, & derribando:  
 A espada em hũa mão, & na outra o fogo;  
 Exemplo aos seus, temor ao imigo dando,  
 Pelo aberto esquadraõ entra de forte,  
 Que rouba o modo de matar á morte.

## LXVIII.

Vé que o valente Arnao a espada tira  
 Tinta em sangue do peito ao inuicto Mello  
 Que já de alento falto, mal respira  
 Da triste corda morte o rosto bello:  
 Do caso a compaixaõ lhe acende a irã  
 E contra o matador, que a recebello  
 Sae confiado, irroso se abalança,  
 Desejoso de gloria, & de vingança.

## LXIX.

Daõ se pesados golpes com fereza,  
 Que lugar o furor não deixa á arte;  
 Mas já que aquella rigida braueza  
 A consideraçaõ concede o parte,  
 O capirãõ de Christo coa destreza  
 A força ajuda no propicio Marte:  
 Fere o peito, e o escubertõ,  
 E o cerebro lhe deixa ao vento aberto.

Sosterse já mortal em vão procura:  
Mas despois que já aqui, já ali se inclina,  
Qual alto pinho por tormenta dura  
Vai com horrendo estrepito em ruina:  
A gente que o seguia mal segura,  
Do medo aconselhada sò imagina  
Como salvarse, & as costas dá fogindo  
Ao rayo Portugues, que a vay ferindo.

LXXI.

Foje a multidão barbara cobarde  
Do bautizado pouço perseguida,  
Só o principe Aladin, que em furor arde,  
Mostra de festimar a odiosa vida:  
Brama offendido, não que o acobarde  
Ver de seus valedores a fugida,  
Mas de valor fazendo heroica proua,  
Começa temerario guerra noua.

LXXII.

Em quanto em ira acceso tanto ostentá,  
Vê sobre si de tiros nuuem basta,  
Mas contra a feroz turba se sustentá,  
E parece que contra todos basta:  
Arê que a força, & multidão violenta  
Ante si o leua, & do perigo o afasta,  
E vendo que ousar tanto he desatino  
Obedece ao rigor de seu destino.

LXXIII.

Dâ as costas ao furor, porém de sorte  
Que dizer se não pôde que elle fuja,  
Nem lhe tira temor da instante morte  
Que iracundo leão reuolua, & ruja  
Forçado a vida salva o varaõ forte  
Daquelle marcial dilunio, cuja  
Desbaratada gente frõitua  
Deixa o patrio terreno a sorte esquivar.

## LXXIII.

O velho pay encontra, que a cidade,  
 (lá não sua) deixava acompanhado  
 De poucos, em quem força de leidade  
 Então pode fazer o medo ousado:  
 Geme vendo a paterna magestade  
 Posta, affligida, no mais triste estado,  
 De rodos quantos via, dependendo,  
 Amigos, & inimigos já temendo.

## LXXV.

Ali chega Geinal da vida incerto,  
 Que escapara das mãos do forte Limá,  
 Do muito sangue que perdeu dúberto,  
 O lasso corpo sobre a espada arrima:  
 Por mil partes o fino arnez aberto  
 Acompanhalo em vão Cambir se animá,  
 Que rio de seu sangue a terra esmalta,  
 E co a falta do sangue, a vida falta.

## LXXVI.

Iá o principe Detáide mal ferido  
 A cidade cos seus Darus deixara,  
 E a não ser de infiltos socorrido,  
 As sombras vãs de Dite acompanhara:  
 O bando vencedor segue o vencido,  
 E até as tranqueiras vltimas não para.  
 A donde planta a insignia vencedora,  
 Que o vento alegre estende, humilde adora.

## LXXVII.

Assi vence Albuquerque forte; & pio  
 Consagrar templo a Deos logo procura,  
 Da Mesquita o tyrano senhorio  
 Tira a Luzbel, & a Christo a rende pura.  
 Aqui ò graõ Philippe, o heroico brio  
 Humilha, graças dá, votos pendura,  
 E aquelle... na gloriosa  
 Conquistara, sepultura da piedosa.

Agora meu trabalho humilde espera  
Que ponhais nelle fauoraveis olhõs:  
Sois Sol, produz o Sol na Primavera  
Flores bellas nos asperos abroslhos:  
Sou fragil lenho, que em tormenta ferã  
A vista tenho Syrtes, temo e scolhos;  
Mas vós, Sol, que ás tormentas traz bonanças  
Podcis trocar temor em confiança.

FINIS.



EM LISBOA

---

Por Mathias Rodri-  
gues . Anno de  
1634.

EMERSON

of Melchior Rodri-

gues. Anno de

1634



